

organizador
Fredy Enrique González

A Festa dos Bonecos

Identities docentes em movimento

organizador
Fredy Enrique González

A Festa dos Bonecos

Identities docentes em movimento

| São Paulo | 2021 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela

Universidade Católica do Paraná, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Alexandre Antonio Timbane

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexandre Silva Santos Filho

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Aline Daiane Nunes Mascarenhas

Universidade Estadual da Bahia, Brasil

Aline Pires de Moraes

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Carolina Machado Ferrari

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Andre Luiz Alvarenga de Souza

Emill Brunner World University, Estados Unidos

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Beatriz Braga Bezerra

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Carla Wanessa Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Daniel Nascimento e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Aparecida Nascimento dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Delton Aparecido Felipe

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Doris Roncareli

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Emanuel Cesar Pires Assis

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabrício Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbrônio
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enefino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emídia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Luis Cardoso Tropiano
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

André Ricardo Gan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoço Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cintia Moralles Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Laura Linck
Editoração eletrônica	Gabrielle Lopes Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagem da capa	Luis Manuel Hernández Balaguera
Revisão	Gabriela Paiva Landressa Rita Schiefelbein
Organizador	Fredy Enrique González

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A111 A festa dos bonecos: identidades docentes em movimento.
Fredy Enrique González – organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021 327p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-253-7 (brochura)
978-65-5939-252-0 (eBook)

1. Docente. 2. Narrativa autobiográfica. 3. Formação de professores. 4. Identidade. 5. Memória. I. González, Fredy Enrique. II. Título.

CDU: 371.13
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

SUMÁRIO

Era uma vez 13

Capítulo 1

Voando nas asas da minha imaginação..... 21

Iêda Maria Albuquerque Peres de Oliveira

Capítulo 2

“Quando crescer vou ser professora”:

percursos de um sonho que foi realizado..... 32

Sonia Azevedo de Medeiros

Capítulo 3

História de um Grande Amor:

ser professora da “ciência dos números” 68

Alexandra Felix de Brito

Fredy Enrique González

Capítulo 4

Uma professora em construção...

nos retalhos da sua subjetividade..... 101

Andressa Jully Bento de Medeiros

Capítulo 5

**Procurando no universo das minhas
lembranças o que me identifica**

como professora de Matemática 115

Misleide Silva Santiago

Capítulo 6

Histórias com cheiro de café 140

Letícia Campos de Lima

Jaqueline Gomes de Negreiros

Capítulo 7

**Histórias (entre)cruzadas em processos
de construção de identidade docente 158**

Karina de Oliveira Lima

Letícia Peixoto de Mendonça

Priscila Gomes de Souza Tavares

Capítulo 8

O Potiguar e Os Capixabas na Trilha da Docência 187

Janequele de Souza Deascani Polastreli

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Iure Coutre Gurgel

Capítulo 9

Um encontro inusitado de aventureiras da Educação 204

Denise Caballero da Silva

Liliane Silva Câmara de Oliveira

Capítulo 10

**Educação na pandemia: experiências
escolares de progênes de um pai professor 238**

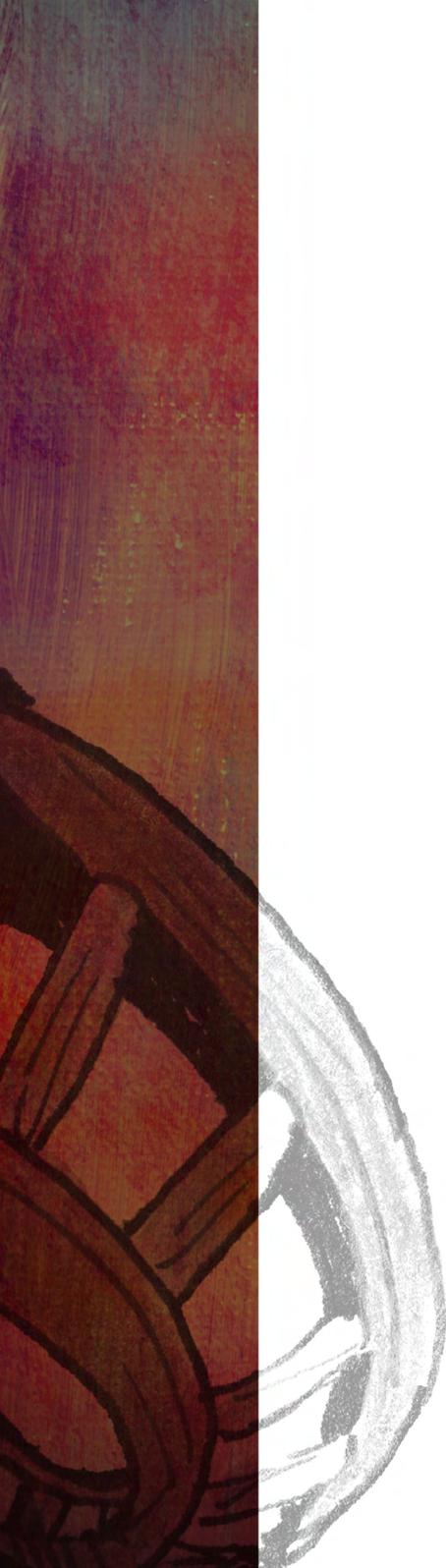
Bergson Pereira Utta

Capítulo 11

**Epístola à quatro mãos de duas trajetórias
na avaliação da aprendizagem 257**

Geraldo Vicente da Silva

Fredy Enrique González



Capítulo 12

**Um docente navegando nas estradas
líquidas da Amazônia adaptando-se
às diversidades da região 276**

Raimundo Reginaldo Araújo de Oliveira

Capítulo 13

Caminhos que não se acabam, nem ficam poucos..... 287

Arandi Róbson Martins Câmara

Regina Lúcia Alves Costa

Posfácio 308

Sobre o organizador/ativador 320

Sobre os bonequeiros e bonequeiras 320

Índice remissivo..... 325



ATIVADOR

Fredy Enrique González

APRESENTAÇÃO

Era uma vez ...

Bonequeiros e Bonequeiras

POSFÁCIO

Fredy Enrique González

BONEQUEIROS E BONEQUEIRAS

Alexsandra Felix De Brito

Andressa Jully Bento de Medeiros

Arandi Robson Martins Camara

Bergson Pereira Utta

Denise Caballero Da Silva

Geraldo Vicente Da Silva

Iêda Maria Albuquerque Peres De Oliveira

Iure Coutre Gurgel

Janequele De Souza Deascani Polastreli

Jaqueline Gomes de Negreiros

Karina De Oliveira

Letícia Campos De Lima

Leticia Peixoto De Mendonca

Liliane Silva Câmara De Oliveira

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Misleide Silva Santiago

Priscila Gomes De Souza

Raimundo Reginaldo Araújo De Oliveira

Regina Lúcia Alves Costa

Sonia Azevedo De Medeiros

ERA UMA VEZ

BONEQUEIROS E BONEQUEIRAS

Era uma vez um tempo em que a humanidade toda se encontrava afetada pela emergência de um vírus novo chamado SARS-CoV-2, o qual gerou uma epidemia global. Praticamente todas as atividades cotidianas sofreram alterações e as relativas à Educação não foram a exceção. Mesmo assim, como docentes que todos nós somos, decidimos continuar nossas atividades de formação, tanto as dos alunos quanto a nossa própria, de forma remota online, remetendo-nos a viver uma experiência desafiadora em que tivemos de reinventar nossas práticas e ressignificar os modos de interagir. Então, resolvemos participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEd/UFRN), mas nenhum de nós foi selecionado. Contudo, nos mantivemos fiéis aos nossos sonhos de continuar nos formando e aproveitarmos a possibilidade para sermos alunos da universidade.

Na oferta de disciplinas, uma chamou nossa atenção — a referida “Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a Formação, a Identidade e a Profissionalização Docente” — oferecida no período 2020/2 e ministrada pelo professor Fredy Enrique González, que se mostrou um verdadeiro exemplo de Professor Encantador, um excelente Mestre que soube despertar nos seus alunos o espírito de pesquisador desbravador, crítico e reflexivo, bem como valorizar os sonhos, as trajetórias de vida, despertar potenciais e estimular o avanço promovendo a superação dos obstáculos que limitam nosso processo de formação acadêmica e profissional.

Ainda no início da disciplina, nosso professor/mestre nos informou sobre a possibilidade de registrar nossas trajetórias de formação acadêmica e profissional docente e torná-las um livro. A princípio pensamos: “será que as experiências que nos constituíram professoras e professores serão importantes a ponto de caber em um livro?” Não acreditávamos, porém, à medida que ocorriam nossos encontros e passávamos a relatar e ouvir as experiências de vida pessoal e profissional que nos constituem professores, mudamos de ideia e pensamos ser possível sim.

E hoje, estamos, cada um, apresentando e compartilhando com os leitores nossas descobertas, nossas histórias e saberes que nos formam pessoas e profissionais. De forma poética, criativa e libertadora, dando asas à imaginação, embasamo-nos em diferentes estilos literários e conseguimos chegar a um ponto de parada da nossa contínua viagem.

Na incrível aventura de cursar esta disciplina, vivenciamos uma tremenda experiência ao sermos desafiados e estimulados, a romper as fronteiras e amarras da escrita tradicional e mergulhar na criatividade e no uso dos diferentes gêneros textuais ao nos aventurar na produção de nossas narrativas autobiográficas estabelecendo relações com as ricas discussões e reflexões sobre os temas de formação, identidade e profissionalização docente, discutidos durante as aulas.

Algo totalmente diferente de tudo que já havíamos cursado antes, pois no início da disciplina esperávamos ler os textos acadêmicos, escrever folhas sem fim de trabalhos a serem avaliados e notificados, e no entanto, a nossa grande surpresa na disciplina foi o professor Fredy, que em nada era parecido ao que tínhamos sido apresentados até o momento. Estávamos embarcando em uma grande aventura de reflexão das nossas histórias de vida e trajetórias profissionais vividas, agora compartilhadas com os colegas. Algo de fato inovador e prazeroso de ser feito, não houve um modelo a ser seguido, nada rígido, nada

imposto, apenas um convite a escrita. Dessa forma foram se realizando as autobiografias de diversas maneiras nas ricas aulas do professor.

Ah! Que encontros memoráveis, encontros não apenas de pessoas, mas de almas. Assim eram as aulas, digo, os encontros semanais de partilha de experiências docentes, referências teóricas, histórias de vida narradas por cada um de nós. Encontros virtuais síncronos e assíncronos que romperam os limites da distância entre diversos estados brasileiros para proporcionar uma significativa aprendizagem, trocar experiências, configurar identidades, construir amizades com sensibilidade, afeto, empatia, generosidade e esperança, cada encontro tornou-se singular e precioso.

Uma coisa que se faz importante relatar aqui é a contribuição de vida que todo esse movimento de saberes nos proporcionou, pois, é fato que, após o processo de encontros propostos e oportunizados por essa disciplina acadêmica, não somos mais os mesmos profissionais e pessoas que agem em uma sociedade marcada por longos anos de histórias e de culturas que não favoreceram, até aqui, bons resultados para a educação básica.

Um diferencial grandemente animador nesses encontros foi a oportunidade de sermos ouvidos, desafiados e incentivados ficando claro a todos que somos capazes de produzir conhecimento a partir de nossa própria experiência, nossos saberes, nossas histórias e nossas perspectivas pessoais.

Sabemos que todo docente tem como responsabilidade em seu fazer profissional propiciar situações desafiadoras e contextualizadas que possibilitem aos educandos construir conhecimentos, diferentemente da simples informação a que todos nós temos acesso (revistas, internet, livros, TV, rádio, etc.), mas que não significa que o conhecimento será construído, isso porque "o professor é o mediador fundamental entre teoria e prática educativa" (PORLÁN, 1997, p. 15, tradução nossa).

Acreditamos que o exercício de uma prática docente envolva pela interação entre todos, pela condução eficaz de um professor experiente, pode conduzir e/ou intermediar processos aprimorados de ensino e aprendizagem (MORICONI, 2012). Além disso, também assumimos que ensinar é uma importante e séria prática social, que envolve questões subjetivas e relacionais onde cada indivíduo exprime as relações sociais que experimenta.

A eficácia a que nos referimos, tem a ver com as experiências, as estratégias e as habilidades que um professor reúne ao longo do tempo, tais como a habilidade verbal e domínio do conteúdo. Entendemos que o grau acadêmico de um professor é um fator de grande importância, sendo superior a isso questões emocionais (entusiasmo e motivação) e questões técnicas (a exemplo da habilidade na exposição das informações aos discentes) (GOLDHABER; BREWER, 1996), bem como um trabalho de reflexão crítica acerca da prática docente (NÓVOA, 1992).

Nesse sentido, certificamos com Gadotti (2010), que um professor eficaz demonstra paixão ao ensinar, manifesta compromisso, sente-se feliz porque está aprendendo sempre, sabe contar histórias e construir narrativas sedutoras e, ao mesmo tempo, sabe ser humilde, ouvir os alunos, trabalhar em equipe e ser solidário. Tudo isso experienciamos no percurso de nossa disciplina. Todos nos sentimos como se um encantamento pousasse sobre nós, dando-nos novas perspectivas, direcionando-nos à construção de conhecimentos, partindo da escrita sobre nossas próprias vivências pessoais ao nos tornarmos professores, na tessitura de narrativas (auto) biográficas.

Assumimos que escrever sobre nossa identidade docente, considerando nossa história de vida, é uma das formas de compreender que nosso ofício vem sendo terçado com satisfação e demasiados desafios, e isso reflete em nossa maneira de pensar e agir sobre Educação que pode direcionar-nos à elaboração de planos que serão posteriormente executados e também registrados na memória.

A dinâmica das práticas de leitura foi acontecendo de forma progressiva, intencional e orquestrada de tal forma que os pupilos e pupilas não se sentiram sufocados, pois os leitores e leitoras enveredaram por caminhos singulares. A prática da escrita foi desafiadora, quando percebemos que estávamos brincando de escrever nossas histórias de vida, de como nos tornamos professores, nossas experiências profissionais e então, não queríamos parar!

Sem saber estávamos sendo seduzidos pela magia da leitura, o encantamento da escrita e fomos envolvidos na prática da Pedagogia da Sedução. A estratégia usada pelo professor Fredy foi brincar. Ele, sabendo de nossas dificuldades para a escrita acadêmica e a força que tínhamos sobre nossas experiências prévias, decidiu dar leveza ao nosso trabalho, caracterizando nossas escritas como bonecos e nomeando ao conjunto de todas as escritas como uma Festa de Bonecos. Na nossa imaginação íamos de bicicletas, de trem, barco e avião, íamos construindo nossos bonecos para uma grande festa. Que pedagogia é essa?

Desse modo, o Mestre Fredy conseguiu reunir todos os elementos de uma Prática de Aula Sedutora, e a Festa dos Bonecos passou a ser um projeto coletivo com significação individual. O coletivo é a festa, que é de todos, e o individual está constituído pelas escritas que cada um de nós tinha que produzir.

Assim, “os narradores de Javé” que iniciamos a disciplina, agora nos tornamos outros, saímos do campo da oralidade para registrar nossos cantos e encantos. Nosso pensamento era monitorado com um desejo gigante de querer escrever e dizer tudo de uma vez só. Nesse instante, foi imprescindível a união com todos da turma para sistematizarmos e organizarmos grupos formados por dois ou mais bonequeiros. Gradualmente, os bonecos foram tomando forma para festa.

Hoje, podemos dizer que essa festa se tornou ainda mais grandiosa do que o esperado. Uma festa partilhada, uma festa de culturas

diversas, de realidades ricas de humanidade, uma festa onde os brindes foram pelas conquistas, pelas lutas, pelo autoconhecimento diário e construído em conjunto durante esse período de convivência. Uma festa que não se acabará, apenas tomará novos ares. Novos ares, pois ganhamos novas asas. Com essas asas, esperamos alcançar voos ainda mais longínquos os quais nos possibilitem ser cada dia mais humanos, tanto em nossa profissão, quanto em nossa vida no geral.

Esta festa criada nos sacia, mas também nos dá mais sede e mais fome. Sede e fome de conhecimento, de afetividade, de crescimento pessoal, humano e profissional. Aqui nestas linhas veremos como, em tão pouco tempo e em tão pouco espaço, pequenos, mas, ao mesmo tempo, grandes seres colocaram suas trajetórias de vida intensas, profundas, fortes e emotivas em exposição. Afinal, isso é uma festa e festas são feitas para isso! Divirta-se! A casa é nossa, mas também é sua!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADOTTI, Moacir. *Qualidade na educação: uma nova abordagem*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. -- (Instituto Paulo Freire ; 5 / Série Cadernos de Formação) ISBN 978-85-61910-40-2. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3086> Acesso em: 18 dez. 2020

GOLDHABER, Dan. D.; BREWER, Dominic. J. Evaluating the Effect of Teacher Degree Level on Educational Performance. *Developments in School Finance* pp 197 – 210; U.S. Department of Education; 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/28967710/Evaluating_the_Effect_of_Teacher_Degree_Level_on_Educational_Performance. Acesso em: 18 dez. 2020.

LARROSA, Jorge. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, (Jan/Fev/Mar/Abr) n.º 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZK-cYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020

MORICONI, Gabriela. *Avaliação de Medindo a eficácia dos professores: o uso de modelos de valor agregado para estimar o efeito do professor sobre o desempenho dos alunos*. Orientador: Nelson Marconi. 2012, 115 f. Tese

(Doutorado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.
PDF. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/gabriela_miranda_moriconi.pdf Acesso em: 19 dez. 2020

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (org.). *Os professores e a sua formação*. 2ª ed. Lisboa: D. Quixote, 1992. Pp 13 – 33. (Temas da Educação, nº. 1).

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. *El Diario del Profesor: un recurso para la investigación en el aula*. 4. Ed. Sevilla, PRT: Díada, 1997.



Acreditamos na importância da união dos relatos contidos neste livro, pois é um marco histórico da vida de cada autor, que parte da singularidade do tempo, sendo esse, retomado pelo viés da reflexão, debate e buscas constantes pelos saberes acadêmicos atuais, bem como das histórias que têm sido construídas ao longo do processo de formação e construção da identidade docente, tão peculiar para cada um de nós.

The background is an abstract painting with a color palette of warm, earthy tones including reds, oranges, yellows, and browns. There are visible brushstrokes and textures throughout. In the top right and bottom left corners, there are dark, stylized outlines of wooden wheels or baskets, suggesting a traditional or craft-related theme.

1

Iêda Maria Albuquerque Peres de Oliveira

Voando nas asas da minha imaginação

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.21-31

*“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.”*

Guimarães Rosa

Após vinte anos, quando concluí minha graduação em Pedagogia, voltei à UFRN para realização de duas pós-graduações. Em 2020, retornei à mesma instituição, dessa vez como aluna especial da disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a Formação, a Identidade e a Profissionalização Docente, ministrada pelo Prof. Dr. Fredy González. Exatamente sob a orientação do nosso grande e estimado mestre fomos orientados a idealizar uma viagem, ou outra situação de encontro de pessoas, que pudessem dialogar sobre suas memórias de formação pessoal e profissional. A maioria da turma optou por viajar em dupla utilizando diferentes meios de transporte. Eu decidi, não por uma questão de individualismo, viajar sozinha para dentro de mim mesma, utilizando as asas da minha imaginação, fundamentada nos preceitos de uma pesquisa qualitativa, a qual apresenta como um dos objetivos descrever as emoções, sentimentos, valores, ética, afeto e a subjetividade do autor.

Ainda com um pouco de receio, sabendo da grande responsabilidade em escrever um texto que fará parte de um livro com as histórias de vida dos demais colegas de turma, e contando com outro desafio que é o fato de resgatar minhas memórias no ar, decido bater asas e voar para década de 80 onde, acertadamente, iniciei minha trajetória docente.

Tudo começou quando resolvi aproveitar um horário ocioso e ingressar no curso de magistério. Aprender sobre metodologias, didática, e outras disciplinas fundamentais do ensino, foi essencial para descobrir a possibilidade de iniciar minha formação como professora, convencida de que não são necessários apenas vontade ou vocação

para exercer uma profissão. São necessários estudos, pesquisas, leituras e formação continuada para se constituir um bom profissional.

Logo que concluí o magistério concorri a uma vaga de professora polivalente do Estado do Rio Grande do Norte e fui aprovada. Fiquei muito feliz, pois o emprego oferecia a tão sonhada estabilidade profissional que muitos almejam. Consegui conciliar a profissão de bancária e professora entre o período de 1988 a 1992. Não foi fácil para quem dependia de transporte público, morando na zona sul e trabalhando na zona leste, exatamente no bairro de Mãe Luiza, de difícil acesso à época. Minha primeira turma, em um horário intermediário compreendido entre 10h às 14h, denominada Aceleração, era formada por alunos considerados desnivelados, com faixa etária entre 10 e 12 anos, ainda em processo de alfabetização. Meu Deus! Como foi difícil cativar aquelas crianças para compreenderem a importância do conhecimento do sistema de leitura e escrita! Prender a atenção delas foi um grande desafio.

Logo que acabava o expediente, assumia o trabalho no banco. Lembro que, durante esse período consegui um contrato provisório na Secretaria de Educação do Município, durante o horário noturno, na Escola Municipal Djalma Maranhão, Zona Oeste de Natal, também com uma turma de aceleração. Ainda dependendo do transporte público, chegava em casa tarde da noite. Mas, foi preciso passar por todas essas experiências para valorizar todas as conquistas alcançadas.

Todo o esforço foi necessário e faz parte de mim, me ajudou a ser quem sou hoje. Somos produto das nossas escolhas e ações. Sabia que nada do que estava acontecendo era em vão. Pensava comigo mesma: vou vencer, eu preciso vencer. Hoje me considero uma vencedora. Mas vou continuar voando, o trajeto é longo.

Demitida do banco, casada e com meu primeiro filho ainda bebê, acompanhei meu esposo, transferido pela empresa para a cidade de Mossoró - RN. Engajada na docência e buscando avanços na

profissão, ingressei através de vestibular realizado em 1995, no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte em Mossoró e concluí o curso em 2000 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Natal. Minha alegria foi imensa, sabia que seria ajudada pelos ensinamentos da universidade para melhoria da minha ação docente e, de fato, isso aconteceu.

Por ser professora dos anos iniciais do ensino fundamental, sempre fui curiosa em saber sobre o processo de construção da leitura e escrita. Por essa razão me matriculei em uma disciplina complementar sobre essa temática e desenvolvi meu trabalho final de curso intitulado *Alfabetizar Letrando: desafios de uma prática pedagógica*. Exatamente ao término da graduação, no ano 2000, fui aprovada, através de concurso público, para professora na Prefeitura Municipal de Natal.

Com o objetivo de ascender na profissão e continuar construindo e progredindo nos meus conhecimentos sobre o processo constitutivo do ensino e aprendizagem, conclui no ano 2000 o PROFA (Programa de Aperfeiçoamento para Professores Alfabetizadores) coordenado pela professora Magda Soares, “guru” do assunto sobre alfabetização e letramento desde a década de 90.

Em 2007 deu-se a realização da segunda especialização em Artes e Educação Física na Infância que, como o PROFA, foi de grande proveito para minha prática em sala de aula, em particular no que se refere ao trabalho com ambas as disciplinas no ensino infantil. As artes e a Educação Física, atualmente, são disciplinas contempladas ou trabalhadas de forma simplória na etapa do ensino infantil, principalmente na maioria das escolas públicas, embora conste nos documentos curriculares o trabalho com as crianças envolvendo os eixos de movimento e as artes no eixo de linguagens. Outro ponto que merece destaque é a quase exclusão por parte das políticas públicas de acesso das crianças aos ambientes propagadores de arte e cultura como teatros, museus, cinema, galerias e outros.

Agora, voando mais baixo e chegando mais próximo das memórias mais recentes ou atuais, continuo a compartilhar com vocês mais experiências de vida pessoal e profissional. Gosto de enfatizar que antes de nos formarmos profissionais, somos pessoas que carregam dentro de si suas lembranças, origem, cultura, valores. Toda uma carga de vida, adicionada ao conhecimento acadêmico e outros tantos conhecimentos de mundo que influenciam fortemente na nossa formação profissional. É sobre esse acréscimo de conhecimento e aprendizados que continuo meu relato de voo rumo à minha formação.

A terceira especialização, em 2011, também foi promovida pela UFRN através da plataforma Escola de Gestores, foi um curso de gestão escolar à distância que contou com o cumprimento de um percentual de carga horária com encontros presenciais. Na época, estava ocupando a função de vice-diretora escolar, critério para participação do curso, cujo objetivo consistia em compartilhar nossas experiências com outros colegas e ao término do curso apresentar um painel interativo com o relato de uma experiência exitosa realizada na instituição.

Sempre que conseguia concluir uma etapa de aprendizado, aproximando-me do período de aposentadoria, “tempo de amarrar as chuteiras”, apareciam novos voos. Por mais que ouça minha mãe dizer: “pare, descanse, pense mais em você...” sinto que ainda tenho muitos aprendizados pela frente, muitos voos a serem alçados. Identifico-me com um fragmento do poema de Mário Quintana, quando descreve:

“Tão bom viver dia a dia...
A vida assim, jamais cansa...
Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!” (QUINTANA, 2018)

E foi recomeçando que, em 2017, com o objetivo de realizar um desejo interrompido na década de 80, não conseguindo aprovação no vestibular à época, resolvi cursar Letras-Português, sendo aprovada na

seleção do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy com o término adiado para o 1.º semestre deste ano em virtude da pandemia que atrapalhou muitos planos e sonhos de muita gente, não sendo esse um maior problema comparado à morte de muitas pessoas em decorrência desse mal que ainda assola grande parte do nosso planeta.

Entretanto, a conclusão do referido curso me encherá de alegria e esperança de contribuir um dia, quem sabe, na educação de adolescentes e jovens estudantes. Será, portanto, uma experiência pioneira que trabalho com crianças desde que iniciei minha carreira há trinta anos.

A segunda graduação tem me dado oportunidade de aprender sobre os processos e análises linguísticas que nos capacitam a praticar a nossa língua através dos processos interativos de comunicação oral e escrita, dentre tantas outras aprendizagens e conceitos apresentados pelas diversas disciplinas que compõem a grade curricular do curso, cujo objetivo específico é preparar o profissional de língua portuguesa para atuar nas escolas de forma eficiente e específica.

Considero valorosa a oportunidade de cursar duas graduações, diferente da grande maioria de estudantes, até bem mais jovens, que não conseguem ingressar na universidade por razões diversas, dentre as quais de ordem social ou econômica, embora haja atualmente maiores incentivos e oportunidades diversas para que tal fato ocorra, tanto em instituições públicas quanto privadas. A análise que podemos fazer é que ainda há ajustes ou acertos na educação básica, em particular no ensino médio de instituições públicas de ensino, preparando os alunos de forma que possam competir igualmente com o público escolar de instituições privadas. A BNCC que documenta encaminhamentos já descritos na Constituição de 1988, aponta para oportunidades de aprendizagem COMUM que se nivela a todos os estudantes de todo território nacional, dando ainda a oportunidade de adaptar os conteúdos à realidade local no que se refere aos aspectos sociais, culturais e econômicos de cada região da esfera federativa,

sendo, portanto, uma possibilidade de avanço e melhoria nos índices de rendimento do ensino médio, preparando o aluno para o ingresso na universidade, ou preparando para uma habilidade técnica que possa ser absorvida de imediato pelo mercado de trabalho.

Aterrisso do meu voo e passo a relatar minhas experiências na gestão escolar em Centros Municipais de Educação Infantil, desde o ano de 2008, com término de mandato previsto para esse ano. Também não poderia deixar de registrar minha primeira experiência como aluna especial da UFRN/ Programa de Pós-Graduação em Educação e em processo de conclusão da minha segunda graduação Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Desde o dia 14/10/2020 estou desfrutando de grandes aprendizados e trocas de experiências com os participantes da turma. O prof. ministrante, Dr. Fredy Enrique González, é excepcional e de maneira “anárquica” nos deixa à vontade para produzir nossos textos espontaneamente, fugindo um pouco das estruturas e exigências preexistentes, contudo, acadêmicas, utilizando nossa imaginação e produzindo nossas próprias teorias em diálogo com os grandes “gurus” do conhecimento. Poderia ser apenas um curso como os demais, de capacitação ou cursos de extensão, dos quais costumavelmente participamos. Porém, nossos encontros tornam-se verdadeira terapia, quando o professor inicia sua fala, rebuscada de um português misturado ao espanhol, perguntando como estamos e pede para falarmos sobre o que quisermos, embora saibamos que precisamos dar conta das “tarefas de casa” e discorrer nossas discussões com base na proposta encaminhada ao término de cada aula.

A pergunta é: todo esse percurso de formação acrescentou algo à minha vida? Enquanto pessoa e profissionalmente? O que me motiva ser uma professora? O que me faz permanecer na profissão, enfrentar desafios, construir novos conhecimentos, avançar e/ou recuar no meu ofício? Respondo que toda minha formação docente

aconteceu de forma positiva e hoje colho os frutos do que foi semeado durante todo tempo de formação e, justifico, ainda, que a profissão de professora de escolas públicas principalmente, a cada dia me torna uma pessoa mais humana e, ainda, me leva a refletir a importância que tenho na educação e formação do caráter de crianças, ou no quanto posso interferir de maneira positiva no progresso e possibilidades de melhoria de muitas vidas.

Em resposta a mim mesma, respondo que essa pretensão, desejo em prosseguir estudando, me apropriando de conhecimentos é um compromisso comigo mesma e com a profissão pela qual decidi um dia assumir. Não só profissionalmente assumo esse compromisso. Antes de tudo, como pessoas, precisamos nos inquietar em estar buscando o conhecimento, interagindo em concordância ou discordância com ele. Enquanto vivemos, estamos em processo de aprendizado.

Ciente de que os conhecimentos adquiridos durante um determinado curso ou estudo, caracterizam uma base ou aporte para a prática docente, estou convicta de estar me formando uma professora pesquisadora da minha própria prática, buscando continuamente refletir e melhorar o meu fazer profissional.

Como bem afirma Freire (1996, p. 32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Os dois termos estão imbricados uma vez que na prática pedagógica, o professor pesquisador enquanto ensina precisa continuar a buscar, indagar, constatar, intervir e se educar. Pesquisar também para conhecer o que ainda não conhece e comunicar ou anunciar a novidade.

Considerando o conhecimento como uma fonte inesgotável, estou continuamente em processo diário de aprendizado e construção do saber. A graduação, as especializações, os muitos cursos de formação profissional, unidos à experiência e, agora, voltar à UFRN, mesmo como aluna especial, através de uma disciplina de mestrado, estão me ofere-

cendo a oportunidade de conhecer mais e melhor a minha identidade como professora em progressivo estágio de formação, como uma das partes mais importantes que compõe o meu EU pessoal e profissional.

Isso, porque parte do que sou hoje, atribuo a todas as oportunidades de estudos específicos da área de educação apresentadas a mim para atingir o objetivo de melhorar e aperfeiçoar minha prática profissional e, porque não, contribuir também na minha formação pessoal, conhecendo várias pessoas, compartilhando experiências, vivências que me tornam mais humana. Nesse sentido, lembrei de um poema de Gregório de Matos intitulado *Todo*. Sua primeira estrofe descreve:

“O todo sem a parte não é todo.

A parte sem o todo, não é parte.

Mas, se a parte o faz todo, sendo parte.

Não se diga que é parte, sendo todo.” (MATOS, 2021)

Percebo-me uma constituição formada por partes. Sou uma pessoa (O TODO), formada, no entanto, por várias atribuições (PARTES), dentre elas a formação profissional que traz na sua base, em muitos casos, influências, tendências ou experiências vividas na infância. Não podemos separar a pessoa do profissional. Antes de assumir uma profissão, sou uma pessoa que carrega experiências de vida que contribuem na minha formação profissional, caracterizando-me um ser único, indivisível de todas as experiências vividas de forma harmônica, contribuindo na minha realização enquanto professora. O todo nunca seria um todo sem as partes.

Exercitar a gratidão a todas as oportunidades que, no seu devido tempo, a vida me apresentou, apresenta e apresentará é um dos meus lemas. Ressaltando que os conhecimentos não somente advêm das grandes cabeças acadêmicas ou “gurus” do conhecimento, como muitas vezes em nossos encontros citava o Profº Fredy. Aliás, um professor que nos ensinou a Pedagogia da Sedução, no sentido mais humano e puro da palavra. Seduzir os alunos como sinônimo

de nos dizer e fazer com que através da escrita, expressamos nossos sentimentos, apresentemos nossa alma, saiamos das gaiolas, das normas restritas e engessadas de escritas acadêmicas e demos asa à nossa imaginação, voemos alto.

Não lembro se imaginei um dia ser professora, no entanto, a vida reservou para mim esse desafio que enfrento até os dias atuais, já aposentada de um vínculo, e bem próxima de concluir o segundo. Tudo isso graças à iniciativa de cursar o magistério como forma de ocupar um tempo livre que à época apresentava-se a mim.

Dar continuidade aos estudos relacionados à área profissional demonstrou, e ainda demonstra, a minha necessidade enquanto educadora de refletir todo tempo sobre minha prática em relação aos estudos desenvolvidos pelos teóricos, entidades de ensino como faculdades, academias com o objetivo de atualizar e renovar constantemente o meu fazer profissional junto aos meus alunos, sem esquecer o meu lado humano e o meu compromisso enquanto formadora de opinião, com a função de mediadora do conhecimento, encorajando e seduzindo crianças e jovens a desenvolverem sua subjetividade e a liberdade de expor ou registrar suas histórias que causem impressões emocionais e autorais nos leitores.

O futuro reservará o próximo passo na trajetória pessoal e docente que recomeça diariamente. Ainda que em ritmo menor quando do início, como descreve a canção de Almir Sater intitulada *Tocando em frente*:

“ Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso
porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco sei
ou nada sei...” (SATER, 2020)

REFERÊNCIAS

BNCC: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 27/07/2021.

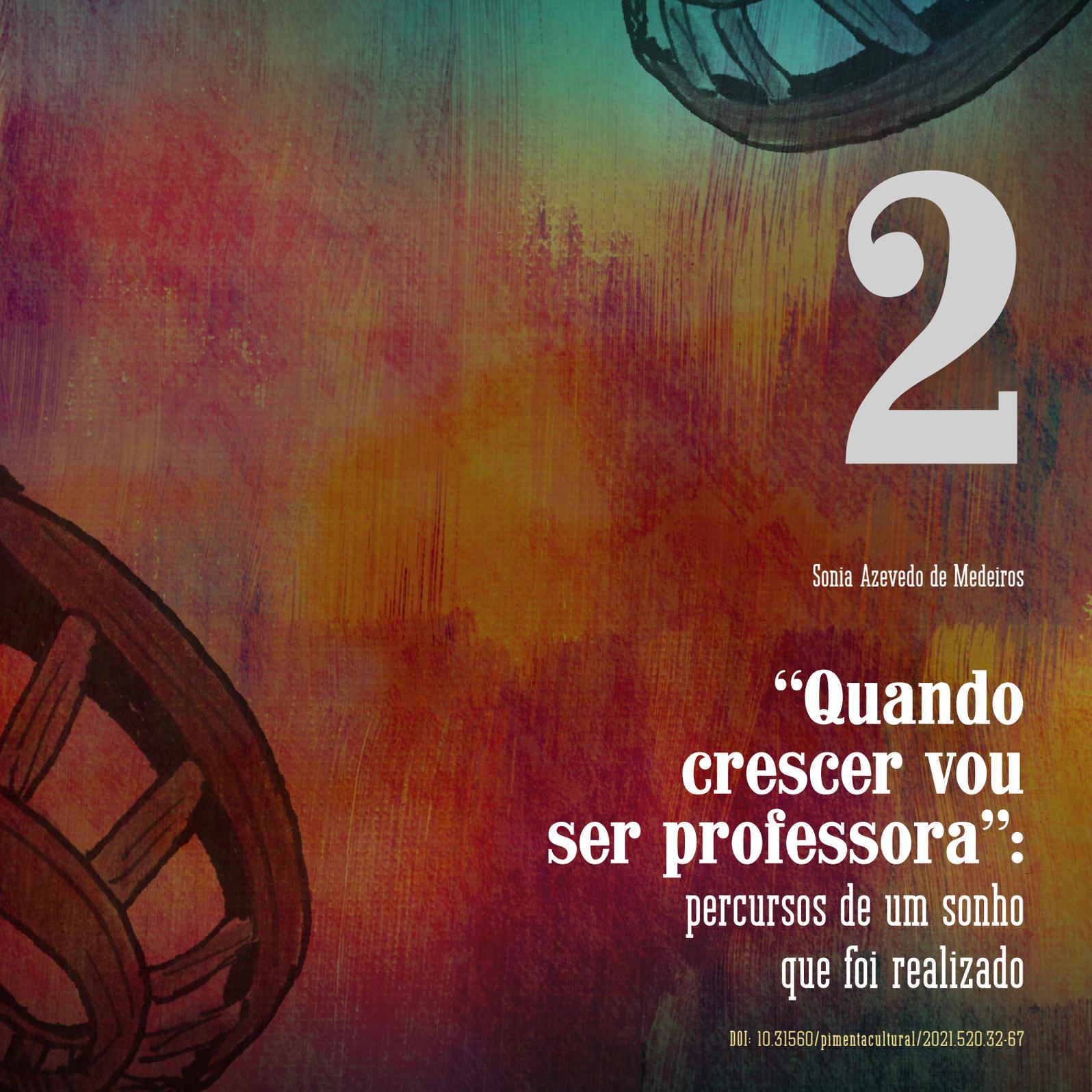
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATOS, Gregório de. O todo sem a parte não é o todo. *YouTube*. 20 de abr. de 2021. 08min36s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LdlQ-JaxOgc> Acesso em 22/07/21.

ROSA, Guimarães. O correr da vida embrulha tudo. *YouTube*. 20 de set. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uq3m9p1-Alw> Acesso em 25/09/2021.

QUINTANA, Mário. #2- Quintana -"Bilhete" - "Canção do dia de sempre". *YouTube*. 04/02/2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=UIXI-QJ67_DU Acesso em 26/07/2021.

SATER, Almir. Tocando Em Frente (Ao Vivo) (Áudio Oficial). *YouTube*. 3 de abr. de 2020. 03min.05s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cu-gYXgJ2SFI> Acesso em: 25/09/2021.



2

Sonia Azevedo de Medeiros

**“Quando
crescer vou
ser professora”:
percursos de um sonho
que foi realizado**

“Quando o professor quer faz, quando ele não quer, arruma desculpas”

Mantoan, 2015.

Neste semestre, fui instigada a falar/pesquisar sobre a minha vida e, em especial na área profissional. Estranho demais para mim? Sim, pois até então, foram muitas pesquisas realizadas nas mais diversas áreas e teóricos, estudos direcionados a vida/identidade dos “outros”. Sendo assim, a construção de uma identidade profissional é uma construção dinâmica, permeada pelas conquistas, significados e reflexões realizadas pelos agentes envolvidos neste processo (TIMM e ABRAHÃO, 2015).

Falar da minha identidade profissional enquanto professora é lembrar de quando era criança, de uma vez que, desde que lembro dessa fase, vem na memória as palavras que dizia: “quando crescer vou ser professora”. Mesmo pequena, já o era, quando dava explicações em minha residência para os colegas de turma, quando brincava de escolinha ou até mesmo, quando a professora me chamava ao quadro para responder algumas questões dos conteúdos trabalhados.

Sempre fui muito dedicada aos meus estudos, na formatura do ABC, em 1983, lá estava eu, a oradora da turma, responsável por ler o juramento da turma, pois já sabia ler na época, como expressa a imagem abaixo:

Figura 01 - diploma de habilitação ao curso primário.



Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.

A imagem acima é guardada comigo não apenas no papel, mas também na memória: meu primeiro diploma. Na cerimônia de diplomação, o texto lido por mim, demonstrava não somente as aprendizagens adquiridas como “sei cantar os hinos de minha pátria e declamar poesias patrióticas” como ainda, as práticas pedagógicas da minha professora Inácia, quando relatava que “aprendi brincando e brinquei estudando”. Nesta perspectiva, a aprendizagem para as crianças pequenas é necessária, pois “o brincar deve ser valorizado por aqueles envolvidos na educação [...], fazendo a escolha dos materiais lúdicos que são reservados no brincar, cujo objetivo deve ter seu efeito sobre o desenvolvimento da criança” (HOLTZ, 1998, p.12).

Ainda analisando o diploma (figura 01), pode-se perceber também as frases “Um grande adeus para os companheiros que ficam, saudades e gratidão para as queridas professoras, jamais esquecerei o meu jardim de infância”. Falo em professora porque, na época, apenas mulheres lecionavam na educação infantil, entendendo este fato como uma construção histórica que ainda prevalece, a hegemonia das mulheres no setor educacional, nutrindo também, as diferenças sociais e culturais entre masculino e feminino (AMÂNCIO, 1994).

No meu percurso histórico acadêmico da educação básica, iniciada em 1984, na Escola Estadual Manoel Correia, nunca fiquei em recuperação e muito menos fui reprovada, na maioria das vezes, estava aprovada no 3º bimestre, me orgulhava da minha turma sempre ser “A”, pois na época se considerava a melhor de todas. Nesta escola, estudei até a então 4ª série pois, no ano seguinte, meus pais precisaram se mudar para outra cidade em busca de melhores condições de vida.

Fomos morar na cidade de Jardim do Seridó, também no Rio Grande do Norte, onde fui matriculada na antiga Escola Campanha Nacional das escolas da Comunidade (CNEC) na qual permaneci durante o restante do ensino fundamental.

Com o passar do tempo, as minhas convicções de tornar-me professora ficaram cada vez mais delineadas até concluir a 8ª série do ensino fundamental. Naquele tempo, ao concluir esta etapa o aluno teria que escolher qual curso deveria ser matriculado no então 2º grau. Este momento foi ímpar, pois a única escola que oferecia o segundo grau ofertava os seguintes cursos: contabilidade, científico e magistério.

Nessa trajetória educacional brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n.º 5.692 de 1971, que fixa as diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º grau do ensino básico, fundamentava a formação profissional na perspectiva tecnicista, ou seja, o profissional poderia ser formado ao nível de ensino médio destas três maneiras.

A partir desta orientação, a minha opção foi magistério. Iniciava ali a possibilidade de concretizar a tão sonhada meta: ser professora.

Essa escolha consolida-se com o entendimento de Magalhães (2014), ao destacar que o professor deve socializar conhecimentos socialmente adquiridos, mediando com as novas aprendizagens, pois a minha intenção era auxiliar aqueles que ainda não haviam desenvolvido as aprendizagens necessárias à sociedade.

O primeiro ano do curso foi em 1992, o primeiro dia de aula ocorreu com a apresentação das colegas, todas mulheres, que diziam, em sua maioria, ser a sua opção tornarem-se professoras. Ainda assim, haviam colegas, que diziam estar no curso do magistério por não gostar de matemática e, como o curso não tinha essa disciplina, elas estavam lá.

O ano letivo continuou não sendo bem o que eu esperava, pois, as disciplinas eram bem amplas e pouco direcionadas para as discussões relacionadas a área educacional. Apesar de estar frustrada no início do curso, o segundo ano chegou carregado de expectativas e, na oportunidade, as disciplinas específicas do curso chegaram com toda riqueza de discussões e leituras. Neste período já existiam os grupos formados para estudo, conversas e confidências. O meu grupo era composto por Marta e Natércia, ambas residentes na mesma cidade, porém, até então, não faziam parte do meu círculo de amizades. Entretanto, aos poucos, nos tornamos grandes amigas, grandes confidentes e grandes profissionais da educação.

Já nos anos de 1992 e 1993, correspondentes aos 2º e 3º ano do magistério, foram cursadas as seguintes disciplinas: psicologia da educação, estatística aplicada à educação, história e filosofia da educação, sociologia da educação, biologia educacional, estrutura e funcionamento do ensino de 1º grau, didática geral, jogos e recreação, as quatro metodologias da comunicação e expressão, dos estudos sociais, das ciências e da matemática. E por fim, a tão espe-

rada prática de ensino sob forma de estágio supervisionado que, de acordo com Almeida e Pimenta (2012), deveria subsidiar os futuros professores para atuarem em contextos diversos, ofertando uma formação mais real e contextualizada.

Deste período ainda se encontram presentes muitas lembranças, dentre elas, a presença de duas professoras: Neilza e Tarcísia. Ah! Neilza, muito elegante e fina, sempre nos alertava sobre a postura correta do educador, falava: “tenham cuidado, professor é professor em todo lugar, então fiquem atentas como vocês se comportam fora da sala de aula, seus alunos estarão vendo vocês”. Essas palavras nos causavam até medo, quando ela saía da sala ficávamos conversando e dizendo: “Agora pronto! Não vamos poder nem nos divertir?” ou “E como vai ser no carnaval?” e até mesmo “Professor é gente também”, entre outros comentários desse tipo. No entanto, discordar dela? Jamais. Apenas quando ela saía da sala. Além disso, Neilza também era muito habilidosa com trabalhos manuais e tinha muito cuidado em nos ensinar a construir materiais concretos para utilizarmos no nosso estágio.

O primeiro trabalho foi o mais complicado (nós achávamos), mas depois percebermos ser o mais simples. A proposta da professora na disciplina de “biologia educacional” era de que construíssemos um álbum do desenvolvimento humano, desde a concepção até a velhice. A proposta era refletirmos sobre as fases de desenvolvimento que o professor poderia atuar, e assim, percebermos a importância do professor em todas as etapas da vida. Se trouxéssemos para o contexto atual, essa proposta poderia ser compreendida na perspectiva reflexiva do portfólio, pois nesse álbum teríamos que colocar fotos ou desenhos, explicações da aula e nosso entendimento de cada aula. Foi uma construção bem difícil pois, até então, não tínhamos sido provocadas a escrever algo com nossas palavras, tudo deveria ser reproduzido da mesma forma que estava nos livros.

Durante essa construção sempre falávamos de duas professoras, uma que lecionava Geografia, seu nome? Vou denominá-la de “Margarida”. Margarida era uma professora bem pequena na estatura, tipo eu agora, sabe? Mas era gigante na sua autoridade de bravura na sala de aula, ninguém tinha coragem de falar nas suas aulas, esclarecer dúvidas, pois ela dizia logo: “vocês não estão prestando atenção, não?” Seus exercícios e provas? Todas enormes e tradicionais, claro! Eram perguntas que tínhamos que responder tal qual estava no livro ou caderno, sem errar ou esquecer nenhuma palavra caso contrário a letra “E” grafada de caneta vermelha vinha bem grande. Até tentava decorar aquelas respostas, nunca menores de 10 linhas cada uma, porém, na hora da prova, esquecia algumas palavras, deixava o espaço daquela palavra e continuava escrevendo o restante da resposta. A minha esperança (e da turma) era que ela aceitasse ao menos pela metade, engano nosso, nunca aceitava. Essa postura da nossa ex-professora, era motivo de discussões e reflexões no curso, apontando para o caminho que não deveríamos seguir.

Outra professora que não nunca foi esquecida por nós da turma e depois pelo nosso grupo (Marta e Natércia) nos comentários da faculdade, era a nossa professora de ciências do ensino fundamental. Vou denominá-la de “Rosa”, muito embora que, se alguém daqui de Jardim do Seridó/RN ler esta minha narrativa, vai identificar facilmente quem é essa professora. Rosa, na época, eram uma jovem senhorita, que não tinha namorado e muito religiosa, não gostava de festa e dedicava-se ao trabalho e cuidar de sua mãe (ainda hoje preserva a religiosidade e não gosta de festa. Cuidou de sua mãe até que ela faleceu há uns dois anos, hoje mora sozinha na mesma casa desde sua infância). Rosa era muito envergonhada (e nunca entendemos porque ela ensinava ciências, especialmente no 6º ano), pois era nessa série que estudávamos os sistemas do nosso corpo, ora, facilmente vocês sabem, que nós adolescentes, queríamos estudar e ver as imagens do sistema reprodutor masculino que apareciam nos livros didáticos.

Claro que, quando ela entregava os livros para explicar os assuntos, nós íamos logo para a página desse sistema, porém ela muito atenta sempre nos repreendia para voltarmos para a página que ela estava explicando.

Enfim, chegava o 3º bimestre, era hora de estudar o sistema reprodutor “que bom” (nós pensávamos), mas para nossa surpresa, o que ela fez? O que sempre fazia com as turmas anteriores e continuou fazendo com as seguintes: dobrava todas as páginas destinadas ao conteúdo do sistema reprodutor masculino e feminino e não explicava o conteúdo. E, quando indagamos sobre o porquê do não estudo, ela dizia: “Porque não!” E ficamos, conseqüentemente, sem as discussões desse conteúdo.

As nossas conversas sobre as professoras que tínhamos, sempre apontavam para a reflexão, para nos direcionar a seguinte questão: qual professora não seríamos. Nesse sentido, Freire (2002) ressalta que o educador deve refletir constantemente sobre sua prática pedagógica buscando, continuamente, melhorar a eficiência da sua profissão. Tais comentários ocorriam sempre que nós estávamos juntas, construindo atividades propostas pela professora, especialmente o álbum de Biologia Educacional. No final do ano letivo, precisávamos apresentar o referido trabalho e esta proposta foi mais uma vez desafiadora, pois não estava preparada para realizá-la. Enfim, naquele momento, me senti já uma professora. Foi ótimo mesmo, estava em pé, ali, na frente de todas as colegas em silêncio total, todas estavam me ouvindo atentamente.

Já falei de Neilza e agora, claro, falta apresentar-lhes Tarcísia, mais conhecida como “Lourinha”. Ah! Lourinha era o oposto de Neilza, extremamente brincalhona, farrista e muito alegre, era muito transparente em suas ações e atitudes. Tudo que ela fazia e dizia que tinha feito no fim de semana, nós ficávamos a nos perguntar: E a postura de professor que tanto Neilza fala? Pois bem, Lourinha nos ensinava que a vida é bela, curta e que devia ser vivida intensamente junto com os nossos familiares, amigos e amores e, ainda, que a nossa

sala de aula deve ser sempre alegre, viva. As suas aulas eram de muitas risadas e brincadeiras. A proposta dela, nos festejos juninos foi uma gargalhada só: deveríamos formar uma quadrilha (dança junina típica daqui do interior do Nordeste), como somente tinha mulheres na turma, a metade dela teria que se vestir de homem. Isso foi uma grande algazarra, quase não teve candidatas a se transformarem em homens, mas ela resolveu essa questão rapidinho, sorteou os nomes e para nossa surpresa, ela foi o par de Neilza e claro, vestida de homem.

Mas, Lourinha, não apenas mostrou o encantamento pela vida não, mostrou o amor pela educação com a disciplina de “jogos e recreação e suas metodologias”, como deveríamos ensinar as crianças, claro, brincando e com alegria. Suas propostas sempre direcionaram para gincanas, apresentações teatrais e de dramatização, sim, ela sempre era uma das participantes também.

O 3º ano, tão esperado, iniciou com muita ansiedade para todas nós, afinal, já sabíamos que íamos para o estágio supervisionado. Para nossa alegria, quem é responsável pela disciplina de Prática de Ensino sob forma de estágio supervisionado? Lourinha e ainda, quem estaria com a disciplina de Didática? Neilza. Pronto, estávamos com duas excelentes professoras para nos orientar nos momentos tensos que se seguiam.

Em Didática, Neilza, nos orientava a construir os materiais didáticos necessários ao estágio que ia ocorrer no terceiro bimestre. Construímos televisão de caixa de papelão (figura 02), história em rolo de papel ofício, fizemos cartazes de boas-vindas, palavras mágicas, quantos somos e janela do tempo, desenhamos e organizamos muitos desenhos para trabalhar quantidade e números e por fim, um dos mais trabalhosos materiais didáticos propostos: quadro de pregas e flanelógrafo (figura 02). Ah!!! Coisa difícil viu, não tenho como mensurar quantas folhas de papel madeira desperdicei tentando dobrá-las corretamente sem ficar nenhuma prega torta. E,

ainda, atrás deste bendito quadro de pregas, que era fixado em um papelão grande, colava uma flanela. O acabamento das bordas era com papel de presente para chamar a atenção das crianças.

Figura 02 - Quadro de pregas, flanelógrafo e televisão de caixa de papelão.



Fonte: dicasmiudas¹, 2020.

Muitos podem perguntar, outros podem lembrar para que servia esta estratégia metodológica. A educação pública não recebia recursos financeiros diretos para as escolas, como hoje recebe, através de uma política descentralizadora. Sendo assim, a ausência de recursos financeiros e tecnológicos obrigava os educadores a construírem seus materiais didáticos com material reciclado para conseguir dar aulas com mais qualidade. Com o quadro de pregas e flanelógrafo usavam-se fichas de leituras, pequenos textos, imagens, números, sinais de pontuação e de operações básicas da matemática e o que mais a nossa imaginação permitisse.

Tem-se o entendimento de que o estágio deve ser uma atividade direcionada para a ampliação dos conhecimentos adquiridos durante o curso e permitir ao educando a possibilidade de unir a teoria e a prática em uma atividade reflexiva e significativa. Assim, Pimenta e Lima (2012, p. 112) dizem que “é necessário, pois, que as atividades

¹ Imagens obtidas no site: <http://www.dicasmiudas.com.br>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação”. No entanto, na minha realidade, as reflexões foram prejudicadas, pois o estágio ocorreu no último ano do curso.

Tudo pronto para o estágio iniciar! A proposta da disciplina era dividida em três partes: observação, docência compartilhada e docência. As duas etapas iniciais eram compostas por uma semana cada uma e a docência era duas semanas. Momento tenso ocorreu na hora de escolherem as turmas, pois quase ninguém queria as turmas da 4ª série, diziam terem conteúdos difíceis. Mas para mim, eu queria a 3ª ou 4ª série, sempre gostei de crianças maiores, então, não entrei no sorteio, pois tinha séries sobrando. Assim, fiquei com a 4ª série, turma composta por 28 crianças e a professora titular da sala era a saudosa Rosineide. Uma professora dedicada com autonomia excelente, conseqüentemente, as crianças não transgrediram as regras. Observei a primeira semana e na segunda semana ocorreu o compartilhamento de atividades com ela.

Enfim, chega a etapa tão esperada para o curso: o estágio propriamente dito onde eu estava lá, dona da sala de aula, daquelas crianças por duas semanas. Anteriormente, havia feito o planejamento com a professora titular e neste momento ela colocou-se à disposição para ajudar-me no que fosse necessário durante o estágio. No entanto, ao chegar à escola, recebi a notícia que a professora havia adoecido e que não podia estar presente naquele dia, meu primeiro dia! Naquele momento, não sabia se comemorava ou chorava, por ora imaginava: “que bom, estarei sozinha, sem a professora titular para me observar” e, ao mesmo tempo, ainda me preocupava “e se acontecer alguma coisa?” Se as crianças derem trabalho e eu não os controlar?”. Enfim, comecei a aula e deu tudo certo. A cada dia do estágio esperava a professora titular e nada dela aparecer, após 3 dias percebi que ela não vinha e não veio mesmo nenhum dia. No último dia, foi preciso enviar os livros da professora por uma criança que morava perto dela.

Durante o estágio, esperava sempre a visita na sala de aula das nossas professoras: Neilza e Lourinha, mas sempre as encontrava nos corredores da escola, jamais na sala de aula e ficava pensando “elas não vão entrar na minha sala não?”. Não, nunca entravam. Essas dúvidas eram compartilhadas por todas nós da turma, até que, no encerramento do estágio, elas apareceram nas salas, na hora da festinha que era de costume os estagiários realizarem para as crianças.

À noite, ao chegar na aula do curso, elas começaram a falar do estágio, falavam de coisas que haviam acontecido em nossas aulas e indagamos: “como elas sabem disso?”. Sim, elas sabiam, viram pelas janelas das salas, ouviram pelos corredores. Essa atitude delas nos deixou maravilhadas, pois elas disseram que não entravam nas salas para não ficarmos nervosas. Professoras sensíveis, humanas. Assim, encerraram-se as atividades do estágio supervisionado.

Para minha surpresa, fui convidada a continuar na mesma turma até o fim do ano letivo pois a professora ia entrar de licença gestante e, como eu já conhecia a turma, permaneci lá até o fim do ano letivo. A princípio fiquei na dúvida, mas a professora Lourinha, disse: “mulher vá logo, aliás, continue!”. Pronto, foi o que faltava para eu assumir definitivamente a turma e a minha convicção de que estava no caminho certo: ser professora.

O fim do ano de 1993 chegou e eu, Marta e Natércia ficamos a pensar: “o que vamos fazer agora?”. E Natércia disse logo, “fazer vestibular” e assim, não muito empolgada e com o título de “apenas por experiência” fiz, e para minha surpresa, fui aprovada para o curso de Pedagogia. Era curso ofertado em outra cidade, distante mais de 100 km, a noite e era necessário viajar diariamente. Não foi fácil, estrada de barro entre duas cidades, ônibus para pagar todo mês, apostilas e textos para comprar e lanche. Como não tinha muitos recursos, resolvi dar aula de reforço para as crianças, e assim consegui pagar minhas despesas, até que no fim do ano de 1996 o

Congresso Nacional aprova a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, instituindo a década de educação no seu Art. 87. Onde diz que “é instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei. § 4º Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”.

Foi então que no município onde resido, abriu no fim de 1998, concurso público para professores, onde em seu edital dizia poder participar do certame, quem já concluíra o ensino superior ou ainda quem estivesse cursando. Assim, aproveitei a oportunidade e fiz a inscrição, sendo aprovada em 10º lugar. E, para minha alegria, fui convocada em fevereiro de 1999 para assumir minhas funções como educadora da educação básica, a qual atuo até o momento.

A chegada dessa nova etapa da minha vida, permitiu-me planejar sonhos e atingir metas, sabia que agora tinha como concluir minha graduação. No processo formativo do ensino superior, do curso de pedagogia, pouco se percebeu as discussões relacionadas a prática pedagógica do professor da sala de aula, pois, a organização curricular do curso de pedagogia estava proposta a formar os profissionais para duas áreas específicas “coordenação ou gestão escolar”, e nós tínhamos que escolher para qual área seguir. No 5º período, a turma se dividiu em duas, sendo 20 para coordenação escolar e apenas 5 para gestão escolar. A pouca procura para a habilitação em gestão escolar ocorreu devido ao cargo de gestor escolar ser na época escolhido pelo prefeito ou governador como cargo de confiança, independentemente da formação acadêmica, ou ainda de fazer parte do quadro efetivo da rede.

O curso transcorreu dentro da normalidade e chegamos ao oitavo período destinado ao estágio supervisionado. Como havia realizado a escolha pela habilitação em coordenação pedagógica o estágio teria que ocorrer nesta área. As orientações eram que esta

atividade deveria ocorrer em dupla ou trio na cidade onde se localizava a faculdade, ou em uma cidade próxima. Assim, fizemos a escolha para estagiarmos na cidade de Currais Novos/RN, eu, Alieda e Edna, pois elas trabalhavam em uma escola privada e não foram liberadas para estagiar em outra instituição.

Iniciamos o estágio no mês de março até junho do ano de 2000 na escola Objetivo que faz parte da rede privada de ensino. A escola atendia os educandos da educação infantil ao cursinho pré-vestibular. Optamos por atuar na educação infantil, por ser mais fácil o horário de funcionamento pela manhã, já que à tarde tínhamos que viajar para a cidade de Patos/PB, onde estava situada a faculdade. O estágio foi muito proveitoso, pois a escola tinha uma infraestrutura muito organizada, setor pedagógico muito presente e uma equipe de educadores bastante comprometida. A organização da oferta da educação infantil era bem dinâmica, as salas de aulas eram organizadas conforme os componentes curriculares, eram as salas ambientes, ou seja, cada sala de aula era organizada com as temáticas, material pedagógico e infraestrutura de acordo com as disciplinas. Tal modelo pedagógico proporcionou a crianças e educadores um ensino mais significativo e contextualizado.

Após identificarmos o funcionamento da instituição, fizemos reuniões com os professores e auxiliares e, posteriormente com os pais, para explicarmos a nossa função naquele semestre. A escola nos auxiliou em tudo, de modo que o estágio ocorreu sem maiores desafios. Ao finalizar esta tarefa, a faculdade exigia a entrega de um relatório, contendo as atividades e reflexões que ocorreram durante o estágio. Ainda em relação ao relatório de estágio, Silva (2012), pondera que os relatórios deveriam ser instrumentos de reflexão sobre os conhecimentos que estão sendo adquiridos e/ou consolidados, não apenas para gerar notas. Infelizmente, o relatório de estágio nos condicionava ao recebimento das notas e, não nos proporcionou uma

reflexão a respeito da nossa prática. Assim, em 20 de julho do ano 2000, concluí minha graduação.

Após a conclusão da graduação, tive mais tempo de dedicar-me a minha função de professora e no ano de 1999 fui convidada para lecionar no primeiro ano do ensino fundamental. Nesta época, os municípios estavam sendo contemplados com os recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério — FUNDEF e, precisavam ampliar as salas de aulas para receber mais recursos. O município não dispunha de salas de aulas suficientes para colocar todas as crianças e resolveu alugar um espaço, que se diga não tinha nenhuma estrutura para funcionar nas salas de aulas, mas funcionava. Era um galpão dividido em dois espaços para serem as salas de aulas e outro espaço para funcionar a coordenação pedagógica, pois este local seria um anexo de outra escola do município.

Um dos fatores que mais prejudicava as atividades era a infraestrutura do espaço, pois de acordo com Satyro e Soares (2007, p.07) ela “afeta diretamente a qualidade da educação [...] influenciam diretamente no desempenho dos alunos”.

Este espaço, prefiro não chamar de escola pelas condições de infraestrutura e de recursos humanos, estava localizado em bairro vulnerável do município, com altos índices de violência, alcoolismo, drogas e prostituição. “Percebe-se que estas situações se agravam justamente nas parcelas da população onde há maiores índices de desemprego e de baixa renda dos adultos.” (BRASIL, 2005, p. 40)

Não dispunha na época de nenhuma instituição escolar do ensino fundamental, apenas de uma creche, do antigo projeto “casulo” que atendia as crianças dos 2 aos 5 anos. A abertura deste espaço oportunizou às crianças do bairro a estudar no próprio bairro, da 1ª a 4ª série, diminuindo então os índices de evasão escolar, já que a escola

que ofertava essas séries era bem distante do bairro. Nesse contexto, o município está de acordo com a LDB (1996), pois em seu art. 1º, inciso X, dispõe a seguinte redação “vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade”.

Neste espaço, eu lecionava pela manhã, a 1ª série, em uma turma composta por 42 crianças, que estudavam nesta creche do próprio bairro. Foi um momento muito difícil da minha vida profissional, apesar de ter tido uma experiência boa no meu estágio e, posteriormente, continuado com a turma até o fim do ano, a escola que eu havia estagiado era localizada no centro da cidade, na 4ª série e com menos alunos, 25 alunos.

A turma da 1ª primeira série era muito indisciplinada (também pelo número elevado de crianças), heterogênea em termos de aprendizagem e de famílias. Eu não conhecia o bairro, a não ser dos boatos que eram difundidos pela cidade: das brigas, drogas e da violência que ocorria lá. Apesar das dificuldades enfrentadas inicialmente, a secretaria de educação nomeou como coordenadora deste espaço a professora Irani, que residia no bairro e que conhecia a maioria dos pais ou famílias destas crianças, além de estar disponível em tempo integral para nos auxiliar. Esse fator foi essencial para que eu e minhas colegas pudéssemos nos alimentar naquela localidade e conseguimos realizar um trabalho educacional mais efetivo.

Em outubro de 1999, a Secretaria Municipal de Educação, inaugurou o prédio da escola, denominada “Escola Municipal Profª Maria de Lourdes Medeiros Cunha”, onde foram transferidas as salas de aula do espaço provisório e no ano seguinte, ampliaram-se a oferta para as turmas da 5ª à 8ª série. Neste ano, concluí o ano letivo com muitas experiências adquiridas, especialmente no tocante às questões sociais, e pude perceber o quanto elas podem interferir no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, também compreendi que as escolas precisam de profissionais que conheçam a realidade

dos educandos e que estejam sensíveis a esta realidade, pois, a partir deste contexto, os profissionais da escola puderam auxiliar muito mais os educandos nos seus problemas e desafios.

Partindo dessa premissa, Pimenta (2002) define que os professores se constroem como profissionais nas mais diversas situações: nos encontros de formações, nas conversas que ocorrem nas salas de professores e nos corredores da escola, na roda de conversas com amigos/colegas de profissão, entre outros lugares que cabe a reflexão sobre as suas vivências e práticas.

No ano de 2000, recebi o convite para assumir a coordenação pedagógica do turno vespertino desta escola, onde permaneci até o ano de 2001. Foi muito importante esta experiência, pois estava atuando na área que estava habilitada na minha graduação, no entanto, constatei que um dos maiores desafios naquela instituição, além da vulnerabilidade social, era a dificuldade que os professores tinham para planejar atividades em equipe. Era uma escola que funcionava nos três turnos, com realidades distintas, porém a equipe não conseguia planejar em conjunto. A escola enfrentava um sério desafio: precisava construir seu Plano Político Pedagógico (PPP) e organizar a documentação para enviar ao setor de inspeção escolar do estado.

A solução encontrada na época, era liberar aulas em alguns turnos e marcar as reuniões no outro, mesmo assim, a participação de todos não era viável, pois tínhamos colegas que lecionavam em outras instituições e/ou cidades e não conseguiam estar em outro turno diferente do que lecionava. Ressalta-se que o trabalho em equipe é base primordial para a construção da identidade dos agentes educacionais que pode ser ampliada durante o exercício da profissão e de acordo com a realidade do espaço onde atuam, sendo então “uma construção que exige constantes negociações entre tempos diversos do sujeito e ambientes ou sistemas nos quais ele está inserido” (VIANNA, 1999, p. 52). Apesar destes obstáculos, a equipe conseguiu

se organizar e construir o PPP, além de implementar diversos projetos que objetivavam ampliar a parceria da família na escola.

Os frutos deste planejamento foram percebidos no ano de 2001, quando a escola passou de 450 alunos, para 821 distribuídos nos três turnos de funcionamento. Apesar de ser uma escola localizada na periferia, o trabalho pedagógico foi muito bem planejado e realizado, e a credibilidade da comunidade aumentou, muitas crianças e adolescentes que estudavam na escola do centro da cidade (por causa do preconceito do próprio bairro, algumas crianças moravam ali, mas estudavam em outros bairros) passaram a estudar na escola. Outro fator determinante foi a abertura da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno. Assim, a escola pode também trazer para os bancos da sala de aula os pais dos educandos que estudam nos turnos matutino e vespertino, melhorando também a aprendizagem deles e a parceria família-escola.

Indubitavelmente, constata-se que a família e a escola devem atuar como parceiros na construção de um cidadão participativo e responsável frente a realidade da sociedade, no entanto, uma depende da outra para concretizar esse objetivo (PAROLIN, 2006).

Apesar de estar bastante satisfeita com o trabalho realizado na escola, a secretária de educação convidou-me para assumir a coordenação pedagógica da Escola de Ensino Especial José Luís no ano de 2003. Fiquei muito preocupada pois, até então, não tivera acesso a leituras, discussões e ao trabalho direcionado para as pessoas com deficiência, pois na graduação, ainda não fora inserida em disciplinas que discutiam esta temática.

Em 2002, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou a Resolução nº 1, que traça as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, com a prerrogativa de que as formações dos novos educadores deveriam contemplar

questões relacionadas à diversidade, habilidades, competências e especificidades das pessoas com deficiência. Ainda no tocante à formação de professores, a Lei n 10436/02 consolida a Libras como sendo a língua materna para os surdos, orientando também que nos currículos dos cursos de licenciatura e fonoaudiologia ocorresse a inserção desta língua, garantindo assim, uma formação mais próxima da nova realidade existente nas escolas e consultórios. Juntamente com a Libras, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) também autoriza o uso do Sistema Braille em todas as modalidades de ensino.

Em 2003, a formação de professores para educação inclusiva continuou sendo alvo de preocupações. As alterações previstas nos documentos oficiais supracitados buscavam assegurar a eficiência da educação para todos, como se encontrava disposto nas convenções que o Brasil havia assinado. As reflexões sobre os aspectos direcionados a diversidade na escola, não estavam muito presentes no contexto educacional, até a inserção da Política Pública de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva de 2008, pois esta direcionou-se também para as formações de todos os educadores, e não somente os que atuavam na educação especial (BRASIL, 2008), colocando assim, a responsabilidade pela educação das pessoas com deficiência em todos os agentes da escola.

A princípio, disse que não tinha interesse, preferia continuar na mesma escola, aleguei que não traria nenhuma contribuição para aquela escola, uma vez que as professoras que lá trabalhavam já estavam há muitos anos e tinham bastante experiência com o ensino destinado para pessoas com deficiência e eu pensava: “o que vou fazer ali?”. Meus argumentos não foram aceitos e fui trabalhar naquela instituição.

De acordo com a legislação brasileira vigente, as escolas especiais eram destinadas às pessoas que apresentavam deficiências, sendo um ensino paralelo com predominância de aspectos segregativos, normalizantes e assistencialistas (MARTINS, 2004; MANTOAN,

2006). Mesmo no ano de 2003, o Brasil já estava tecendo discussões a respeito do processo inclusivo nas escolas comuns, a cidade de Jardim do Seridó/RN, permanecia inerte a este processo. A escola José Luiz era bem estruturada: eram 2 salas de aulas que funcionavam nos dois turnos, manhã e tarde, com a matrícula de aproximadamente 45 educandos, com as mais diversas deficiências e idades. Tinham seis professoras, dois auxiliares gerais, uma gestora, um motorista, um cuidador para o transporte escolar (era exclusivo da escola). O motorista pegava os educandos em suas residências no início das aulas e os devolvia no final da aula.

A escola oferecia café da manhã e almoço para os alunos matriculados no turno da manhã e lanche e jantar para os que estudavam à tarde. Essa postura mostrava o caráter assistencialista do modelo educacional segregativo e ainda, acrescentava a superproteção dos pais para com seus filhos (JANNUZZI, 2004).

No entanto, após algumas semanas de observação na escola e apoiada nas leituras proporcionadas pela especialização que estava cursando: psicopedagogia institucional e clínica, percebi que, na verdade, a instituição, funcionava muito mais como um lugar para os educandos ficarem um turno do dia, para interação entre eles, para se alimentarem e realizarem outras atividades paralelas, menos para realizar um trabalho efetivamente pedagógico. Faltava planejamento dos professores, definição de metas e objetivos e, principalmente, acompanhamento sistemático das atividades diárias. Existiam livros que eram enviados das escolas para serem utilizados por esses alunos, para pintar, recortar e colar, passar o tempo.

Após algumas reflexões junto a Secretária de Educação a respeito desta realidade, iniciamos os estudos para modificar a realidade acima descrita. Nós tínhamos alguns alunos que faziam atendimentos especializados na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), na cidade vizinha, Caicó/RN distante 46 km. Isso

motivou-nos a conhecer esta instituição para compreendermos como seriam esses atendimentos, já que as mães falavam muito bem da instituição. Fomos eu e a secretária de educação à APAE, que nos proporcionou e ampliou as nossas percepções em relação ao trabalho pedagógico destinado às pessoas com deficiências. Nos falaram do processo inclusivo que estava sendo iniciado naquele município e as dificuldades que estavam apresentando os pais e a escola. Apontavam que os professores da escola regular não estavam preparados para receber as pessoas com deficiência e as demais crianças. Voltamos para nossa cidade cheia de ideias e preocupações, mas dispostas a modificar a realidade da escola José Luís. Percebe-se, nesse contexto, que de acordo Baptista (2011) a força motriz desta instituição, a oferta dos serviços globais: educação, saúde e assistência, os quais, geralmente, o poder público permanecia omissos.

Iniciamos as discussões com a equipe da escola, que a princípio não apresentou muito entusiasmo com o que estamos falando sobre os atendimentos da APAE. No entanto, uma professora falou que a APAE era filantrópica e que dependia de doações da sociedade e de recursos do Ministério da educação para ofertar os serviços. Mas que na cidade de Currais Novos/RN, distante 52 km da nossa cidade, existia um Centro de Reabilitação que funcionava há algum tempo e que era mantido pela prefeitura.

Eu e a secretária fomos visitar aquela instituição. Ao chegarmos lá, fomos recebidos pela gestora e coordenadora pedagógica que nos apresentaram a instituição, as salas e os profissionais. Quais os tipos de atendimentos, o funcionamento, os recursos e a organização do referido centro. Ficamos encantadas com a oferta deste modelo de atendimento, que muito se aproximava com o modelo inclusivo direcionado pela Declaração de Salamanca, a qual, o Brasil tornou-se signatário em 1994.

Indubitavelmente o processo inclusivo, entendido pela unificação da educação especial e regular trouxe também controvérsias a sua instalação, pois faltava definir como ficariam os serviços especializados, o apoio às classes comuns e o papel das instituições especializadas (SCRUGGS; MASTROPIERI, 1993; WILL, 1986). Nos argumentos dos defensores da manutenção do sistema integrativo, um dos mais destacados, direciona-se para a redução dos investimentos do modelo inclusivo em detrimento do anterior. Ou seja, na prática, a inclusão poderia enfatizar-se como a retirada dos serviços especializados que estavam apoiando as pessoas com deficiências e que eram ofertados pelas instituições filantrópicas-privadas (FERGUSON; FERGUSON, 1998).

De posse destas informações e documentos, voltamos confiantes que mudaríamos a Escola José Luís e, melhorariamos a oferta pedagógica às pessoas com deficiência. Marcamos uma reunião com o prefeito, a Secretária de Saúde e de Assistência Social, pois estas seriam as responsáveis pela implementação do Centro no nosso município. Na reunião, apresentamos a nossa proposta que, de início, foi questionada devido às despesas que a mesma traria para o município. No entanto, quando foi realizado um estudo sobre as despesas que o município tinha para levar as crianças para a APAE e a contrapartida que era paga a esta instituição, percebeu-se que era viável a implementação do Centro. O ano de 2003 foi muito intenso, mas terminamos com a proposta de implementação para 2004.

Através do decreto n.º 775 de 2 de fevereiro de 2004, o qual tinha o objetivo de “ofertar atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência”. Os atendimentos eram: serviço social, psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, apoio pedagógico e, ainda, aulas de arte. O símbolo do Centro demonstra o apoio que pretendíamos oferecer aos nossos usuários.

Figura 03 - símbolo do Centro de Reabilitação.



Fonte: dados da pesquisadora, 2004.

Os alunos da antiga escola “José Luís”, que estavam em idade obrigatória de estudar foram encaminhados para as escolas comuns e os demais permaneceram no Centro frequentando a sala de artes, que funcionou até o ano de 2017, quando estes foram transferidos para o Centro de Referência da assistência Social (CRAS). Não foi uma transição fácil, mas aos poucos, o processo inclusivo tornou-se realidade no município.

A partir da implementação do Centro, as professoras permaneceram na instituição, nos atendimentos de artes e apoio pedagógico, uma vez que muitos educandos precisavam do mesmo e tendo em vista que estavam frequentando a escola comum pela primeira vez. Ainda foi assegurado no regimento interno do Centro (2004) que “os atendimentos seriam ofertados para os educandos que eram encaminhados pela escola comum”. Esta decisão foi necessária, pois muitos pais queriam que seus filhos permanecessem apenas no Centro, negando-se a matriculá-los na escola comum e nós não queríamos que o modelo segregativo fosse instalado dentro do centro.

A Secretaria de Educação também ofertou aos educadores da rede e aos profissionais que atuavam no Centro, inclusive eu, diversos cursos de capacitação na área de educação inclusiva, objetivando assegurar uma melhoria no processo inclusivo, dentre eles: curso básico de libras I e II, curso de braille, Educação inclusiva: direito à diversidade, cursos e seminários nacionais oferecidos no estado do Rio Grande do Norte por instituições públicas, especialmente a UFRN. A participação nos cursos era destinada a todos os profissionais da educação, não apenas professores. Neste processo de formação, a intenção era que os participantes tivessem a oportunidade de repensarem, construir, ampliarem as concepções do aluno ideal, oportunizando então, a compreensão de que os indivíduos possuem características próprias, com possibilidades de ampliação de habilidades e competências. Ainda assim, seriam redefinidas a "infraestrutura escolar e dos recursos pedagógicos fundamentados na concepção de desenho universal" (BRASIL, 2015, p. 12).

A minha participação nestes cursos foi determinante para consolidação da minha prática pedagógica hoje e, especialmente, a consolidação de que estava na área certa. Percebi que a Educação Especial e Inclusiva se trata da área educacional em que os profissionais que nela atuam, e eles precisam estar em constante atualização dos conhecimentos uma vez que, cotidianamente, surgem novos estudos, novas deficiências, novas teorias, novas potencialidades. Tavares, Santos e Freitas (2016) reconhecem a importância da formação pautada na angústia pela percepção da formação inicial insuficiente, apontam também a necessidade de refletir acerca da prática docente e repensar a ação educativa. Destacam que nos encontros, deve ocorrer maior acesso à informação, não sendo apenas instrumental, mas pedagógica e reflexiva.

Como professora da educação básica, encontrava-me realizada profissionalmente, mas eu queria mais, muito mais, muitos planos e

sonhos... até que em 2009, aceitei o convite para assumir a cadeira de uma disciplina no ensino superior na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Para mim, foi um divisor de águas na minha formação acadêmica e profissional, cada vez mais, percebi o quanto este novo universo é encantador. Não obstante, esta realidade, meus sonhos, ampliaram-se e ao ser publicado um edital para professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN, no município de Caicó/RN. Diante desta oportunidade, fiz minha inscrição e fui aprovada, atuando como professora substituta por dois anos. Ao concluir o contrato como professora substituta, fui convidada para assumir o cargo de professora da Faculdade Católica Santa Teresinha em Caicó/RN. Apesar de ficar um pouco indecisa, resolvi assumir mais esta experiência, a qual permaneço até os dias atuais. Atuar no ensino superior é uma oportunidade ímpar na construção profissional dos professores, pois temos a oportunidade de orientar a construção dos sonhos e metas de jovens e adultos rumo a sua construção profissional.

Assim, a busca por novas aprendizagens, direcionava-me para o sonho de ingressar no mestrado, por este motivo realizei uma seleção em 2015, mas não obtive êxito. O sonho aparece com mais força em 2017, quando a UFRN ofertou o curso de mestrado profissional em “Inovação em tecnologias Educacionais”, sendo a primeira turma. No edital, estavam dispostas, duas linhas de pesquisas: Desenvolvimento de Tecnologias Educacionais e Práticas Educativas com Tecnologias Digitais. Por trabalhar com crianças atendidas nas Salas de Recursos Multifuncional (**SRMF**), fiz minha inscrição com o projeto Tecnologia Assistiva e a Sala de Recursos Multifuncional: as Contribuições para o Ensino e Aprendizagem dos Discentes com Necessidades Educacionais Especiais.

Sob o tema do projeto, Souza e Mendes (2017) dizem que as formações devem ocorrer conforme as demandas de atuação do professor, sendo importante promover a reflexão sobre sua própria

prática e possibilitar o planejamento das aulas para o uso de recursos da informática e Tecnologias Assistivas (TA) e seu uso adequado aos objetivos de aprendizagem. Nesse espaço de entendimento, as Tecnologias Assistivas devem ser inseridas nos processos de formação dos educadores, uma vez que estas devem contribuir para a efetivação do processo inclusivo, ampliando as aprendizagens dos educandos com deficiência.

Para minha alegria, fui aprovada conseguindo realizar os meus objetivos. A entrada nesse mestrado, possibilitou-me uma ampliação das aprendizagens e construção de novos sonhos e metas. Juntamente com a minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Izabel Hazin (UFRN) e minha coorientadora Prof.^a Dr.^a Taciana Pontual (UFRPE), conseguimos realizar dois estudos, em que o primeiro teve como objetivo mapear a realidade da implementação das **SRMF** no estado do Rio Grande do Norte e investigar a formação e experiências dos professores que atuam nestas salas. Por sua vez, o segundo estudo objetivou oferecer subsídios teórico-metodológicos aos educadores que atuam nas **SRMF** para o uso da tecnologia assistiva como instrumento dinamizador, composto por estratégias eficientes e potencializadoras do processo de aprendizagem dos discentes com deficiência intelectual, que frequentam estas salas.

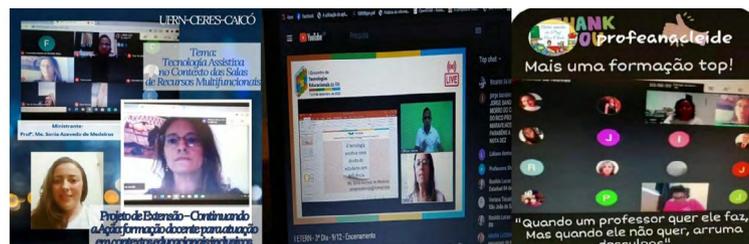
Realizou-se um diagnóstico do estado, a partir das análises construídas com as respostas dos secretários estadual e municipal de educação, juntamente com os depoimentos apontados pelos professores que atuam nas **SRMF**. A partir deste diagnóstico, constatou-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores são a falta de capacitação e de recursos materiais. A partir de tais achados, elaborou-se um *e-book*, que pode ser encontrado no endereço: <https://ebooksrmf.wixsite.com/oquepossofazer>, destinado a discutir a deficiência intelectual e estratégias de capacitação docente, tendo estes dois objetivos: a) problematizar acerca das potencialidades

das tecnologias assistivas disponíveis nas **SRMF**; e b) apontar estratégias de aprendizagem a partir do uso de tais tecnologias.

A partir da construção deste *e-book*, já consegui realizar algumas orientações aos professores que atuam nas **SRMF**, através de oficinas direcionadas aos educadores que atuam na 9ª Diretoria Regional de Ensino e Cultura (DIREC) do RN, como o título: Elaboração do Plano Educacional Individualizado (PEI) numa perspectiva colaborativa, oficina esta destinada para os professores da educação especial e das SRMF, coordenadores pedagógicos e gestores que atuam nos municípios que fazem parte desta regional de ensino.

Nessa mesma perspectiva, ainda fui mediadora no Projeto de Extensão oferecido pela UFRN/CERES. Continuando a ação e formação docente para atuação em contextos educacionais inclusivos. A minha oficina tinha como título: Tecnologias assistivas no contexto das Salas de Recursos Multifuncionais, cuja participação aproximou-se de 140 profissionais da educação que atuam na região do Seridó/RN. Ainda, ministrei o módulo intitulado Práticas pedagógicas para o atendimento aos estudantes com Deficiência Intelectual do Curso A Tecnologia Assistiva e as Possibilidades Para Práticas Pedagógicas Inclusivas em Contexto de Aulas Presenciais e/ou Não Presenciais, promovido pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer e realizado pela Subcoordenadoria de Educação Especial. Continuando com as contribuições do meu estudo realizado no mestrado, participei também do I Encontro de Tecnologias Educacionais do Rio Grande do Norte (I ETERN), com a participação de educadores nacionais, cujo tema discutido direcionava-se para a tecnologia assistiva como direito do estudante com deficiência. Abaixo, estão apresentados alguns registros dessas formações:

Figura 04 - registros das formações.



Fonte: acervo da pesquisadora, 2020.

Não satisfeita ainda com as aprendizagens, em 2019 fiz a seleção para o doutorado em Educação pela UFRN e fui aprovada com o título do projeto: A formação continuada de professores do Atendimento Educacional Especializado para práticas pedagógicas inclusivas no contexto da deficiência intelectual, cujo objetivo é a oferta de formação continuada que pode instaurar processos de estudos colaborativos e de aprendizagens do cotidiano, inclusive na possibilidade do favorecimento da inclusão dos educandos com deficiência intelectual. Sendo assim, o referido estudo ancora-se nos estudos de Prais e Rosa (2017) que asseveram que a inclusão pressupõe um professor preparado e capacitado para receber os alunos e que será por meio da formação em serviço que o professor deverá melhorar suas práticas inclusivas. Assim sendo, percebe-se neste contexto, que as formações devem estar pautadas em contextos reais das vivências dos educadores, de modo que estes consigam ressignificar as suas práticas à luz dos estudos realizados. Nesse mesmo contexto, Lima-Rodrigues (2017) aponta que a educação inclusiva sugere outras formas de ensinar e aprender, então o professor deve inserir métodos ativos de ensino apreendidos nas formações, de modo que percebam nas formações a possibilidade de construir novas estratégias pedagógicas capazes de alternar as possibilidades metodológicas praticadas pelo grupo em formação.

Corroborando com os estudos anteriormente citados, Casse-miro e Campos (2019) apontam a urgência de espaços de reflexão e crítica à cultura hegemônica como consolidação da necessidade dessas formações. Nesse contexto, as formações devem estar permeadas de espaços onde os educadores consigam analisar, refletir e apontar melhorias em suas práticas pedagógicas.

No contexto dos estudos no doutorado, a participação em alguns eventos na área de educação especial e inclusiva e, especialmente, os estudos dos componentes curriculares alargaram ainda mais as aprendizagens e, conseqüentemente, estão consolidando as potencialidades do sistema educacional inclusivo.

A entrada na escola José Luís, apesar de não ter sido planejada, proporcionou-me uma vivência apaixonante da minha profissão, saí da minha zona de conforto e deparei-me com uma área nova, que logo preencheu minhas expectativas, meus sonhos e metas. Não, eu não sou mais a mesma pessoa, a mesma profissional. A cada dia, quero muito mais aprender sobre aquele mundo encantador, sobre aquelas famílias, aquelas deficiências, as histórias, as dificuldades e conquistas de cada um e de todos. Tem-se nessa premissa o significado real da experiência, compreendida na perspectiva de Bondia (2002), como algo que é capaz de nos transformar, deixando marcas de aprendizagens.

Foram muitas conquistas, tínhamos dois alunos com paralisia cerebral, que foram alfabetizados e concluíram o ensino médio, uma aluna com deficiência visual, que nos ensinou braille, pois ela chegou já alfabetizada em braille e nós não sabíamos, temos uma criança com paralisia cerebral, onde foi necessário denunciar a mãe por maus tratos e abono de incapaz, e ela foi adotada por outra família, temos alunos com deficiência intelectual que são atletas, temos mães que não deixam seus filhos crescerem, que superprotegem, que choraram ao matricular na escola comum e que hoje dizem “a escola comum, foi a melhor opção, ele é muito mais feliz”, temos também, pais que amea-

çaram retirar seu filho da escola porque os professores não planejam atividades para eles, mas depois desistiram, quando foram orientados a procurar seus direitos. Temos crianças que ainda não conseguem escrever, mas que desenham perfeitamente, temos alunos que tocam bateria, namoram, sonham, choram, riem, temos pais presentes e mães negligentes e vice-versa. Enfim, somos uma instituição cheia de gente, com suas singularidades, mas que fazem do Centro o melhor lugar para se trabalhar, onde sempre digo: “esse é o lugar que você entra estressado e sai calmo”, que apesar das adversidades dos nossos usuários, eles sempre estão lá, com um sorriso para nos receber.

Figura 05 - agradecimentos do aluno.



Fonte: dados da pesquisadora, 2020.

Essas motivações e experiências muito influenciaram a continuar a minha formação, como Freire (2002) coloca, não estamos jamais prontos e neste inacabamento é que podemos melhorar cada vez mais como seres humanos e profissionais. Assim, foi na interação com o outro que me formei e me transformei (NÓVOA, 2007), tendo a certeza de que o conhecimento está sempre inacabado e que envolve uma complexidade de valores constantemente modificados e imergidos em um diálogo contínuo com nossas experiências práticas pessoais e profissionais (NUNES, 2013). E assim, nunca medi esforços para ofertar os atendi-

mentos cada vez mais qualificados, sempre me dispondo a participar de encontros de formação para discutir o contexto inclusivo nas escolas.

Hoje, 16 anos após a instalação do Centro, permaneço lá, não como coordenadora pedagógica, mas como psicopedagoga clínica, atendendo as crianças e adolescentes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. A nossa equipe mudou, pois, agora temos profissionais concursados, que proporcionam um melhor direcionamento das atividades do Centro.

Nesses anos de atuação na área de educação especial e inclusiva, foram inúmeros cursos de capacitação, mestrado e doutorado (cursando), objetivando compreender e principalmente, ofertar maiores possibilidades para o desenvolvimento das habilidades e competências das pessoas com deficiência.

Ressalto o quanto foi gratificante, refletir sobre a (re)construção da minha identidade profissional, percebo que após 28 anos da minha escolha profissional, o meu sonho de criança “tornar-me professora” realizou-se, tenho a convicção de que fiz e faria novamente esta opção, pois percebo que a partir dela, construí meus objetivos, atingi minhas metas e consigo realizar meus sonhos pessoais e profissionais. Reitero que ser professor hoje, como antes também era, é estar em um campo profissional que a sociedade ainda desvaloriza, porém, que o reconhecimento por parte de alguns (e muitos) alunos é fundamental para a permanência desta escolha. Fico muito feliz, quando encontro com ex-alunos que ainda me chamam “Tia Sonia”, que relembram das nossas aulas e falam das suas conquistas e, ainda, quando vejo na lista de convocados nos concursos públicos, nomes dos alunos que auxiliiei na construção da sua formação.

Por falar em conquistas, também me considero uma pessoa realizada, pois venho de uma família humilde, meu pai é um motorista aposentado, com ensino fundamental incompleto, mas que antes de

ser motorista fez de tudo, foi dono de bar, oleiro e agricultor, e minha mãe, aquela mulher guerreira com pouca instrução, costureira e dona do lar que tudo fazia para seus filhos (eu mais dois irmãos) estudassem e como ela diz “vencesse na vida”.

Figura 06 - meus pais e irmãos.



Fonte: dados da pesquisadora, 2020.

Apesar de ter casado muito cedo, construí uma família formada hoje por três filhos (duas meninas e um menino), uma neta, dois genros, uma nora e dois cachorros lindos e amados. Estes serviram de sustentação e motivação para as conquistas dos meus sonhos.

Figura 07 - esposo, filhos, neta e meus *doguinhos* amados.



Fonte: dados da pesquisadora, 2020.

No entanto, eu fui a primeira a concluir o ensino superior o que, para eles, foi motivo de muito orgulho, fato este, que estimulou minha irmã a ingressar no curso superior de Enfermagem, concluído em 2013. No entanto, meu irmão não seguiu a vida acadêmica, resolveu trilhar os caminhos de *painho* e é motorista. Fui a primeira a concluir o ensino superior, a terminar o mestrado e entrar no doutorado, espero que meus pais, digam em breve: “na minha família tem uma doutora”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria I.; PIMENTA, Selma G. *Estágios supervisionados na formação docente*. São Paulo: Cortez, 2012.

AMÂNCIO, Lígia *Masculino e feminino*. A construção social da diferença. Lisboa: Afrontamento, 1994.

BAPTISTA, Cláudio R. Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados. *Revista Brasileira de Educação Especial* [online], vol.17, p.59-76, 2011. ISSN 1413-6538. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382011000400006&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 10 de jan. 2020.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre experiência e o Saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [on-line], N° 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BRASIL. Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. Lei n.º 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que define e regulariza a organização da educação brasileira com base nos princípios presentes na Constituição. *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 20 de dez. De 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20

A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. Lei n.º 5672 das Diretrizes e Bases da Educação que Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 11 de agosto de 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. Lei n.º 11.258, de 30 de dezembro de 2005. Altera a Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social, para acrescentar o serviço de atendimento a pessoas que vivem em situação de rua. *Diário Oficial da União, Brasília, DF*, 30 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/572797#:~:text=ALTERA%20A%20LEI%208.742%2C%20DE,VIVEM%20EM%20SITUA%C3%87%C3%83O%20DE%20RUA>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. *Diário Oficial da União, Brasília, DF*, 2008.

BRASIL. Nota Técnica Nº 42. Orientação aos Sistemas de Ensino quanto à destinação dos materiais e equipamentos disponibilizados por meio do Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. MEC / SECADI / DPEE [Portal MEC] Brasília, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17656-secadi-nt42-orientacoes-aos-sistemas-de-ensino-sobre-destinacao-dos-itens-srm&Itemid=30192. Acesso em: 15 de fev. 2018.

CASSEMIRO, Maria. de F. P.; CAMPOS, Regina. H. de F. Formação de Professores para a Educação Especial - Propostas de Helena Antipoff e seus Colaboradores na Fazenda do Rosário nos Anos de 1960. *Revista brasileira de educação especial*. [online]. Vol.25, n.2, p.337-354, 2019. Epub 13-Jun-2019. ISSN1980-5470. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-653825190002000010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbee/a/mk8zxHgF5vFgHLPRyC4wWNx/?lang=pt>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

FERGUSON, Dianne L.; FERGUSON, Phillip M. The future of inclusive educational practice: construtive tension and the reform potencial for reflective reform. *Childhood Education*, v. 5, p. 302-308, 1998. DOI: [10.1080/00094056.1998.10521955](https://doi.org/10.1080/00094056.1998.10521955). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00094056.1998.10521955>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HOLTZ, Maria. L. M. *Lições de Pedagogia empresarial*. Sorocaba/São Paulo: DHL, 1998. p. 12.

JANNUZZI, Gilberta. S. de M. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2004.

LIMA-RODRIGUES, Luiza. M. S. Formação ativa e expressiva de professores: “bagunçando o coreto” para estimular a inclusão. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28428>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MAGALHÃES, Rita de C. B. P. Aprendiz de mim mesma: travessias de uma professora/pesquisadora em educação especial, 2014. *In*: Maria Marina Dias Cavalcante; José Albio Moreira de Sales; Isabel Maria Sabino de Farias; Maria do Socorro Lucena Lima. (Org.). *Didática e a prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. 1ed. Fortaleza: Editora da UECE, 2015, v. 4, p. 882-896. Acesso em: 21 nov. 2020.

MANTOAN, Maria T. E. *Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo, Moderna, 2006.

MARTINS, Lúcia de A. R. Da educação especial à inclusiva: um longo caminhar. *In: Educação inclusiva: uma visão diferente*. Markus Figueira da Silva (org.). 2 ed. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2004. (Coleção pedagógica nº 5).

MAZZOTTA, Sandra M. Z. L. *Educação Especial no Brasil*. História e Políticas Públicas, São Paulo: Editora Cortêz, 1999.

NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

NUNES, Dalma P. N. A. A construção da docência universitária: a percepção dos professores no processo de socialização. Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos, *Anais*. 2013. v. 1. p. 30-41. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/27911>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PAROLIN, Isabel C. H. *Aprendendo a incluir e Incluindo para aprender*. São José dos Campos-SP: Pulso Editorial, 2006.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012. P. 112.

PIMENTA. Selma G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PRAIS, Jaqueline L. de S.; ROSA, Vanderley F. *A Formação de professores para inclusão tratada na Revista Brasileira de Educação Especial: uma análise*, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/19833>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SATYRO, Natália; SOARES, Serguei. *A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005*. Brasília: IPEA, 2007, p. 07.

SCRUGGS, Tomas E.; MASTROPIERI, Margot A. Special Education for the 21st Century – Integrating Learning – Strategies and thinking skills. *Journal of Special Education*, v. 27, n. 1, p. 1- 15, 1993. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8354942/>. Acessado em 20 de novembro de 2020.

SILVA, Wagner R. Estudos do Letramento do professor e formação inicial nos estágios supervisionados das licenciaturas. In.: SILVA, W. R. *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura*. São Paulo: Ed. Pontes Editores, 2012, p. 27-49.

SOUZA, Christiane T. R.; MENDES, Eniceia. G. Revisão Sistemática das Pesquisas Colaborativas em Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar no Brasil. *Revista Brasileira Educação Especial* [online]. Vol. 23, n.2, 2017, p.279-292. ISSN 1980-5470. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382317000200009>. Acesso em: 20 dez. 2020.

TAVARES, Lígia M. F. L.; SANTOS, Larissa M. M.; FREITAS, Maria N. C. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. *Revista Brasileira Educação Especial*. [online]. Vol.22, n.4, 2016, p.527-542. ISSN 1980-5470. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382216000400005>. Acesso em: 20 dez. 2020.

TIMM, Edgar Z.; ABRAHÃO, Maria H. M. B.. A história de vida na docência na Educação Superior e o desenvolvimento humano do professor. *Revista de Educação do Cogeime*, v. 24, n. 46, 2015, p. 123-143. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/376>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIANNA, Cláudia. *Os nós do “nós”*: crise e perspectiva da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999. P. 52.

WILL, Madeleine. Educating children with learning problems: a shared responsibility. *Exceptional Children*, v. 52, 1986, p. 411-415. Disponível em: <https://mn.gov/mnddc/parallels2/pdf/80s/86/86-ECP-MCW.pdf>. Acesso em 10 nov. de 2020.



3

Alexsandra Felix de Brito

Fredy Enrique González

História de um grande amor: ser professora da “ciência dos números”

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.68-100

INTRODUÇÃO

Durante a disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre a formação, a identidade e a profissionalização docente”, oferecida no período 2020.2 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — PPGEd/UFRN, nosso excelente Mestre, Fredy Enrique González, foi um verdadeiro exemplo de Professor Ativador, que muito favoreceu na autonomia intelectual dos seus alunos ao despertar em nós o espírito de pesquisador reflexivo e crítico, bem como ao valorizar nossos sonhos, trajetórias de vida, acordar potenciais e estimular o avanço por meio da superação de dificuldades que limitam nosso processo de formação acadêmica e profissional.

Foi cursando essa disciplina que eu e os demais alunos fomos desafiados e estimulados a produzir nossas narrativas autobiográficas, estabelecendo relações com as riquíssimas reflexões sobre os temas de formação, identidade e profissionalização docente, discutidos durante as aulas.

Neste texto apresento uma narrativa autobiográfica, sob a orientação do Professor Fredy Enrique González, com o objetivo de descrever e refletir sobre minha história de vida na perspectiva escolar, acadêmica e profissional, dando ênfase aos principais momentos e assuntos de estudo/pesquisa que marcaram essa trajetória, bem como as experiências que despertaram o meu gosto pela Matemática, isto é, uma história de um grande amor que me levou a ser professora da “Ciência dos Números”.

Este trabalho se caracteriza como um estudo/relato reflexivo de natureza qualitativa na categoria de narrativa autobiográfica que, de acordo com Passeggi (2016, p. 111):

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar a sua própria história e de refletir sobre ela.

Neste sentido, esta autora entende a reflexividade autobiográfica como uma “disposição humana para refletir sobre si e as experiências vividas”. E o uso da narrativa autobiográfica numa perspectiva de prática pedagógica possibilita a ressignificação da experiência no processo de formação docente. Ainda sobre as contribuições, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91), por meio da narrativa “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”.

MINHA HISTÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL

Importante evidenciar que a minha caminhada escolar (em todos os níveis) se deu em instituições públicas de ensino, não só por falta de condições financeiras ao pertencer a uma família de classe baixa que morava em um bairro de periferia na cidade de Campina Grande-PB, mas por ainda acreditar na possibilidade de superação de desafios diversos que existem na educação pública, bem como a perseverança em querer avançar e conquistar uma carreira acadêmica, independente dos obstáculos.

Era um grande objetivo de minha mãe (*in memoriam*) ver seus quatro filhos estudarem, mesmo em instituições públicas, e conseguirem se formar na universidade e, para isso, ela acreditou, sonhou, declarou e fez o possível até que conseguiu ver seu sonho realizado. Os seus quatro filhos se formaram em: pedagogia com posterior mestrado em educação (eu); matemática com posterior

mestrado e doutorado (minha irmã); direito (meu irmão mais novo) e Engenharia Elétrica (meu irmão mais velho).

Nossa mãe tinha consciência do valor do estudo e o quanto isso seria importante para o futuro de seus filhos. Na verdade, ela queria que nós conquistássemos o que ela não teve direito, pois sempre costumava falar: “eu não pude estudar, mas quero que todos os meus filhos estudem e se formem para, no futuro, terem uma vida melhor”. Minha mãe “mal aprendeu a ler e a escrever”, pois durante a sua infância e juventude, nas décadas de 1960-1970, não teve condições de continuar seus estudos chegando a cursar apenas até a 1ª série (atual 2º ano do Ensino Fundamental) por consequência de, além de pertencer a uma família de condições extremamente humilde, precisava caminhar duas horas a pé para poder chegar numa escola localizada na região do Cariri no interior da cidade de Pocinhos-PB, como depois também precisou parar os seus estudos porque precisava trabalhar na plantação de agave para ajudar no orçamento da família.

Portanto, nossa mãe foi o primeiro exemplo que tivemos de uma pessoa que acreditava nos estudos e que conscientizou os seus filhos de que valeria a pena investir e superar as dificuldades para conseguir estudar e nunca desistir de avançar. Era uma mãe que não media esforços e chegou a trabalhar em atividades diversas como, por exemplo, criar porcos para depois vender e ter condições de comprar os cadernos e lápis para os filhos estudarem. Minha mãe faleceu em 2018 (descansou no Senhor), mas cumpriu sua missão de forma admirável e deixou um grandioso legado de frutos com princípios de amor, esperança, perseverança e conquista que serviu e serve de base e referência na nossa caminhada de vida pessoal e profissional. Assim, nesta parte inicial da narrativa, quero expressar minha gratidão a minha mãe guerreira que tanto sonhou e lutou junto comigo para que fosse construída esta linda história de um grande amor: ser professora da “ciência dos números”.

Também foram contempladas, nesta produção, as minhas experiências diversas em participação de projetos de ensino, pesquisa e extensão, publicação de trabalhos, eventos educacionais, atividades na pós-graduação, grupos de pesquisas e atuação na formação inicial e continuada de professores.

CAMINHADA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Durante a infância, eu gostava muito de brincar e isto me permitiu a várias experiências² relacionadas à formação do pensamento: observar, comparar, classificar, ordenar, excluir, complementar, unir, distribuir e outras ações, estiveram presentes nas minhas atividades fora da escola.

Ingressei na escola com cinco anos de idade e fui direto fazer a alfabetização, que hoje equivale ao primeiro ano do Ensino Fundamental, pois na época (início da década de oitenta) ainda não existia Educação Infantil nas escolas públicas do Brasil, apenas existia a educação pré-escolar. Tive uma Escola Primária com uma abordagem essencialmente tradicionalista. Porém, minhas professoras eram competentes para esse tipo de prática e “um tento” elas marcaram, foram amáveis até demais, traduzindo muita autoestima em minha vida. Sobre a importância de se ter uma boa convivência durante o processo de formação, Nóvoa (2007), explica que o ser humano ao longo de sua

² Teoricamente, estas atividades podem ser consideradas como operações de pensamento no sentido do tratamento que foi dado por Raths (1977), isto é, compondo um grupo de atividades que tem como objetivo aguçar o pensamento cognitivo por meio da mobilização de alguns conhecimentos. Dentre estes, podemos destacar o da comparação, classificação, imaginação, interpretação, etc. Ainda segundo este autor, o nível básico das operações de pensamento é o processo de conceituação: inclui a habilidade de identificar características sutis de objetos, de identificar hierarquias e de classificá-los em categorias. De acordo com Piaget as operações básicas do pensamento são classificação e seriação.

história se forma e se transforma em interação com outros. Portanto, compreender como uma pessoa formou-se é encontrar relações entre a pluralidade de suas trocas e vivências internas ou externas nos diversos momentos de sua vida.

Eu apresentei facilidade e identificação com as atividades de matemática desde a primeira fase do Ensino Fundamental. Em todos os anos, matemática era a disciplina que mais gostava, na qual apresentava o meu melhor desempenho nas avaliações escolares.

No primeiro ano do Ensino Médio (Científico) esta minha identificação com a Matemática ficou ainda mais evidente, apesar de as aulas de matemática terem uma abordagem tradicional. Foi nessa época que comecei a pensar em um dia ser professora e descobrir outras maneiras mais interessantes de ministrar aulas, inclusive da tão abstrata matemática. Em que pese não gostar da forma como as aulas eram ministradas, muito me esforçava e obtinha bons resultados nas tradicionais provas. Lembro que eu obtive notas máximas em todas as avaliações dos quatro bimestres e, mesmo sendo uma pessoa tímida, costumava ajudar os colegas de sala tirando as dúvidas deles e o próprio professor da disciplina, ao observar o meu desempenho, me orientou a seguir carreira na área de matemática. Também tive o apoio da minha tia Iracema Brito, professora primária, que muito me incentivou a seguir a carreira docente. Então, decidi que queria ser professora e, no ano seguinte, comecei a cursar o Pedagógico, que é um curso de formação de professores em nível médio, oferecido por uma escola da cidade de Campina Grande-PB denominada Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia.

Sobre escolher ser professor, de acordo com Pimenta (2002 *apud* BESUTTI *et al.* 2017, p. 264):

A identidade profissional do professor é construída, dinâmica e constantemente, pelo significado que cada professor confere à sua atividade. Esse significado deriva dos seus valores, de

seu modo de se situar no mundo, de sua história de vida, das representações, dos saberes, das angústias, dos desejos e, é claro, do sentido que tem em sua vida o fato de ser professor.

Este referido Curso Pedagógico me daria condições para começar a atuar como educadora, dando aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Séries Iniciais do 1º Grau), isto é, trabalhar com a educação de crianças, que é uma área que eu também comecei a ter interesse, vislumbrando que, posteriormente, poderia ampliar a minha atuação como professora fazendo um Curso Superior. Durante os dois anos que passei no Curso Pedagógico (segundo e terceiro anos do Ensino Médio), eu continuei me identificando com as disciplinas de matemática e apresentando um bom desempenho, quando a grande maioria dos alunos apresentava dificuldades, principalmente no domínio do conteúdo. Era um curso de formação inicial de professores em que a Matemática era considerada como o “bicho papão” do curso, disciplina que tinha maior índice de repetência, mas que seria objeto de ensino daqueles futuros professores.

Avalio que durante o Ensino Fundamental e Médio eu tive bons e razoáveis professores de Matemática, os quais tinham um “bom domínio” do conteúdo, mas faltavam explorar caminhos metodológicos criativos que possibilitassem um melhor processo de ensino e aprendizagem que alcançasse a maioria dos alunos. Em todas as turmas que eu estudei, lembro que a maioria dos estudantes tinha grandes dificuldades com matemática.

Algo que também me ajudou foi que eu era uma estudante autodidata, pois gostava de descobrir os caminhos que levavam aos resultados dos problemas matemáticos e, desta forma, fui conseguindo desenvolver uma facilidade nesta área do conhecimento. Apenas no último ano do Ensino Médio, do Curso Pedagógico da Escola Normal, foi quando tive um pouco de experiência com o estudo da matemática por meio da exploração de materiais manipulativos na

disciplina “Didática da Matemática”, dando início a minha admiração por esta área do conhecimento.

No final do último ano do Ensino Médio, realizei vestibular para dois cursos: Licenciatura em Pedagogia (na UFPB – atual UFCG) e Licenciatura em Matemática (na UEPB). O Curso de Pedagogia me forneceria todo um conhecimento pedagógico relacionado ao processo de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental, enquanto que o Curso de Matemática iria me possibilitar avançar no estudo dos conteúdos da matemática para também ser professora nesta área nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, pois, até aqui, eu ainda não tinha o objetivo de ser professora no Ensino Superior. No entanto, passei no vestibular da UFCG, mas não consegui passar no vestibular da UEPB porque fui reprovada na etapa da redação por ter ficado muito nervosa e não tive condições de produzir o texto solicitado.

Diante disso, a possibilidade e o sonho de ser professora de Matemática ficaram adormecidos. Então, comecei a estudar Pedagogia na UFCG com o propósito de ser professora primária, pois não tinha conseguido passar no vestibular para Matemática na UEPB, mas eu continuei gostando muito de Matemática.

ALUNA DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA: EXPERIÊNCIAS COM A MATEMÁTICA

No mesmo ano que eu iniciei no Curso de Pedagogia da UFCG, também comecei a dar aulas para crianças em uma turma da 3ª série (atual 4º ano) de uma escola particular pequena, localizada no bairro de periferia no qual eu morava, e ganhava apenas meio salário mínimo, sem carteira assinada. No ano seguinte, passei a lecionar em

outra escola privada maior, mas, em pouco tempo, decidi sair desta escola e fui dar hora-aula, com contrato temporário, numa escola pública em turma de alfabetização, no lugar de uma professora que entrara de licença maternidade.

No final deste segundo ano resolvi parar de ensinar/trabalhar em escolas para ter tempo e condições de me dedicar mais às disciplinas do curso de Pedagogia e, também, começar a participar de projetos da universidade. Neste tempo, passei a entender que teria a oportunidade de adquirir as experiências de lecionar em escolas após o término do curso superior e, enquanto eu estivesse como aluna da universidade, seria mais importante aproveitar as oportunidades para entrar nos projetos (ensino, pesquisa e extensão) e investir na minha carreira acadêmica, ter maior interação com professores e alunos da universidade, adquirir mais conhecimentos e enriquecer o meu currículo.

No terceiro período do Curso de Pedagogia, eu comecei a cursar a primeira disciplina de Matemática, ministrada pelo Professor Pedro Ribeiro Barbosa³, na qual tinha a proposta de trabalhar os conteúdos do bloco da Aritmética, hoje chamado de “Números e Operações”, tais como contagem, sistema de numeração e operações (em bases diversas: decimal e não-decimal), além dos assuntos de minimização (MMC), maximização (MDC), decimais e frações. Nesta disciplina, os conteúdos eram explorados por meio do modelo didático de Barbosa⁴ que propõe três tipos de representações: concreta (manipulação de materiais didáticos/concretos); gráfica (desenho das situações vivenciadas no concreto); e numérica/abstrata (registros numéricos de

³ Professor efetivo (Associado IV) na Área de Educação Matemática da Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (Campus I) nos Cursos de Licenciatura em Matemática e em Pedagogia. Doutor em Educação pela UFPE, Mestre em Educação pela UFPE, Licenciado em Matemática pela UEPB, Pedagogo pela UFPB e Licenciado em Química pela URNE. Coordenador do Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática – LAMADEM – da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

⁴ Modelo Didático desenvolvido pelo Professor Pedro Ribeiro Barbosa no início da década de 1990.

numerais e algoritmos), priorizando o uso do material concreto, intermediando com a representação gráfica até chegar ao abstrato.

Foi então, nessa experiência, que eu comecei realmente compreender os porquês dos processos que ocorrem na matemática e que, geralmente, são ensinados de forma mecânica nas escolas. Mergulhando em bases não-decimais, o estabelecimento de relações matemáticas e resolvendo situações (problemas/desafios matemáticos) concretamente por meio do uso de materiais manipulativos (Multibase, Dourado e outros), além das representações gráfica e numérica, descobrir que antes eu “não sabia contar”, bem como não compreendia as regras e estruturas do sistema de numeração e dos agrupamentos e reagrupamentos das operações como, por exemplo, o “vai um” e o “vem um”, o porquê de acrescentar zero no quociente da divisão, estrutura das casas decimais e os obstáculos epistemológicos que aparecem quando se entra no mundo decimal, o porquê de tirar o mínimo múltiplo comum na adição ou subtração de frações com denominadores diferentes e outras descobertas, pois esses tipos de experiências permitem estabelecer relações e compreender processos camuflados.

No quarto período do curso, eu cursei a segunda disciplina de matemática, na qual estudei assuntos de geometria e grandezas/medidas e continuei no processo de desconstrução de uma matemática pronta, “mecânica e tradicional”, apreendida durante os ensinamentos Fundamental e Médio, para a descoberta de uma matemática construtiva, significativa e prazerosa. Nisso percebi que o papel do professor não é dar respostas prontas, mas de organizar e mediar situações desafiadoras nas quais os próprios alunos vão realizar as descobertas e construir os conceitos matemáticos de forma compreensiva.

Cursei a terceira e última disciplina de matemática no quinto período do curso de pedagogia, na qual o Professor Pedro Ribeiro Barbosa desenvolveu com os alunos da turma um trabalho com maior investimento na parte metodológica. Nas duas primeiras disciplinas,

estudamos questões metodológicas e teóricas, mas o objetivo principal era trabalhar os conteúdos por se entender que quanto maior for o domínio do conteúdo do futuro professor, mais ele vai ter condições de se inspirar metodologicamente no ensino da matemática.

Portanto, durante essa última disciplina do curso, também tive a oportunidade de estudar questões metodológicas do processo de ensino e aprendizagem da matemática explorando outros materiais didáticos como Blocos Lógicos, Ábacos (aberto e fechado), Sorobã, Caixa de Equivalência, Cuisenaire, entre outros, pois este trabalho se caracterizou pela presença marcante de atividades práticas tendo como finalidade maior, levar o aluno a vivenciar experiências de ensino, sobretudo com o uso de materiais didáticos/manipulativos e, complementando a proposta desta disciplina, foram inseridas algumas reflexões teóricas das principais tendências no campo da educação matemática.

Importante ressaltar que cursei essas três disciplinas, citadas anteriormente, no espaço de Laboratório de Matemática⁵, experiência essa, que me permitiu um mergulho na manipulação de materiais didáticos/concretos, pois possibilitou um maior nível de compreensão dos processos matemáticos e estabelecimento de relações, diferente de quando se trabalha apenas através de representações gráficas e numéricas/abstratas.

Quando eu ainda estava cursando a terceira disciplina, tive a oportunidade de já começar a atuar como monitora em uma turma da disciplina de matemática do terceiro período do curso. Foi uma experiência riquíssima a qual fez me apaixonar mais pela matemática e identificar

⁵ Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática – LAMADEM – da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Laboratório este que vem permitindo avançarmos na construção de materiais pedagógicos, onde já temos um dos melhores laboratórios de matemática básica do país. Suas ações são desenvolvidas por meio de projetos de ensino, extensão e pesquisa na UFCG. Entre os trabalhos, destaca-se a criação de materiais pedagógicos, a melhoria de outros já existentes e sempre buscando caminhos metodológicos que facilitem à aprendizagem da matemática elementar.

a área específica que eu iria investir na minha carreira acadêmica. A partir de então, eu continuei sendo monitora de matemática até o final do curso de pedagogia, além de participar de outros projetos de pesquisa e/ou extensão. A seguir, estão listados os títulos desses projetos:

- Aluna participante do projeto (PROLICEN): “Capacitação dos professores da rede pública do município de Boqueirão” (ano: 1995);
- Aluna bolsista no projeto de extensão: “Uma Metodologia para o Ensino de Programação de Computadores” (períodos: 1995.2 e 1996.1);
- Monitora na disciplina “Introdução à Ciência da Computação – ICC” (ano: 1996.2);
- Projeto de extensão: “Alfabetização Matemática”⁶ (período: 1996.2 a 1997.1);
- Projeto de ensino/monitoria: “Novos Caminhos para o Ensino da Matemática”⁷ (ano: 1997);
- Aluna extensionista participante do projeto de extensão (PRO-BEX): “Matemática Prática à Luz dos Novos Parâmetros Curriculares”⁸ (ano: 1998);

⁶ A participação de professor (Pedro Barbosa) e aluna de Pedagogia nesse projeto tinha como principal objetivo orientar os professores de matemática do Departamento de Matemática, não só no tocante aos tópicos matemáticos mais importantes a serem trabalhados, como também, sugerir práticas metodológicas mais adequadas na capacitação dos professores. Ficou sob nossa responsabilidade a incumbência de ministrar parte dos cursos oferecidos aos participantes.

⁷ Como fruto desse trabalho, foi apresentado uma Exposição Pedagógica na I Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades. No mesmo ano, também foi apresentado uma Exposição Pedagógica no V Seminário de Avaliação da Monitoria, realizado na cidade de João Pessoa. Essa exposição foi premiada com o Troféu “Iniciação à Docência”.

⁸ Foi desenvolvido na Escola Municipal CEAI Governador Antônio Mariz, onde orientamos as professoras como trabalhar os novos tópicos propostos pelo MEC, além de testarmos materiais pedagógicos e outras técnicas de ensino que atendam melhor às crianças de rede pública. Trabalhamos com Educação Regular e Educação Especial (pessoas com deficiência visual).

- Monitora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “Melhoria do ensino de Graduação no Centro de Humanidades: enfrentando a repetência, a evasão e a desmotivação discente”⁹, nas disciplinas de Matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (ano: 1998).

Estas experiências de participar destes projetos de ensino, pesquisa e extensão me permitiram ampliar e aprofundar meus conhecimentos durante a minha formação acadêmica na graduação. Com isso, adquiri toda uma bagagem teórica e metodológica possibilitando ir além do que estudei nas disciplinas do curso.

A oportunidade de participação nos referidos projetos da área de informática se deu como fruto do intercâmbio de trocas de experiências com o Departamento de Sistemas, entre os professores Pedro Ribeiro Barbosa (UAE-UFCEG) e José Albos Rodrigues (UASC-UFCEG), sobretudo baseado nas nossas experiências de tornar o ensino mais significativo e prazeroso, a evasão e a repetência praticamente acabaram na disciplina de ICC (Introdução à Ciência de Computação). Foram introduzidas algumas mudanças nas práticas pedagógicas adotadas nas aulas. Dentre as mudanças, destaca-se o fato da disciplina passar a ser ministrada totalmente nos laboratórios de informática, incrementada com experiências metodológicas, sem ou com o uso da máquina. É bom lembrar que eu assistia às aulas e, ao término de cada uma, era feita uma análise dos aspectos pedagógicos. A metodologia adotada passou também a ser posta em prática pelos demais professores que lecionam a referida disciplina. Mais do que isso, é uma experiência que foi divulgada em eventos. Por fim, eu e o professor Pedro temos gratidão ao professor José Albos Rodrigues por nos proporcionar aprendizagens riquíssimas no campo da informática, pela oportunidade de podermos trocar experiências e compartilhar conhecimentos teóricos,

⁹ Nesse ano não houve a realização do seminário de avaliação na UFPB, mas em 1999, com a realização do evento, o projeto voltou a ser premiado.

pedagógicos e metodológicos, bem como a participação na publicação de artigos em eventos nacionais e internacionais.

No geral, procurei na graduação me envolver em projetos de ensino/monitoria, pesquisa e extensão, mas foi sem dúvida alguma, a experiência de monitora das disciplinas de Matemática do Curso que teve maior significado para a minha formação acadêmica e futuro exercício profissional, tornando-me, posteriormente, professora concursada das referidas disciplinas.

Durante o curso, também tive a oportunidade de participar do grupo Matematicando¹⁰, criado em 1997 pelo Professor Pedro Ribeiro Barbosa da UFCG/LAMADEM, a partir de então, as atividades de ensino, pesquisa e extensão no LAMADEM se ampliaram bastante. Foi objetivo maior desse grupo de estudos, estimular o trabalho pedagógico da matemática brincando. Havia um grande investimento no uso de materiais didáticos/manipulativos, muitos dos quais originais e voltados não só para jogos, mas especialmente como auxiliares metodológicos.

Com toda esta minha identificação e admiração com a área de Matemática, que foi crescendo durante a graduação, no último período (estágio) da Licenciatura em Pedagogia, eu escolhi o seguinte tema para o meu trabalho de conclusão de curso (TCC): Dificuldades na aprendizagem das quatro operações matemáticas, na qual realizei estudos teóricos, observações e desenvolvi atividades com uma turma de 4^a série (atual 5^o ano), tendo como orientadora de estágio a competente, responsável e dedicada Professora Maria Gorete de Medeiros da UFCG/CH/UAEEd, com a qual eu tive grandes aprendizagens teóricas, metodológicas e, principalmente, sobre encaminhamentos para escrita de um TCC.

¹⁰ MATEMATICANDO é um neologismo resultante das palavras matemática e brincando criado pelo Professor Pedro Ribeiro Barbosa, o qual usou pela primeira vez quando resolveu trabalhar matemática com crianças, de forma prazerosa, no Colégio Centro de Desenvolvimento Infantil - CDI.

Esse referido estágio, no final do curso, e o processo de escrita do TCC foram experiências riquíssimas, pois me permitiu refletir sobre questões teóricas no campo da pesquisa, nas leituras e produções escritas realizadas, como também, na prática do estágio com a turma, verificar que por meio da aplicação de atividades bem planejadas usando materiais manipulativos, seguindo de registros gráficos e numéricos, foi possível contribuir para que alunos que apresentavam dificuldades nas quatro operações matemáticas pudessem avançar na aprendizagem com significativa compreensão nos processos.

No final do curso de Pedagogia, em 1999, eu já estava com um currículo riquíssimo e, principalmente, com uma área, a matemática, já definida para seguir na minha carreira acadêmica, na qual eu decidi continuar investindo na Pós-Graduação e na minha vida profissional. Com isso, eu estaria assumindo uma profissão que melhor permitisse contribuir na formação do pensamento matemático e da sociedade.

Portanto, antes de ingressar como aluna na UFCG, eu já gostava de matemática, mas, foi no Curso de Licenciatura em Pedagogia que eu realmente passei a amar mais a disciplina e descobri ser possível concretizar o sonho da minha adolescência de melhorar o ensino da "Ciência dos Números". Apreendi os porquês de processos matemáticos e, principalmente, me identifiquei com a matemática dos anos iniciais como área de atuação profissional, ou seja, defini investir na minha carreira acadêmica para ser docente do Ensino Superior como formadora de futuros professores dos anos iniciais. A minha identidade profissional eu só descobri e defini durante o curso de Pedagogia da UFCG, a saber: Formação de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na área de matemática.

Tive, no Curso de Pedagogia, um grande educador em matemática, o professor Pedro Ribeiro Barbosa, que muito me estimulou e continuou ajudando em toda minha caminhada acadêmica e pedagógica. Por seu intermédio, vi na prática a possibilidade de trabalhar com os

“números”, respeitando o mundo das crianças. Ser sua aluna e, depois, sua monitora nas disciplinas de matemática na graduação, como também compartilhar a participação em projetos de pesquisa e extensão, foi imensamente enriquecedor e fundamental para a minha formação.

Durante esse tempo trabalhando nos referidos projetos na área de matemática, o professor Pedro Ribeiro Barbosa me incentivou a fazer o Curso de Licenciatura em Matemática para que eu pudesse ter uma formação mais ampla e com o objetivo de ser uma PEDAGOMÁTICA (Pedagogia + Matemática). Com isso, eu decidi fazer novamente o vestibular para o Curso de Matemática na UEPB no ano que a minha irmã também fez para o mesmo curso. Eu e minha irmã conseguimos passar no vestibular da UEPB, mas ela avançou no curso, terminou e seguiu carreira acadêmica na área da Matemática Pura. Por causa das atividades de trabalho e de estudo (ainda terminando Pedagogia e depois entrei na Pós-Graduação), eu iniciei, mas não concluí o curso de matemática, pois ainda ficaram faltando em torno de 7 disciplinas (20% do Curso). Hoje, eu não pretendo mais concluir o curso de matemática porque tenho outros projetos acadêmicos para o futuro: investir na Pós-Graduação e na docência do Ensino Superior.

CURSANDO O MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Cursei o mestrado em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco — UFPE/Recife, na Linha de Pesquisa Didática de Conteúdos Específicos — Área de Matemática, sob a orientação da professora Dr.^a Paula Moreira Baltar Bellemain.

Iniciei o primeiro período do mestrado com muitas mudanças e desafios a serem enfrentados, pois precisei ir morar em Recife em

um apartamento pequeno com a minha prima e o meu primo que já residiam na referida cidade, dormia em um colchão no chão, na época estava desempregada (já havia encerrado o meu contrato de professora substituta da UFCG), ainda não conseguira bolsa e precisei sobreviver com as contribuições da família e de amigos. Algo que me ajudou foi este apartamento, onde fiquei morando em Recife, ser próximo a UFPE e era possível fazer o trajeto de ida e volta caminhando, sem precisar ter despesas com transporte/ônibus, os meus primos também foram bem compreensíveis com a minha situação em não poder ajudá-los como deveria nas despesas diversas. Foi um tempo difícil no qual estava com problemas financeiros, mas decidida a enfrentar e perseverar. Mas, quando estava no segundo semestre do curso, eu consegui uma bolsa do CNPQ e passei a me dedicar ao Mestrado com tranquilidade na área financeira.

O título da minha dissertação foi: Um estudo sobre a influência do uso de materiais manipulativos na construção do conceito de comprimento como grandeza no 2º ciclo do Ensino Fundamental. Assim, cursando o mestrado em educação, pesquisei um tema da área de educação matemática trazendo como objeto de estudo um conteúdo das grandezas geométricas (comprimento) e o aspecto do uso de materiais manipulativos no processo de ensino e aprendizagem. Segue o resumo da referida pesquisa que desenvolvi no curso de mestrado:

Esta pesquisa insere-se nas investigações desenvolvidas pelo Grupo Pró-Grandezas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, e tem como objetivo geral investigar os conhecimentos-em-ação, mobilizados por alunos do 2º Ciclo do Ensino Fundamental, na resolução de problemas envolvendo comprimento no ambiente papel e lápis e com uso de materiais manipulativos. Este trabalho se fundamentou no modelo didático para o conceito de área proposto por Douady e Perrin Glorian (1989), no qual identificam-se três quadros a diferenciar o geométrico, o das grandezas e o numérico, adaptando-o ao estudo da construção do conceito de comprimento. A parte experimental deste trabalho principiou pela elaboração e reali-

zação da análise a priori de um teste diagnóstico, constando de situações-problema de comparação e produção, que foram resolvidas por alunos de uma turma de 4ª série, em dois momentos: no primeiro, a aplicação foi realizada no ambiente papel e lápis, enquanto que, no segundo, os alunos usaram materiais manipulativos. A análise a posteriori das atividades constituiu-se na parte final da pesquisa, que levou a conclusões e propostas de novas investigações visando a uma sequência de ensino do conceito de comprimento como grandeza. (BRITO, 2003, p. 16)

Durante o mestrado em educação, eu também fiz parte do Grupo de Pesquisa (cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPQ) denominado “Pró-Grandezas¹¹” que se destaca em nível nacional por se dedicar ao estudo específico das grandezas.

Antes do Mestrado, a minha maior experiência de estudo e trabalho com os conteúdos da matemática era com o bloco da aritmética (números e operações) e, com isso, existia uma carência de ter uma oportunidade de estudar mais e poder ampliar os meus conhecimentos no campo das grandezas e medidas e, mais especificamente, das grandezas geométricas. Assim, o mestrado contribuiu para o estudo e produção de conhecimento sobre um tema importante para a minha formação e atuação profissional.

Cursando disciplinas do mestrado e participando do Grupo de Pesquisa Pró-Grandezas, também foi possível ampliar meus conhecimentos no sentido de aprender sobre os principais estudos (pilares teóricos) do campo de pesquisa da educação matemática (Didática da Matemática Francesa), tais como: Contrato Didático e Situações Didáticas (Brousseau), Campos Conceituais (Vergnaud), Transposição Didática (Ives Chevallard), Obstáculo Epistemológico (Bachelard),

¹¹ Este grupo foi criado no ano 2000 em torno de um projeto de pesquisa para o ensino dos conceitos de comprimento e área, proposto pelo PRÓ-MATEMÁTICA – Programa integrante da cooperação técnica da Embaixada da França com o Ministério da Educação e do Desporto do Brasil que, segundo Pires (1999), tinha como intuito a melhoria da formação inicial e continuada dos professores que trabalham com Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental (BARBOSA, 2002, p. 2)

Engenharia Didática (Artigue), Dialética Ferramenta-Objeto (Douady), Registros e Representações (Duval), entre outros.

De acordo com Pais (2003, p. 10), a Educação Matemática “é uma grande área de pesquisa educacional, cujo objetivo de estudo é a compreensão, interpretação e descrição de fenômenos referentes ao ensino e à aprendizagem da matemática, nos diversos níveis da escolaridade, quer seja em sua dimensão teórica ou prática”. Ainda segundo este autor, é importante fazer a diferenciação entre educação matemática e didática da matemática por não se tratar apenas de um problema de tradução, pois, na França, “esta última expressão é usada para representar a própria área de pesquisa educacional da matemática” (PAIS, 2003, p. 10). Assim, para melhor esclarecer esta diferença, temos o seguinte conceito:

A didática da matemática é uma das tendências da grande área da educação matemática, cujo objeto de estudo é a elaboração de conceitos e teorias que sejam compatíveis com a especificidade educacional do saber escolar matemático, procurando manter fortes vínculos com a formação de conceitos matemáticos, tanto em nível experimental da prática pedagógica, como no território teórico da pesquisa acadêmica. (PAIS, 2003, p. 10)

Por conseguinte, a experiência do mestrado me capacitou para a pesquisa científica e ampliou meus conhecimentos teóricos no campo da educação matemática. Também posso afirmar que essa foi uma aventura extraordinária na qual mergulhei no mundo teórico de descobertas matemáticas que antes não conhecia, além da oportunidade oferecida de fazer novas amizades e compartilhar conhecimentos com alunos e professores da Pós-Graduação que tinham os mesmos interesses na área da pesquisa científica.

Mister se faz ressaltar que a minha orientadora, professora Paula Moreira Baltar Bellemain, teve um papel fundamental no meu processo de formação durante o mestrado, pois ela foi uma grande e verdadei-

ra “mãe intelectual”, com a qual eu aprendi inúmeros conhecimentos sobre pesquisa científica e do campo teórico da educação matemática, sobretudo no que diz respeito às grandezas e medidas. Assim, a professora Paula contribuiu significativamente para que eu crescesse como pesquisadora, pois ela foi extremamente competente, atenciosa e dedicada em todos os momentos de orientação da pesquisa, tenho reconhecimento e gratidão por sua postura humana, ética e profissional.

Depois que concluir o mestrado, em 2003, foi incrível e notório o quanto eu entrei em outro nível na minha formação acadêmica como pesquisadora, como também se ampliaram as oportunidades profissionais, pois com o título de Mestre passei a ter direitos que antes não tinha como, por exemplo, participar de concursos para professor do Ensino Superior, dar aulas em faculdades particulares, ser membro de bancas examinadoras, participar de projetos de pesquisa da universidade, etc. Portanto, muitas portas foram abertas após conquistar esta etapa do meu processo de formação e passei a viver um novo tempo no universo acadêmico, profissional e científico.

PROFESSORA DA ÁREA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Posso dizer que a UFCG é uma segunda casa que eu tenho de toda uma trajetória de vida acadêmica, pois além do tempo que passei nesta instituição como aluna do curso de pedagogia, eu possuo duas experiências como professora na UFCG, a primeira foi como substituta durante 8 anos (1999 a 2001; 2003 a 2009), a segunda foi a partir de janeiro de 2011 quando ingressei como efetiva e continuo atualmente.

Foi nesta universidade que eu descobri uma forma diferente de trabalhar a matemática e a minha identificação profissional como docen-

te nesta área foi ampliada e confirmada. Então deixo aqui meu amor e gratidão por esta universidade pública que contribuiu enormemente no meu processo de formação, identidade e profissionalização docente.

**Figura 01 - Entrada da UFCG –
Campus de Campina Grande.**



Fonte: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/universidades/ufcg-universidade-federal-campina-grande.htm>

**Figura 02 - Pró-Reitoria de
Ensino (PRE) da UFCG.**



Fonte: <https://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/2521-publicada-nomeacao-do-professor-antonio-fernandes-como-reitor-da-ufcg.html>

Na UFCG atuo na área de educação matemática em atividades de ensino, pesquisa e extensão. No campo do ensino, eu sou professora das disciplinas de matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação (UAEd) aos Cursos de Licenciatura em Matemática e em Pedagogia.

As disciplinas que eu ministro aulas no Curso de Licenciatura em Matemática são as seguintes: “Metodologia do Ensino da Matemática I” e “Metodologia do Ensino da Matemática II”. Já no Curso de Licenciatura em Pedagogia são três, a saber: “Matemática Elementar”, “Matemática I na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental” e “Matemática II na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. No curso de Pedagogia também atuo em uma das sete áreas de aprofundamento, oferecidas no último período do curso, denominada “Educação Matemática” que contempla as seguintes disciplinas: “Ensino de Matemática na Educação Especial”, “Educação

Matemática de Jovens e Adultos”, “Instrumentos Tecnológicos no Ensino da Matemática” e “A Matemática na Educação do Campo”.

Durante décadas, a matemática tem se constituído como uma preocupação para profissionais da educação, razão pela qual alguns estudos vêm buscando respostas para os problemas oriundos do trabalho com esse campo do conhecimento. Considerando tal preocupação, surge mais intensamente, nas últimas três décadas, no âmbito mundial, o que hoje denominamos Educação Matemática, enfocando os aspectos que influenciam a relação entre o professor, o aluno e o saber matemático.

COMO PROFESSORA SUBSTITUTA

Durante o período (1999 a 2001 e 2003 a 2009) que passei na UFCG no contrato como professora substituta, além da ministração das aulas nas disciplinas (ensino), também foi possível desenvolver atividades de pesquisa e extensão, a seguir, estão listados os títulos dos projetos que participei:

- Professora orientadora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “Melhoria do ensino de Graduação no Centro de Humanidades: enfrentando a repetência, a evasão e a desmotivação discente”, nas disciplinas de matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (anos: 1999 e 2000);
- Professora sub-coordenadora e orientadora do projeto de extensão: “Capacitando, Aprendendo e Contribuindo – CACON” (período: agosto/1999 a abril/2000);
- Professora orientadora do Projeto de extensão: “Assessoria pedagógico para a 1.ª fase do Ensino Fundamental” (ano: 2000);

- Professora coordenadora e orientadora do projeto de pesquisa (PROLICEN): “MATEMATICANDO: elaborando um livro para construção e utilização de material didático convencional e informatizado na Educação Infantil e no Ensino Fundamental” (ano: 2000);
- Participação, como professora colaboradora, do Projeto de pesquisa (PROLICEN): “MATEMATICANDO: concluindo um livro sobre o material ‘Retângulos Criativos’ para ser trabalhado na Educação Infantil e no Ensino Fundamental” (ano: 2001);
- Professora orientadora, na área de Matemática, do projeto de extensão (PROBEX): “Assessoria pedagógico para Escola de Surdos de Gado Bravo” (período: 2004.1);
- Professora orientadora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “Ampliando a inserção qualificada do aluno na vida acadêmica”, nas disciplinas de Matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (ano: 2004);
- Coordenadora do projeto de extensão: “Socializando o uso do material pedagógico ‘Peças Retangulares Criativas’ através de cursos e da publicação de um livro teórico-metodológico”, que faz parte do Programa Fazendo e Aprendendo: por uma escola de qualidade pedagógica e social. Aprovado e financiado pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura – MEC (ano: 2004);
- Professora orientadora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “A Monitoria como um espaço no processo de qualificação do aluno na vida acadêmica”, nas disciplinas de Matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (ano: 2005);
- Professora orientadora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “A Monitoria como uma atitude formadora para

a docência nas novas metodologias da prática acadêmica e do trabalho”, nas disciplinas de Matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (ano: 2006);

- Participação, como professora orientadora da área de Matemática, da equipe executora do projeto de extensão: “Prática docente na escola pública de Ensino Fundamental: uma proposta de inovação”, que faz parte do Programa Fazendo e Aprendendo: por uma escola de qualidade pedagógica e social. Aprovado e financiado pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura — MEC (anos: 2004, 2005 e 2006).

Foram oito anos de muito crescimento acadêmico e profissional, sendo possível atuar em atividades diversas e também contribuir no processo de formação de muitas pessoas, seja na formação inicial dos alunos dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Matemática, seja na formação continuada ao participar de projetos de extensão e de pesquisa que, em suas atividades, contemplavam a ministração de cursos, orientação e acompanhamento pedagógico para professores da rede pública de ensino da região da cidade de Campina Grande-PB e de cidades vizinhas.

Nos mencionados projetos de pesquisa do PROLICEN (2000 e 2001) e também de extensão do MEC (2004) que se referem aos processos de elaboração, conclusão e publicação de um livro, tivemos como principal fruto o volume 1 da Série Materiais Didáticos¹², denominado “O material didático peças retangulares” (BARBOSA *et al.*, 2015), o qual trata de um material que é indicado, principalmente, para trabalhar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, também podendo ser explorado em disciplinas de Cursos Pedagógicos, Licenciaturas em Pedagogia e em Matemática. Inclui

¹² Essa é uma série destinada à publicação de livros que tratam especificamente de materiais didáticos e também inclui livros com reflexões mais abrangentes sobre o uso de tais recursos em sala de aula (BARBOSA *et al.*, 2015).

uma variedade de atividades/jogos que contribuem para a formação do pensamento e para o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos nos dois níveis iniciais de escolaridade.

COMO PROFESSORA EFETIVA

Durante este período que estou como professora efetiva da UFCG, desde o início de 2011, também desenvolvi atividades de pesquisa e extensão, além das de ensino. A seguir, estão listados os títulos dos projetos que participei:

- Professora orientadora do projeto de monitoria do Centro de Humanidades: “A Monitoria e suas múltiplas dimensões nas humanidades: interpretação, abstração e prática educativa”, nas disciplinas de Matemática oferecidas pela Unidade Acadêmica de Educação da UFCG (anos: 2011 e 2013);
- Professora coordenadora e orientadora, pela Unidade Acadêmica de Educação/UFCG, do projeto de monitoria: “A Monitoria e suas múltiplas dimensões nas humanidades: interpretação, abstração e prática educativa” (anos: 2014 e 2015);
- Sub-coordenadora do projeto de extensão: “Minicursos no LA-MADEM” (anos: 2015 a 2017);
- Professora coordenadora e orientadora, pela Unidade Acadêmica de Educação/UFCG, do projeto de monitoria: “A Monitoria: Traços Científicos da Prática Educativa para o Centro de Humanidades” (anos: 2016, 2017, 2018);

- Professora coordenadora e orientadora, pela Unidade Acadêmica de Educação/UFCG, do projeto de monitoria: “Consolidando a relação discente-docente, através da iniciação à docência e da prática pedagógica” (ano: 2019).

Sempre procurei dar uma atenção especial às atividades de monitoria, por entender que são práticas fundamentais de preparação para docência na vida acadêmica. Sou uma ex-monitora das disciplinas que leciono na Unidade Acadêmica de Educação da UFCG, e tenho colegas de trabalho, professores da área de educação matemática, que também são ex-monitores dessas disciplinas.

A monitoria tem fundamental importância no auxílio em nossas disciplinas, especialmente com o desenvolvimento de práticas pedagógicas com aulas no ambiente de laboratório, que demandam tempo, não só pela necessidade de confecção de materiais pedagógicos e pela aplicação dos mesmos, mas também por precisar dar acompanhamento mais individualizado, tanto durante a ministração das aulas, quanto em momentos de atendimentos extras aos alunos.

Neste tempo de atuação na UFCG como estudante e, depois, como professora, apareceram também oportunidades para a participação em eventos nas áreas de educação e de educação matemática para apresentar e publicar trabalhos, bem como ministrar cursos. É importante evidenciar que em todos estes momentos foram discutidos temas relacionados à matemática.

Na UFCG, venho realizando as minhas atividades internas no ambiente do Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática (LAMADEM), que tem favorecido para o desenvolvimento de metodologias que envolvem o uso de materiais manipulativos diversos já existentes, bem como a criação e teste de novos materiais.

Figura 03 - Fotos dos espaços do Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática (LAMADEM – UFCG).



Fonte: Arquivo pessoal.

O LAMADEM tem como objetivo maior, levar o aluno a vivenciar experiências de ensino e aprendizagem, sobretudo com o uso de materiais pedagógicos.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

- **Professora de Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** quando eu ainda era aluna de Pedagogia, pertinho de concluir o curso, tive a experiência de atuar como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental ao ministrar, especificamente, a disciplina de matemática em turmas de 3ª série (atual 4º ano), durante um ano e meio, no Colégio Imaculado Conceição (DAMAS) da cidade de Campina Grande-PB;

- **Membro da equipe pedagógica:** no ano de 2004, eu passei no concurso público para professora do Município de Campina Grande-PB, mas devido às experiências anteriores que eu já tinha, fui convidada para fazer parte da equipe pedagógica da Secretaria de Educação do município, na qual fiquei atuando durante seis anos (2004 a 2010) como formadora da área de matemática. Neste tempo, realizei atividades diversas participando de reuniões, estudos, planejamentos, ministração de cursos, acompanhamento de professores nas escolas, eventos e também fui tutora/formadora da área de matemática do Programa “Pró-Letramento” (MEC) de formação continuada, pela Secretaria de Educação, quando foi implantado na cidade de Campina Grande-PB. Sai da minha função na Secretaria de Educação do Município de Campina Grande (exoneração voluntária do cargo), no início de 2011, quando eu passei no concurso para professora efetiva da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);
- **Professora de Matemática em Faculdade particular:** antes de ingressar na UFCG, também fui professora do Centro de Ensino Superior de Santa Cruz (CESAC), no Curso Normal Superior (nível de graduação), durante cinco anos (2005 a 2009). Disciplinas que ministrei neste referido curso: “Matemática e sua Didática 1”; “Matemática e sua Didática 2” e “Matemática e sua Didática 3”;
- **Professora em Cursos de Especialização:** atuei na orientação de pesquisas (monografias), ministração de disciplinas e participação em bancas de defesa nos seguintes cursos de especialização:
 - PROEJA — Curso de Especialização — *LATO SENSU* (nível de Pós-Graduação), no ano de 2007. Orientação e ministração da disciplina “Resolução de problemas”.

- Curso de Especialização em Educação Básica da UFCG (nível de Pós-Graduação), no ano de 2016. Orientação e ministração da disciplina “Estudos Orientados”.
- Curso de Especialização em Docência em Educação Infantil da UFCG (financiado pelo MEC), nos anos de 2014 e 2016. Orientação e ministração da disciplina “Natureza e cultura: conhecimentos e saberes — Matemática”.
- **Experiências como formadora em Programas de formação continuada de professores:** participei dos seguintes programas de formação continuada de professores: Pacto Nacional para a Idade Certa - PNAIC/MEC (nos anos de 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018) e SOMA - Pacto pela Aprendizagem na Paraíba (nos anos de 2017, 2018 e 2019). Atuando em todos enquanto formadora da área de matemática;
- **Ministração de diversos cursos:** ministrei inúmeros cursos de matemática, em eventos educacionais e em instituições de ensino, para profissionais que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A maioria destes cursos estava relacionada às seguintes temáticas: didática da matemática, metodologia no ensino da matemática, formação de professores, materiais didáticos no ensino da matemática, jogos pedagógicos, processo de ensino e aprendizagem da matemática, números e operações, geometria, grandezas geométricas, dentre outras.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)

Após essas considerações sobre minha vida acadêmica e profissional, diria que as mesmas são testemunho vivo da relação com educação e, mais especificamente, no tocante à educação básica, o que justifica todo meu interesse pelo Curso de Doutorado em Educação/UFRN o qual atualmente estou cursando, desde o início do ano de 2020.

Por outro lado, no que se refere à pesquisa em si, vejo que a possibilidade de desenvolvê-la tendo como fio condutor um tema relacionado à matemática, será uma boa contribuição para a minha atuação profissional na área de educação matemática.

Assim sendo, a minha pesquisa no Doutorado está relacionada a uma temática diretamente ligada a área que atuo na UFCG, isto é, formação de professores e, mais especificamente, com o campo da Educação Matemática, tendo como tema “Saberes docentes para uso de materiais manipulativos no ensino da matemática”.

O meu orientador no Doutorado, Professor Fredy Enrique González, é um ser humano extraordinário, muito atencioso, prestativo, amigo, competente, responsável, ético, aberto ao diálogo, respeita os interesses de pesquisas dos seus orientandos e é muito rico de inteligência interpessoal. Deus escolheu a dedo meu orientador e tenho imensa gratidão por ele!

Cursar o Doutorado é um projeto de vida profissional, onde sinto necessidade de aprofundamento teórico, na busca de melhor equilibrar e estabelecer relações entre teoria e prática. Numa perspectiva coletiva, é pensar na possibilidade de futuramente orientar meus/minhas alunos/as, até mesmo estimulá-los/as na ação da pesquisa. Como também, po-

der contribuir com a Unidade Acadêmica de Educação/UFCEG, na qual trabalho, ampliando nossas ações, enriquecidas pelos estudos de uma verdadeira educação matemática. Finalizando, diria que é a oportunidade de consolidar um grande amor, o de ser professora de matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32)

A verdade (conhecimento) liberta quando nos permite entender quem somos realmente e também quando nos dá a compreensão do mundo que vivemos, isto é, nos possibilita deixar de ser pessoas leigas, passivas e passamos a ser ativas, reflexivas, pensantes e conscientes.

Quando temos experiências de alcançar um conhecimento verdadeiro que foi gerado e construído em nós com significado, compreensão, prazer e com um propósito real, isto traz transformação e libertação de amarras, prisões, enganos e decepções. É um processo (formação) de descobertas e encontros com conhecimentos verdadeiros que possibilita ao homem construir sua identidade em todas as áreas da vida, seja espiritual, pessoal, profissional e outras.

Durante o meu processo de formação acadêmica e de construção de uma identidade profissional, foram, principalmente, as experiências de reflexões teóricas e metodológicas com grandes educadores matemáticos, durante a minha graduação e pós-graduação, as vivências no ambiente do laboratório de matemática e as diversas explorações com materiais manipulativos que me permitiu descobrir um conhecimento matemático com significado, contextualizado e prazeroso que suscitou a minha identificação com esta área de atuação profissional. E, nesta trajetória, quanto mais eu compreendia os porquês e processos que ocorrem nas operações matemáticas, mais eu

passava a gostar da matemática, ou seja, a matemática deixava de ser um “bicho-papão” e passava a ser uma ciência apaixonante.

Finalizando, não é apenas sobre o ter uma profissão ou conseguir ser professora, não é sobre um título de Mestre e/ou de Doutor, é sobre entender o propósito de Deus para nossas vidas e também ver Deus abrindo portas onde só existiam paredes. É não ser egoísta ao pensar apenas nos interesses pessoais, mas ser instrumento para contribuir com a multiplicação do conhecimento e com o processo de formação de outras pessoas para que elas também avancem. Isso faz toda a diferença!

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pedro R. (Org.) *et al.* *O material didático peças retangulares*. 2.^a ed. Campina Grande: EDUFCG, 2015.

BARBOSA, Pedro R. Efeitos de uma sequência de atividades relativas aos conceitos comprimento e perímetro no Ensino Fundamental. 2002. 214 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Roberta C.; FÁVERO, Altair A. *Formação e construção da identidade docente a partir de narrativa de histórias de vida*. Porto Alegre: Educação por Escrito, 2017, v. 8, n. 2, p. 260-277. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/27911>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

BRITO, Alexsandra F. Um estudo sobre a influência do uso de materiais manipulativos na construção do conceito de comprimento como grandeza no 2.º ciclo do Ensino Fundamental. 2003. 203 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4775>. Acesso em: 7 de jul. 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W. GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

NÓVOA, A. (Org.) *Vidas de professores*. 2 ed. Porto – Portugal: Porto editora, 2007. 214 p. (Coleção Ciências da Educação: 4)

PAIS, Luiz C. *Didática da Matemática: Uma análise da influência francesa*. Coleção Tendências em Educação Matemática. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6195624> > Acessado em: 23 nov. 2020.

RATHS, Louis E. (Org). *Ensinar a Pensar: Teoria e Aplicação*. (Tradução de Dante Moreira Leite). São Paulo: EPU, 1977.

The background is an abstract painting with a warm color palette of reds, oranges, and yellows, transitioning into cooler blues and greens at the top. There are dark, textured shapes in the corners that resemble woven baskets or baskets of wicker. A large, white, bold number '4' is positioned in the upper right quadrant.

4

Andressa Jully Bento de Medeiros

**Uma professora
em construção...**
nos retalhos da sua subjetividade...

Figura 01 – Construindo um grande bordado



Fonte: Pedro Vitória e Pedro Vinícius, 2021.

PARA COMEÇO DE CONVERSA E COSTURA...

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia, é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta. (BOSI, 2003, p. 69)

Eu sou um bordado de nós...

O tempo passa rápido e quando percebemos, já estamos adultos e cheios de perguntas a fazer a nós mesmos...

O que virá a seguir?

Como anda minha vida profissional/pessoal?

Eu levei 21 anos da minha vida para perceber que estas perguntas me rondavam e apenas depois disso, percebi o que eu sou e o que minha subjetividade aflorava...

A cada descoberta, caminho, trilha que percorri, pude identificar que essas indagações e inquietações não ocorrem só comigo. Descobri que tudo é da natureza humana é algo subjetivo e tem muita ligação com o nosso inconsciente.

Esse processo de identidade profissional, se tornou um mapa para uma vida livre de culpas e frustrações, uma vida onde eu e você, podemos viver uma vida incrível, e ainda divertida, pois fazer o que se sente bem é TUDO.

RUMO AO INFINITO...

Foi pensando em você e instigada pelo Professor Fredy (UFRN), que escrevi esse capítulo da minha subjetividade. Ele reúne os principais movimentos que fiz para descobrir minha verdadeira identidade profissional, e, porque não dizer, pessoal.

Ah! Uma dica: observe os sinais que a vida nos oportuniza, na verdade, seja você mesmo... sempre você. Eu sou o que a Cris Pizzamente, expressa muito bem em seu poema *Sou feita de retalhos*.

Sou feita de retalhos



Fonte: Impulse-me digital.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Cris Pizzimenti

COSTURANDO OS RETALHOS...

Assim sendo, o meu desejo é descrever a minha trajetória de vida profissional que ainda continua sendo costurada por cada retalho que recebo, de cada aluno, professor, amigo, família que passa por mim e eu por eles, sou uma professora que foi se configurando educadora ao receber retalhos e mais retalhos, e entendendo que sua subjetividade aflorava para a docência. Dessa forma, penso que levarei

informações que possam ser úteis na formação de professores e no instigar jovens a tornarem seus projetos de vida mais autênticos.

Há 33 anos nascia uma criança, filha da Professora Alfabetizadora Adezilda Bento de Medeiros e do Agricultor José Terto de Medeiros, onde sua subjetividade aflorava desde pequena para o ofício da função docente, porém ela não aceitava e os professores que lecionaram aulas para ela, em sua maioria, sempre faziam relatos negativos acerca da função docente: “você é inteligente, seja de outra área, na educação não somos valorizados”, devido a uma construção social que desqualifica muitas vezes a função docente e faz com que muitos jovens não queiram se inserir nesse campo de atuação, ela está aqui hoje para trazer os seus retalhos. Vamos nessa costura???

“A história de vida é, atualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente” (NÓVOA, 1992, p. 116).

RETALHOS DA MOTIVAÇÃO, MODELO E INTERESSE

A motivação para a carreira partiu do prazer em ministrar aulas de brincadeira, ajudar minha irmã em aulas particulares no fundo do quintal da nossa humilde residência. A minha infância foi muito gostosa, porém com muitos aspectos responsáveis pelos quais até hoje sou grata. Nasci em Santo Antônio, Salto da Onça - RN e fui criada no interior pacato, mas cheio de alegria, minha “terrinha” Lagoa d’Anta - RN, onde brincava muito na frente da minha casa com amigas(os) vizinhos e meus primos, “eita” tempo bom. A minha mãe era professora alfabetizadora e, por sinal, a considero a melhor professora alfabetizadora da época, que tem uma história linda de docência e que me instiga até hoje servindo de exemplo de pessoa ativa e de bem com a vida.

A minha irmã e minhas tias adentraram por intermédio da minha mãe, na função docente, e eu ali estava a observar e admirar essa profissão, porém devido a grande quantidade de professores da família e ao desgaste muitas vezes da profissão, eu não sabia se de fato era aquilo que eu queria, mas eu possuía um gosto especial pela docência.

Primeiramente cursei o ensino médio e fiz um curso técnico de enfermagem, porém eu sentia que não era realizada, então fiz vestibular para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), me realizei lá, em especial nas aulas de Práticas Pedagógica, concomitante consegui uma bolsa na ULBRA, por intermédio e incentivo da minha Tia Elielba. Neste período concluí meu curso Técnico de Enfermagem, também passei em um concurso para Técnica de Enfermagem no município de Jundiá e iniciei a minha vida profissional na área da saúde, enquanto fazia minha formação na área da educação, tudo isso foi necessário, pois tive o privilégio de ser mãe também nesse mesmo tempo e precisava trabalhar, isso me motivava e fazia os meus retalhos serem costurados da melhor forma.

Porém, meu melhor modelo de professora, que passou por mim na minha infância, foi a Professora Lela, uma professora dos anos finais do fundamental I, da qual me lembro até o nome completo Leonila Freire Justino, ao meu ver, esta professora despertava os alunos para tudo, dava segurança, influenciando-a na postura de professor(a). As lembranças são de uma professora que sempre foi muito carinhosa, respeitando e dando atenção ao aluno (“e isso eu prezo muito!”).

Eu acredito que consigo tudo com os alunos devido ao respeito que eu tenho com eles, se você respeita, você quer ser respeitada. Eu nunca gostei de gritar, de perder a calma, prefiro ficar quieta, depois eu volto e converso. Esta é a minha postura, sigo o modelo dessa minha ex-professora, ela foi um modelo para mim. Ela era exigente, porém ela fazia você se descobrir.

Este modelo certamente influenciou significativamente minha atuação pedagógica, confirmando estudos de Goodson (1992) para quem a figura de um modelo é extremamente importante na formação profissional.

Como uma pessoa interessada que eu procurava sempre ser, fazia parte de um grupo que participava muito bem das aulas, procurando fazer sempre mais e melhor. De uma forma geral nas minhas graduações, os cursos foram bem aproveitados, porém mais por esforço próprio e muito compromisso, o percurso até chegar a Guarabira era mais de 90 km e isso era desgaste para uma mãe, técnica de enfermagem e estudante de Geografia e Pedagogia. Porém, eu tinha essa motivação dentro de mim, de ser sempre mais e melhor. Queria mostrar para meu filho, (no primeiro momento para um filho, hoje são para três) assim, eu poderia ter minha verdadeira identidade profissional e que seria bem-sucedida. O restante foi aprendido em cursos e em contatos com colegas de trabalho, ou seja, a troca de experiências sempre me ajudou muito.

Sempre acreditei que tive suficientemente uma boa formação para oferecer condições de ministrar aulas, mas compreendi desde cedo que a troca de informações com os colegas (pares) e a formação continuada através de cursos seriam necessários para estabelecer melhor a relação teoria e prática, possibilitando um saber em constante reconstrução. E é isso que faço até hoje. Me reconstruir, e de retalho em retalho vou virando um grande bordado.

Chegou o grande dia, fiz um concurso para educação e passei, QUE MARAVILHA! Vou deixar a saúde, porém ainda não podia, porque o dinheiro não dava para sustentar as despesas que eu já tinha adquirido. Assim, continuei como Técnica de Enfermagem e Professora, e isso a cada dia mais me fazia mal, mas muito mal, eu não era feliz, as pessoas de Jundiá (Sítio Pires), onde eu atuava como Técnica de enfermagem, eram maravilhosas, lembro-me de Dona Piedade, a diretora

do postinho, ela me tratava tão bem, cuidava tanto de mim, deixou mais um grande retalho na minha vida, mas mesmo com esse seu cuidado e o cuidado daquele povo tão acolhedor, eu não me sentia realizada e em paz na minha profissão. Mas, como eu estava sendo moldada, de retalho em retalho, aparece mais um retalho em minha vida, o anúncio de uma seleção, por intermédio da minha prima Amélia, para gestora do SESC Ler Nova Cruz e, naquele momento, eu olhei para mim mesma e com a força da mente buscando minha força interior, proferi essa fala: “eu vou passar, eu vou ser gestora do SESC Ler, acreditem!”. Falei isso para minha irmã e minha mãe e eu consegui. Foi mais um retalho sendo costurado em minha vida e a partir daquele momento eu pude deixar a carreira de técnica de enfermagem e enveredar de corpo e alma, na profissão que eu sempre tive e não conseguia enxergar... os retalhos iam costurando um grande bordado, aí vieram mais dois filhos, uma linda princesa Victoria Maria e Henzo Hector no período em que eu me dedicava a especialização e mestrado, mas nenhum filho até hoje foi empecilho para o meu crescimento, é claro que muitas vezes eu sofri e chorei porque tinha que deixá-los para estudar e trabalhar, mas isso é minha motivação, é meu maior retalho.

RETALHOS EXPERIÊNCIA OU INEXPERIÊNCIA

No começo você imita alguém, é inseguro, mas com o tempo vai adquirindo experiência. Pena que um dia a gente se aposenta! (Professora Aposentada, informante na pesquisa de Betti; Mizukami, 1997).

No início da carreira minhas aulas eram dadas sem um objetivo definido, sem saber exatamente onde se iria chegar. Além disso, o conteúdo da disciplina nunca era muito considerado. Apesar das dificuldades, procurei uma postura o tempo todo de alguém que procura fazer o melhor possível, buscando o aprimoramento, nunca me sentin-

do acomodada: “para preparar a aula você tem que buscar sempre”. Alguns livros ajudaram muito.

Nós, professores de todas as áreas do conhecimento, além do domínio dos conteúdos e dos desafios burocráticos, também nos debruçamos sobre os problemas disciplinares em que os alunos se encontram, e esse é meu foco: olhar para os alunos, com olhar de gente, gente que sofre, que sonha e que vive muitas vezes as desigualdades sociais. Então essa professora em metamorfose, iniciou seu legado profissional na Prefeitura de Monte Alegre, e foi o início do que sou hoje, com uma sala de aulas “fora de faixa” para o 4º ano, na qual ninguém queria adentrar, chega a recém concursada com todo gás, força e amor, e aí comecei a olhar aqueles alunos com amor. Amor que se manifestava em cada fala que eles relataram da sua vivência em um bairro periférico e cheios de mazelas sociais.

Mas, eu os amava e amo até hoje a minha profissão. Às vezes, penso que sou uma “velhinha”, com apenas 33 anos sinto que passaram por mim grandes tarefas, em especial a de educar: educar meus filhos e educar a sociedade. Nós pensamos que nossos alunos não nos olham e não nos observam, mas eles fazem isso tudo e mais um pouco. Um dia, ao entrar na sala de aula eu mudei o sapato, deixei o tênis e fui com uma sapatilha e os alunos, em um coro só disseram: “a professora hoje veio com outro sapato” rindo, isso pode ser mínimo, mas naquele encontro eu pude perceber a grandeza do meu ofício para a vida deles. E procurava chamar atenção, fazer algo diferente, sempre procurei planejar com eles minhas aulas, não gostava de levar o planejamento sem ouvi-los, e isso até hoje costumo fazer.

E novas experiências surgiam, o meu legado toma outro rumo, passo na seleção do SESC e vou cuidar, junto a uma equipe de 17 colaboradores, de uma Unidade de Ensino SESC Ler, lá eu convivia com crianças, jovens e adultos. Aprendi tanto, cresci tanto, lidava com a experiência de gestão de cuidar de quem cuida e isso era mágico.

Foi quando eu descobri que meu lugar na educação era aquele, de cuidar de quem cuida. Passei 4 anos e 6 meses doando e servindo a educação na região agreste e em Monte Alegre também, passando os dias, comecei em Monte Alegre a coordenar pedagogicamente a escola onde eu era professora, e os desafios aumentavam, mas sempre tinha na minha missão o olhar para as competências sócio emocionais. Após essa vivência fui convocada no concurso do estado para especialista e fiquei lotada na Escola Estadual Rosa Pignataro. A cada novo desafio, um novo retalho, cheio de muito aprendizado, essa escola tornou-se integral tive a oportunidade de fazer parte da implantação, lá eu aprendi demais, o modelo que lá foi implantado tinha muito a ver com meu trabalho profissional: olhar para os alunos como protagonistas de suas próprias vidas e cuidar dos seus projetos de vida. Dei meu melhor, fui mais uma vez autêntica ao que sei fazer e amo. Após isso fui mais uma vez reconhecida, fui convidada para cuidar do pedagógico da 3ª DIREC, uma função maior e com mais dimensões pedagógicas, onde cresci muito.

E nesse mesmo período tive a oportunidade de ser professora mediadora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), outro grande crescimento profissional, e assim meus retalhos foram crescendo, e mais retalhos vinham. Comecei a ministrar aulas em cursinhos para outras pessoas, que como eu, se inserirem na profissão através de concurso público, hoje estou na Subcoordenadoria de Ensino Médio (SUEM) contribuindo com o Ensino Médio do Estado, ministrando aulas em instituições de Ensino Superior privado e continuo costurando os retalhos, pois esse grande bordado precisa continuar crescendo e sendo um grande bordado de nós.

Durante meu convívio no âmbito escolar, pude perceber que uma das maiores dificuldades entre os alunos(as) é a falta de limites por parte da família, conflitos familiares, o consumismo exagerado e a falta do hábito de estudos, fatores que interferem bastante no

contexto da escola, fragilizando a capacidade de desenvolvimento educacional. Além da carência que as crianças/adolescentes demonstram junto à falta de comprometimento dos seus responsáveis, me revelava uma vontade necessária de tentar realizar um trabalho verdadeiro e eficaz, mesmo tendo em vista o julgamento errôneo da sociedade que na maioria das vezes atribui somente à escola o papel de sanar problemas consequentes de sua negligência, sendo que a educação do indivíduo deve ser vista com um misto de responsáveis envolvendo, fundamentalmente, a família.

RETALHOS DA VIDA PROFISSIONAL/ PESSOAL

Para mim as pessoas amadurecem tanto do lado profissional, quanto do lado pessoal. “Quem está parado no tempo, está parado na vida profissional também”. O nascimento do meu primeiro filho até o último, influenciaram muito minha vida profissional. Um dos acontecimentos de que me recordo foi quando eu tinha a preocupação de chegar em casa depois da faculdade mais rápido, e não queria que meus colegas parassem no cachorro-quente, porque eu tinha que amamentar meu filho quando chegasse, mas tudo isso só me instiga a ser exemplo para ele e seus irmãos, e até hoje penso assim.

Quando eu estou dando aula, eu desligo, eu acho a nossa profissão maravilhosa, ou então nós amamos a profissão mesmo. Esqueço até dos compromissos. O tempo passa rápido.

Podemos perceber nas afirmativas sobre o tempo passando rápido e o esquecimento dos compromissos uma forte tendência ao que Csikszentmihalyi (1975) chamou de “estado de fluxo”, ou seja, um alto grau de satisfação enquanto se realiza uma atividade prazerosa, de livre escolha e de acordo com sua capacidade. De acordo com esta

teoria as pessoas que conseguem atingir este estado não conseguem perceber o tempo passar, pensam apenas e tão somente na atividade e, ao terminá-la, afirmam que fariam tudo novamente.

Os acontecimentos da vida profissional igualmente influenciaram minha vida pessoal. Para poder frequentar os cursos e meu trabalho, por exemplo, precisava levantar-me às 4:30 horas, deixar almoço pronto, arrumar as bolsas do dia e viajar para Monte Alegre, depois Nova Cruz e no final do dia, às 22h, retornar para Lagoa d'Anta. Mesmo com três filhos, o último com dois anos, conseguia sair de casa pela manhã e só voltar à noite.

Doía muito, muito mesmo, era difícil, mas desistir não era opção. Por sorte sempre tive apoio da família. Hoje ainda vivo esse dilema, moro sozinha com meus filhos e enfrento diariamente o dilema de trabalhar, estudar e cuidar deles, ainda são pequenos, porém são mais maduros e o de 16 anos, sendo o mais velho já me ajuda muito. Tudo isso me instiga e por isso estou aqui, quantas noites de choro, sem dormir para poder dar conta de tudo.

Mas, hoje os retalhos já se juntaram muito e consegui me realizar significativamente no âmbito profissional, atualmente trabalho apenas na educação, já atuo no ensino superior, na rede privada e sou bem reconhecida pelos colegas de trabalho. Tudo foi muito aprendizado, a atuação em Monte Alegre, no SESC, no Instituto Federal, em várias dimensões e no estado do RN e nas redes privadas como professora do Ensino Superior, tem sido um grande legado e digo com orgulho, pois eu era uma profissional na saúde sem saber o que era o meu real projeto de vida, e hoje eu sei, sou muito feliz com tudo que já conquistei profissionalmente. Muitos professores colocaram retalhos nesse meu crescimento, muitos colegas de trabalho também, minha família também.

Mas o que me faz mais entender quem de fato eu era e o que de fato eu queria ser, foram meus filhos: Helio Filho, Victoria e Henzo, eu

olhava para eles e dizia para mim: “eu vou ser feliz profissionalmente por vocês”. Eu não aceitava aquela vida profissional medíocre. Tenho muito ainda a crescer, mas até aqui fiz e dei o meu melhor, continuarei na luta até o fim de minha vida, quero contribuir muito ainda com a educação e com os aprendentes que passaram por mim, olhar para meus alunos como gente, gente que sofre, gente que sonha, gente que precisa ser vista com gente, em busca do infinito.

Penso que, para cada aluno existe um tipo de motivação que o professor tem que descobrir. Nós precisamos refletir mais sobre a nossa missão aqui, seja ela em qualquer lugar ou em qualquer dimensão profissional, precisamos muito do autoconhecimento e de entender o nosso legado aqui.

Cabe-nos, entretanto, evidenciar que existe uma interpenetração de vida pessoal, profissional e que os relatos não são lineares nem simétricos nos diferentes momentos das trajetórias, mas permitem uma visão, senão global, pelo menos a mais aproximada possível da trajetória de vida (MIZUKAMI, 1996, p.89).

REFERÊNCIAS

BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de educação física. *MOTRIZ* - Volume 3, Número 2, Dezembro/1997; Disponível em: http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2_ART07.pdf. Acesso em: 21/01/2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Play and intrinsic rewards. *Journal of humanistic psychology*, v.15, n.3, p. 41-63, 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F002216787501500306>. Acesso em: 16/02/2021

GAMBOA, S. S. A contribuição da Pesquisa na formação docente. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. *Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: EDUFSCAR, 1996.

GOODSON, Ivor F. *A Construção Social do Currículo*. - (Educa. Currículo: 3), 1992.

NÓVOA, António. *Os professores e as histórias da sua vida*. Porto: Porto Editora, 1992.

PIZZMENTE, Cris. *Sou feita de retalhos*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> Acesso em: 12/02/2021.

The background is an abstract painting with warm, textured colors ranging from deep reds and oranges to yellows and greens. On the left and top right, there are dark, woven basket-like patterns, possibly made of wood or straw, which are partially visible and add a sense of depth and texture to the composition.

5

Misleide Silva Santiago

**Procurando
no universo das
minhas lembranças
o que me identifica
como professora
de Matemática**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.115-139

As memórias possuem muito significado, especialmente quando as mesmas são lembradas e entendidas como imprescindíveis para a construção do futuro. Escrever memórias da trajetória de vida de uma professora, é uma maneira de registrar e lembrar um passado que foi marcante, podendo assim, instigar outros professores a entenderem sobre os aspectos que os fizeram continuar na caminhada, e fazê-los acreditar que seu projeto de vida, foi delineado a partir do que já viveu. Relato os percursos que passei, dos problemas que enfrentei, dos sonhos que desacreditei, e de esperança reconstruída, sobretudo, realizadas. Relembro os Mestres que fundamentaram a certeza em mim, de que, ser professora, seria meu ofício maior para servir a essa sociedade tão desigual. No entanto, dos caminhos traçados e realizados, de uma professora que ainda vive do verbo “esperançar”, registro a história. Concluo em reflexão sobre os percursos que ainda hei de percorrer, de aprender e de servir em minha trajetória em busca do desenvolvimento e melhoramento da minha identidade docente.

INTRODUÇÃO

A partir da minha trajetória de vida, começo a compreender o que contribuiu para que pudesse me tornar uma professora. Começo a compreender a importância das memórias da minha vida, que, no entanto, foi imprescindível para a construção do meu eu pessoal e do profissional, que, na verdade, são indissociáveis, pois a experiência de vida do professor, é também responsável pela construção da formação docente, se não fosse assim, talvez não tivesse tanta importância o ser docente.

Além disso, já foi constatado que as pesquisas pela história de vida do professor e suas memórias já estão sendo temas bastante discutidos aqui no Brasil, onde o discurso acerca de sua formação e formação continuada também se somam a sua identidade. No entan-

to, compreendo que a identidade de um professor não é construída a partir do momento que ele entra no curso superior, até porque, considero que, desde muito cedo, enquanto aluna, ainda do Ensino Fundamental, admirava essa profissão. E ao chegar no Ensino Médio, descobri que precisava ser uma professora como foram os meus professores, que me inspiravam.

Falar em memórias, é, na verdade, poder resgatar algo, que por vezes deixa-se para o esquecimento. No entanto, escrever aqui sobre as minhas, é um modo de reviver os pontos importantes que contribuíram em meu crescimento intelectual, que, na verdade, é pouco, diante da imensidão do que não sei, pois:

Ser docente é compreender-se com conhecimento inacabado e reconhecer que isso envolve uma complexidade de valores que são constantemente modificados e estão dinamicamente envolvidos num diálogo contínuo com suas experiências práticas cotidianamente vivenciadas em seu contexto de trabalho". (NUNES, 2013, p. 4).

No entanto, o entusiasmo em escrever também sobre minha trajetória de vida, implica profundamente, no resgate de lembranças de pessoas que tiveram grande importância nessa trajetória, as quais são: família, amigos, meus professores, do Ensino Fundamental, Médio, Graduação, Especialização e Mestrado e, sobretudo, os alunos que pude ter até aqui.

Logo, pretendo resgatar e relatar quais foram os entraves que precisei enfrentar, até tornar-me e reconhecer-me como uma professora. Assim, buscarei seguir etapas cronológicas, que certamente favorecem diversas reflexões sobre minha identidade docente.

O PRINCÍPIO

Escrever aqui, é como desengavetar minhas memórias da infância, juventude, e minha fase atual, adulta. Como um ser familiar, ainda lembro da doce infância, brincando com minhas primas, com meus coleguinhas, na rua onde ainda hoje vivo. Contudo, não deixaria de lembrar, doces memórias da minha infância: lá na Escola Estadual Professor Raul Córdula, onde tive o prazer de também concluir o Ensino Fundamental e Médio, e no entanto, é sobre isso que desejo falar neste princípio.

Minha turma de Jardim de Infância ficou intimamente marcada no cerne da minha memória. Como esquecer do nome das primeiras “tias?” Cassandra e Lurdinha, assim se chamam. Reflito o quanto os professores deixam suas sabedorias florescerem na vida de cada aluno, e essas, assim o fizeram comigo. Com eterno reconhecimento e apreciação, agradeço por me conduzir à vida em sociedade, pois não tem como esquecer a forma como seguraram as minhas mãos.

No Ensino Fundamental continuei tendo grandes mestres, lembro de nomes de professores, como Ricardo (8º ano) e Verônica (9º ano), ambos de matemática, com eles não aprendi somente a desenvolver as operações e problemas matemáticos, mas os mesmos me envolveram de tal forma em suas aulas que o apreço pela disciplina e pela profissão, ganharam forma, desde então, comecei a pensar e desejar: “esse pode ser o meu caminho”.

No Ensino Médio já sabia, e todos os meus colegas de sala também, que haveria de prestar vestibular para o magistério. Uma ansiedade tomava conta de mim, aquele sentimento de orgulho no peito e a grande imaginação: será que conseguirei ser professora e encontrar esses meus mestres para avisá-los o quanto que me inspiraram? Talvez

esse pensamento, tenha realmente marcado o princípio de tudo, a minha vida profissional começaria a ser arquitetada e, desejosa, eu esperava.

Quando concluí o Ensino Médio orgulhosamente, na escola super-pracitada, a mesma em que estive desde o jardim de infância, tive a oportunidade de então prestar o vestibular para Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba. Agora, um novo princípio se inicia.

O NOVO PRINCÍPIO

Início esse novo princípio cheio de esperança, mas também cheia de dúvidas. Como poderia passar no vestibular? Lembro que no dia que antecedeu o resultado estava muito cabisbaixa e desesperançada. Nesse mesmo dia, chegara a noite e precisei, a pedido da minha avó, ir à panificadora. No caminho, algumas lágrimas caíram, estava temerosa em ficar decepcionada com o resultado. Mas um homem conhecido, e apenas conhecido, me parou, e falou que deveria enxugar as lagrima, pois o que desejava, iria se concretizar.

Confesso que da angústia imediatamente parti para uma imensa alegria! Acreditei tanto no que ouvi, que no outro dia, de fato, o desejo do meu coração haveria de ser realizado. Fui aprovada no Curso de Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba. Agora, tinha um único objetivo: me formar para poder ser, me sentir e me fazer útil para a sociedade. Uma lembrança muito feliz nesse dia, foi contar para a minha saudosa avó essa notícia, ela chorou de felicidade!

Na universidade, conheci pessoas muito especiais, uma turma que haveria de estar comigo até o fim. Isso era apenas desejo, em cada semestre, uns e outros iam deixando o curso. As amizades que existiam iam se fortalecendo e as parcerias aumentando, ou não! Nes-

se ambiente também conheci pessoas cruéis, elas faziam questão de andar lado a lado. Essa era a solidão!

Mas não temi, os semestres iam passando, consegui desenvolver minha admiração e desejo profundo pela área da pesquisa a partir de três projetos, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Observatório da Educação (OBEDUC) e outro de Extensão. Foi nesses projetos que desenvolvi minha escrita acadêmica, onde pude escrever artigos, participar de congressos, conferências, etc. Julgo como uma das melhores fases que passei na universidade. Sentia que, agora sim, estava começando minha utilidade, sem mesmo estar com o diploma nas mãos.

O tempo foi passando, e como mencionei anteriormente, a sala ia ficando vazia, não entendia por que os meus colegas estavam desistindo. Hoje, tenho notícias que muitos desses, buscaram outros rumos, se tornaram engenheiros, contadores, enfim, disseram não à Licenciatura.

Durante o processo de estudos, vieram as disciplinas de estágios, o de observação, onde precisei observar professores de Matemática, ministrando suas aulas. Escolhi para isso, a escola onde estudei durante toda a vida. Esses momentos me trouxeram muitas reflexões e entusiasmo, imaginava-me no lugar do professor titular. Experiência e lembrança saudosa! A diante, haveria de cumprir o estágio regência. Ah! Quanta alegria! Não hesitei em novamente retornar à escola responsável por minha formação. Lá pude cumprir todos os meus estágios, e conseguir, na época, conversar com os professores que também foram meus professores no Ensino Médio. Que satisfação para eles, em me ver como futura colega de trabalho! E para mim então, uma realização pessoal, poder falar para os alunos que ainda não eram meus que fui aluna também da referida escola.

Tive a oportunidade, também de participar de uma Seleção de Estágio pela Prefeitura da minha cidade, me submeti a prova e fui sele-

cionada. Agora, teria de realizar trabalhos com alunos de Escolas Municipais no Laboratório de Matemática do Museu da Ciência e Tecnologia. Foi um ano de bastante aprendizado, onde me encantei muito mais pelos materiais manipuláveis. Estágios concluídos, uffa! Disciplinas, dos 5 anos de curso quase cumpridas, agora, era hora de pensar no fim...

Antes do fim chegar, consegui um emprego em uma escola distante do bairro em que morava. Seria meu primeiro emprego. Haveria de cumprir uma carga horária semanal de 20 horas. Comecei a ser professora antes do fim, isso foi fantástico para mim. Minhas primeiras turmas foram 6º e 8º anos. Que desafio! Nesse mesmo ano, recebi um convite para substituir um professor em uma escola da Rede Estadual de Ensino. E para a minha surpresa, essa turma seria de 3º ano do Ensino Médio. Nunca pensei em apenas um ano receber um enorme desafio, experimentar ser professora de Matemática do 6º ao 3º ano. E, para minha surpresa, todos os horários foram complementares. Consegui conciliar o final de minhas atividades acadêmicas com o início de minha vida profissional.

Adiante, apresento em fotografias minha primeira turma, 6º ano do Colégio 16 de julho. E na sequência, minha primeira turma de 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Assis Chateaubriand que atualmente é uma Escola Cidadã Integral.

Na primeira imagem, com a turma do 6º ano, estávamos participando de uma gincana. Aquele dia foi bastante especial, pois tivemos bastante momentos de descontração e cada sorriso no rosto dessas crianças representa, atualmente, muito para mim. As cartinhas de carinho que recebia deles diziam muito sobre nossa amizade, que até hoje, com muitos prevalece. Hoje, estão em momentos de decisão, são adolescentes responsáveis, prestes a escolherem suas profissões.

Figura 01 - imagem de alunos do 6º ano - 1ª turma.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 02 - imagem de alunos do 3º ano - 1ª turma (Ensino Médio).



Fonte: arquivo pessoal.

A segunda imagem, foi congelada, em um momento de saudosismo, tive a oportunidade de ensinar em um período de seis meses a esses alunos do 3º ano do Ensino Médio. E nesse período, foi um dos momentos mais incríveis que estava vivendo como professora, ao mesmo tempo que estava ajudando alunos do 6º ano a conhecerem

novidades do Ensino Fundamental 2, pude participar das ansiedades dos alunos do Ensino Médio que estavam prestes a realizar seus exames de vestibular.

Esses alunos, decidiram, então, realizar uma homenagem a mim, pela amizade que foi construída em um semestre. Me senti bastante querida e acolhida, embora, tenha sido dolorosa a despedida. Cinco anos se passaram, e ainda lembro do nome de cada um, e lembrá-los, significa muito para mim. Enfim, realizei esses trabalhos nessas duas escolas com muito prazer, mas uma novidade estava a caminho...

Que alegria!

O COMEÇO DO FIM: JORNADA ACADÊMICA

Ah! Esse fim. Início essa etapa, lembrando que na academia também é possível encontrar pessoas cruéis, ainda me lembro, das seguintes palavras: “você não haverá de ter um bom fim.” É certo que eu não era a aluna nota dez, mas sempre me propus a ser esforçada e honrar a oportunidade que meus pais estavam me dando, em sustentar-me em uma universidade pública. Essas palavras ficaram plantadas no meu coração. Foi então que chorei! E um desejo profundo de desistir ficou plantado em meu coração.

Era 2015! Eu não podia desistir! Palavras muito mais profundas que as tantas negativas que ouvi vieram ao meu coração! Agora tinha forças de continuar. Surgiu um ânimo profundo de fazer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). E mais ainda de escrever meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas envolvidas na minha caminhada acadêmica. Quão feliz eu fui! Sonho realizado! Agora poderia seguir construindo minha identidade docente. A seguir apresento a imagem da defesa do meu TCC, minha foto com a turma que haveria de colar grau, e enfim esse momento tão esperado com meus pais.

Figura 03 - imagem de registro da defesa do meu TCC.



Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha por essa banca examinadora não foi em vão. Na primeira imagem, estão o meu orientador, Professor Dr. Pedro Lúcio, o Professor Dr. Joelson Pimentel e o Me. Cícero, os tenho com grande estima, pois os mesmos foram meus professores durante a graduação. Esse dia foi louvável para mim, meu coração bateu forte e uma esperança estava sendo renovada! A seguir, lhes apresento a imagem do ensaio das fotos da colação de grau.

Figura 04 - imagem de registro da Formatura.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa imagem mostra completa felicidade por termos conseguido chegar ao fim! Estava rodeada de pessoas que trilharam os mesmos caminhos, alguns foram meus amigos. Mas o melhor momento virial! Na imagem que segue, estou com meus pais, os quais merecem todo meu reconhecimento e agradecimento por terem me formado, não somente profissionalmente, mas sobretudo, em me proporcionar a educação para a vida, bem como, sobre meus comportamentos em sociedade. Minha mãe, do lar, dedicou-se aos filhos com muito amor, dedicação, preocupação, e lembro que me levava na porta da escola até o Ensino Fundamental 2, assim também fazia com meus outros seis irmãos. Ela vive orgulhosa em ter criado com louvor e educado seus filhos para a vida, simples e muito honesta.

Meu pai sempre foi daqueles “durão”, aquele que sempre exigia dos seus filhos o acerto. Nunca tolerou injustiça, se preocupava com o nosso desempenho escolar, e até mesmo na Universidade, me acompanhou, acordava cedo e me acordava, e se dispusera sempre a me deixar lá. Ele estava me mostrando o caminho certo, me ensinando que eu deveria seguir sempre adiante, e se preciso fosse, seguiria comigo, mesmo que fosse apenas para me deixar na porta da Universidade. A imagem que veem, foi tirada no dia da minha colação de grau, inclusive da própria câmera dele que é fotógrafo, e sustentou a família de 7 filhos, com muito trabalho fotográfico. Nesse dia da colação, ele também trabalhou. Tenho muito orgulho do meu pai!

Figura 05 - imagem com meus pais. Colação de Grau.



Fonte: arquivo pessoal.

Esse sentimento de ter chegado ao fim da minha Graduação em Matemática me trazia muitos questionamentos. Um universo de dúvidas, sobre o novo caminho que teria de percorrer. Enquanto isso, pensava que agora ficaria distante das pesquisas, mas por outro lado também desejava seguir no trabalho. Bom, a labuta continuou na escola de Ensino Fundamental, onde estava lotada, era o meu compromisso profissional, e desejei para sempre levar adiante, porém parecia que algo estava faltando. No início de 2016, desejei continuar minha jornada acadêmica, algo que para mim, era praticamente impossível pois me sentia bastante incapaz! Mas um recomeço, tornou-se uma alegria! Acompanhem!

UM RECOMEÇO

Confesso que uma hora e outra, as palavras daquela pessoa que falou que eu era mediana, chegavam para enfraquecer os meus propósitos e anseios de iniciar novos passos. Parece que aquelas palavras continuavam vivíssimas. Mas, como sempre, existiram pessoas que sempre me ajudaram a dar um passo adiante, seguraram até em minhas mãos se preciso fosse.

Um ano após concluir meu curso, e exercer meu ofício como professora, decidi tentar a pós-graduação. Lembro-me que era início de 2016, me inscrevi para duas seleções, completamente desacreditada dos resultados, mesmo assim tentei. Duas seleções paralelas, uma na Universidade Federal de Campina Grande - Curso de Especialização em Formação de Professores, e a outra, em Ensino de Ciências e Educação Matemática, nível de Mestrado pela Universidade Estadual da Paraíba.

Como relatei, estava completamente desacreditada que pudesse passar em alguma dessas seleções, pois acreditei na minha incapacidade e nas palavras que foram mencionadas ao meu respeito. Pois bem, uma batalha para estudar para as provas começou. Quanto mais estudava sentia que menos sabia. Preparei todo material e confiei no Superior-Deus.

As duas seleções ocorriam paralelamente, não imaginaria conseguir estudar tanta coisa ao mesmo tempo. Não sei, se você leitor, acredita em sonhos. Mas preciso contar algo inusitado que aconteceu comigo. Sonhei com o tema da prova da seleção do Mestrado. acordei, e imediatamente liguei para uma amiga com intuito de contar o episódio do sonho, já que ela também estava prestes a participar da seleção. Lhe contei o que tinha acontecido no sonho. Ficamos temero-

sas e torcendo para que realmente, esse sonho não se concretizasse. No dia seguinte, que antecede a prova, sonhei novamente.

Agora, sonhei com o momento do sorteio do tema. A amiga que também participava da seleção, se encontrava no enredo do sonho. Sonhei que um professor chamava alguém para fazer a retirada do tema da prova e ela tinha sido a escolhida. Bom, chegando na frente, ela retirara exatamente o mesmo tema, o qual eu já havia sonhado. Isso para mim foi incrível! Acordei novamente e liguei para ela, contando o que tinha sonhado e a coincidência de sonhar exatamente a mesma coisa do dia anterior. Conversamos sobre a possibilidade de realmente esse sonho se realizar e começamos mesmo sendo um dia que antecede a prova, a dar maior credibilidade ao tema do sonho.

Bom, enfim fomos para a realidade. Dia de prova, eu e ela ansiosas. Ouvimos um chamado para realização do sorteio do tema da prova. Pensei, vou pedir para ela retirar o tema no sorteio. Ela foi, seguiu a frente, olhou para mim, olhei para ela, baixei a cabeça, e então ouvi.... Ah! Ouvimos a leitura do tema. Para nossa surpresa, aquele sonho estranho se realizou. Olhei para ela, ela para mim e dissemos em surdina, ao longe, em leitura labial: o sonho! Realmente, parecia que algo estava sendo avisado no meu sonho.

Passei uns 15 minutos com as mãos suando, e tentando acreditar no que tinha acontecido, é que na realidade, nós não gostaríamos que aquele tema tivesse sido o sorteado. Mas para a nossa surpresa, o resultado foi satisfatório para ambas. Agora estávamos como amigas regularmente matriculadas no Mestrado. Na semana seguinte, haveria de sair o resultado da Especialização, e para minha surpresa, o resultado foi também satisfatório. Agora, a menina medíocre, tinha iniciado mais um de seus sonhos, ser pós-graduada.

Foi o momento de me despedir da sala de aula, parecia que algo estava sendo quebrado. Encerrei minha função como professo-

ra do Colégio de 16 de Julho. E agora, haveria de fazer minha “morada” nas duas universidades. As duas são próximas, logo enfrentei a batalha de aprender nas duas pós-graduações, agora em período integral, diurno e noturno, sem bolsa auxílio, apenas com a participação monetária dos meus pais. Foram anos de muito aprendizado. Olhei para trás e me lembrei de tudo que vivi e do que enfrentei e onde desejava chegar. Lembrei também que de todos da minha turma fui a única a conseguir entrar no Mestrado. Nada mereço, e mesmo conseguindo tudo isso, ainda afirmo, não sou nada, Ele é tudo!

A seguir apresento a foto oficial da minha defesa da Especialização pela Universidade Federal de Campina Grande.

Figura 06 - imagem de registro da defesa do meu TCC – Especialização.



Fonte: arquivo pessoal.

Ao meu lado, a digníssima Orientadora, Professora Doutora Alexandra Félix, e os professores da Banca Examinadora, Professor Dr. Pedro (UFCG) e o Professor Mestre Cícero (IFPB). Novamente o professor Cícero presente em mais um momento importante da minha vida, esse era exatamente o dia do meu aniversário (07/09/2017). Que presente! Foi mais um dia marcante para mim, tudo aconteceu tão rápido, enfrentei diversas dificuldades, mas cheguei a vencer esse recomeço.

RETORNO A SALA DE AULA E A CONCLUSÃO DO MESTRADO

Era janeiro de 2018, tarde de uma segunda-feira, haveria de sentir-me confiável para retornar mais uma vez para o lugar onde me realizava como profissional. Voltaria para a sala de aula. Recebi um convite de retornar, depois de três anos, para a Escola Estadual Assis Chateaubriand, que neste mesmo ano começou suas atividades como Escola Cidadã Integral. A imagem a seguir mostra momentos de estudos com turma do 9.º ano, neste dia, fizeram surpresa para meu aniversário.

Figura 07 – Surpresa no meu aniversário.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Essa turma ficou marcada, por ser muito querida, e, ao mesmo tempo, muito carente, carente de conselhos e de cuidados, e mesmo assim, cuidaram muito bem de mim. Espero algum dia encontrá-los de novo e dar aquele abraço sincero de todos os dias de 2018 e 2019. Embora não fosse mais professora deles, os abraços se davam nos corredores e na hora do nosso almoço. Que saudade desses momentos vivíssimos! Não tem como não amar minha profissão, o retorno do reconhecimento diário, refletido no olhar e sorrisos desses alunos não tem preço!

A seguir, mostro outra imagem de 2019, estava com alunos do 8º e 9º anos, em momento de aulas de Matemática (práticas experimentais). Esses momentos eram bastante descontraídos, os alunos conseguiam se expressar e entender as demonstrações matemáticas. Eram sempre entusiasmantes para eles esses momentos dessas aulas.

Figura 08 - imagem de registro de aulas, 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

Nessa escola tive o privilégio de conhecer muitos alunos que se tornaram amigos, pois o convívio era diário, em 40 horas semanais. A imagem a seguir mostra o entusiasmo da aula de Educação Financeira na feira central da Cidade de Campina Grande-PB.

Figura 09 - imagem de registro de aulas. Feira Central, 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

Esses momentos renderam bastante aprendizado aos alunos, onde pude registrar seus depoimentos sobre o que viram e aprenderam, não somente comigo, mas sobretudo, com os feirantes. A seguir apresento a turma do 3º ano, em uma aula interdisciplinar, com Língua Portuguesa e Matemática, no Museu dos Três Pandeiros da nossa cidade.

Figura 10 - Passeio ao Museu 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

É importante lembrar que todas as idas a esses dois pontos específicos da cidade, foram caminhando em torno de 40 minutos. Essa turma também marcou minha trajetória de vida como professora, tenho muito orgulho de ter vivenciado tais momentos com todos! Bom, paralelo a esse trabalho, estava construindo minha dissertação de Mestrado. Além disso, estava como integrante de um projeto de extensão da minha Orientadora. Neste projeto, fui a ponte para conseguir unir a Academia à comunidade. Contarei como tudo aconteceu.

Precisava realizar minha Pesquisa de Mestrado, então, decido, assim como nos meus estágios, executá-la na escola onde estudei toda a vida. Para minha surpresa, lá encontrei minha primeira professora da infância, “tia Lurdinha”. Conversamos muito neste dia, e descobri no diálogo, que ela estava como representante do Clube de Mães próximo de onde moro. Foi então que perguntei sobre a possibilidade do projeto elaborado pela minha Orientadora, ser executado no Clube.

Imediatamente ela aceitou. Conseguimos nos reunir e tudo foi programado para iniciarmos os trabalhos. Hoje, o trabalho está muito fortalecido e a maior alegria foi ficar perto de duas pessoas que muito admirava, minha professora da infância e minha orientadora de Mestrado. Que história! A seguir apresento a imagem que ultrapassou gerações, inclusive, que marcam com muita profundidade as fases da minha vida. É como se eu sentisse a minha infância de um lado e meu momento adulto de outro. O ensino da junção das sílabas de um lado e o momento da construção textual de outro. Quão inimaginável foram esses momentos e que alegria os viver!

Figura 11 - imagem de registro no Clube de Mães.



Fonte: arquivo pessoal.

À esquerda, minha Orientadora de Mestrado, Dr. Zélia Santiago, e à direita, minha primeira professora, Lurdinha. Em consequência das atividades da escola, precisei me ausentar de muitas das atividades do projeto, mas sempre que podia, não faltava. Enfim, em 2019, consigo concluir o curso de Mestrado, muito feliz, pois estava lotada em uma escola, e realizando mais um sonho da vida. Além disso, como convidados especiais, neste dia e momento foram as Mulheres do Clube de Mães, juntamente com minha alfabetizadora. Abaixo apresento a imagem deste dia memorável.

Figura 12 - imagem de registro da defesa de Dissertação-Mestrado.



Fonte: arquivo pessoal.

O convidado para participar e ser um dos examinadores, foi o Professor Dr. Pedro Lúcio Barbosa, o mesmo que foi meu orientador da Graduação. Lembro-me de suas palavras:

“Recebi seu convite com alegria, e observando o caminho que percorreu, lembro da Misleide imatura da graduação, onde ainda fui seu professor, depois seu orientador da graduação, e agora, como avaliador de sua dissertação, encontro uma Misleide madura.”

Ah! Que imensa alegria escutar isso, as lembranças vieram com celeridade. Neste dia, tive o privilégio de estar com a primeira professora da infância e o orientador da graduação. O dia estava encantado, o medo se foi! Lembro que choveu, mas depois, ao concluir a defesa, consigo registrar um arco-íris que abençoou esse dia para sempre.

Nada mais lindo poderia acontecer que um arco-íris, ele apareceu e brilhou ainda mais o meu dia e esse sorriso que carregou no rosto. A minha trajetória de vida como docente estava ganhando forma, não consigo imaginar ter um outro passado, como o que já vivi. Essa ima-

gem abaixo ainda simboliza a alegria dos meus dias como profissional. E mesmo que desacreditem da educação, nunca terei de dizer não.

Figura 13 - imagem de registro da defesa de Dissertação-Mestrado-2019.



Fonte: arquivo pessoal.

A seguir faço algumas reflexões dos percursos que trilhei, e dos anseios que ainda desejo alcançar. Quem me ler verá que tudo isso valeu a pena, e que esse é apenas um capítulo resumido do que vivi.

CONTINUIDADE DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE

Hoje, faço uma reflexão, de todos os percursos que precisei trilhar. Compreendo que mesmo conseguindo construir essa história de vida, ainda há muito o que viver e aprender. Quando se conclui uma etapa, um novo sonho junto com essa conclusão é plantado. No decorrer das fases e do esforço ele vai florescendo.

Hoje caminho com desejo de continuar plantando sonhos, mas nenhum desses teria valor, se não apresentasse frutos para a sociedade. Como professora procuro ser útil para meus alunos. Atualmente, mudei de escola, não mais estou na ECI Assis Chateaubriand, onde senti que uma família foi construída. Isso foi sentido e visto nas atitudes dos diversos alunos que tive. Nos depoimentos gravados, nas vivências diárias, e no esforço de tentar se apegar a matemática, seguindo meus conselhos. Essa escola me marcou profundamente, foi como um rio afluente, que desaguou na minha história de vida.

Atualmente, sigo na escola Cidadã Integral Técnica na Modalidade à distância, devido à Pandemia. Posso confirmar que não existe prazer maior do que poder retornar à sociedade com prazer de servir. E esse momento atípico que estamos vivendo, me mostrou que por mais que busque por formações continuadas, sempre saberei um pouco menos.

Sigo, agora em direção a um passo maior da minha caminhada, desejo um passo no curso de doutoramento, e, no entanto, ter mais uma vez a certeza que pessoas medianas também podem sonhar, se esforçar e realizar. Entendo que em cada etapa da vida não poderemos nos esquecer de quem abriu portas de esperança. E cada um dos citados nestes relatos, fazem parte das esperanças que tive e que também realizei.

A vida vai nos apresentando pessoas que nos favorecem em dar crédito aos nossos sonhos, e existe alguém que merece ser eternizado na memória como quem abre um leque de oportunidades para tantos que precisavam ter alegria, no meio de tanta tristeza. É que minha esperança renasceu quando fui selecionada para participar como aluna especial da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a Formação, as Identidades e a Profissionalização Docente, sob orientação do Professor Doutor Freddy González, a ele, todo meu reconhecimento e agradecimento.

Finalizo com esperança, porque plantaram esperança em mim, e os responsáveis por isso, foram os mestres da vida, que mostraram que é preciso ir sempre um pouco mais adiante do que se imagina, e que mesmo que não se chegue ao longe, qualquer caminho percorrido já valerá a pena. E como professora de matemática, entendo que, minha principal função não seria apenas de construir e compartilhar conhecimentos matemáticos com meus alunos, mas sim, plantar esperanças e fazê-los entender que eles também podem construir suas identidades, sejam elas docentes ou não. A seguir, mostro um poema que me identifico, de uma escritora brasileira, Cecília Meireles.

Desenho

Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.

Com apurado rigor.

Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.

Número, ritmo, distância, dimensão.

Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.

Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.

E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.

Raramente, um pouco mais.

(MEIRELES, 2021)

REFERÊNCIAS

NUNES, Dalma P. N. A. A construção da docência universitária: a percepção dos professores no processo de socialização. Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos, *Anais*. 2013. v. 1. p. 30 – 41. ISSN: 2237-8022 (on-line). Disponível em: <http://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/viewFile/718/1015>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MEIRELES, Cecília Benevides de Carvalho. Desenho | Poema de Cecília Meireles com narração de Mundo Dos Poemas. YouTube. 1 de abr. de 2021. 01min.28s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBPH6lzPeK4> Acesso em: 29 set. 2021

The background is an abstract painting with a color palette of warm, earthy tones including reds, oranges, yellows, and browns, with some cooler teal and blue accents. The texture is visible, suggesting brushstrokes. In the top right and bottom left corners, there are dark, stylized outlines of what appear to be coffee baskets or sieves.

6

Leticia Campos de Lima
Jaqueline Gomes de Negreiros

Histórias com cheiro de café

Figura 01 – Adoçando o café e a vida.



Fonte: Letícia Campos de Lima (2021).

“A vida é como café sem açúcar, cada um adoça ao seu gosto.”
(Autor Desconhecido)

Tomar um café com uma boa companhia é sempre um momento de conversas longas repletas de recordações e histórias e é isso que iremos narrar aqui. A pandemia causada pela covid-19 e seus desdobramentos nos desafiou a adaptar e descobrir novas possibilidades de sobrevivência e socialização. Graças às tecnologias digitais da comunicação temos diminuído virtualmente a distância que separa minha querida amiga Jaqueline, no Ceará, e eu, em Alagoas. Tal conexão foi propiciada pela pós-graduação através da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a Formação, as Identidades e a Profissionalização Docente ministrada pelo ilustre Professor Fredy Enrique González no curso de Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2020.

Essa nova realidade possibilitou diálogos virtuais que compartilham histórias de vida, de construção da identidade docente e experiências de Jaqueline e de Letícia, duas pedagogas com histórias distintas, mas que se cruzam em um determinado momento formativo profissional. Nossos corações batem ao ritmo da amizade sincera, fortalecida pelo afeto que temos construído ao longo desse tempo.

Nossas histórias enfatizam e revelam alguns aspectos que a subjetividade tem sobre o sujeito-professor desde o primeiro contato

com a vida escolar, a formação profissional inicial até a continuada, as marcas impressas pelos professores e como tem contribuído na formação humana e profissional.

Apresentamos nesse texto nossas narrativas autobiográficas por meio dos diálogos virtuais utilizando o *WhatsApp* e *Google Meet*, sendo caracterizadas como ferramentas comuns em nosso cotidiano durante a pandemia da covid-19 e para além desse marco da contemporaneidade.

Em nossos momentos de socialização, o ponto de encontro é no conforto do lar, quer seja no quarto, na sala de TV ou na cozinha. Jaqueline me envia a solicitação de chamada de vídeo e meu espaço já está preparado para ouvir e contar histórias com cheiro de café. Esse café é servido junto com alguns biscoitos cream cracker Vitarella, pois esse biscoito tem sabor e lembrança de minha infância na casa de meu avô João que tomava seu chá de boldo com alguns biscoitos e às vezes eu o acompanhava tomando chá ou café.

Bem, vou me apresentar: sou Letícia Campos de Lima, natural de Mata Grande em Alagoas, filha do José Antônio e da Maria Lúcia, a irmã mais nova da Magda, Aline, Daniela e Pablo, e tia do Júlio César e do Kaio Miguel. Minhas raízes são de uma família numerosa, na qual me orgulho em pertencer, também venho de uma vida simples na zona rural sertaneja com um povo batalhador, generoso, repleto de fé e esperança, posso não mais residir naquela comunidade, mas carrego comigo lembranças, valores, experiências e inspirações para a vida toda.

No decorrer das aulas do professor Fredy, lembrei do curso de extensão “Vida escolar e memórias: reflexões necessárias para a constituição dos saberes docentes” realizado no segundo semestre de 2020 pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe em que resgatei memórias e lembranças da infância, como também aprofundi o conhecimento sobre memória, história, vida escolar, e a importância do resgate memorialístico da vida escolar para a formação humana e docente.

“Letícia — A memória e a história estão em comuns relações mesmo sendo distintas, pois as nossas memórias são construídas diariamente, partindo das nossas singularidades, subjetividades, da visão de mundo, do contexto social, e portanto, representam lembranças, cenas, projeções, lugares, objetos, gestos, etc. Enquanto as histórias são reconstruções incompletas de fatos e acontecimentos passados que fazem uso dos discursos da memória. Assim, as memórias são seletivas, arquivadas ou esquecidas, isso significa que a memória e a história têm a função de recordar momentos marcantes do passado, por isso é importante criar arquivos e registros para não deixar as memórias caírem no esquecimento.”

“— *Que ótima reflexão você me trouxe, pois é importante registrarmos nossas histórias de vida, tantas situações e experiências tão ricas e únicas que precisamos arquivar e também compartilhar para mantê-las vivas na memória. Então, pensando sobre minhas memórias, reconheço minhas singularidades e valiosas experiências. Sou Jacqueline Gomes de Negreiros, natural de Ibiapina, região da Serra da Ibiapaba, interior do estado do Ceará. Sou a primeira de quatro filhos do casal Edilberto e Neuma, que sempre tiveram como prioridade o incentivo e a dedicação à educação dos quatro filhos. Meus pais sempre me incentivaram a buscar a realização dos meus sonhos e que a ponte para a busca dos sonhos inicia-se pela educação.*”

“— Jacqueline, veja como é interessante, o quanto é comum que as vivências escolares, os professores-paradigmas, as situações marcantes, os familiares representam e influenciam no encantamento e na escolha pela profissão docente. Mas, me pergunto em que momento desse desenvolvimento pessoal está o despertar profissional docente? E o desejo de ser professor? Ou quais as situações que determinam ou influenciam essa dimensão de pertencimento?”

No meu caso, as impressões de professores-paradigma são marcos em minha vida. Mestres que imprimiram em minha vida es-

colar marcas da docência que me trouxe inspiração de vida pessoal e também profissional, pois muitos me incentivaram a investir na minha educação e no despertar pela docência como carreira profissional.

Minha primeira professora é uma pessoa encantadora, não há como negar que aquela mulher, esposa e mãe é incrivelmente determinada, inteligente, sábia e flexível para solucionar os desafios. Tão cheia de criatividade, paciência e carinho educou turmas multisseriadas com todo misto de crianças com idades e níveis de conhecimento/habilidades distintas. Também teve aquele professor de exatas do ensino médio brincalhão e divertido para amenizar a complicada matemática e física. E aqueles professores da pedagogia? Tão amigáveis, acessíveis e estimulantes que ficavam na cantina conversando sobre a vida, trocando experiências e ouvindo nossas aventuras e realidades sertanejas. Não poderia esquecer aquelas professoras da graduação e do PIBID que me mostraram a importância e zelo pela Educação Infantil, que não mediram esforços para compartilhar conhecimentos e supervisionar sua aspirante.

É certo que a vida escolar é marcada não apenas de boas experiências e recordações, mas também houveram humilhantes e dolorosas que deixaram marcas negativas, e que talvez seja melhor serem esquecidas pela memória seletiva. Mas, não vou focar nisso, tendo em vista que o processo formativo surge desde suas raízes e não apenas da formação acadêmica, é a trajetória e suas subjetividades que se revelaram essenciais para a própria constituição enquanto sujeito.”

“— Leticia, suas falas mostram situações comuns mesmo, mas a minha realidade vem de contrapartida, rompendo com alguns paradigmas. Foi através de uma experiência de substituição na docência em uma turma do primário que fez com que eu decidisse caminhar no magistério.

Minha trajetória na docência iniciou com uma experiência de substituir uma professora que iria tirar licença maternidade no período

de março a junho em uma turma da 4ª série no ano de 2005. A partir daí comecei a me identificar com a profissão docente ao substituir algumas professoras durante o período de 2005 a 2007. Essa nova realidade me trouxe, no primeiro momento, insegurança e questionamentos, já que o que eu sabia da docência era o que eu havia vivido como aluna.”

“— Pois então lembrei de práticas dos professores(as) que considerei valiosas para o processo de ensino e aprendizagem, como também desconsiderei as práticas que me causam frustrações e constrangimentos em sala de aula. Essas situações foram meu ponto de partida junto às inspirações do trabalho exercido pelos professores(as) para iniciar minha prática pedagógica.

Em julho de 2007 prestei a seleção de vestibular para o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, localizada na região Noroeste do estado do Ceará. Essa Universidade é reconhecida na região pela relevante contribuição na formação de professores já que a maioria dos cursos oferecidos são de licenciatura.

Iniciei a graduação em Pedagogia em outubro do mesmo ano, como a universidade está localizada em Sobral-CE a 120 quilômetros da minha cidade Ibiapina-CE e o curso era diurno tive que ir morar em Sobral. Ao chegar à Universidade já me senti contagiada pelos ares de produção de conhecimentos que a universidade pública proporciona aos discentes. Os primeiros contatos com os professores do curso já causaram inspirações e admirações, tendo em vista que a formação inicial é bastante relevante no processo formativo.

Desse modo, a formação inicial promove os saberes docentes e a produção de conhecimentos científicos, sendo primordial para a construção do desenvolvimento docente profissional e a construção da identidade. Partindo dos conhecimentos e reflexões desenvolvidas nos cursos de licenciaturas fazendo com que o discente desenvolva um pensamento crítico sobre o que é ser docente, ter autonomia, saberes pedagógicos, curriculares e experienciais são fundamentais para a prática docente.

A graduação desenvolve uma reflexão sobre a prática docente e atuação profissional nos estágios supervisionados, é justamente nesse componente curricular que o futuro professor tem contato direto com o campo de atuação. A experiência em cada estágio supervisionado me proporcionou conhecimentos em que havia uma articulação entre a teoria e a prática. Diferente da experiência em sala de aula, na substituição de professores os saberes docentes desenvolvidos eram apenas de vivências com os próprios professores no ensino primário e secundário.

Os estágios supervisionados me deram a possibilidade de conhecer todas as etapas da Educação Básica, o que fortalecia mais ainda minha identidade docente, pois fiz os estágios supervisionados na Educação Infantil, Ensino Fundamental nos anos iniciais e também em espaços não-escolares que também são campo de atuação do pedagogo. Isso me fez revisitar os textos discutidos em momentos anteriores e me proporcionou inquietações e reflexões sobre minha formação. Nesse contexto, compreendi como a formação inicial nos proporciona conhecimentos essenciais à prática docente, como também a experiência que tive como professora da turma da 4ª série do primário foi decisiva na minha atuação docente.”

“— Jaqueline, ao me deparar com as nossas configurações de formação docente, recordo da professora Passeggi (2016) ao afirmar que o sujeito se prefigura, se configura e se reconfigura. Ao longo de nossos relatos autobiográficos dados pela ação reflexiva profunda, nós somos esse sujeito biográfico que une o sujeito epistêmico ao sujeito da experiência. É como se nós fossemos um pássaro, digo, uma águia que se prefigura nos primeiros meses de vida aos cuidados da mãe, e vai se configurando como uma águia ao mesmo tempo em que cresce, aprende a se alimentar sozinha. Ao ser levada pela mãe para o alto do penhasco, a pequena águia é forçada a alçar voo.

Esse momento de configuração se assemelha a formação docente, em que somos impulsionadas a calcular e refletir sobre o trajeto

do voo, experimentar as diversas formas de saltar e bater as asas, outras vezes somos empurradas do alto para que o medo e a insegurança sejam superados. Porém, chega um momento da vida que é preciso se reconfigurar, tal como as aves trocam penas e mantêm as garras e o bico afiados, são momentos dolorosos, mas de grande necessidade para que se renove e se fortaleça.

A reconfiguração da águia a torna ainda mais potente, confiante, determinada, independente e sábia. E nós como docentes também passamos por este processo não apenas uma vez, mas quantas vezes forem necessárias para o crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional. Pois, assim como a águia, possui um olhar aguçado para enxergar as situações com clareza, inteligência e sabedoria para tomar decisões precisas, e determinação para alçar voos longos e altos sem se cansar. Mesmo diante de muitos desafios, precisamos enfrentar primeiramente nós mesmas, se renovando, se reconfigurando e com confiança para superar as adversidades.

O ato de refletir sobre si, sobre a própria história de vida, as memórias, os lugares, as pessoas, as situações, os objetos fazem parte da teorização da nossa experiência e favorecem uma produção de conhecimento, aprendizado e significado por meio da lição de vida que infere na própria prática docente.

Pensando no processo de configuração, durante o percurso formativo em Pedagogia além dos componentes curriculares de fundamentação teórico e metodológico, o graduando pode adentrar o ambiente escolar, familiarizar-se com a cultura organizacional da instituição, observar e aprender com os profissionais atuantes, desenvolver atividades didáticas e pedagógicas, vivenciar práticas docentes através do estágio supervisionado obrigatório, como também de ações, projetos ou programas de pesquisa e de extensão.

Nesse ensejo, cabe ressaltar a importância da recente interiorização das universidades federais, pois, não só eu (Letícia), mas também tantos outros sertanejos têm a possibilidade de cursar o ensino superior gratuito e em uma região próxima de onde reside. A Universidade Federal de Alagoas, no Campus do Sertão em Delmiro Gouveia é o lugar que escolhi para prestar vestibular do curso de Pedagogia no ano de 2012 e fui aprovada, contudo, não foi possível matricular-me devido às intempéries da vida. Mas, no ano seguinte fiz o mesmo processo seletivo e ao ser aprovada iniciei o curso de Pedagogia. Mesmo percorrendo cem quilômetros diariamente para me deslocar da cidade de Mata Grande até o campus, segui persistindo em realizar esse sonho.

Ainda no início da graduação, participei da seleção para ser bolsista no Programa Institucional de Iniciação à Docência e com a aprovação fui inserida no PIBID. Essa experiência que durou quatro anos foi ímpar, um marco para formação profissional e pessoal, pois a principal contribuição é a escolha pela docência e, com afinidade, decidi atuar na Educação Infantil. O meu encantamento pela primeira etapa da Educação Básica dá-se desde a criança e perpassa pelos saberes e as práticas pedagógicas. No decurso da graduação tantas vivências aconteceram dentro e além dos muros da universidade, tais como: ser coordenadora dos assuntos políticos e estudantis do Centro Acadêmico de Pedagogia na gestão Pedagogia em Ação — 2016/2017; cursista da ação de extensão Curso Perspectivas Contemporâneas nos Estudos da(s) Infância(s) promovido pelo GLEI-UFAL (Grupo de Leitura em Estudos da Infância) — 2017; organização de eventos acadêmicos; ministração de minicursos e oficinas, por exemplo.

Assim, esse processo tem me configurado um perfil profissional não apenas docente, mas também de professora-pesquisadora da Educação Infantil. E, considerando que o curso de Pedagogia abrange uma ampla área de atuação, vejo que Jaqueline experimentou a formação em Pedagogia por um outro panorama.”

“ — Com certeza Leticia, o curso de graduação em Pedagogia me proporcionou vários conhecimentos teóricos práticos e oportunidades extraordinárias no campo pessoal, acadêmico e profissional. Os primeiros semestres do curso de graduação despertaram-me um maior encanto pela docência. Nas atividades práticas de ensino tive a oportunidade de conhecer várias instituições de ensino e espaços não-escolares. Com essas práticas de ensino tive a certeza que havia feito a escolha certa de cursar uma licenciatura.

Sabia, que o desejo de me tornar uma professora-pesquisadora surgiu em uma Semana da Pedagogia? Pois, esse evento, que foi promovido pelos próprios graduandos, e onde os professores do curso de Pedagogia apresentaram para os discentes os grupos de pesquisas e estudos coordenados pelos discentes. A partir dessa semana já sabia no que se tornaria uma professora-pesquisadora buscando informações sobre cada grupo de estudos, inicialmente participando de um grupo sobre afetividade, mas depois migrei para o grupo de pesquisa e estudos sobre pedagogia universitária e formação de professores no qual permaneço até hoje.

Também fiz uma seleção para ser bolsista do CNPQ, na qual fui contemplada e permaneci por dois anos desenvolvendo pesquisa sobre formação docente no ensino superior e por mais dois anos pela FUNCAP pesquisando sobre inovação pedagógica. Esse processo formativo como bolsista de iniciação científica foi relevante para eu decidir minha trajetória acadêmica e profissional. Dediquei-me exclusivamente a pesquisa e, fazer parte do grupo de estudos, fez com que conhecesse vários teóricos que discutem pedagogia universitária, formação de professores e inovação pedagógica.

Durante esse período como bolsista realizei algumas pesquisas com docentes universitários dos demais cursos de licenciatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Também conheci outras IES, com apresentações de trabalhos acadêmicos, que se caracterizam

como uma oportunidade de troca de conhecimentos e experiências entre pesquisadores.

Comecei a definir minha trajetória profissional com o desejo e o sonho de me qualificar e me tornar uma professora universitária. Após a colação de grau em 2012, iniciei minha trajetória profissional a fim de cursar mestrado em educação em uma universidade pública e gratuita, pois defendo a democratização do conhecimento como uma via para tornarmos a sociedade mais justa e igualitária.

Letícia, tenho em vista o que defende Freire (1996), a condição do inacabamento do ser humano e que o docente precisa ter consciência disso, dando abertura à mudança e ao processo de construção de si enquanto indivíduo e profissional. Ao apropriar-se da autonomia e do compromisso para autoformação a partir da reflexão da prática, da curiosidade que inquieta e que move a aprender e a ensinar.”

“— Pois bem, complemento mencionando que a autonomia e a liberdade do docente para buscar meios que complementem e problematizem os saberes, experiências e práticas, quer seja na leitura de um livro, num curso de pós-graduação, no exercício da docência, na reflexão crítica da própria prática, na autoavaliação, quer seja na análise da própria história de vida pessoal e profissional, na construção de sentidos e de novos significados.

Pensando nisso, Jaqueline, lembra daquela Letícia? Aquela menina sonhadora que queria ser professora? Ela ainda continua sonhando e batalhando para realizar seus objetivos, pois mesmo estudando em escola pública durante toda trajetória escolar não me vejo apenas como graduada, mas me percebo como pesquisadora a fim de investigar e dialogar sobre educação.

Então, cursei especialização em Educação Infantil pela Universidade Cândido Mendes em 2019, tal como a temática de meu trabalho

de conclusão de curso da graduação foi a Educação Infantil, mais uma vez me envolvi nesta área, pois vejo a necessidade de investigar e falar sobre a qualidade da oferta da educação pública dando visibilidade à Educação Infantil como etapa essencial e de suma importância para formação integral do bebê e da criança pequena. Assim, sigo buscando ingressar no mestrado em educação tendo algumas áreas de interesse de pesquisa: Educação Infantil, identidade e formação de professores, práticas educativas, crianças e infâncias.

Posso afirmar que esse processo iniciou com a professora do primário e sua personalidade, pois com dedicação para ensinar uma turma multisseriada, me fez admirar a profissão e a profissional, já percebendo os desafios que implicam à docência. Tantos outros professores me marcaram com seu jeito de ser e de ensinar, criativos, inovadores, estimulantes e divertidos. Os sonhos não têm limites nem prazos, assim também desejo alçar novos voos e superar os meus próprios limites.

Isso, porque após concluir a graduação, fiz alguns dos voos mais desafiadores, pois exerci a docência tanto na rede privada de educação quanto na rede pública em minha cidade em 2018 e 2019. Mesmo sendo contratações temporárias para atuar na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental, conheci colegas de trabalho incríveis muitos dos quais me incentivaram e ajudaram diante dos desafios, algumas vezes me senti como aquela pequena águia que nos primeiros voos é empurrada pela mãe, no meu caso foram os colegas que investiram em mim quando as situações não estavam favoráveis, como por exemplo, lecionar uma turma de 6º ano com 58 crianças com idades e níveis de aprendizagem bem variados.

É preciso passar pelas intempéries da vida para crescer, não é fácil, mas amadurecer é um processo valioso e percebi que as oportunidades não podem ser desperdiçadas, exigindo de nós um olhar aguçado para enxergá-las à longa distância e discernir a melhor estratégia para agarrá-las. Algumas vezes foi preciso me recolher no

alto do penhasco para afiar o bico e as garras, isto é, refletindo, resignificando e adaptando saberes e práticas conforme as realidades e necessidades que encontrava.

Recentemente prestei concurso público no município de Mata Grande-AL para ocupar efetivamente o cargo de professora de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o resultado de muito esforço ao longo da jornada foi a aprovação. Sigo no aguardo da nomeação e posse desta conquista, uma realização pessoal e profissional que compartilho com minha família, ao mesmo tempo em que lhes agradeço por me apoiar, acompanhar e acreditar em mim e em meus sonhos, é um misto de alegria e gratidão.

Assim sendo, vejo que a inserção no mundo da cultura escolar tem a potência de produzir mudanças nas relações dos educandos com o mundo, a família, a escola, com os professores e também com o conhecimento. Portanto, minha história de vida compreende a subjetividade do sujeito inerente ao desenvolvimento da identidade, da formação e da profissionalidade docente, principalmente pelas marcas impressas pelos professores que se tornaram inspiração para seus alunos. Uma admiração que impulsionou e impulsiona diversas crianças, jovens e adultos a trilhar a jornada profissional docente, e no meu caso, os professores e as professoras exemplificam a importância de inovar e transformar a escola por uma educação mais humana, significativa, emancipatória e reflexiva.”

“— As conversas têm fluido tão bem que nem percebo quando o café acaba, só um instante, pois preciso repor. Desta vez, quando fui abastecer a xícara, lembrei que foi no oitavo semestre do curso de graduação em Pedagogia que iniciei um curso de Especialização em Educação contextualizada para a convivência solidária e sustentável com o Semiárido Brasileiro. Foi uma especialização ofertada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA em parceria da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro-RESAB com o objetivo de oferecer formação con-

tinuada para professores do semiárido brasileiro. Com o estudo das disciplinas do curso de especialização identifiquei meu objeto de estudo para o trabalho de conclusão de curso (TCC) que foi formação de professores para educação contextualizada no semiárido.

Desse modo, compreendi e reconheci os conhecimentos que são produzidos além dos muros das universidades. Pois, com a minha pesquisa de TCC pude conhecer a realidade de vários professores da rede pública de ensino e os discentes em escolas localizadas no interior do estado do Ceará no semiárido, escolas com condições mínimas de infraestruturas, mas com docentes dedicados e empenhados com o fazer docente. Contudo, os professores que estavam cursando uma formação continuada e ressignificam seu fazer docente, valorizando e articulando com novos saberes e proporcionando aos discentes, melhores condições de aprendizagem.

Partindo da experiência como bolsista-pesquisadora, o contato com os professores no desenvolvimento das pesquisas e com o curso de especialização, diversos conhecimentos foram compartilhados pela professora-orientadora do projeto de pesquisa resultando na construção de minha identidade docente. E o desejo em fazer uma pós-graduação stricto sensu em educação na área de formação de professores. Essa área de pesquisa me chama atenção, portanto se tornou objeto de estudo no projeto de pesquisa para o mestrado que é a formação de professores. Minha professora-orientadora e eu nos tornamos colegas e amigas de profissão, pois sua vida tem um significado muito importante na minha atuação profissional como fonte de inspiração.

Como professora na Educação Infantil tive a oportunidade de vivenciar o processo do desenvolvimento da criança articulando os conhecimentos teóricos com a prática e vivenciando na instituição escolar o diálogo entre coordenação pedagógica, os docentes, pais e o quanto esse diálogo é necessário na escola. Então passei quatro anos no período entre 2013 e 2016, conciliando a docência na Educação Infantil

e no Ensino Superior. Nos cursos de formação de professores compreendi o quanto os conhecimentos teóricos e as práticas precisam ser articulados, bem como coloquei em prática e assim tenho construído minha identidade docente e profissional.”

“— De fato, minha amiga, o aprimoramento profissional e também pessoal é um fator essencial, pois compreendemos a necessidade da formação contínua, por si só ou através de cursos. Com isso, o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, da didática e do docente são relevantes para o docente. E o espaço-tempo favorece a construção e o desenvolvimento da identidade docente que atravessa toda a vida profissional desde os sucessos às dificuldades, uma vida marcada e ressignificada por impressões, saberes, práticas, expectativas, referências, e no significado atribuído em cada atividade desenvolvida.

Esse momento é nosso, Jaqueline! Tomar um, dois ou três cafés, saboreando biscoitos, e compartilhando histórias não tem preço! Repetiremos mais vezes. Então pergunto-lhe, sentir-se ou formar-se professor? Estamos diante de uma pergunta provocante que nos leva a pensar sobre o processo de construção da identidade docente.”

“— Olha Leticia, tal pergunta tem resposta: é um processo que inicia e caminha a partir do aspecto social e que de mãos dadas com a formação profissionalizante seguem dando significado e reconhecimento identitário. Assim, posso dizer que reconheço que sou professora, me sinto e me formei como professora no constante e contínuo aprendizado.”

“Concordo com você, pois logo lembro do que Freire (1991, p. 58) afirma: “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. Nós nos fazemos educadores, na prática e na reflexão sobre a prática”. Desse modo, ser professor é um estado permanente de formação, cuja atuação transpassa a didática e o ensino, ela engloba as subjetividades, os saberes, os valores, as práticas, os conhecimentos, os sentidos, as histórias. Ser professor é formar, educar e acompanhar

o desenvolvimento da aprendizagem e da formação cognitiva e da atitude dos educandos. É também autônomo e criativo, reflexivo e ativo, curioso e pesquisador, competente e comprometido, colaborador e incentivador, observador e ouvinte.

Com algumas considerações sobre as narrativas de nossas histórias de vida aqui apresentadas, pudemos analisar e aprender com nossas próprias experiências, pois nos orgulhamos de nossa história e do quanto evoluímos. Toda resiliência e determinação em meio aos desafios nos tem fortalecido enquanto ser humano, e percebemos o quanto somos capazes de superar a nós mesmos.

Quanto à construção da identidade docente, este é um processo de apropriação pessoal e singular, longo e complexo, repleto de significados e sentidos, no qual ocorre a integração da experiência de vida junto a experiência profissional influenciada por fatores internos e externos.

Nossas histórias de vida tão singulares revelam que a construção da identidade docente pode ser ou não ser precoce, isto é, anterior a formação inicial profissionalizante, mas que resulta de diversos fatores (principalmente sociais e culturais) têm para a tomada de decisão quanto à escolha da profissão docente, e também o sentimento de pertencimento de ser docente.

E, reconhecer-se professor, é algo satisfatório para o próprio professor e como vimos em nossas narrativas autobiográficas, isso se confirma. São narrativas repletas de memórias e significados, experiências e referências, conhecimentos e práticas, interações que se cruzam cotidianamente.

Cada professor possui sua própria história, experiências, saberes, práticas, estando inserido num determinado contexto social, cultural, econômico, político, geográfico, étnico. É preciso pois, valorizar a subjetividade do sujeito de pesquisa, e investir em pesquisas sobre a identidade, formação e profissionalização docente, dar espaço e voz

a estes profissionais nas pesquisas em educação, conhecer sua trajetória profissional e de vida que tem a contribuir com a produção do conhecimento em meio a complexidade que há no objeto de estudo.

Ao narrar nossas histórias de vida pessoal, acadêmica e profissional, fomos marcadas por um divisor de águas no nosso desenvolvimento profissional ao estreitar os laços com professor Fredy, não apenas como professor, mas como colega de profissão e também como inspiração. Despertou-nos para reflexões sobre o quanto nossa história de vida (e não apenas o trajeto acadêmico) é importante, nos caracteriza, e nos evidencia como sujeitos únicos, singulares e que muito tem a aprender e ensinar com a própria história. Fredy também nos envolve com sua pedagogia sensível, humanizadora e emancipatória, cuja esperança surge mesmo em tempos tão difíceis e direcionando-nos para uma prática docente acolhedora, respeitosa, envolvente e amorosa.

Outro ponto perceptível é o aprimoramento profissional que se caracteriza num processo formativo contínuo e que engloba a totalidade do sujeito em sua subjetividade. Percebemo-nos como seres inacabados, nesse sentido, como águias que somos, desejamos pousar em direção ao mestrado, não sabemos quando nem onde, mas já alcançamos voo. Sim, estamos em constante construção profissional que repercute na própria prática, e a partir dessa reflexão tomamos decisões do fazer docente e nos tornamos professoras-pesquisadoras, na relação de troca entre docente e discente, na formação humanizada dos educandos.

Por hora, o café da xícara acabou, mas não o café da garrafa. Isso não significa que este seja o nosso último café virtual, pelo contrário, o café nos dá mais energia. E é com essa energia e vitalidade que nossas histórias seguem sendo registradas nas lembranças, nos lugares, nos objetos, nas sensações. As nossas histórias com cheiro de café também exalam o carinho, a dedicação e o orgulho pela Pedagogia e por ser docente. Sendo assim, seguimos adoçando o café e a vida com doses de entusiasmo, amor e esperança.”

REFERÊNCIAS

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Roberta C.; FÁVERO, Altair A. *Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida*. Educação Por Escrito, v. 8, n. 2, p. 260-277, 31 dez. 2017. Disponível em: Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida | Educação Por Escrito (pucrs.br). Acesso em: 12 out. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

GOMES, Patrícia M. S.; FERREIRA, Cátia P. P.; PEREIRA, Ana L.; BATISTA, Paula M. F. A identidade profissional do professor: um estudo de revisão sistemática. *Revista brasileira educação física e esporte* [online]. 2013, vol.27, n.2, p. 247-267. Disponível em: A identidade profissional do professor: um estudo de revisão sistemática | Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (usp.br). Acesso em: 30 out. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. (Tradução Yara Aun Khoury). Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES | Nora | Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História (puccsp.br). Acesso em: 06 de nov. 2020.

PASSEGGI, Maria da C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, v. 41, n. 1, p. 67-86, 23 mar. 2016. Disponível em: NARRATIVAS DA EXPERIÊNCIA NA PESQUISA-FORMAÇÃO: DO SUJEITO EPISTÊMICO AO SUJEITO BIOGRÁFICO | Roteiro (unoesc.edu.br). Acesso em: 02 de nov. 2020.



7

Karina de Oliveira Lima
Letícia Peixoto de Mendonça
Priscila Gomes de Souza Tavares

**Histórias
(entre)cruzadas
em processos
de construção
de identidade
docente**

“Dedicamos este trabalho a todos os professores do Brasil que assumem a responsabilidade político-social de promover educação de qualidade no serviço público”

Fredy Gonzalez

INTRODUÇÃO

No presente artigo apresentamos as nossas trajetórias pessoais e profissionais, dando ênfase aos processos formativos da profissão docente. Buscamos, conjuntamente, desenvolver uma proposta idealizada pelo Professor Fredy Gonzalez, em sua disciplina de Pós-graduação, intitulada por Fundamentos Teóricos e Metodológicos Pesquisa Sobre Formação, Identidade e Profissionalização Docente, objetivando construir narrativas através dos relatos de nossas experiências pessoais, com ênfase em nossa trajetória escolar, acadêmicas e profissionais.

Através de uma escrita leve podemos perceber as nuances de cada experiência de vida. Podemos adentrar na história de cada uma de nós e entender como se deu o processo de formação do eu, sujeito que vive em sociedade e que está em constante transformação. Veremos a história de três docentes, que mesmo seguindo caminhos tão diferentes, chegaram a um mesmo lugar e hoje escrevem esta linda narrativa. Três mulheres com idades diferentes, com modos de viver diferentes, com escolaridades diferentes, mas todas elas possuindo o mesmo propósito: destacar a importância dos relatos autobiográficos para a construção da vida acadêmica e profissional e percorrendo um desenvolvimento profissional com vista a aprender mais para melhor ensinar.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO: UM DIÁLOGO SOBRE NOSSAS HISTÓRIAS

Na presente seção, apresentamos nossos relatos autobiográficos sobre as construções das nossas identidades pessoais e sociais enquanto alunas e, depois, enquanto professoras. Nesses processos, deparamo-nos com as marcas dos professores nas nossas vidas e as marcas dos alunos na construção das nossas identidades profissionais. Assim, caros leitores, sintam-se convidados a conhecer.

KARINA

Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações.

Maria da Conceição Moita

Narrar a minha história acadêmica e profissional inegavelmente é narrar minhas escolhas, posições políticas, ideológicas, culturais e pessoais. É mostrar-me para o outro, e também um mergulho analítico nas múltiplas relações que foram estabelecidas em diferentes espaços e, algumas vezes, em épocas concomitantes. Assim, é um exercício que traz as marcas da minha subjetividade, sem negar as marcas da objetividade, das construções identitárias que se estabeleceram e vão se estabelecendo num permanente devir ao longo da minha trajetória pessoal e profissional.

Assim, apresento-me aos leitores: chamo-me Karina de Oliveira Lima. Durante mais de trinta anos, era apenas Karina de Oliveira, pois o Lima é de origem paterna e este reconhecimento só se concretizou

no ano de 2014, ano que obtive um novo Registro de Nascimento. Todavia, ainda estou me adaptando a esse novo sobrenome. Sou a única filha em comum da minha mãe com o meu pai. Da parte materna, sou a caçula e tenho quatro irmãs e um irmão. Já na parte paterna, sou a primogênita e tenho duas irmãs e quatro irmãos. Então, estou, simultaneamente, na condição de primogênita e caçula.

Quanto à minha criação, foi de exclusividade da minha mãe, uma mulher corajosamente assumida mãe solteira e meu o maior exemplo de dignidade e luta pela sobrevivência. Criou os seis filhos tendo como única fonte de renda o trabalho informal de lavadeira. E, assim, proporcionou o sustento da família. Desse modo, é impossível pensar na minha trajetória pessoal e profissional sem fazer o devido reconhecimento do exemplo que tive da minha mãe, do seu amor pelos filhos, dedicação e zelo que marcaram quem fui, quem sou e tudo que eu possa me tornar.

E foi nesse espaço materno que as minhas primeiras representações do lugar-escola foram construídas. Antes do acesso à escolarização, já existia em mim o desejo de frequentar a escola, uma vez que em meu lar, uma casa que agregava minhas irmãs mais velhas e seus filhos, eu observava o meu sobrinho Gildásio ir à escola, o qual iniciou primeiro o processo de escolarização, pois era mais velho do que eu. Então, vê-lo em seu ritual para ir à escola: fardamento e organização dos materiais escolares me incentivam a desejar ir para a escola também.

Contudo, quando chego a idade de ir para a pré-escola, minha mãe muito receosa de deixar sua filha mais nova ir para outro ambiente, a essa época ela desenvolveu uma doença mental que desconhecíamos - esquizofrenia - e o tão desejado ingresso na escolarização precisou ser adiado por um ano. Tenho essas lembranças vívidas, pois meu encantamento pela escola fez com que, muitas vezes, eu brincasse de escolinha e realizasse pseudoleituras, antes mesmo de conhecer o nome das letras.

No ano de 1985, ingressei na pré-escola já aos 6 anos de idade e um mundo se abre para mim. A menina que mais vivia sonhando com a escola vai para o espaço mais desejado. A princípio pensava que esse meu desejo pela escola tinha sua raiz no aprender, mas, lembrando essa história, e de certa forma me distanciando, pois o lembrar possibilita refletir sobre o vivido, ressignificá-lo e, através de novas lentes, pode ser reinterpretado conscientemente, constato que as motivações principais eram a possibilidade de brincar e de conviver com outras crianças, visto que em meu ambiente familiar havia mais adultos e, meu sobrinho, fora morar em outra zona da cidade, bem mais distante.

Nesse nível de ensino, permaneço apenas esse ano e, no seguinte, vou para uma escola no mesmo bairro, mas agora maior. Esse maior precisa ser melhor explicado: a antiga escola possuía apenas uma sala de aula, dois banheiros e a secretaria que também funcionava como sala da direção. Já a nova escola, Escola Estadual Passo da Pátria, possuía 03 salas, dois banheiros, um parquinho, cozinha e direção. Lá estudei da 1ª à 4ª série do primeiro grau¹³. Foram anos felizes, construí amizades que perduram até os dias atuais, mas demorei a me alfabetizar. Questiono-me como nunca fui reprovada, visto que apenas na 3ª série aprendi a ler e, nessa época, era uma condição para a aprovação a aquisição da leitura. Lembrando, lembro-me que sempre fui muito elogiada pelo meu bom comportamento, atenção aos ensinamentos: sabia soletrar todas as palavras do alfabeto, mas não conseguia estabelecer a relação grafema-fonema e, assim, decodificar as palavras e textos.

Nessa época, a memorização era fundamental. O bom comportamento do aluno era visto como a capacidade de permanecer em silêncio, ser dócil, obediente. Então, eu era uma aluna “bem-comportada”, assídua, esforçada e, assim, era aprovada.

¹³ Nessa época vigorava a primeira LDB (LEI 4024/61) que foi publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart e o que entendemos hoje como Ensino Fundamental era equivalente ao que se instituiu como Primeiro Grau.

Entretanto, quando chego à 3ª série, deparo-me com a professora Lourdes. As exigências eram outras: tinha que ler. As professoras anteriores quando solicitavam que eu lesse, eu começava a chorar e elas me encaminhavam para o parquinho. Então, com a professora Lourdes o *modus operandi* foi modificado: chorei só uma vez. Não fui encaminhada para o parquinho. Tive que permanecer na sala e mesmo ainda soletrando tinha que fazer o esforço para ler. Consegui aprender a ler. As práticas de leituras eram recorrentes e, individualmente, cada aluno fazia a leitura de um parágrafo. Todos os dias tínhamos os ditados, correções na lousa e ao final do ano eu estava lendo com fluência, produzindo redações. As redações, geralmente, vinham com muitas marcas em vermelho, mas, gradativamente, fui melhorando fui desenvolvendo competências na escrita.

Recordo-me que em um belo dia, andando de ônibus, pego-me lendo os letreiros das lojas. De lá para cá não parei mais. A leitura, desde o início, foi para mim sinônimo de alegria, prazer, busca, aventura e libertação! Então, sou aprovada para a 4ª série. Lá encontro a professora que considero que mais aprendi, minha inesquecível professora Natércia. Lembro-me que quando ela introduziu o conteúdo sobre fração, apenas eu e um outro colega, o Hudson, conseguimos responder corretamente à atividade.

Então, foi a partir dessa série que fui tomando consciência que meu desempenho escolar teve um salto qualitativo, vou me reconhecendo como capaz, como leitora e passo a obter reconhecimento por parte da professora e, também, no meu ambiente familiar. Minha mãe, tinha estudado apenas até a 4ª série, dos meus seis irmãos maternos apenas dois avançaram nos estudos, três não obtiveram sucesso escolar e abandonaram o estudo, encontrando-se na condição de analfabetos, e, de certa forma, eu era vista como promissora nos estudos e esse incentivo, reconhecimento e apoio familiar foi um diferencial para que eu pudesse progredir nos meus estudos.

No ano seguinte, como a Escola Estadual Passo da Pátria só ofertava de 1ª a 4ª série, fui transferida para cursar a 5ª série na Escola Estadual Padre Miguelinho, localizada no bairro do Alecrim, Natal-RN. Estudei lá a 5ª e a 6ª série no turno matutino. Continuo obtendo bons rendimentos acadêmicos e brincando muito de queimada nos horários do intervalo, ou quando tínhamos horários vagos, coisa que acontecia com uma certa recorrência em função da falta de algum professor, seja por falta ocasional ou porque não tinha professor para lecionar determinada disciplina, geralmente. De tantas lembranças dessa fase da minha vida as amizades têm um realce muito especial, pois é quando eu passo a ter amizades para além dos momentos da escola, em função dos trabalhos escolares em grupo, era recorrente ir a casas das colegas para construirmos nossos trabalhos.

Assim, as minhas amizades se diversificaram. Antes só tinha amizades do meu bairro de origem. Com a mudança para outra escola, ampliou-se muito meu contato com novas amizades, afinidades foram construídas. Mas, foi com a provação para a 7ª série, quando fui para o turno vespertino que encontro as minhas amigas que constituíram o “meu grupo” de pertencimento: Márcia, Elaine, Katiane, Mary e Andreia. Tínhamos muitas afinidades, confiança umas nas outras, éramos confidentes, as melhores amigas, fiéis, presentes e todas demonstravam engajamento com os estudos.

Nossas trajetórias cruzam muitas outras histórias. Nesses encontros não apenas desenvolvemos sentimentos, aprendemos muito, desenvolvemos novos gostos (por meio das amizades conheci a banda Legião Urbana e foi uma frase de Renato Russo que adotamos em nossa farda de concluintes, tornei-me fã da banda), identidades com os grupos e vamos construindo nossa identidade.

Em 1997, minha trajetória estudantil do antigo segundo grau foi concluída, e neste ano o meu desejo de cursar uma universidade foi aflorado. Incentivada por um amigo da escola, o Anderson, fiz minha

inscrição para a seleção de estudantes oriundos de escolas públicas para participar das aulas ofertadas pelo Cursinho do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Rio Grande do Norte - UFRN – DCE/UFRN, uma iniciativa dos estudantes dos cursos de licenciatura da UFRN. Fui contemplada. Nas primeiras aulas, principalmente nas disciplinas de Biologia, Química e Física, deparei-me pela primeira vez com determinados conteúdos que eram cobrados nos exames vestibulares. Dou-me conta que, para cursar uma universidade, seria preciso estudar muitos conteúdos por conta própria. Sem recursos para ter acesso aos materiais, de segunda a sexta-feira, durante todas as tardes estudava na biblioteca pública Câmara Cascudo. Nessa primeira tentativa, fiz minha inscrição no exame para cursar enfermagem. Não obtive aprovação.

Então, acostumada a sempre estudar, não queria ficar sem estudar e fiz minha inscrição no Curso de Magistério no Colégio Paula Francinete, uma instituição filantrópica que funciona no turno noturno no mesmo prédio de um colégio da elite tradicional de Natal: Colégio Auxiliadora. Nesse novo lócus saltava aos olhos as diferenças estruturais entre as escolas que eu havia estudado é esse novo espaço: estrutura, uma mobília mais tradicional.

Começo narrando o início da minha graduação no curso de Pedagogia da UFRN, que ocorreu no verão de 1999. Em função dessa vivência no curso, surge no segundo período, minha primeira oportunidade de atuar numa função de caráter pedagógico. Ao ser indicada por uma professora substituta, Dicla Naate, ingressei no Programa Tributo à Criança, vinculado à Prefeitura Municipal do Natal, como monitora. Além da sede administrativa, a estrutura estava organizada em polos distribuídos pelas diversas zonas da cidade. Um deles, ao qual eu fiz parte, funcionava no bairro de Petrópolis e atendia crianças oriundas dos bairros de Mãe Luíza e Passo da Pátria.

Em uma manhã de março do ano 2001, na sede do Programa Tributo à Criança, sou convidada e indicada a participar como pro-

fessora-estagiária do governo estadual do Rio Grande do Norte na função de professora de duas disciplinas: Metodologia de Ciências e Metodologia de Estudos Sociais para alunos do ensino médio, na modalidade normal. A escola onde eu iria exercer a função de professora-estagiária era a Escola Estadual Manoel Severiano, localizada no município de Riachuelo-RN.

Através dessa experiência profissional, conheci a realidade dos cursos noturnos, oferecidos pelas instituições públicas, o descaso, a falta de professores e de recursos para essa modalidade de ensino, pois nem lanche era ofertado, uma vez que a merenda era comprada com recursos destinados exclusivamente para o ensino fundamental (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF).

Diante desse quadro, busquei compartilhar com aqueles alunos (a)s os conhecimentos construídos por meio das disciplinas de didática e das de ensino (principalmente, os Ensinos de História I e II, os Ensinos de Ciências I e II, os Ensinos de Geografia I e II) e propor estratégias metodológicas que instigassem o interesse e a participação. Sem dúvida, esta foi uma experiência indelével para a minha formação profissional no exercício da docência e me instigou o desejo de atuar como professora em cursos de formação docente. Até hoje quando passo pela cidade de Riachuelo são fortes as lembranças que vivi lá, o caminho até a escola. Lá foi o lugar que suscitou o desejo para que eu me tornasse professora formadora.

No início da primavera de 2001, saí da monitoria do Programa Tributo à Criança para ingressar em uma base de pesquisa. Nesse novo espaço, deparei-me com um corpo docente ávido pelas discussões teóricas e preocupado em fomentar o debate sobre o processo de ensino aprendizagem, o conhecimento das diferentes áreas do saber, currículo, processos identitários e formação de conceitos científicos. Convivo, também, com mestrandos e doutorandos realizando

suas pesquisas numa perspectiva de que seja viável o salto qualitativo na aprendizagem dos alunos. Cada reunião para discutir a organização dos conceitos em rede era uma verdadeira aula!

Nessa experiência como aluna-bolsista da Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), passo a desenvolver um plano de trabalho investigativo vinculado à Base de Pesquisa Práticas pedagógicas e currículo (DEPED/UFRN), coordenada pela professora Dr^a. Márcia Maria Gurgel Ribeiro e sob a orientação dela.

Esse plano de trabalho intitulado: “As relações constitutivas dos processos identitários” era uma investigação que se integrava a uma pesquisa mais ampla: “Escola e currículo: a formação de conceitos como componente básico da organização curricular”, a qual assumia um caráter longitudinal, pois teve início desde o ano de 1998, em uma escola da rede estadual da capital norte-rio-grandense. Essa pesquisa tinha como objetivo a construção de uma matriz curricular com base na formação de conceitos científicos, desenvolvida por L.S. Vygotsky (1896-1934) e colaboradores, de modo a integrar as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Geografia, História e Artes.

Em decorrência dessa experiência, passo a apresentar resumos e artigos em eventos científicos locais e regionais, onde a socialização e o compartilhamento de atividades acadêmicas são práticas constitutivas da formação da identidade do pesquisador.

No conjunto dos principais trabalhos apresentados, destaco: Articulação: prática pedagógica, formação de conceitos e planejamento curricular apresentado na 54^a Reunião Anual da SBPC, ocorrido em Goiânia (UFG, 2002); o papel social do aluno construído nas relações pedagógicas, realizado em 2002, no XIII Congresso de Iniciação Científica da UFRN, ocorrido em Natal (UFRN); os conflitos constitutivos na relação professor-aluno: construindo sujeitos participativos, realizado no VIII Seminário de Pesquisa do CCSA, ocorrido em Natal (UFRN, 2002).

Em 2003, em função de questões referentes ao financiamento das pesquisas, passei a ser orientada pelo professor Dr. Francisco Cláudio Soares Júnior e desenvolvo o plano de trabalho intitulado “Formação do conceito científico de território no ensino básico”, no mesmo campo de pesquisa que atuava anteriormente.

No mesmo ano, dou início a produção de minha monografia de final de curso, a qual foi intitulada “Autonomia cognitiva: aprendendo a pensar e agir na escola”, tendo como material empírico uma turma da mesma escola a qual realizamos investigações junto ao grupo de pesquisadores da UFRN/DEPED. O trabalho monográfico teve como objetivo identificar as relações estabelecidas na sala de aula e analisar as experiências de ensino/aprendizagem, tendo como eixo a sistematização do conceito científico de território, como também sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia cognitiva de crianças em idade escolar, de uma turma do 2º ano de sistematização.

Ao término do curso de pedagogia, em julho de 2003, passei a fazer parte do programa de extensão da UFRN em parceria com o governo federal, o Programa Alfabetização Solidária. Essa experiência só confirma como o professor é um aprendiz. Nas palavras de Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, se aprende num processo de comunhão” (FREIRE, 1987; p. 29). Esse processo de aprender junto, pois a turma na qual trabalhava era composta por moradores do mesmo bairro que eu morava e fomos reconstruindo a história do bairro, os moradores mais antigos, etc. Permaneci nesse trabalho durante dois semestres.

Em outubro de 2003, prestei concurso público para provimento de vaga de professor do ensino básico da Prefeitura de Natal e, em novembro, presto na mesma modalidade de ensino, para Parnamirim.

Em março de 2004 fui aprovada em ambos os concursos, e passando a integrar o quadro docente das prefeituras supracitadas, dando início a minha trajetória como professora dos anos iniciais do ensino fundamental.

Iniciei meus estudos de Pós-Graduação *lato sensu* em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Castelo Branco, em maio de 2005 e conclui em abril de 2006. Nesse mesmo ano, também passei a desenvolver um trabalho de assessoria pedagógica para a Secretaria Municipal de Educação do município de Canguaretama.

Em outubro de 2008 prestei seleção para cursar o mestrado em educação pela UFRN iniciando o mesmo em março de 2009 e, em julho do mesmo ano, concomitante aos estudos relativos à pesquisa, passo a atuar como tutora da disciplina Fundamentos da Educação, destinada aos cursos de licenciatura ofertados pela Educação a Distância (SEDIS/UFRN). No respectivo semestre, 2010.1, a disciplina a qual estive tutora é a de Educação e Realidade.

O conjunto das experiências em minha atuação profissional na educação, como também o aprofundamento nos estudos inerentes aos cursos concluídos e às vivências já citadas, vem somar aprendizagens que foram se consolidando ao longo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional em que ora sou aluna, ora me assumo como mediadora da aprendizagem enquanto exerço a docência e interajo com alunos, desenvolvendo conhecimentos e saberes da docência, experiência que promove um contínuo processo de aprendizagens.

LETÍCIA

“É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”

(LARROSA, 2002, p. 25)

Escolhi essa fala do Larrosa porque desde o momento que ouvi ficou marcada em mim, e desde então, esta descrição do pensamento sobre o conceito de experiência passou a ser algo que eu acredito, pois

o “tocar” a qual ele se refere vai muito além de uma simples vivência corriqueira, mas sim de um aprendizado que mexe não só com o nosso cognitivo, mas mexe principalmente com o nosso emocional. Assim, ao narrar as minhas experiências a partir das subjetividades inerentes a elas, reflito sobre o eu enquanto ser humano, o eu enquanto discente e o eu enquanto profissional de educação, todas estas se entrelaçando e sendo fundamentais para a formação da minha identidade.

Antes de tudo devo fazer uma breve apresentação sobre mim. Me chamo Letícia Peixoto de Mendonça, filha de pais bastante cuidadosos, responsáveis e protetores. Sou a terceira filha dos quatro filhos que os meus pais tiveram. Até os meus quinze anos eu era a filha caçula, então chegou a minha irmã mais nova, hoje com sete anos, de forma inesperada, mas muito marcante. Tenho duas sobrinhas que tenho muito carinho. Nasci na capital do Rio Grande do Norte e os meus pais também são de Natal. Minha mãe trabalha como dona do lar e o meu pai era instrutor de trânsito de uma empresa privada, até ser esse ano demitido devido à pandemia e as más condições econômicas que o país enfrentou. Ambos são muito trabalhadores e nunca deixaram faltar nada na mesa. Fui aluna de colégio particular a minha vida toda. Não eram colégios de grande porte, mas era o que o meu pai podia pagar para que eu não estudasse em uma escola pública e não fosse prejudicada com as greves e falta de estrutura.

Minha trajetória profissional se inicia com a minha entrada no curso de Pedagogia da UFRN, no ano de 2015, em seu primeiro semestre. A princípio não era esse o curso que escolhi para me formar. Sempre gostei muito das disciplinas de matemática, biologia e química e por esse motivo buscava o ingresso nos cursos na área da saúde, porém a nota que eu tinha no SISU não foi suficiente para entrar logo de cara nesses cursos. Como boa parte dos meus familiares são professores ou têm alguma relação com a educação, eu resolvi testar a minha nota no curso de licenciatura em Pedagogia e acabou dando certo. Consegui

uma vaga no curso, mas não estava muito feliz com isso. Mesmo assim, tratei de cursá-lo, até porque previa facilidades para a entrada em outro curso que eu realmente queria por meio do reingresso.

Cursei o primeiro semestre, mas algo ainda estava errado. Ainda não conseguia gostar de estar naquele ambiente. Não tinha motivação. Realmente ia só por ir. Foi então que no segundo semestre apareceu a oportunidade de eu ser bolsista pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ao mesmo tempo que eu teria ajuda com os custos dos meus estudos e não sobrecarregar os meus pais, também via como sendo um teste para mim que morria de medo da sala de aula e que de jeito nenhum queria atuar como educadora. Foi então que eu fui selecionada para ser bolsista e que eu faria minhas intervenções e observações em uma turma de educação infantil — a modalidade de ensino que eu tentava fugir ferrenhamente. Infelizmente a minha experiência só durou seis meses, mas durou pouco tempo porque eu não me sentia bem estando em sala de aula. Assim, resolvi sair do Programa e do curso.

Por seis meses fiquei em casa estudando novamente para o ENEM, porém não aguentei ficar tanto tempo em casa. Foi assim que no outro semestre eu retornei. Fiquei atrasada um semestre, mas esse atraso me fez bem, pois voltei tentando dar o meu melhor e buscando adentrar em algo que realmente pudesse me fazer atraída. Foi dessa forma que eu busquei algo na iniciação científica através da seleção que eu participei para ser bolsista no Projeto de Extensão EJA em Movimento, promovido pelo professor Alessandro Augusto, do Centro de Educação. Queria conhecer mais de perto esta modalidade de ensino, pois via que esse público sofria uma precarização do ensino e sentia que isso vinha como algo desafiante para mim. Passei dois anos no Projeto e aprendi muito.

Através dessa experiência, a minha motivação para estar no curso começou a crescer e eu tentei novamente procurar na educa-

ção mais coisas que me fizessem levantar da cadeira. E logo, logo surgiu. Comecei a cursar o Ensino de Matemática I com a professora Cláudia Kranz e foi aí que o meu olhar para a docência mudou totalmente. Percebi que a referida professora dava as suas aulas com o foco na interação, pois privilegiava a fala dos alunos. A professora tinha como suporte didático o jogo e, a partir deste ela explorava os diversos conceitos matemáticos, como também tinha a preocupação de trabalhar com a linguagem matemática, fato este que tornou o seu ensino bastante diferenciado em relação aos ensinamentos de matemática que tive durante toda a minha vida. Era através do jogo que ela desenvolvia o conceito de problematização, por mim antes desconhecido. Esse processo acontecia da seguinte forma: durante o jogo a professora nos fazia perguntas para que pudéssemos ser capazes de refletir sobre algum conceito sendo trabalhado naquele momento e o mais interessante é que as mesmas perguntas não eram respondidas de imediato por ela, pois ela nos fazia pensar sobre, e nós mesmos deveríamos tentar responder às nossas próprias indagações.

A minha experiência no Ensino da Matemática I foi tão proveitosa que no final do semestre surgiu uma oportunidade de me vincular ao Programa de Monitoria da disciplina. Me candidatei de imediato e fui selecionada para fazer parte do riquíssimo projeto denominado “Formação de Professores para ensinar Matemática na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Pude ser monitora por um ano e pude acompanhar o desenvolvimento de duas turmas. Na verdade, pude acompanhar a minha turma também.

A partir dessas experiências no âmbito da graduação eu resolvi fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o Ensino da Matemática e como este esteve presente em toda a minha vida de forma significativa. O meu trabalho se intitulou “Memórias da Matemática: a experiência do reencontro no curso de pedagogia”.

No último período do curso de Pedagogia, resolvi continuar com a minha pesquisa no ensino da matemática e busquei fazer a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. As fases foram bem difíceis, principalmente porque fiz o meu projeto sem nenhuma orientação. Mesmo assim, eu consegui uma vaga e hoje sou aluna do mestrado, orientanda do professor Dr. Fredy Enrique González.

Ainda cursando a Pedagogia prestei concurso para professor de anos iniciais para a Prefeitura de Jaçanã, no Rio Grande do Norte. Passei dentro das vagas, porém não fui convocada devido a problemas do próprio município com o Ministério Público. Por esse motivo, ao término do curso precisei procurar emprego em escolas particulares. Deixei vários currículos, mas não estava sendo fácil, pois não tinha experiência em sala de aula e geralmente as instituições optam por profissionais que já possuem experiência, até ser chamada para uma escola particular de Educação Infantil em Nova Parnamirim, na qual hoje faz um ano e três meses que lá estou.

Como havia dito acima, eu tinha um receio enorme de atuar na educação infantil, não porque teria que, além de educar, cuidar de crianças bem pequenas e/ ou crianças pequenas, mas porque na minha cabeça eu não tinha o “jeito certo” para se trabalhar com elas, com outras palavras, eu não tinha criatividade e aquela doçura que as professoras de educação infantil devem ter. Como se pode ver, eu construí todo um estereótipo de como deve se portar uma professora(o) de educação infantil e isso me bloqueou inicialmente no trabalho com as crianças. Lembro bem que logo no início eu trabalhava com uma tensão muito grande, pois queria que o meu trabalho desse certo, que as crianças se sentissem bem comigo. Logo eu que peguei uma turma de Nível III, crianças de três anos, com a maior quantidade de alunos na sala e que viveram uma experiência com uma professora que lá passou e que amaram. Vivi um tempo de muitas cobranças. Cobranças que eu mesma criei para mim mesma.

Atualmente atuo com crianças de cinco anos, em turmas onde o trabalho com a leitura e a escrita pode ser desenvolvido com mais ênfase. Estou bem feliz e empolgada por algumas delas já terem avançado na escrita com o processo do meu trabalho. Percebo que tudo que eu passei até chegar em sala de aula me fez crescer em todos os sentidos, pois sempre aprendo com os meus alunos. Sou melhor como ser humano, sou muito melhor sendo professora, sou melhor como irmã de uma criança pequena e como tia de duas sobrinhas.

PRISCILA

“Sem a música, a vida seria um erro.”

Friedrich Nietzsche

Chamo-me Priscila Gomes de Souza Tavares, nasci no dia 17 de novembro de 1981 na Cidade de São Paulo, SP. Em uma família de músicos, meu pai, músico, trombonista da Banda de Música da Aero-náutica, regente e maestro de coral e orquestra na igreja e minha mãe, pedagoga, flautista e coralista na orquestra e coral da igreja. Sou a primogênita de 3 irmãs, desde criança aprendemos as primeiras notas musicais em casa com meus pais e participamos de grupos musicais na igreja, cantando em corais infantojuvenis.

A música, na casa do meus pais, sempre foi muito presente, quando criança ouvia fitas cassetes de concertos musicais de corais, orquestras, e ainda criança meu pai levava eu e minhas duas irmãs aos concertos musicais no Teatro Municipal de São Paulo para assistir às orquestras e corais que ali se apresentavam, o que guardo na memória como uma bela recordação daquele tempo. Tudo isso junto fez aumentar o meu gosto e interesse pela música e por orquestras e corais.

No ano de 1996, meu pai foi transferido pela Aeronáutica para Natal, RN, e toda a minha família veio morar em Natal. Logo soubemos da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que estava abrindo inscrições para as vagas no curso de extensão de música. O ano era 1997, tanto eu como minhas duas irmãs iniciamos o curso básico de música na Escola de Música da Universidade.

Esse período foi de muito aprendizado e conhecimento técnico de leitura e solfejo musical, bem como de riqueza de novas possibilidades de aprender um novo instrumento musical. Minhas duas irmãs escolheram e começaram a estudar e tocar violino e eu escolhi o violoncelo por ter um som mais grave e por eu achar linda a maneira de tocar.

O ano era 1997, começava uma longa trajetória acadêmica na Escola de Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fiz todo o curso básico de música que naquela época era de 3 anos, concluindo em 1999, nesse período tinha aulas de linguagem e estruturação musical e de violoncelo, foi um período de muito aprendizado e conhecimento com os professores que tive nesse e que também muito me incentivaram a continuar os estudos acadêmicos.

Importante ressaltar que nesse período, eu tive ainda um acidente de carro, onde fracturei ossos da minha bacia e que fiquei 40 dias sem poder andar e me locomover, e ainda alguns meses para voltar a andar, foi nessa época que tive que interromper algumas apresentações musicais que iria participar com a orquestra da escola de música, mas recebi apoio dos professores que me ligavam e por telefone com palavras de incentivo e força me diziam para continuar e não parar nos estudos na música. Também recebi o suporte da minha família que me ajudou muito em todo o processo de recuperação do acidente de carro, a superar as dificuldades e a me preparar e estudar para o vestibular de música que faria no final do ano de 1999.

O curso da graduação já estava escolhido, não poderia ser outro, era música, mais especificamente o curso de bacharelado em música com habilitação em violoncelo. Importante falar que para que o candidato fizesse o vestibular para o curso de música na UFRN ele primeiro teria que fazer um THEM (Teste de habilidade específica em música) que media os conhecimentos prévios do candidato em leitura musical, e habilidades de execução no instrumento pretendido. Lembro que na época meu pai, que também é músico, me ajudou muito a estudar, em casa, treinava comigo as partituras musicais e conteúdos do repertório exigido pela banca do concurso. O que me ajudou muito me dando confiança e animação para enfrentar o vestibular.

Todo o esforço, estudo, trabalho valeu a pena. O ano era 2000, passei no curso de bacharelado em música com habilitação em violoncelo na UFRN, meu professor de violoncelo era de um país bem distante chamado Sri Lanka, uma ilha no sul da Índia. Ele era recém-chegado em Natal e estava como professor substituto de violoncelo na UFRN, que até o momento não tinha ainda professor efetivo do instrumento para ensinar no curso de música.

Passei cinco anos tendo aulas de violoncelo com o professor indiano Faisal Kaamal Hussein, do ano 2000 a 2005, com quem tive toda a minha formação no instrumento no bacharelado em música. Foi um período de muita dificuldade no início e de superação, pois a primeira barreira de comunicação era o idioma, o professor Faisal, falava cingalês, francês e nenhuma palavra em português.

Em nossas aulas recorremos ao dicionário e também através da exposição da execução musical dos métodos, lições e partituras musicais, ele tocava para mim, demonstrando a execução correta do exercício, música, lição e me pedia para tocar novamente.

Sobre esse período das minhas aulas de violoncelo no bacharelado em música na UFRN com um professor do Sri Lanka desenvolvi

novas maneiras de aprender os conteúdos musicais pela escuta, pela observação, e que me ajudou muito na minha formação acadêmica. Nesse período do bacharelado iniciei as primeiras aventuras pela docência, ministrando aulas de música, teoria musical e violoncelo na igreja, mas sem ainda uma formação pedagógica dentro da educação musical, eu reproduzia para os meus alunos aquilo que aprendi e recebi dos meus professores.

Tive também a oportunidade de vivenciar como violoncelista estagiária na Orquestra Sinfônica do RN, o palco e os concertos no Teatro Alberto Maranhão os quais muito contribuíram para a minha formação como instrumentista.

Ao término do curso de bacharelado em violoncelo em música, em 2005 prestei concurso como violoncelista para a Orquestra Sinfônica do RN, mas não passei. Sem perspectivas de emprego e concursos, e ministrando aulas na igreja e ONGs em Natal, tive conhecimento do novo curso de licenciatura em música que estava surgindo na UFRN em 2005, ao final do ano prestei o reingresso para a licenciatura, passei. Enxergando ali uma nova oportunidade de formação acadêmica e profissional de atuação.

Paralelo a isso entrei também no curso técnico em música com habilitação em regência na Escola de Música da UFRN atuando com grupos musicais de banda e orquestra.

No ano de 2006 entrei na licenciatura em música da UFRN, que foi uma nova experiência acadêmica na minha formação docente, um grande divisor de águas foi ter sido aluna de iniciação à pesquisa e participado de grupos de pesquisa, congressos científicos, publicação de artigos, e tudo isso fez abrir meus horizontes para o universo da pesquisa acadêmica.

Outro momento importante e marcante na minha formação acadêmica na licenciatura em música foi ser aluna bolsista do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o PIBID/Música - UFRN no ano de 2008 e 2009, o que muito contribuiu para minha formação acadêmica e pedagógica. Sobre o PIBID, participar desse programa foi uma grande ferramenta de aperfeiçoamento pedagógico. Sem dúvida enriqueceu a minha graduação na licenciatura em música e quando concluí em 2010 senti mais confiança para ir para a sala de aula.

O meu ingresso na escola regular como docente de música aconteceu em 2011, após passar em um concurso para professor efetivo do município de Natal. Trabalhei em duas escolas municipais do município de Natal de ensino fundamental, com público de 1º e 3º anos com aulas de música, prática de flauta doce e canto coral. Estar em sala de aula abriu meus olhos para um universo enorme, que é ser docente, e me incentivou a buscar uma maior capacitação e formação continuada.

Foi quando em 2010 e 2011 fiz uma Especialização em Educação Musical na Educação Básica, abrindo as portas para a pesquisa dentro da minha prática pedagógica e meu fazer docente. As disciplinas na especialização me ajudaram a construir meu projeto para que em 2013 eu entrasse no Mestrado em Música da UFRN. Durante os dois anos no mestrado pude refletir sobre o meu fazer enquanto docente. Algo que me marcou muito também nesse período foi o estágio em docência assistida, ministrando aulas para alunos da graduação em música.

Terminando o mestrado, em 2014 ingressei como professora efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Onde fui trabalhar no interior do estado na cidade de Macau, conhecida como a terra do sal. Foi uma nova experiência, passei a trabalhar com alunos do ensino médio. Novas metodologias

de ensino, novas necessidades de aprendizagem, um novo universo para a docência e a pesquisa.

Nesse período no IFRN pude vivenciar, enquanto professora, práticas pedagógicas que foram se moldando a cada cenário, turma, semestre, campus que passei, já se vão três na instituição (Macau, João Câmara e São Paulo do Potengi atualmente).

E nesse período de pandemia do ano 2020, o desejo de voltar a formação continuada e buscando um conhecimento maior e capacitação profissional me levaram a me inscrever como aluna especial no PPGED UFRN e aqui estou fazendo a disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a formação, a identidade e a profissionalização docente com o professor Fredy Enrique González.

E agora como atividade final da disciplina tive o prazer e privilégio de conhecer duas colegas com que estou trabalhando junto, Karina e Letícia, na construção desse trabalho contando e compartilhando sobre as nossas histórias de vida e do nosso fazer docente.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EM NOSSAS NARRATIVAS: ENTRECRUZANDO HISTÓRIAS

Situando os contextos

Como se pode observar, cada uma de nós tem uma história diferente da outra, pois além das diferentes datas de nascimento, dos períodos em que cada uma viveu, nós carregamos as marcas que a

experiência foi deixando. Porém, mesmo com diferentes caminhos de vida, como já descrevemos em parágrafos anteriores, podemos chegar hoje ao mesmo lugar, o lugar da docência. Desse modo, são em tempos diferentes que Karina, Priscila e Letícia se encontram e muitas histórias se entrelaçam e sentidos singulares são produzidos.

Narrativas que se aproximam

Apesar de termos vivido histórias diferentes, há contextos em que nos situamos nos mesmos lugares. A colega Karina e eu (Letícia) tivemos a oportunidade de ingressar no mesmo curso de graduação, na mesma instituição: Pedagogia, na UFRN, mas em uma cronologia diferente.

A estrutura curricular do curso de Pedagogia, nos anos em que estive em formação, correspondente ao Currículo 001/2009, seguia uma organização com base em três dimensões: epistemológica, política e pedagógica. Tendo a dimensão epistemológica o curso acredita e desenvolve um pensamento de que é de suma importância “[...] uma relação indissociável entre teoria e prática, entre saber e fazer, ou seja, a pesquisa como sistematizadora de saberes, orientada para uma formação profissional comprometida com a transformação social (UFRN, 2009, p. 27).

Já em relação a dimensão política, o referido documento explicita:

Enquanto dimensão política, [...] inclui a discussão sobre a construção histórica das políticas educacionais e dos processos de gestão e de coordenação das instituições educativas. Representa estabelecer parâmetros de qualidade social para a formação do pedagogo, garantindo a profissionalização docente, articulada às condições de trabalho e à valorização do magistério. Possibilita empreender esforços por uma formação política e tecnológica para os pedagogos e os docentes em todas as licenciaturas, a ser desenvolvida de forma integrada e

articulada entre graduação, pós-graduação e formação continuada. (UFRN, 2009, p. 27)

Já em relação à dimensão pedagógica o currículo “[...] tem como referência as discussões sobre a escola, os processos de ensino e de aprendizagem e a prática educativa” (UFRN, 2009, p. 28).

Ingressei no curso em 2015. Tinha feito o ENEM em 2014, durante o meu último ano do ensino médio. A princípio, não tinha a Pedagogia como opção, afinal não queria de modo algum atuar em sala de aula, muito menos cair nas graças de ser professora de crianças pequenas, ideia inicial e preconcebida que eu tinha sobre o curso. Almejava trabalhar na área da saúde, pois sempre quis ser médica pediátrica. Porém, a minha nota não foi suficiente para tanto e tentei outros cursos no processo do SISU. Como não sou de família rica, optei por escolher um curso em que eu pudesse conseguir com mais facilidade um emprego e, mais do que isso, que tivesse muitas opções de concurso público. Dessa forma, escolhi a Pedagogia. Além da questão financeira, outro fator que corroborou com a escolha do curso, foi a família. Meus tios ou já foram ou são professores e isso também ajudou na minha decisão.

Pois bem, entrei no curso e me propus a Me dedicar em todas as disciplinas que ele ofertava. Realizei o primeiro e o segundo semestre, porém não me sentia feliz. Além de tentar estudar com dedicação o que as disciplinas me propunham, resolvi me testar, saber se era mesmo isso que eu queria para minha vida. Assim, agarrei a oportunidade de ser bolsista do PIBID. Neste programa nós tínhamos dias de intervenção em sala de aula e dias de observação. Fiquei responsável por intervir em uma turma da educação infantil. Infelizmente essa experiência não foi tão boa e isso me levou a me afastar do curso por um semestre.

Saí e resolvi voltar. Já estava acostumada com a rotina universitária e eu precisava concluir logo algum curso de graduação. Então, ao voltar, decidi dar tudo de mim e fazer o curso valer a pena.

Para mim (Priscila) um divisor de águas na minha profissão docente foi quando em 2014 entrei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), assim como a colega Karina que também faz parte da mesma instituição.

Pessoalmente, para mim, a aula no ensino médio foi um grande desafio, pois eu ainda não tinha contato com esse público e faixa etária. Embora na graduação em licenciatura tivéssemos disciplinas que abordassem a prática pedagógica com os adolescentes e jovens, faltava esse contato mais próximo. Esse contato próximo fui ter em 2014 no *Campus* Macau, lugar que trabalhei durante quatro anos, depois fui para o *Campus* João Câmara, onde trabalhei dois anos e meio e agora atualmente estou no *Campus* São Paulo do Potengi.

Alguns pontos importantes nessa reflexão são quanto a nossa construção da formação docente, a sócio-profissionalização nesse processo social e a nossa identidade no desenvolvimento profissional que acredito que tanto eu como Karina passamos por isso. E nas nossas experiências de vida, trajetória como professoras no IFRN temos experimentado essa construção em nós mesmas, como a figura de uma escultura que vai martelando-se e esculpindo-se num processo de construção.

Eu chamo a atenção para esses espaços de formação da construção docente que no caso temos a formação na escolar que recebemos, temos também a formação na escola que trabalhamos e a formação no serviço e com os outros com quem aprendemos. Esse é o que podemos chamar formação em serviço, chancelada, principalmente pelo setor da Equipe Técnica-Pedagógica do IFRN (ETEP), materializadas nas Reuniões Pedagógicas.

Vygotsky, ao teorizar sobre mediação social, afirma que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. A apren-

dizagem é uma experiência social, a qual é mediada pela interação entre a linguagem e a ação.

As experiências vividas e compartilhadas nesses quase sete anos trabalhando no IFRN me construíram como docente através de diversos processos de formação, seja no relato e no discurso das minhas experiências vividas no IFRN, seja na receptividade silenciosa recebida. Na interatividade com outros colegas professores, na emancipação cognitiva do professor. Tudo isso me ajudou a chegar até aqui.

Então, é no *locus* IFRN que as nossas histórias se cruzam (Karina). Exatamente, no mesmo ano, 2014. Para mim, no momento que recebo minha convocação para o exercício da docência em uma instituição da Rede Federal, deparo-me diante de um misto de sentimentos: alegria, medo, desafio.

O medo se deu, primeiramente, por saber que eu iria precisar me deslocar para um lugar distante, pois meu *Campus* inicial foi em Apodi, a quilômetros de distância de Natal. E com isso deixaria minhas filhas pequenas distantes provisoriamente de mim, uma vez que era em Natal que a minha família iria permanecer. Outro grande receio foi em função dos anseios em exercer a docência em outro nível de ensino. Basicamente, toda a minha experiência como docente, até então, restringia-se a educação infantil e anos iniciais da educação básica.

Esse nosso encontro não é apenas temporal. Ele marca uma fase da expansão dos Institutos federais no Brasil e, em particular, no Rio Grande do Norte. Histórias que possuem singularidades trazem as marcas de aspectos macros sobre a educação do Brasil no início do século XXI. Assim, de acordo com Josso (2004), as narrativas autobiográficas possibilitam explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

Narrativas que se diferem

Para mim, acredito ser um grande desafio e também esforço criar meios e pontes, dentro daquilo que nos diferem enquanto docentes em nossas diferentes áreas de atuação. Eu (Priscila) no ensino médio, Karina no ensino superior e Letícia no ensino infantil.

No meu caso, o ensino médio, trabalhar com adolescentes esses quase sete anos no IFRN me desafiou a buscar conhecimento e técnica para alcançar um contato maior e melhor com os meus alunos. Cada aluno é singular e nós atuamos em sala de aula com trinta e oito, trinta e nove, quarenta alunos. Trabalhar essas singularidades trazendo uma unidade nas ações e atividades são um grande aprendizado e esforço nessa construção.

Isso faz com que nós nos enxerguemos como um profissional que tem na sua frente uma missão e atuação, ser professor levando e mediando o conhecimento aos adolescentes, no meu caso.

Nessas andanças e aventuras de ser professor nos deparamos muitas vezes com ser criativo, ser dialógico, ser improvisador, ser resiliente antes, durante e após o processo de atuação docente.

A interação entre a teoria e a prática docente das cadeiras da faculdade na graduação para as cadeiras da sala de aula no trabalho como professor constituem a nossa construção e identidade docente.

Já para mim (Letícia), começar na Educação Infantil foi muito desafiante, principalmente porque eu nunca imaginei trabalhar com crianças pequenas. Iniciei minha vida profissional em uma escola privada do município de Parnamirim (RN) e mesmo não concordando com algumas práticas, afinal uma escola privada visa não só o apren-

dizado, mas principalmente o lucro, busquei e busco fazer o meu trabalho como profissional de educação. Atuo nos níveis maiores dessa modalidade de ensino e confesso que tenho sentido bastante motivação. Percebo que aos poucos o meu pensamento sobre a sala de aula tem mudado, a sala de aula da educação infantil com toda a certeza. E mais do que isso, sentir que você foi peça fundamental para o desenvolvimento social e cognitivo de outro ser humano, não tem preço.

Nosso ponto de encontro: a Pós-Graduação e novas histórias são escritas

No ano de 2020, segundo semestre, estamos cursando a disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa Sobre Formação, Identidade e Profissionalização Docente sob a responsabilidade do professor Fredy González. Em nossa turma temos doutorandos, mestrandos e alunos especiais. A cada encontro, temos momentos de socialização, trocas, inquietações que são conduzidas com maestria por parte do professor e os temas da disciplina são desenvolvidos a partir de referenciais teóricos, experiências compartilhadas e ressignificações que o grupo opera diante das situações de aprendizagem. Os textos indicados versam sobre identidade e profissionalização docente. Um aspecto muito relevante que torna essa disciplina singular em nossa formação é a condução do professor que consegue envolver a turma num nível de participação crescente e sedução pedagógica. São momentos em que a relação professor-aluno, realmente, acontece de forma horizontalizada, conforme tão advoga o grande mestre Paulo Freire, e um clima propício às discussões, trocas de experiências e socialização de saberes é instaurado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que seriam as considerações finais de narrativas autobiográficas em construção? Sim, são considerações, mas não são finais, são provisórias. Provisórias porque estamos em constante construção/reconstrução das nossas histórias. Mesmo as que ficaram lá no passado acabam sendo, por meio do lembrar e das reflexões que as lembranças fazem emergir, ressignificadas e delas conseguimos construir novos sentidos.

Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas produzidas constituíram oportunidades de debruçarmos sobre nossas trajetórias num esforço de estabelecer conexões com os contextos mais amplos, como também, mais íntimos, num movimento constante de reflexão de nossas ações e prospectando novas ações para nossas práticas sociais e pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 set 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. *Projeto político pedagógico do Curso de Pedagogia*. Natal: UFRN, 2009.

YVOTSKY, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



8

Janequele de Souza Deascani Polastreli

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Iure Coutre Gurgel

O Potiguar e Os Capixabas na Trilha da Docência

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.187-203

PALAVRAS INICIAIS

A escrita deste ensaio traz a oportunidade de encontro de diferentes contextos, similaridades e diferenças que se fazem presentes em nossa formação docente: dois professores do estado do Espírito Santo e um professor do estado do Rio Grande do Norte.

Partimos do princípio de que nossa formação, enquanto professores acontece no decorrer de nossas histórias de vida pessoais por meio da interiorização de conhecimentos, competências, crenças e valores que resultam na constituição de sua identidade e de suas relações com a sociedade (BESUTTI, REDANTE, FÁVERO, 2017).

Concordamos com Besutti, Redante e Fávero (2017) ao apontarem que a constituição do ser docente se pauta em uma tríade: identidade, formação e desenvolvimento profissional. Com base nestes parâmetros, o indivíduo se forma continuamente, fazendo com que eles sejam essenciais para a formação enquanto profissional docente.

Deste modo, trazemos nessa produção, nossa realidade formativa desenvolvida no decorrer de nossos anos de vida e de profissão, constituída em um processo dinâmico e em constante relação com o contexto social no qual nós, enquanto sujeitos sociais, nos inserimos, e nos transformamos no decorrer do exercício profissional (IZA *et al.*, 2014).

Optamos por realizar essa discussão através de nossas narrativas autobiográficas, uma vez que ela nos possibilita traçarmos um caminho trilhado por diversas experiências, que se tornam necessárias para a reflexão e aprendizagem da docência. Assim sendo, Nóvoa (1992, p. 16) aponta que a identidade do professor se apresenta como “um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”, portanto, é um processo longo dinâmico, construído

num processo complexo de troca entre seus pares. E, é nesse caminho que iremos construir nossas histórias de vida aqui apresentadas.

Concordamos com Bueno (2002) ao destacar que, o sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida, realiza uma reflexão quando rememora o seu passado, e a partir disso, toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas, ou seja, a partir do momento que o professor utiliza as histórias de vida, ele tem a possibilidade de rememorar as vivências passadas e (re)planejar ações futuras que contribuirão para a construção de sua identidade docente. A partir daí nos questionamos: Em que consiste a docência?

A atividade docente é uma prática social complexa que combina atitudes, expectativas, visões de mundo, habilidades e conhecimentos condicionados pelas diferentes histórias de vida de professores. É, também, altamente influenciada pela cultura das instituições onde se realiza. Como prática complexa, abarca dilemas sobre os quais nos vemos incitados a lançar um olhar como pesquisadores (D'ÁVILA; SONNEVILLE, 2013, p. 34).

Josso (2002) apresenta com bastante clareza o sentido de trabalhar as histórias de vida a serviço de projetos, ao afirmar que pesquisas com trajetórias de vida abarcam a totalidade da vida e aquelas relacionadas aos projetos, denominando-as de “abordagem biográfica” ou de “abordagem experiencial” “(projetos de expressão, projetos profissionais, projeto de reinserção, projetos de formação, projeto de transformação de práticas, projetos de vida)” (p. 15), as quais abordam temáticas de um itinerário, a partir de uma entrada específica na história de vida do sujeito.

O desenvolvimento profissional docente construído a partir das narrativas (auto)biográficas é uma possibilidade de oportunizar ao educador, as mais diversas experiências construídas no chão da es-

cola, com seus pares e na sala de aula, essas, imprescindíveis para se repensar o fazer docente. Corroboramos com Josso (2002) quando afirma que, aprender pela experiência possibilita ao sujeito, através de recordações-referências circunscritas no percurso da vida, entrar em contato com lembranças, sentimentos e subjetividades.

Seguindo com Nóvoa e Finger (2010), o método (auto)biográfico valoriza o saber da experiência, ou seja, saber que se constrói a partir da reflexão que fazemos com o que nos tocou no decorrer de nossas vidas. Nesse viés, Josso (2002), evidencia a “experiência formadora” como um conceito em construção, porque consiste na narração dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem do ponto de vista dos adultos aprendentes a partir das suas experiências formadoras.

A abordagem (auto)biográfica está diretamente relacionada a uma concepção de educação construída ao longo da vida de um sujeito, valorizando o seu processo de formação e os sentidos que se constroem pelas trajetórias de formação. Assim, “[...] as narrativas (auto)biográficas não são, apenas, descrições ou interpretações de acontecimentos pessoais, mas constituem uma ação social por meio da qual o indivíduo retotaliza sua trajetória de vida e sua interação com o social [...]” (FERRAROTTI, 1988, p. 17 *apud* PASSEGGI, 2006).

Diríamos que, apesar do contexto pandêmico do qual estamos vivendo no ano de 2020 com o novo Coronavírus, um grande ganho tivemos: a oportunidade de aproximar, mesmo que virtualmente, nós, enquanto alunos especiais do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte com a disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre a formação, as identidades e a profissionalização docente”, ofertada remotamente pelo professor Dr. Fredy Enrique González. Momento no qual o referido estudo foi desenvolvido à luz das reflexões ocorridas no decorrer dos momentos de troca e (re)construção de conhecimento do qual fomos oportunizados.

TRAJETÓRIAS DE VIDA ANTECEDENTES A ESCOLHA DE NOSSAS PROFISSÕES

Penso a educação como um processo de autotransformação do sujeito, que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito, traduzindo-se na dinâmica que estrutura ou é estruturada por cada um no seu modo de ser, sentir, refletir e agir (SOUZA, 2006, p. 39).

Este trabalho emergiu de nossas histórias de vida-formação como caminho de definirmos nossos itinerários pessoais e profissionais, tecendo sobre aspectos que se entrecruzam ao nosso “eu pessoal” e o “eu profissional”. Assim sendo, procuraremos por meio das narrativas (auto)biográficas, destacar aspectos que consideramos pertinentes e que contribuíram para o nosso crescimento profissional.

A partir das narrativas de si, temos a oportunidade de rememorar os momentos significativos em nosso processo identitário, além de propiciar a escuta de si, das nossas experiências e aprendizagens construídas no decorrer de nossa vida. A esse respeito, Souza (2006) evidencia:

É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica se instaura como um movimento de investigação-formação ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida”. (SOUZA, 2006, p. 47)

Corroboramos com Souza (2006) quando destaca a importância do trabalho com a abordagem biográfica, propiciando momentos de idas e vindas, a nosso trajeto pessoal, além de reconhecermos as aprendizagens e experiências construídas ao longo de nossa vida e termos a oportunidade de planejar ações futuras.

A nossa vida é construída por cada um de nós. Por nossas ações, atitudes e escolhas que nos possibilitem trilhar caminhos percorridos por dimensões individuais, mas que apresentam caráter inter-subjetivo e corroboram para o fortalecimento das dimensões coletivas.

De acordo com Souza (2006), na dimensão pessoal, o professor é considerado, em sua singularidade e historicidade, uma pessoa capaz de atribuir sentidos e significados ao seu processo de aprendizagem. Assim, organizamos as narrativas dos autores, através de eixos temáticos.

Inicialmente, os protagonistas da pesquisa, foram convidados a relatarem sua trajetória inicial de vida, ou seja, o marco nas narrativas, seria a questão do nascimento. Então, dessa forma, iniciamos as teceduras:

“A trajetória da minha vida inicia-se numa tarde de inverno, mais precisamente, no dia 19 de dezembro de 1984, data que marca o meu nascimento, na cidade de Caraúbas, Rio Grande do Norte. Segundo os relatos da minha mãe, foi um dia marcante, à medida que a enfermeira me coloca em seus braços e diz: é um menino! Filho de uma mãe solteira, como costumamos chamar aqui no interior potiguar, fui criado por minha mãe, com a ajuda dos meus avós e uma tia, que era professora. Dentre várias experiências vivenciadas na infância, destaco, a ida à escola de educação infantil, um marco em meu processo educacional, por ter tido a experiência de conviver com outras crianças, interagir e socializar, por meio da mediação de várias professoras.” **Potiguar, novembro, 2020.**

“Sou nascida na cidade de Guaçuí localizada no sul do estado do Espírito Santo, no dia 5 de julho de 1992, filha de pais agricultores, semianalfabetos cujo maior sonho era ver um filho cursando uma faculdade, irmã de dois rapazes e apenas eu tenho graduação.” **Capixaba 1, novembro, 2020.**

“Meu primeiro dia de vida começa na cidade de Guaçuí — ES, cidade onde minha mãe me deu à luz. Após isso, minha infância se dá, até os 12 anos na zona rural de Limo Verde e na vila de Patrimônio da Penha, locais pertencentes ao município de Divi-

no de São Lourenço — ES, sempre intercalando entre as duas localidades devido à época de colheita de café na qual meus pais sempre trabalharam. Meus pais sempre foram agricultores e buscaram sempre nos criar da melhor maneira possível. Cresci com minha irmã mais velha, que tomava conta de mim, enquanto minha mãe trabalhava, sempre a considerei uma segunda mãe para mim. Meu irmão sempre morou com meus avós, mas sempre nos víamos e hoje temos uma relação ainda mais próxima, apesar de morar distante atualmente, assim como da minha irmã.” **Capixaba 2, novembro de 2020.**

Em seguida, os autores foram convidados a relatar algumas memórias que marcaram a infância. Dentre elas, eles destacaram:

“Na infância remeto-me às lembranças da convivência com minha mãe, meus avós e minha tia, onde procuravam sempre fazer o melhor possível para me educar, ajudar a me tornar um homem de bem.” **Potiguar, novembro, 2020.**

“Minhas lembranças da infância foram marcadas por muita dificuldade, venho de família humilde, mas com uma leveza incrível de pessoas simples e felizes dentro da realidade de muitos brasileiros analfabetos, sem casa própria, emprego fixo e moradores de área rural, mas marcados por grandes sonhos. Ingressei na educação infantil com cinco anos de idade na escola municipal do Patrimônio da Penha, lá permaneci até os meus oito anos concluindo a terceira série do ensino fundamental. Época muito marcante para minha vida pessoal e escolar, onde podemos dizer que tive uma depressão infantil porque não queria de forma nenhuma me mudar, sair da minha escola, largar os amigos. Em Patrimônio da Penha existe até hoje a brinquedoteca, lugar mágico coordenado por uma comunidade hippie que por volta dos anos 2000 começou a chegar e se alojar ali. Nessa brinquedoteca fazíamos várias atividades extracurriculares, era um local com livros, jogos e muita brincadeira, tudo voltado para a realização de projetos culturais e de preservação da natureza. Esse lugar marcou a minha geração fazendo a diferença na vida de muitas crianças e faz até hoje.” **Capixaba 1, novembro, 2020.**

“Antes de entrar na escola, minha irmã sempre me auxiliava em casa, aprendi meu nome e de meus familiares com ela. Sempre

gostei muito de estudar. Lembro-me dos tempos que morava em Limo Verde e subia em um dos pés de ingá que tinha no entorno da minha casa para ficar escrevendo e colorindo, ficava buscando o melhor galho para conseguir ficar sentado e passava tempos e tempos lá.” **Capixaba 2, 2020.**

No eixo seguinte, foi pedido que os autores destacassem algumas memórias que recordam da vida estudantil na educação básica. Entre as vivências/aprendizados construídos por estes sujeitos, eles apontam que:

*“Concluí o ensino fundamental aos 13 anos e a partir dos 14 anos, fui cursar o ensino médio, no curso de Magistério. Desde cedo já tinha a decisão em minha vida de querer ser professor. Como em casa, tinha minha tia como referência profissional, a admirava pela dedicação ao exercício docente, a admirava por toda dedicação com as atividades profissionais, e dizia a mim mesmo: quero ser professor. Concluí o magistério em 2001 e no ano de conclusão, fui convidado para trabalhar em uma escola da rede privada em minha cidade, lecionando para a segunda série do ensino fundamental. Alegria, emoção, sonhos e a sensação em fazer um bom trabalho tomaram conta de mim, no sentido de que, tinha plena convicção que era meu dever dar o melhor de mim, ser um profissional ético, comprometido e competente.” **Potiguar, novembro, 2020.***

“Já na quarta série do ensino fundamental, cursada em uma escola rural multisseriada onde estudavam crianças da 1ª até a 4ª série do ensino fundamental, todos em uma sala só. Lembro da minha professora dividindo os quadros em duas partes (tinha dois quadros na sala) para passar atividade, ela além de ser a professora também era a merendeira e servente da escola. Confesso que na época não entendia nada daquilo, achava até normal ela fazer tudo, minha mãe era dona de casa, trabalhava na roça, cuidava dos filhos do marido e estava tudo certo, até porque eu era uma aluna bem dedicada e não sentia dificuldades na época. Hoje percebi o quanto era difícil para a minha professora lecionar e dar conta de tudo aquilo, ela era uma excelente professora. Ela foi uma das minhas inspirações para me tornar professora. Um fato curioso é que quando comecei a lecionar com a minha primeira turma, tive o prazer de ser colega de trabalho dessa pro-

fessora que me marcou, assim como a maioria dos meus professores. A partir da quinta série cursei na escola estadual de ensino fundamental e médio no município de Divino de São Lourenço até concluir o ensino médio, no ano de 2009. (nessa escola tive várias experiências marcantes e foi a primeira escola que lecionei).

Confesso que meu sonho era fazer uma faculdade de psicologia, mas não tive a oportunidade. Na época o custo era alto e meus pais não tinham condições de arcar com as despesas do curso e ainda eu teria que morar em outra cidade. No final do ano de 2012 surgiu, na cidade vizinha, Guaçuí, um polo de faculdade a distância. Confesso que o medo era muito grande, pois tudo era novo e estudar em EAD era estranho. Mas vi ali a oportunidade de ingressar no ensino superior que eu tanto sonhava. Como a psicologia não se consegue a distância, optei pelo curso de pedagogia e com o passar do tempo me apaixonei pela docência. Então no ano de 2013, já casada a três anos, trabalhando como auxiliar de secretaria escolar na escola onde estudei a maior parte da minha vida prestei vestibular e entrei no curso de pedagogia.

Fácil não foi, muitos diziam que seria, mas tive que me esforçar e ter uma grande dedicação para concluir o curso. E como o mundo dá voltas, hoje cá estamos vivendo a era do EAD por conta do novo SARS-CoV-2 estamos nos reinventando todos os dias para levar o melhor aos nossos alunos." **Capixaba 1, novembro, 2020.**

Até a 4ª série do Ensino Fundamental, estudei em Patrimônio da Penha. Nos períodos em que morava em Limo Verde, levantava-se às 5 da manhã para me arrumar, tomar café, e ir andando até o ponto de ônibus para seguir para o Patrimônio da Penha. No inverno, era um pouco difícil, pois como a localidade fica na região da Serra do Caparaó (local o qual é uma das minhas paixões), era muito frio, porém nada que 4 blusas de frio não resolvessem. Nos períodos que morei em Patrimônio da Penha, não poderia deixar de citar a Brinquedoteca em minha formação. Que local amado! Criado pela comunidade hippie que se mudou para a localidade na década de 90. Pessoas de bom coração que desenvolviam diferentes tipos de atividades conosco, desde a pintura, escrita, leitura, ecobikes, festas a fantasia e teatros. Muita, muita gratidão a eles. Pessoas excepcionais! Aos 11 anos, me mudei para Santa Marta, distrito de Ibitirama, município vizinho do qual

*eu morava anteriormente. Foi impactante, saí de uma pequena escola, para uma grande escola. De uma municipal, para uma estadual. Porém, fui me adaptando. O final dos anos finais foi um pouco difícil devido a problemas pessoais, assim como o início do Ensino Médio, mas no último ano, as coisas melhoraram e resolvi ingressar na faculdade.” **Capixaba 2, novembro, 2020.***

A reflexão, a escrita e a narrativa sobre o itinerário profissional é um dos processos de formação docente, onde o professor tem a oportunidade de identificar na sua própria história aquilo que foi realmente formador (DOMINICÉ, 2010). Essa é a proposta do método (auto)biográfico na qual a narrativa está inserida. Segundo Nóvoa e Finger (2010), o método (auto)biográfico é uma prática de investigação social que valoriza o saber hermenêutico, saber que é:

(...) o resultado de uma reflexão pessoal, ou seja, a passagem de uma consciência imediata que é das sensações, das vivências e das experiências, a uma consciência refletida. Esse tipo de saber recorre, portanto, a um processo de formação da parte da pessoa e inclui uma compreensão dos fatores históricos, sociais e culturais que foram determinantes no seu percurso de vida. (...). Todavia, parece-me que o termo “método biográfico” se justifica pelo fato de esse método valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação a vivências e a experiências que tiveram lugar no decorrer da sua história de vida (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 125).

Entrelaçando linguagem, experiência e narrativas de vida encontro no método (auto)biográfico uma proposta epistemológica voltada para a escrita de si, em que a pessoa, através de uma narrativa, que pode ser oral ou escrita, faz uma reflexão sobre o seu processo de formação que ocorreu em sua história de vida. Narrar torna-se um valioso instrumento de (auto)formação e transformação, quando o narrador, através do resgate de sua memória de formação conta, escreve, lê, relê, compreende, questiona e (re)significa o percurso que trilhou para se tornar o profissional que é hoje.

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL EM NOSSAS TRAJETÓRIAS

Não diferente dos demais professores, concordamos com Iza *et al.* (2014) ao afirmarem que nosso processo de constituição da identidade profissional sofre influência dos fatores internos do próprio docente, tais como a tomada de consciência de seu papel enquanto professor, o compromisso que assume com os alunos, não sendo, somente, influenciado pelos fatores externos, considerados os cursos de formação, os formadores e o currículo (IZA *et al.*, 2014).

Consideramos que o desenvolvimento profissional é um processo que se dá ao passar dos tempos em atuação, através da acomodação de inovações, assimilação de mudanças e da reflexão nossa prática pedagógica desenvolvida em um circuito de autoconsciência sobre o que faz, como faz e por que se faz no contexto escolar, com nossos saberes próprios e dos alunos (BESUTTI; REDANTE; FÁVERO, 2017).

A formação enquanto profissional docente vem da troca, das interações sociais e da aprendizagem contínua na qual nós, docentes, estamos inseridos, em um processo pessoal e singular que resulta das relações entre o eu e o outro.

Esse processo, traz no seu escopo, uma dimensão espaço-temporal, perpassando desde o momento da escolha e decisão profissional, a formação formal, os espaços institucionais nos quais sua atuação ocorre. Deste modo, essa formação é um resultado das marcas das experiências e escolhas, das práticas desenvolvidas pelo profissional, das ações continuadas de formação nas quais ele se insere, da vida e da profissão docente de maneira mesclada (BESUTTI; REDANTE; FÁVERO, 2017).

Assim sendo, observamos que no processo do desenvolvimento profissional docente, a identidade do educador é construída por meio das lutas, vivências e do sentido que o próprio professor atribui ao exercício do magistério. Assim:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber experiência. (...) A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. (NÓVOA, 1995, p. 26)

Concordamos com Nóvoa (1995) quando afirma que o processo formativo docente se constrói por meio da reflexividade crítica sobre nossas práticas, a partir das experiências, ações e individualidades, propiciando assim, ao professor redimensionar sua prática. Bosi (1995) destaca o fato de que o sujeito, ao se lembrar dos acontecimentos que vivenciou, não está apenas revivendo, mas reconstruindo, repensando, com imagens e ideias do presente, as experiências do passado, próximo ou remoto.

“Em se tratando sobre as experiências sobre a docência. Iniciei a docência como professor efetivo em uma escola rural, localizada em um município vizinho ao que resido. Fui convocado para ser professor da educação infantil e trabalhar em uma turma multisseriada, juntamente com outra professora. De início, foi um choque! Pensei: Que desafio! E se não souber como atuar? Foi a primeira vez que atuei neste nível de ensino, até então as experiências foram voltadas por meio do estágio supervisionado na graduação. Então, assumi o compromisso e tentei dar o meu melhor. Confesso que aprendi bastante com as crianças e com minha colega de profissão. Reconheci que minha prática deveria ser sempre pensada e voltada para atender as necessidades e especificidades dos educandos.”

Potiguar, novembro, 2020.

“Recém-formada no ano de 2016, mais precisamente no dia 27 de setembro fui chamada para cobrir uma licença médica de uma professora do 1º ano do ensino fundamental, eram poucos dias, mas pensa na felicidade da pessoa em ter a sua primeira turma nem que fosse só por cinco dias! Acredito que o sonho de qualquer docente que acabou de sair da faculdade é logo conseguir lecionar. Então lá fui eu com todo gás, como se estivesse assumindo a turma pelo resto do ano, e não é que foi mesmo!? Como estava grávida do meu filho João Miguel (que hoje tem 3 anos) o estado não podia cessar o contrato mesmo ele sendo de poucos dias. Confesso que, ao mesmo tempo que a notícia me encheu de alegria também veio um mar de tristeza e preocupação, duas situações muito me atordoam, primeiro era a escola que eu estudei e trabalhara até poucos meses antes do ocorrido, assim conhecia todos os professores e demais funcionários, era amiga de todos. O segundo era que consequentemente para que eu ficasse com a turma alguém teria que sair, e de todo coração e não queria isso! Mas acredito que quando uma coisa tem que acontecer na vida da gente ela acontece. Na mesma semana uma professora que estava aguardando sua aposentadoria sair, se aposentou e eu fui alocada na turma dela, o quarto ano do ensino fundamental.

Aí veio o choque! Eu recém-formada caindo de paraquedas em uma turma de quarto ano, com uma rotina didática já estruturada tendo que ensinar e aprender ao mesmo tempo. Isso tudo sem citar que já era o último trimestre do ano letivo e tendo que dar continuidade ao trabalho traçado por outro docente dentro das suas concepções de trabalho e vida. Pois bem, lá fui eu com toda garra e determinação buscar fazer o meu melhor e graças a Deus tudo foi fluindo para o fechamento do ano letivo. Aprendi muito mesmo sendo em tão pouco tempo.

Foi aí que descobri estar no lugar certo, que minha escolha não tinha sido somente por falta de recursos para custear outro curso, mas sim porque ali era meu lugar, foi na sala de aula que descobri de verdade que eu amava ser professora e que mesmo diante de muitas dificuldades e realidades diferentes, existem inúmeras possibilidades. E hoje não me vejo fazendo algo que não seja lecionar.

Por isso é que cada vez mais busco aprimoramento de meus conhecimentos e habilidades para estar sempre levando o melhor para meus alunos.

No pensamento de estar sempre em busca do novo, descobri minha paixão pela educação especial. E lá partia a Janequele em mais uma licenciatura.

Hoje trabalhando com educação especial tenho mais que nunca a certeza de que ser professora é mais que uma paixão que descobri, é sim um dom que eu amo ter.

*Ensinar uma criança é muito gratificante, é uma emoção sem explicação! Eu como pessoa e educadora acredito que a educação é a nossa melhor arma para um futuro melhor.” **Capixaba 1, novembro, 2020.***

*“Escolhi cursar Ciências Biológicas em Alegre - ES, pois sempre fui apaixonado pela disciplina durante minha trajetória na educação básica, tornando-se minha matéria preferida, como se dizia na época. Inicialmente queria muito estudar em uma universidade federal, porém não consegui ingressar, então optei pela faculdade particular da mesma cidade. Durante a trajetória do curso, me interessei muito pela parte do ensino, o que já me fez despertar interesse em pesquisar algo no TCC voltado à temática, assim como em atuar na área. Consegui iniciar minha atuação como professor logo no ano seguinte ao que me formei. Depois disso, iniciei cursos de especialização e me licenciei em Pedagogia e Geografia também. Passei por diferentes escolas, reconheci diferentes realidades. Realidades essas que muito me ajudaram a ver a Educação com outros olhos. Além disso, não poderia deixar de citar as contribuições de minhas especializações e de meu mestrado federal. Hoje, me encontro efetivamente em um município, atuando também na educação à distância federal e buscando o ingresso no Doutorado. Eu me encontrei na Educação!” **Capixaba 2, novembro de 2020.***

Percebemos assim, que o desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto (MARCELO, 2009).

Assim sendo, ressaltamos que as narrativas dos professores, nos levam a refletir que o conjunto de vivências em grupos obtidas nas experiências através das aprendizagens formativas não ocasiona uma metamorfose no Ser. Para que esta metamorfose ocorra é necessária que aconteça a experiência existencial, aquela que diz respeito ao todo da pessoa, quer seja instrumental ou pragmática, compreensiva ou explicativa, interagindo consigo mesmo e com os outros, corroborando para o fortalecimento e a reflexão da experiência existencial (JOSSO, 2010).

REFLEXÕES FINAIS

Possibilitar esse encontro de nossas histórias de vida, de nossas realidades enquanto sujeitos sociais tão distantes territorialmente, mas em certo ponto, tão próximos, nos faz refletir o quanto a formação docente é influenciada por nossas questões pessoais, familiares, financeiras, regionais e de oportunidades trabalhistas.

Grandes encontros foram criados com a disciplina a qual curamos. Além de grandes encontros, grandes ganhos em nossa formação. O encontro de nossas experiências, de nossas realidades, de nossos sonhos, de nossas dificuldades, nos mostrou o quanto evoluímos, o quanto precisamos nos reconhecer, o quanto precisamos evoluir, o quanto todos sonham por uma educação humana, de qualidade, que atenda a todos com equidade e que, com isso, consigamos formar uma sociedade mais justa, solidária, humana e que esteja engajada na busca pelo bem comum, e não para apenas uma parcela favorecida da sociedade.

Por meio deste diálogo produzido para a construção deste ensaio, tivemos a oportunidade de nos (re)visitarmos no sentido de rememoramos as nossas histórias de vida e formação, buscando es-

tabelecer um entrelaçamento de aprendizagens por meio de múltiplas vivências ocorridas em nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Nesse viés, acreditamos que ser docente é reconhecer que o conhecimento é algo inacabado e reconhecemos que esse processo de constituição envolve uma complexidade de valores que são continuamente transformados e estão interligados em um diálogo contínuo juntamente a nossas experiências práticas de nosso dia a dia, ocorridas em nossos diferentes contextos de atuação.

A formação do sujeito relaciona-se diretamente a sua realização enquanto pessoa e profissional, perpassando os momentos de formação escolar e dos conteúdos de formação, uma vez que esse o indivíduo é influenciado pelos diferentes contextos no qual é inserido no decorrer da vida, de diferentes espaços, sejam eles, formais, não-formais ou informais.

Nossa identidade, enquanto docentes, se forma com nossas histórias de vida, com o significado que atribuímos à docência, as nossas práticas pedagógicas desenvolvidas e ao nosso processo formativo, estes, fortemente ligados à nossa identidade e influentes para essa construção enquanto sujeitos e profissionais da educação (BESUTTI; REDANTE; FÁVERO, 2017).

REFERÊNCIAS

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Renata C.; FÁVERO, Altair A. Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 260 – 277, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/27911>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* - Lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BUENO, Belmira O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100002&script=sci_abstract&lng=es. Acesso em: 30 jun. 2020.

D'ÁVILA, Maria C.; SONNEVILLE, Jacques. Trilhas Percorridas na Formação de Professores: da epistemologia da prática à fenomenologia existencial. In: D'ÁVILA, Maria Cristina; VEIGA, I. P. A. (Org.). *Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas: Papirus, 2013.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. O método (auto) biográfico e a Formação. Natal, EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. O método (auto) biográfico e a Formação. Natal, EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2002.

_____. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

IZA, Dijinane F. V.; BENITES, Larissa C.; SANCHES NETO, Luiz; CYRINO, Marina; ANANIAS, Elisangela V.; ARNOSTI, Rebeca P.; SOUZA NETO, Samuel. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 2, p. 273 – 292, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 25 set. 2021.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 7-22. Disponível em: http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO__Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf Acesso em: 29 set. 2021.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio (org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1995.

PASSEGGI, Maria da C. A Formação do formador na abordagem autobiográfica. A Experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa (auto) biográfica. *Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDUPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, E. C. DE. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, v. 25, n. 11, p. 22-39, 15 abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso: 29 set. 2021.



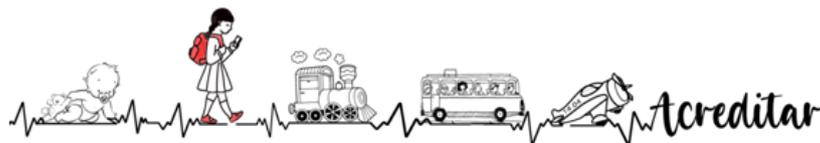
9

Denise Caballero da Silva
Liliane Silva Câmara de Oliveira

Um encontro inusitado de aventureiras da Educação

DOI: [10.31560/pimentacultural/2021.520.204-237](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.520.204-237)

Figura 01 – Uma representação das aventuras que vivemos



Fonte: Batista, Caetano e Oliveira (2021).

Essa narrativa trata de aventureiros da educação que se encontram inusitadamente em uma aventura em comum e se conectaram através da educação, da jornada profissional e dos sonhos. E a oportunidade desse encontro permitiu que esses se conhecessem e pudessem compartilhar cada uma das aventuras que os fizeram chegar até aqui.

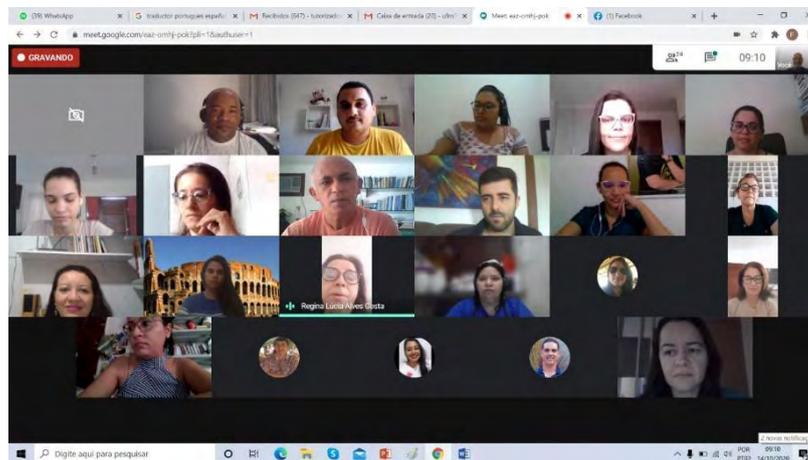
Cada um tem um ponto de partida diferenciado para sua aventura, mas o encontro aconteceu pelo objetivo da chegada, que no momento do encontro mostrou-se em comum entre os personagens dessa história. Cada um com seus sonhos, com seus anseios, buscando o conhecimento, o amadurecimento, o encantamento e a força para continuar nas aventuras da vida.

Não poderei apresentar aqui todos os aventureiros, mas vou trazer o Mestre do saber dessa aventura e mais alguns em específico por participar pontualmente das ações, reações, diálogos e até pensamentos desses últimos dias.

Apresento-vos o Mestre do saber Fredy, aquele que provocou a junção dos aventureiros em um só objetivo, que através de sua experiência e criatividade atraiu e encantou desde a escolha de um título de uma disciplina na pós-graduação em educação, até a condução e realização da mesma com todo seu entusiasmo, sua sabedoria e seu acolhimento. Ele é realmente incrível, conseguiu cativar e reunir em um só lugar mais de vinte aventureiros da educação proporcionando entre todos, troca de conhecimentos, o aprendizado e o mais lindo, a partilha de “grandes aventuras”, chamadas também de histórias de

vida, de um grupo de professores que buscam a ampliação de seus saberes através da academia.

Imagem 01 - uma das aulas on-line da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa sobre a formação, a identidade e a profissionalização docente.



Fonte: arquivo do grupo on-line da disciplina (2020).

Como se não bastasse, ele propôs ainda, momentos em grupos menores para uma vivência e partilha profissional mais próxima, o que oportunizou um encontro mais chegado entre os aventureiros Arandir, Liliâne, Denise e Regina de quem vamos falar um pouco mais por aqui.

Arandir audacioso como sempre foi, gosta muito de coisas novas, de conhecimento, de fazer amigos, de aprender e não se conforma em ficar com isso só para si, ele precisa compartilhar, fazer movimento, ter com quem conversar e há quem entre nessa com ele. Assim, ele trouxe como amigas em comum para esses momentos, Liliâne de Pureza, e duas amigas de trabalho, Regina e Denise. Sendo ele e Regina aventureiros regulares no programa em questão e Liliâne e Denise como suas convidadas que foram aceitas como passageiras de voo na disciplina já citada.

Esse pequeno grupo tem rendido muito além dos encontros da disciplina, ele gera momentos semanais, conversas produtivas, aprendizado, estreitamento de laços e momentos de reflexão e descontração diante de uma ou outra aventura apresentada. O melhor é que todos são professores, mesmo que de áreas diferentes, com experiências diferentes uns dos outros, mas com a mesma pretensão de dar o seu melhor em suas funções.

Por encaminhamento do Mestre Fredy, os aventureiros foram desafiados a descrever sobre suas aventuras, e ao reunir-se esse grupo decidiu apresentar-se em narrativas para serem compartilhadas. Arandir e Regina, amigos de longas datas, embarcaram em uma viagem da qual, por enquanto, só nós sabemos como está sendo. E Denise e Liliane, que acabaram de se conhecer seguem aqui, se conhecendo e contando cada história de professor, que só lendo para crer cada uma das aventuras dessas duas.

A CAMINHADA DA DESCOBERTA

“Se avexe não...
Toda caminhada começa
No primeiro passo
A natureza não tem pressa
Segue seu compasso
Inexoravelmente chega lá...”
Accioly Neto

Essa foi a primeira aventura da nossa existência, e a mais longa, pois caminhar requer tempo, esforço físico e respiração controlada. Em alguns casos é possível escolher o local onde você quer realizar sua caminhada, seja ele em uma orla, um parque, uma pista, mas quando falamos em aventura é porque não houve essa opção. E vamos contar tudo nessas linhas, porque passamos por vários lugares

diferentes, tomamos sol e chuva, respiramos fundo, cansamos, encontramos pessoas, fizemos amigos, descansamos, modificamos o ritmo e muito mais. Só não paramos.

Quando eu contei para Denise que tenho origens em família tradicional de comerciantes em uma pequena cidade no interior do Estado, ela não acreditou, pois não compreendeu instantaneamente como essa aventura resultou em um ponto de chegada inusitado e sem possibilidade de retorno.

Os primeiros passos da minha caminhada foram inesperados, não apenas para mim, mas para aqueles que iriam me acolher e me conduzir para essa aventura, me auxiliando a compreender os caminhos, a seguir sempre em frente e não desistir diante das adversidades do tempo. Nesse momento eu ainda estava parada em um parque lindo, arborizado e com pessoas que ao me encontrar sorriam me passando muita confiança e tranquilidade para começar a andar, eles falavam de amor, de respeito, de humildade e de fé.

Esse momento foi muito importante para me encorajar a andar, incentivada a buscar sempre o aprendizado. Nesse trecho tinha música, alegria, esperança e sonhos, muitos sonhos. Como foi maravilhoso caminhar ali, eu já saíra do parque e não percebi, a vista mudou, eu já conseguia dar alguns passos sozinha, quando então fui conduzida por ruas de calçamentos em pedras lá em Pureza até um lugarzinho especial chamado Escola, onde era permitido ir sempre em frente conquistando desafios e aprendendo, como uma mágica. Foi incrível conhecer as letras, as cores, os números, poder criar e recriar, isso me deixou encantada, eu me apaixonei. Conheci tantas coisas e pessoas nesse trecho, estava toda linda e feliz, com tênis novo, com muita disposição, bem alimentada e segui em frente. Encontrei mais pessoas que não conhecia, mas que também estavam dispostas a me ensinar, elas eram como os guardiões do saber e iam para a escola só para apresentar novidades. Interessante como eles chegavam em um espa-

ço dentro da escola, reuniam aventureiros, abriam seus livros e a nossa imaginação. Os melhores guardiões eram aqueles que mais nos permitiam sonhar, conversar, fazer, criar, e dividem conosco o que de mais precioso eles tinham, o que eles sabiam. Trago abaixo a imagem 2 que registra a comemoração do meu aniversário de 6 anos na escola, pois eu não queria que acontecesse em outro local uma vez que me sentia feliz nesse ambiente. Como se tornou bom aquele ponto de parada todo dia, muito importante para minha jornada, o ser humano ao longo de sua história se forma e se transforma em interação com outros”. (NÓVOA, 2007 *apud* BESUTTI, REDANTE, FÁVERO, 2017, p. 263).

Imagem 02 - comemorando aniversário de 6 anos na escola de alfabetização.



Fonte: arquivo pessoal (1992).

Assim como minha colega, ao iniciar as primeiras caminhadas na jornada de grandes aventuras vislumbrei muitas paisagens e culturas diferentes, pois nasci em La Paz — Bolívia e aos três anos fui para Assunção, Paraguai, terra da minha mãe, nesse momento o meu início tive muitas mudanças e nem imaginava quantas coisas ainda me esperavam.

Filha de pai brasileiro, médico e mãe paraguaia, nutricionista, que se encontraram e se conheceram estudando na Bolívia, formaram família e nascemos eu e minha irmã mais velha, a partir daí, entre culturas e hábitos diferentes, pudemos aprender o que tem de mais belo em cada uma dessas culturas.

Quantas descobertas, e uma delas foi o caminho da escola: o jardim da infância como era chamado na época dos anos 70 (Imagem 3). Onde eu morava, fazia muito frio e tínhamos que usar muitas roupas para sair de casa, esse momento de sair de perto dos pais não me agradou e chorei muito nos primeiros dias. Como é difícil compreender que temos que sair do ninho e soltar a mão daqueles que nos cuidam com tanto carinho.

Imagem 3 - imagem de Denise no Jardim de Infância na década de 70.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quantos desafios temos que superar, ainda mais com uma mudança de país, onde continuei minhas descobertas do jardim de infância conforme imagem abaixo, desta vez no Paraguai, terra quente, muitos primos e tios por perto, muitas lembranças doces de meus avós,

uma mesa cheia aos domingos para comer nhoque, todos juntos, adultos falavam sem parar, as crianças corriam e brincavam por toda parte da casa de minha avó, mulher bondosa e guerreira. Criou dez filhos com muita dificuldade na época.

Imagem 04 - jardim de Infância no Paraguai.



Fonte: Arquivo Pessoal (1975).

Assim, se passaram alguns anos de caminhada com muita alegria e felicidade, mas novas aventuras me esperavam, mais mudanças e mais desafios, desta vez vindo para o Brasil, Natal/RN. Lugar em que meu pai nasceu, que cidade linda, a primeira vez a ver o mar, tomar água de coco, comer carne de sol, mas também ir à escola.

Foi muito difícil me adaptar, falar, ler e escrever em outro idioma tudo de uma só vez e tinha apenas 7 anos, para isso ser possível contei com uma professora muito especial chamada Maria Luísa, me alfabetizou e me ajudou na adaptação, que grande importância tem um professor na vida de uma criança, é marcante e inesquecível.

Assim foram os primeiros anos de minha trajetória entre viagens de avião, ônibus e agora a pé um passo após o outro de casa para a escola (Imagem 5) aprendendo a cada dia um pouco mais.

Imagem 05 - amigos da Escola no Brasil.



Fonte: Arquivo Pessoal

Pois é, Denise são tantos momentos e fases importantes, concomitante ao período de encantamento com as letras. Eu fui crescendo e convivendo com o trabalho da minha família, do comércio, das finanças, das compras e vendas, das longas horas fora de casa, de estar em casa sem a mamãe, mas seguindo passo a passo, crescendo, aprendendo, desgastando muito meu tênis.

Chegou em uma fase na escola onde um só mestre do saber não bastava, como mostra a imagem 6, porque tinha muita coisa a ser ensinada e aprendida ao mesmo tempo, e no contraturno eu ainda tinha uma mestra exclusiva, em uma mini-escola, que eu amava para me incentivar.

Imagem 6 - momento comemorativo com professores e gestores na 7ª série.



Fonte: Arquivo pessoal (1999)

Foi assim, durante todo esse período de caminhadas nas ruas, nesse percurso aprendi também sobre valores e responsabilidades, como era importante seguir o que os mestres e a família ensinavam, mas o que ninguém entendia era que nesse período, além dessas incumbências que eu sempre tentei cumprir da melhor forma, eu estava com uma energia que dava vontade de correr e não de andar. O pensamento ia mais rápido que os passos dados, a paciência era pouca, tudo era descoberto e a curiosidade era grande. A vontade de correr aumentava e a necessidade de me sentir livre para escolher por quais ruas eu queria passar, quem eu queria para me acompanhar, era grande, mas a família dizia que não era hora de correr nem de escolher as coisas por conta própria.

Diminui o passo, o que me fez por vezes chorar, sorrir e tive que fazer todo o percurso do calçamento com paciência, aguardando o tempo com seus dias ensolarados e chuvosos, com frutas ou com flores. Com certeza todas as ruas da pequena Pureza foram caminhadas, algumas até mais de uma vez, mas eu não parei.”

É Liliane, onze anos foi o tempo dessa minha primeira trajetória num ensino tradicional, rigoroso numa escola de freiras, muita disciplina onde precisava de muita dedicação para continuar a caminhada, e eu encontrava a matemática à minha frente, porque, para mim era muito difícil trabalhar com a exatidão numa vida cheia de incertezas, mas fomos vencendo ano a ano com muitos sonhos, expectativas, frustrações e medos. Mas com muita bagagem de conhecimento e de amizades que perduram até hoje, juventude saudável, na prática de muitos esportes, dança e natação, a minha grande paixão na época (anos 80), quanta riqueza na nossa música, na mudança da política numa nova constituição cheia de direitos que até agora eram negados aos menos favorecidos. Sinto-me privilegiada de ter sido jovem nessa época, poucos carros em Natal, sem violência, sem vírus, apenas alegrias, festas e escola.

Mas foi preciso crescer mais uma vez para seguir em frente e escolher um caminho. Como fazer isso?

Existiam tantas estradas, umas mais floridas, outras mais arenosas, outras cheias de espinhos e pedras, que rumo tomar, foi a grande dúvida por muito tempo para mim, pois muitas vezes a escolha não era pelo que mais queríamos e sim do que podíamos naquele momento. Iniciamos assim outra jornada mais complicada, não dava para ir a pé de casa, teríamos que ir de ônibus (o número 48 da linha nova descoberta/campus universitário. Quantos anos esperei nas paradas esse 48, a alegria imensa quando ele passava).

É verdade Denise, o caminhar a pé já não dava conta dessa nova fase para você, eu nesse momento da vida em que cheguei ao final do fundamental da aventura, me parei com uma nova paisagem onde eu precisava seguir caminhando como teria aprendido, era uma estrada no sentido sul do Estado com casas dos dois lados e com espaçamentos de terrenos ocupados ou não por produção agrícola, com altos e baixos, curvas longas e mais curtas, com ponte e com rotas de fuga. Eu fui começando a me tornar um pouco independente e tendo que decidir sozinha alguns dos passos aqui dados.

Era ainda um período de muitas inseguranças emocionais, e, ao mesmo tempo que eu desejava sair correndo naquela estrada e me sentir livre, eu precisava retornar em casa, ajudar a família no trabalho, ir para a escola, ser obediente e seguir com restrições, pois eu sentia uma necessidade de proteção sempre que voltava. Porém, o tempo não parou, ele não para, e me fez caminhar um pouco mais, ir um pouco além da cidade e chegar em novas paisagens.

Conheci novas pessoas, lidei com mais chuvas e sol escaldante, porém precisava avançar, a escola já não me bastava, foi cumprido lá todos os níveis de desafios de um aventureiro da educação. Era preciso avançar ainda mais, e eu só descobri que a estrada continuava, e diariamente ela apresentava um trecho novo para eu caminhar. Precisei parar, pensar o que eu queria, se eu deveria seguir pela pista ou pegar uma rota de fuga, e eu decidi continuar me aventurando.

O comércio em Pureza nunca me bastou, foi em alguns momentos chuva de granizo, que me impedia a caminhada, mas não foi desistência para meus sonhos de liberdade. E continuei caminhando, com calos nos pés, com o tênis já bem gasto, me esquivando e protegendo dos temporais, me ferindo e me curando a cada passo. Chegou a hora da decisão, continuar caminhando ou ficar no aconchego da família com trabalho de subsistência garantido? Eu decidi continuar me aventurando, conhecendo o que era sair da escola e entrar em um lugar mais espaçoso chamado Universidade, porém para isso era preciso escolher qual profissional eu queria ser e me submeter a uma prova de seleção.

Na realidade, escolher a profissão em partes, porque depende de fatores sociais e oferecimento de cursos. A minha opção, já que decidira não ficar apenas no comércio, era a seguinte ir para outra cidade do interior, aos cuidados de uma tia e optar pelos cursos oferecidos lá. Minha sorte foi que eu me identificava com as ciências e optei pela licenciatura em ciências com ênfase em Biologia. Na verdade, eu não sabia exatamente o que eu estava escolhendo, no entanto, uma coisa era certa, eu continuaria me aventurando.

Para surpresa de todos, fui aprovada na seleção e estava apta a iniciar a vida universitária, ninguém me segurava, eu continuava na pista e dando uma carreirinha. Isso mudou minha vida para sempre, eu continuei na aventura do saber, aprendendo, conhecendo pessoas e lugares. Que brisa maravilhosa foi essa que me deparei, tinha saído da estrada, estava caminhando na praia e o vento estava muito bom, eu estava caminhando para ser professora.

Que bom Lila, você estava numa fase muito boa. Eu agora ia de ônibus de manhã bem cedo, voltava para o almoço. Qual caminho eu escolhi? Não foi bem minha escolha, mas talvez do destino, pois eu queria fazer medicina, mas não consegui ser aprovada, um vestibular muito seletivo, não dava para mim, tinha muita força de vontade, esforçada mas precisava de mais e minha mãe não poderia me dar o apoio necessário, trabalhava muito para dar uma escola boa e condições de seguir em frente. Fiz o “vestibular”, era assim que se chamava na época, a minha segunda tentativa, então era para Ciências Sociais, sociologia, tão diferente do que eu esperava na vida, mas meu pai que já não estava perto da gente, separado de minha mãe me aconselhou, faça sociologia e tente o vestibular do Rio Branco, carreira diplomática. Nossa que lindo, um sonho, uma aventura e tanto, era tudo que eu queria, me empolguei tanto e nem sabia bem como era esse processo apenas acreditei que pudesse ser possível.

Passei no vestibular e lá eu estava na Universidade, setor II do campus universitário de Natal, estava feliz, tinha conseguido. Outra realidade de tudo que tinha vivenciado até agora, novas amizades, novos rumos, muito diferentes daqueles que eu imaginava, me dediquei ao curso e me encantei com ele, logo chegariam os frutos de tanto esforço.

Inscrevi-me para ser bolsista do CNPq iniciação científica, e aí começaria minha trajetória na descoberta da ciência, foram 10 anos de trabalho para o CNPq e CAPES, desde a iniciação científica, aperfeiçoamento e depois o mestrado, passei a ser bolsista de muitos professo-

res do departamento de Ciências Sociais, assim estudava e trabalhava, aprendia e ganhava meu dinheiro, muitas experiências vividas, muitos desafios vencidos, longa caminhada, pela manhã estudava, à tarde trabalhava e a noite completava carga horária, três turnos intensos, mas prazerosos, muita espera nas paradas de ônibus e muitas caronas para cumprir todos os compromissos e fui perseverante, terminando o curso fiz seleção para o mestrado na segunda tentativa passei e comecei outra aventura, essa mais intensa.

Imagem 07 - formatura de Ciências Sociais de Denise.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Mas você não sabe, Denise é o que eu não esperava, era que essa aventura terminaria com um tsunami me arrastando para fora da universidade, quebrando minhas pernas e me levando de volta para Pureza ao seio familiar para enfrentar uma tempestade e uma parada na caminhada de seis anos. Eu precisava trabalhar no comércio, e tinha consciência disso, parei de caminhar pelas circunstâncias, mas não desisti, eu precisava continuar me aventurando e com a certeza do que queria, porque a caminhada da praia me deixou encantada pela minha escolha aleatória.

A LIBERTADORA VIAGEM DE TREM

*“Essa viagem é assim:
cheia de atropelos, sonhos, fantasias, espe-
ras, embarques e desembarques.
Sabemos que esse trem jamais volta.
Façamos, então, essa viagem, da melhor maneira possível [...]”
(Autor desconhecido)*

As viagens de trem por aqui no RN, Denise, não são nada confortáveis, porém, dependendo da disposição, pode ser uma aventura e tanto, e foi assim que após seis anos em Pureza, sem me aventurar no saber eu cansei e decidi ir direto para a Estação de trem mais próxima, em Ceará Mirim com destino à Natal e sem perspectiva de retornar por onde não houvesse linha nem estações. Encontrei mais uma vez apoio da família, disposição e doação de meus irmãos e da minha mãe e o cuidado exagerado do meu pai que não aceitou muito bem a ideia, mas também não me impediu de ir.

O que eu queria encontrar nessa viagem eu sabia, por isso não me importei com conforto, o meu objetivo era encontrar na última estação com minha profissão, aquela que eu conhecera e tinha me perdido por um tsunami, mas que foi passageiro e só me mostrou a afirmação de qual caminho eu me sentiria mais feliz. O comércio me ajudou a subsistir, a família sempre foi um porto seguro, mas isso não me bastava, eu precisava viver essa aventura.

Segui com apoio e cuidado de todos ao meu redor, o fato de pegar aquele trem que para muitos era uma rotina cansativa e chata, para mim era um sonho, a paisagem da janela, mesmo não sendo das melhores, não me fez perder a esperança, o ânimo, a fé e me encheu de conhecimentos.”

Então Lila lembra daquele desejo de ser diplomata, pois bem, ficou só num sonho, bem distante da minha realidade, mas eu esperava ainda que algo bom iria me acontecer por tanto esforço e dedicação.

Nesse momento realmente mudei de paisagem e embarquei numa outra aventura, buscando nova perspectiva de vida, então fui para outra estação, necessitava ter outro meio de condução, mais ágil, melhor, avançar mais rápido, afinal eu estava no Mestrado.

Quanta mudança, não eram os mesmos colegas, outros olhares sobre a teoria já tão difícil de entender, que caminho longo e perigoso, muito turbulento, essa condução não era um trem confortável realmente, era muito desafiador estar nele, pois os assentos eram duros, muito ruído, muitas pessoas estavam nele todas querendo um lugar para se sentar e chegar no seu destino. Foram cinco anos trafegando nesse trem, indo e vindo, em busca de um tão sonhado título de mestre, mesmo tendo muitos percalços, finalmente terminei essa trajetória, quanto alívio e satisfação de ter conseguido.

É Denise, embarcar no trem foi fácil, mas seguir quatro anos de trem em trem foi mais demorado do que eu pensava e desejava. Minha bagagem só aumentava, estava ficando cheia de ciências, de biologia, de monitoria no laboratório de química, de estágios voluntários, obrigatório e remunerado na escola que tive a oportunidade de atuar. Eu não parava mesmo com as malas pesando, eu queria aproveitar o tempo todo, sem cochilar cada quilômetro da viagem. Fiz amigos, conheci sentimentos positivos e negativos emanados pelos passageiros ao meu redor e aprendi sobre a vida, além dos ensinamentos dos mestres do saber da universidade.

O melhor período foi o mais cansativo, quando me aventurei no vagão da universidade, me formando, e no da escola, estagiando, isso me deixava feliz, eu percebia que realmente estava me tornando professora, estava tendo a oportunidade de ir além da universidade e atuar, lógico que sempre acompanhada pelos mestres, mas me sentindo cada dia mais confiante do que eu queria. Como era bom o contato com os estudantes, ser estudante e professora ao mesmo tempo e ter contato com quase todos os níveis do saber (imagem 8).

Imagem 08 - durante o Estágio com os estudantes da Escola Estadual Nestor Lima em aula de campo.



Fonte: Arquivo on-line (2014)

Diante dessa experiência, Iza *et al.* (2014) afirmam que os estágios são espaços fecundos nos cursos de formação inicial e contribuem com a construção da identidade dos futuros professores. Eles apontam ainda que algumas características profissionais são adquiridas pelas experiências dos estágios, como o compromisso com a profissão e a obrigação moral com os alunos, levando o estudante a se ver como um professor e passa a assumir um compromisso com a formação das crianças e adolescentes que, por um momento, passam pelas suas mãos.

E enfim, demorou, mas o dia do desembarque chegou e foi lindo! Eu me sentia tão diferente do início da viagem, eu estava segura, empoderada e feliz; usando uma beca com uma faixa verde na cintura e um capelo, com minha mãe ao meu lado para ter nas mãos a com-

provação dessa aventura (imagem 9), que não foi tão fácil, mas foi compensadora, por isso só consegui destacar a parte boa.

**Imagem 09 - imagem da Formatura de Ciências
Biológicas. Tornei-me professora.**



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

EM CADA RODOVIÁRIA UMA MARCA

*"Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei."
Luíz Gonzaga*

Segue aqui mais uma das aventuras do saber a qual nos dispusemos a enfrentar, e mesmo que de formas separadas, em vias e períodos diferentes, fomos levadas a lugares inusitados, encontramos muitas

surpresas e visitamos vários lugares, dessa vez embarcamos de ônibus intermunicipais e interestaduais, o que nos levou a várias rodoviárias.

“Pode não parecer, mas as rodoviárias são lugares parecidos e diferentes ao mesmo tempo. Em conversa com Denise eu falava para ela que, as pausas nesses locais eram em mim uma mistura de sentimentos, era nostálgico e, ao mesmo tempo era esperançoso. Era interessante pensar que cada ônibus que chegava ou saía dos terminais traziam e levavam histórias, vidas, experiências e também sonhos.

De fato, Lila o ir e vir das rodoviárias parece com idas e vindas que a vida dá e foi assim que terminado o mestrado estava à procura de um destino para a próxima aventura. Desta vez diferente de todas que já fiz. Precisava colocar em prática o conhecimento até então guardado na bagagem, foi assim que o professor titular da UFRN do departamento de ciências sociais Willington Germano, me falou, me dando uma carta de encaminhamento para uma Universidade recém-chegada em Natal, a UVA.

Fui entrevistada e logo chamada para ministrar uma disciplina no polo de Parnamirim, “Políticas educacionais”, que aventura Lila, você não imagina como foi difícil me fazer professor naquele momento, tudo novo, um grande desafio, agora estava eu à frente de uma turma, quanta ansiedade nesse momento, quantos questionamentos: como saber se o planejamento da disciplina estava correto? Se a turma iria gostar das aulas? Se era aquilo realmente que eu queria para mim?

Nesse caminhar eu dizia baixinho “o que eu estou fazendo aqui Nunca mais vou ministrar outra disciplina, não vou conseguir”.

Para minha surpresa eu consegui terminar essa disciplina e depois vieram muitas outras (imagem 10), onde a experiência, muita dedicação e estudo me fizeram ter mais confiança e segurança em mim mesma, com todo apoio da professora Rosário Cabral coordenadora

da instituição, que foi uma grande parceira nessa viagem que durou 17 anos, 14 disciplinas diferentes ministradas, em vários Municípios deste Estado que passei a conhecer mais de perto, como São José de Mipibu, Macaíba, Ceará-Mirim, São Gonçalo, Parnamirim entre outros. Como afirma Paulo Freire “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador A gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58)

Imagem 10 - turma de Pedagogia da UVA.



Fonte: arquivo pessoal.

Foram muitas idas e vindas, de carona com colegas professores, com os alunos, de ônibus, quantas histórias vivenciadas nos sábados e domingos letivos, onde a cada turma que me acolhia eu aprendia um pouco mais dessa profissão que me deu tanto, principalmente o reconhecimento dos alunos conforme mostra um pouco a imagem 11 logo abaixo. Segundo Zabalza (2004) a formação de um indivíduo está estritamente relacionada a sua realização pessoal e profissional, indo muito além do conteúdo escolar de formação.

Imagem 11 - mensagens feitas por alunos do curso de Pedagogia.

Professora Denise Caballero,
Nós, estudantes de Pedagogia, turma "D", da
Universidade Estadual do Vale do Acauá/UEVA -
Natal, agradecemos seu apoio educacional e nos sentimos
honrados com suas lições que nos tornaram mais capacitados.
Obrigado Amiga.

quarta-feira 17

Eliane Almeida Batista.
 Marilândia Fernandes Menezes
 Fca Diadene Braga Pinheiro
 Alzinete de Oliveira
 Silvana Denise Alves Ferreira.
 Kariane Azevedo de Souza
 Camilla Santos Watanabe
 Monadas Graças Ribeiro de Farias
 Rose Raimony M. de Sousa
 Vera Lúcia de Moura Santos
 Rita de Cassio Alves.
 Sora Dantes Laxari Duarte
 Nazare Lourenço da Silva Formosa
 Mariana Maria Lacerda
 Marciana G. de Oliveira
 Aureni de Lima Melo
 Alex Santos Santana Damascos.
 Maria das Dores Lavrentino Rodrigues
 Maria Marcelino da Silva Barbosa
 Luis Simoni dos Reis
 SUELY RAMOS ALVES GOMES
 Edileene Fernandes
 Arádisa Nite Mariano Miguel
 Alice Oliveira Roque Vidal (eu)
 Jéssica Jéssica Francisco Miguel da Silva
 Carlos Kátia Bezerra
 Suziane Alves de O. dos Santos
 Maria das Vitórias Santos do Nascimento
 Cleusa Karifjus Cardilhe de Lima
 Jaciana da Silva Bezerra
 Simone Cristina D. C. Oliveira
 Guacira da Silva Formosa da Silva Alves.

Jéssica Cristina (eu)
 José Jordão da Silva
 Nilza Fereira S. de
 Rosalva Gomes da Silva
 Janete Custódio
 Solange R. de Almeida

ORIENTADORA

Denise Caballero,

Uns são homens; alguns são professores; poucos são mestres. Aos primeiros escuta-se: aos segundos, respeita-se; aos últimos, segue-se. Ofereço a você que soube realmente ser mestre, a conquista de mais esta etapa de minha vida, agradecendo a dedicação de todas as orientações, por experiências e ensinamentos profissionais e pessoais que você me passou, tão importante para minha formação.

Um agradecimento sincero a você, que muito mais que mestre, foi minha amiga. Por todas as palavras que me encorajou quanto ao meu futuro profissional, mostrando que sou realmente capaz de alcançar o sucesso.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Assim como você, Denise, percebi que precisava avançar na aventura do saber, estava cheia de medo e de coragem para colocar em prática o que aprendera. Mas os primeiros ônibus que tentei pegar, não me deram a oportunidade de trilhar esse caminho, o que me deixou frustrada. Inquieta como sou, não poderia parar a essa altura das minhas aventuras, e como não poderia retornar ao ponto inicial, decidi não parar.

Fui para outra rodoviária e peguei outro ônibus, esse me levou para ver outros ares, percebi que fui transportada para um laboratório, onde se construía profissionais para áreas específicas de ciências naturais. Eu fiquei muito curiosa, me encantava fácil, e como não tivera a oportunidade de ensinar, por que não continuar a aprender? Aquele laboratório era ótimo, lá eu podia ver e compreender seres imperceptíveis aos olhos humanos sem que fosse utilizado um objeto mágico denominado microscópio. Ficava encantada olhando aqueles seres através das lentes mágicas, era como entrar em um mundo novo, de seres desconhecidos até o momento (imagem 12). Porém, eu sentia que faltava algo, e ao me encontrar com um dos mestres do saber que orientavam essa viagem chamada pós-graduação, tive a oportunidade de conversar e descobrir que ainda tinha muito a ser descoberto.

Imagem 12 - aula na Pós-Graduação de Micro e Parasitologia.



Fonte: Arquivo pessoal on-line (2017)

Foi quando percebi a oportunidade de entrar em um ônibus interestadual, viajar para longe e mesmo sem sair do laboratório, conseguir iniciar outra fase de conhecimentos. A aventura pareceu-me mais interessante, me joguei na ideia, me ofereci em participar de um

mestrado em Campina Grande/PB, que eu não conhecia bem, e lá fui aceita como aluna especial.

Iniciei mais uma viagem antes de terminar a outra, tive a oportunidade e não queria perder, estava sem trabalho no momento, tinha apoio dos meus familiares para esse salto profissional, tomei coragem e fui. Não me arrependi, conheci o programa de ensino de ciências, então criei um projeto e me preparei para a seleção. Não queria nem saber se era longe de casa, a ideia de o programa ser de ensino de ciências me animou. Eu fiz o processo de seleção e fui aprovada, sem nem acreditar!

Foi um ano da minha vida entre esses dois ônibus do saber, não foi fácil conciliar, precisei ser forte, me concentrar no objetivo, não perder as oportunidades e me esforçar muito para conseguir cumprir com todas as responsabilidades. Passei a morar com a mochila nas costas (imagem 13), entre rodoviárias, leituras, viagens, choros, sorrisos e o mais importante, o aprendizado”.

Imagem 13 - Açude Velho em Campina Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal *on-line* (2017).

Como lhe entendo Lila, buscar esse lado profissional não é nada fácil. Por isso que não podia me acomodar apenas com um vínculo, precisava passar em um concurso, assim estudei duramente para o concurso do estado do RN para professor de sociologia, quanta frustração, essa carreira não é valorizada no Brasil, existem pouquíssimas vagas, teria que passar nos primeiros lugares para poder ser chamada e esse era o terceiro concurso para ingressar no emprego público mais seguro. Com muita perseverança fui aprovada e depois de um tempo chamada para uma escola de jovens e adultos. Eu estava tão feliz que não cabia em mim, finalmente posso ter a certeza de algo garantido, tanto esforço não foi em vão.

Então Denise, mesmo sabendo que ainda não tinha experiência direta no trabalho, eu acreditava estar procurando aprender mais para me tornar uma profissional melhor, com mais bagagens de conhecimentos prontos para serem colocados em prática assim que as oportunidades fossem se abrindo.

Concluí a pós-graduação em Natal e pude me dedicar mais para a dissertação do mestrado, ainda assim não fiquei estável, continuava morando entre as rodoviárias, o que me rendeu muitas experiências de vida. Considero que essa aventura não me ensinou apenas o que tem nos livros sobre as ciências, mas também sobre o que se carrega para a vida. Fiz muitas amizades, conheci lugares, aprendi idiomas e culturas diferentes, mudei meu sotaque, mas o principal continuava, eu professora!

Com essa experiência fiquei lembrando que em seu estudo sobre identidade docente, Lúcia Ferreira (2020) apresentou que Marcelo Garcia considera o desenvolvimento profissional um processo a longo prazo, “no qual se integram diferentes tipos de oportunidades e experiências, planejadas sistematicamente para promover o crescimento e desenvolvimento do docente” (MARCELO GARCÍA, 2009 *apud* FERREIRA, 2020, p. 4). Eles também consideram que deve ser compreen-

dido que “As identidades profissionais configuram um complexo emaranhado de histórias, conhecimentos, processos e rituais” (MARCELO GARCÍA, 2009 *apud* FERREIRA, 2020, p. 4).

Segui buscando trabalhos nos dois estados em que vivia transitando, afinal estudava na Paraíba, mas realizava minha pesquisa no RN, e ao passar pelas entrevistas não era selecionada, pelo fato de não ter endereço fixo. Tive que ter paciência, precisava concluir essa jornada, afinal o título de mestre seria importante para alcançar maiores fases dessa aventura. Lá se foram três anos nesse processo, de rodoviárias e ônibus, mas enfim chegou o momento da conclusão e término dessa fase da vida. Já havia vivido muitas coisas e por fim chegou a defesa, a sabatina da mesa e o tão esperado som da palavra aprovada!

É muita satisfação realmente Lila, após tanto esforço ter a vitória. Justamente por essa razão eu não me sentia totalmente bem apenas naquela escola de jovens e adultos, queria buscar mais conhecimentos e ampliar meus horizontes, fui fazer o curso de pedagogia, durante quatro anos reforcei todo aprendizado que a prática na sala de aula tinha me oferecido, ampliando tudo que tinha vivenciado com meus alunos em tantas disciplinas ministradas para o curso de pedagogia da UVA.

Concluí mais essa viagem satisfatoriamente e muito feliz por ampliar meus conhecimentos, pronta para embarcar para uma nova aventura, outro concurso em Parnamirim desta vez para coordenação pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), trabalhar com crianças pequenas. Eu que pensei já ter passado por muitos desafios, nada do que vivera até agora se compara a trabalhar na educação infantil (imagem 14). Quanta energia dessas crianças, uma proposta totalmente diferente de tudo que estava acostumada, um ritmo acelerado de trabalho, muitos obstáculos vencidos, mas muita satisfação ao ver aquelas crianças felizes.

Imagem 14 - trabalho realizado na Educação Infantil.



Fonte: Arquivo pessoal.

Que experiência maravilhosa e exitosa Denise, seu esforço e sua dedicação me inspiram a continuar. Quando percebi que a aventura teria finalizado fiquei me sentindo perdida, sem saber o que deveria fazer. Mais uma vez entreguei currículos e comecei a me movimentar entre bairros, até chegar uma oportunidade de colocar em prática o que eu aprendera. Fui indicada pelo meu amigo mestre, Arandir que sempre me incentivou muito, para assumir uma grande responsabilidade. Me senti momentaneamente sem chão, como eu iria coordenar a educação de um Município, sem experiências? Mas era uma oportunidade, ele acreditou em mim, o secretário de educação também, a equipe estava pronta para me receber e eu precisava experienciar, era o que mais queria. Não podia deixar o medo me dominar. Segurei na mão desse povo, trouxe à tona o que aprendera, acreditei que assim estava pronta para seguir e fui.

Que bom que fui, porque até hoje essa tem sido a melhor rodoviária onde eu parei, mesmo com tantos desafios, pessoas indo e voltando, assentos duros, ela tem me feito crescer. A partir daqui também tive a oportunidade de atuar como professora no curso de pedagogia em Pureza, e em pós-graduação para educadores nas cidades de Pureza, São José do Mipibu (imagem 15) e Bom Jesus, todas no RN, mas cada uma com suas características, perspectivas e ensinamentos.

Imagem 15 - ministrando aula de Ensino de Ciências na Turma de pós-graduação em Educação Infantil em São José do Mipibu/RN.



Fonte: Arquivo pessoal on-line (2018)

Estar em sala foi uma atuação passageira, mas eu amei, não vejo a hora de ter mais oportunidades assim. Porém, na secretaria também atuo na formação de professores e há três anos venho aprendendo mais que ensinando, como considera Huberman citado por Ferreira (2020) estou na fase de iniciação da minha vida profissional, mas já digo que é de ser professora que eu gosto, de ver e acreditar que a educação pode fazer a diferença na vida das pessoas e mudar situações sociais e que é essa a minha responsabilidade enquanto pessoa onde atuo profissionalmente.

Para Iza *et al.* (2014) essa forma de me reconhecer como docente aponta a compreensão da responsabilidade da minha função na sociedade, o que promove a emergência da autonomia e o comprometimento com aquilo que faço. Para esses autores esse é um processo permanente e está fortemente atrelado à cultura e às demandas que se apresentam em qualquer sociedade.

A equipe que me acompanha é de uma união ímpar, tenho consciência que é difícil encontrar pessoas assim, que abraçam o trabalho com você, que estão dispostos a pegar qualquer ônibus e seguir viagem pelos sertões e litorais para que melhorias possam acontecer na educação do Município (imagem 16), isso me dá força para continuar e buscar forças sempre que o cansaço bater e a força faltar.

Imagem 16 - equipe da Secretaria Municipal de Pureza em ações de campo nas escolas de Pureza/RN.



Arquivo pessoal on-line (2019)

Que trajetória linda a sua Lila, exatamente isso que nos move, ver a educação do nosso povo melhorar a cada dia, para isso fazemos a nossa parte, como pessoas e como profissionais. Como afirma Nóvoa (2000), ao se falar do processo de formação, está se falando, intrinsecamente, da construção da identidade de uma pessoa.

Pensando assim e inconformada pelo fechamento da UVA no RN, fui buscar o que mais gosto de fazer que é a formação de professores, pois trabalhar com jovens e adultos fora de faixa não é nada fácil e não me satisfazia mais. Assim fui para mais um concurso, desta vez para o Kennedy, Instituto de ensino superior, foram muitas etapas de seleção, candidatos muito bem preparados, muitos desafios, mas uma certeza apenas, a que eu merecia esse lugar. Assim fui aprovada e estou trabalhando como pedagoga nos dois vínculos, um desenrolar da minha história tão diferente daquela que eu imaginava para mim.

Imagem 17 - Registro de Momentos de Formatura de Turmas de Pedagogia, como Professora.



Fonte: Arquivo Pessoal

Os ventos me levaram para lugares que não conhecia, mas com muita confiança e perseverança hoje me sinto realizada com minha profissão, eu amo ser professora, levar esperança a pessoas que já não tinham mais perspectivas de uma vida melhor me instiga a ser um profissional cada vez melhor.

QUAL VOO DEVEMOS PEGAR?

“Venha voar comigo, amigo.
Sem medo, venha voar.
De dia tem o sol brilhando,
de noite quem brilha é o luar.
Venha voar comigo, amigo.
Sem medo, venha voar.”

Toquinho

Nesse período Denise, continuo oferecendo um pouco do que sei para a educação de Pureza, buscando sempre aprender, estudar e colocar em prática o que acredito que pode ser o melhor.

Na secretaria, junto à equipe, nos movemos constantemente, nos formando e promovendo formações continuamente para os demais professores da rede. Isso porque é nossa função e responsabilidade promover e organizar formações docentes para os profissionais na perspectiva de estar sempre alinhando a prática em sala de aula com as atuais demandas da educação (imagem 19), agindo assim vem a minha memória as colocações de Iza *et al* (2014) em relação a forma de construção desses estudos contínuos, para eles “os cursos de formação continuada sob a perspectiva do diálogo e da reflexão podem favorecer a formação dos professores em serviço, tendo a possibilidade de visitar sua prática sob a perspectiva de novos olhares”.

Imagem 18 - equipe Técnica da Secretaria Municipal de Educação de Puraiza em formação com gestores e coordenadores da rede escolar local.



Fonte: Arquivo pessoal on-line (2019).

E agora, ganhando experiência, eu me lanço a uma nova aventura, dessa vez será como um voo muito especial, onde poderei alcançar as nuvens, contemplar o céu e chegar mais longe, vou de avião.

A aventura já começou, e aqui para esse voo nós encontramos Denise, através da oportunidade de sermos alunas especiais e poderemos sentir um pouco como é viajar nesse avião. O piloto que nos orienta, mestre Fredy, nos proporciona segurança com sua serenidade e sabedoria, me motiva e me permite sentir a liberdade de saber e praticar a docência de forma leve e muito comprometida.

Após conhecer esse mestre do saber e ter participado de encontros semanais com colegas de profissão cheios de bagagens, nunca mais serei a mesma pessoa, tenho algo a mais dentro de mim, que acredito que pode ser um pouco de todos nesse processo. Agora pretendo tentar seguir voando.

Adiante, ao desembarcar desse avião, tentarei pegar os próximos voos para participar do programa como aluna regular do doutorado, sem deixar de trabalhar, pois é na minha função que pratico minha

formação e tento contribuir para uma sociedade melhor, atuando com e como profissionais docentes.

Deixo aqui minha gratidão a você Denise que compartilhou essa aventura comigo, também os parceiros Arandir que sempre esteve junto conosco e Regina, aos demais colegas aventureiros que compartilharam suas histórias de forma tão fantástica, ao Mestre Fredy nosso piloto e a todos que em algum momento fizeram parte dessa história”.

Exatamente assim Lila que me sinto também, dando asas à imaginação e embarcando nessa aventura no avião que nos levará mais alto, a tão sonhada vaga para o doutorado, que prazer em compartilhar com você dessa aventura, tendo como anfitrião desse voo o nosso professor Fredy, e colegas de viagem tão queridos como Arandir e Regina, assim como os demais colegas que convivemos nestes últimos meses.

Acredito que será mais uma rica experiência na nossa jornada Lila, espero nos encontrarmos no próximo embarque, já que esta viagem com professor Fredy está, infelizmente, chegando ao seu final.

Assim gostaria de agradecer imensamente pela oportunidade de participar de momentos tão enriquecedores e prazerosos, com uma leveza ímpar na condução desta disciplina, quanta aprendizagem e quanta satisfação. Obrigada professor!

REFERÊNCIAS

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Roberta C.; FÁVERO, Altair A. Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida. *Educação por Escrito* [S.L.], v. 8, n. 2, p. 260-277, 31 dez. 2017. EDI-PUCRS. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/2179-8435.2017.2.27911>. Acesso em: 14 de out. 2020.

FERREIRA, Lúcia G. et al. Desenvolvimento profissional docente. *Educação em Perspectiva*, [S.L.], v. 11, p. 1-18, 14 jul. 2020. Departamento de

Educação UFV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v11i.9326>. Acesso em: 16 de out. 2020.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

IZA, Dijane F. V.; BENITES, Larissa C.; SANCHES NETO, Luiz; CYRINO, Marina; ANANIAS, Elisangela V.; ARNOSTI, Rebeca P.; SOUZA NETO, Samuel. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 2, p. 273 – 292, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/978/339>. Acesso em: 28 de out. 2020.

NÓVOA, Antonio (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

ZABALZA, Miguel A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.



10

Bergson Pereira Utta

**Educação
na pandemia:**
experiências escolares
de progênes de um
pai professor

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.238-256

Este capítulo reflete sobre a experiência de educação na pandemia vivida por um pai professor e seus filhos em dois diferentes níveis da educação em situação de ensino remoto emergencial. O ensino remoto proposto atualmente pelas instituições educativas como modalidade emergencial para a continuação do ensino escolar, autorizada pelo Ministério da Educação (MEC) como cumprimento da carga horária, vem sendo praticada desde o mês de abril/2020 por muitas escolas, especialmente pelas particulares. Apesar dos obstáculos, tal ensino vem acontecendo e, escolas, professores, alunos e pais vêm se organizando para possibilitar que este ensino propicie aprendizagem aos discentes. Nesse contexto, valoriza-se a ação da paternidade ativa na vida dos filhos, acentuando o apoio psicológico, educativo e moral. Este escrito é um relato de experiência, refletida à luz de autores e da vivência concreta de um pai professor com seus filhos, a respeito de pontos positivos e negativos identificados no ensino remoto emergencial que a escola vem desenvolvendo. A fim de contribuir com esta discussão, contamos com autores como Arruda (2020) em que discute o ensino remoto; Gil (2014) que trata da importância da rotina no dia a dia das crianças; Libâneo (1994) e Moldelski, Giraffa e Casartelli (2019) que refletem sobre as práticas de ensino, a formação docente e o ensino mediado pelas TIC e Paro (2000) que valoriza a contribuição dos pais para propiciar a qualidade do ensino e que me ajudaram nessa reflexão. Reconheço a importância do ensino remoto emergencial durante a pandemia, mas vinculado a um conjunto de condições psicológicas, pedagógicas, técnicas e apoiados pelos pais, para possibilitar que a aprendizagem discente possa acontecer.

INTRODUÇÃO

Foi desde o mês de março de 2020 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou a pandemia da Covid-19, levando as autoridades dos países a implementar medidas para conter a doença. Isso

levou a suspensão temporária de aulas presenciais nas instituições educativas, objetivando evitar a propagação do Coronavírus, reduzindo o risco de contágio entre professores e alunos (VENTURA et.al., 2020; ESTELLÉS, FISCHMAN, 2020).

Com a pandemia da Covid-19, o ensino remoto é apontado como uma possibilidade tangível, visando garantir a sucessão dos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes em todo o Brasil (ARRUDA, 2020). As escolas e as famílias tiveram de se organizar para viver essas novas experiências. É exatamente sobre isso que este artigo versa, uma experiência de ensino remoto de um professor com duas crianças em idade escolar, partindo de pontos positivos e negativos acerca deste ensino ofertado.

O texto foi organizado, partindo desta introdução, depois tratando de como a educação foi afetada com a pandemia, passando a ter a internet como propulsora dessa mesma educação, agora como principal meio para desenvolvê-la. Após, a partir dos pontos positivos e negativos destacados das experiências de ensino remoto oferecida pela escola dos filhos deste pai professor e pesquisador, refletir sobre elas. Por fim, apresento a minha conclusão.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Devido à pandemia do Coronavírus, o ano de 2020 mudou grandemente o funcionamento da educação em todo o mundo, já que locais com aglomeração deveriam ser fechados, como medida de contenção da doença, visando a diminuição de contágio. No Brasil, o ensino presencial foi interrompido desde o mês de março e continua assim até o início do segundo semestre, sem definições precisas quanto ao retorno, acontecendo de modo bem distinto.

Diante desse cenário, gestores das instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, seguindo orientações dos protocolos de biossegurança emitidos pelos estados, governo federal e/ou Organização Mundial da Saúde (OMS) tiveram que atender a esses protocolos para realizar suas atividades, sendo que, com o auxílio de suportes remotos de ensino e a introdução de novas metodologias, apoiadas em tecnologias digitais, puderam dar continuidade às aulas com os alunos, o que acabou obrigando docentes e discentes a aprender de maneira aligeirada as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Lamentavelmente, todo esse contexto também evidenciou uma fragilidade: a de que, aproximadamente 4,8 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos (cerca de 17% dos brasileiros nessa faixa etária), não têm acesso à internet em suas casas, conforme a Agência Brasil¹⁴ (2020). Com isso, foi possível constatar quão difícil é realizar o ensino mediado exclusivamente pelas tecnologias, já que muitos estudantes não possuem os recursos essenciais para participar das aulas on-line. Tudo isso, ampliou ainda mais as controvérsias quanto ao ensino remoto no Brasil, especialmente nas universidades públicas, espaço de debate, reflexão e resistências sobre esse tipo de ensino.

Pode até parecer que, para aqueles que tinham acesso e afinidade com as tecnologias, inclusive com uso da internet, já tinham tudo facilitado para viver de maneira mais tranquila esses novos tempos. No entanto, o que se percebeu é que para muitos há a necessidade de um grande esforço para aprender e gerenciar o tempo em casa, organizar sua vida acadêmica, dedicando tempo para assistir às aulas e estudar de maneira autônoma.

¹⁴ Esse levantamento foi feito pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), solicitado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) para medir, em meio à pandemia do novo Coronavírus, vírus propagador da covid-19, o quantitativo de crianças e adolescentes que estavam sem acessar as aulas on-line e a outros conteúdos da internet, que poderiam garantir a continuidade da sua aprendizagem.

Associado a tudo isso, há o estresse, o isolamento, todos ou muitos em casa por mais tempo, distantes de amigos, parentes e o medo de contrair uma doença que pode levar à morte.

Quando pensamos nas crianças, imaginamos quão positivo a elas é ter os pais por mais tempo ao seu lado. No entanto, muitos deles precisaram harmonizar suas tarefas profissionais e domésticas com as atividades escolares dos filhos, o que sabemos é trabalho dobrado.

Coexistindo com todas essas mudanças, somaram-se os sintomas psicológicos, relacionados com as fases da epidemia. Conforme a Fundação Carlos Chagas (FCC), as fases a seguir são as que compõe estes sintomas psicológicos: a 1ª é caracterizada pela mudança radical no estilo de vida, associado ao medo de contaminação pelo vírus, estimulando as pessoas a reduzir e distanciar-se do contato físico. Sabe-se quão difícil é este tipo de mudança, especialmente pela necessidade do toque, atitude muito comum na América Latina; a 2ª, evidencia-se por mudanças na rotina, forçando as pessoas a se confinarem, o que está levando muitos a sentir-se desamparados, entediados e raivosos, pois perderam sua liberdade, sendo individualmente afetados, e; a 3ª tem a ver com as perdas, tanto no aspecto afetivo quanto econômico. Alguns tiveram que conviver bem de perto com familiares e conhecidos que foram internados, intubados, tendo alguns, saído deste quadro desfavorável, mas infelizmente perdendo outros, que não puderam ser velados e/ou enterrados como de costume. Muitos nesse contexto, tiveram sua situação agravada, já que foram acometidos com depressão e/ou estresse pós-traumático.

Todo esse conjunto de situações gerou mudanças que não se imaginava, afetando profundamente a educação institucional. Como solução para este quadro situacional, a internet apresentou-se como um recurso disponível e viável, visando minimizar as mazelas trazidas junto com a pandemia. Mas, como a internet vem contribuindo com tudo isso?

A INTERNET COMO PROPULSORA DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA

Todo o conjunto de situações ora apresentadas, reforçam os impactos na vida das pessoas no mundo inteiro, especialmente no quesito educação. Apesar de muitos espaços já terem retornado suas atividades, as instituições educativas continuam fechadas e os discentes de todas as esferas do ensino (pública, privada, básica e superior), estão em sua maioria, sem apoio, pela descontinuação de seu currículo acadêmico, muitos completamente soltos e desorganizados, pois não desenvolveram um perfil autônomo como estudante profissional.

O ciberespaço¹⁵ vem sendo usado como meio para a continuação da rotina de estudos de muitos estudantes. Sobre este, Harasim (2005, p. 19) diz que este espaço possibilita aos indivíduos aprenderem juntos:

[...] através de sistemas que conectam em uma rede as pessoas ao redor do globo. Na aprendizagem em rede, a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um "modem" e uma linha de telefone, um satélite ou um "link" de rádio. Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber.

Apesar de não ser uma novidade, devido ao contexto, o ciberespaço forçou que todos tivessem essa forma de interação e comunicação, especialmente as empresas, escolas, universidades, entre outros. Todos tiveram que se adaptar: empresários, funcionários, gestores, professores, alunos, pais, etc.

¹⁵ Segundo o dicionário Michaelis (on-line), o ciberespaço é a área de ação da cibernética, em especial das redes de comunicação computadorizadas. É uma realidade virtual, isto é, ambiente artificial criado pelo computador, com o qual as pessoas podem interagir fisicamente"

As instituições de ensino precisavam preparar os agentes principais desse processo — professores e alunos — bem como evidenciar aos pais quão importante deveria ser continuar mesmo sendo desafiador para todos. Em casa, com o uso de celular ou computador, os pais tiveram que ensinar e acompanhar seus filhos nesses encontros virtuais, tornando-se como que tutores e educadores de suas progênies, pelo menos até que se sentissem mais seguros para fazê-lo sem que precisassem estar todo tempo junto deles. Tudo isso, associado com as suas atividades, compromissos e preocupações.

Já os professores, mesmo aqueles que tinham afinidade com as tecnologias, passaram a usar dispositivos digitais (computador, notebook, celular, tablet, etc.) como primeiro recurso e espaço de trabalho — imaginem os que tiveram de aprender no processo. O tempo era curto para tantas aprendizagens, mas foi necessário, tendo que reorganizar seus planos de aula e as formas de interação docente/discente.

E os filhos/alunos? Será que foi mais fácil? Partindo de minha própria experiência e de outras pessoas (parentes, amigos e conhecidos) com as quais convivo, vejo que não. Começa pelo fato de terem sido separados dos colegas da escola, desorganizados quanto às rotinas anteriores, tendo que se adaptar às novas rotinas. Mas, por serem oriundos deste século, já estão mais adaptados às tecnologias, além de ter prazer em usá-las, ponto positivo neste processo de adaptação. Nesse contexto, há duas expressões (ensino remoto e Educação à Distância - EAD) que precisam ser esclarecidas, especialmente por estarem sendo bastante confundidas neste momento pelo qual passa a nossa educação institucionalizada. Sobre isso, cabe responder uma questão: o ensino remoto e a EAD são análogas ou opostas? E, mesmo neste momento da história da educação mundial, são válidas?

ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (EAD)

Temos a convicção de que o ensino remoto e a EAD são expressões díspares e não sinônimas. Por remoto, o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (MICHAELIS) on-line cita como “afastado no espaço; distante, longínquo”. Informalmente, essa palavra é descrita como podendo ser acessada e operada à distância, através de uma linha de comunicação. Desta feita, ensino remoto seria aquele em que professores e alunos, por estarem impedidos de frequentar o espaço educativo para evitar a disseminação do Coronavírus, conforme decretos municipais, estaduais e/ou federais, precisaram repensar as atividades pedagógicas, agora mediadas pelo uso da internet, a fim de reduzir os impactos psicológicos e na aprendizagem, permitindo também o contato com seus pares, professores e conteúdos escolares, com a orientação dos docentes.

Em vista disso, dizemos que o ensino remoto é uma modalidade de ensino temporária, devido ao distanciamento geográfico entre discentes e docentes, a fim de não interromper totalmente as atividades escolares. Este ocorre sincronicamente, como ocorre no ensino presencial (diariamente, em horário específico, com aula expositiva e realização de atividades), podendo ocorrer com uso de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), vídeo aulas, aulas por aplicativos e/ou sistema de web conferência, bem como assincronamente, com agenda de atividades a ser cumprida e comprovada. Segundo Arruda (2020, p. 9, 10), tal ensino:

Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para as aulas previamente elaboradas no formato presencial, podem ser combinadas para momentos híbridos ao longo da crise, em situações de retorno parcial das aulas e quantitativo de alunos e possuem duração delimitada pelo tempo em que a crise se mantiver.

Nessa modalidade, os docentes tiveram que aprender a criar aulas on-line, reorganizar seu planejamento e pensar estratégias de interação e acompanhamento discente. Os alunos, por sua vez, também precisaram conhecer melhor algumas ferramentas, estudar de maneira autônoma e postar suas tarefas realizadas em plataforma ou espaço reservado para isso, a fim de comprovar suas aprendizagens, as quais seriam consideradas parte do processo avaliativo.

Diferentemente do ensino remoto, a EAD já era uma modalidade educacional reconhecida e considerada no meio educacional. Pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), os processos de ensino e aprendizagem ocorrem pela mediação didático-pedagógica dos docentes, discentes e tutores, com o desenvolvimento de atividades educativas, no tempo de cada um, com exceção do momento presencial, em que todos se encontravam para o cumprimento de carga horária, realização de avaliações ou uso de tecnologias conforme suas necessidades.

A EAD prescreve um Modelo Pedagógico, normalmente descrito no projeto do curso e/ou normas institucionais de seu funcionamento, com uma clara descrição dos aspectos organizacionais, dos conteúdos a serem trabalhados, a metodologia deste trabalho, as tecnologias a serem utilizadas e as estratégias pedagógicas que serão empregadas. Nesta modalidade, alunos, professores, tutores, bem como gestores, são nomeados como sujeitos da EAD.

No caso do aluno, torna-se necessário que este possua ou adquira certas competências que serão fundamentais para que seu desenvolvimento seja o mais proeminente possível, devendo ser expansivo, especialmente por meio da escrita, autônomo, disciplinado e automotivado. Neste conjunto, é necessário definir horários de estudo, incluindo leituras, realização de tarefas e postagens no AVA, a fim de cumprir as suas obrigações discentes e obter o sucesso almejado.

Dessa maneira, conforme a diferenciação ora apresentada, o que vem sendo feito pelas instituições de ensino é o ensino remoto em caráter emergencial e não a EAD.

Entendemos que esta modalidade se caracteriza como válida, haja vista que muitos pais teriam dificuldades de direcionar seus filhos de maneira organizada e sistemática à aprendizagem, a exemplo do que é feito pelas instituições educativas. Além disso, colabora com as instituições de ensino que precisam afirmar seu potencial como empresa educativa que deve criar estratégias em toda oportunidade (o que inclui o atual momento da pandemia) para oportunizar informações, interações e aprendizagens aos discentes, diminuindo os impactos dessa pandemia na vida de crianças e jovens e, mantendo-os próximos de seus professores e colegas.

Todo esse percurso visou apresentar um panorama que nos permitisse especificar a nossa realidade no acompanhamento dos meus próprios filhos e referir-se a minha experiência como tutor, bem como as deles.

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DO ENSINO REMOTO COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA DE UM PAI PROFESSOR

Minha família é composta por quatro pessoas — eu, minha esposa e nosso casal de filhos, a mais velha com dez anos (curso o 4º ano do Ensino Fundamental) e nosso caçula com cinco anos (está no infantil II, última etapa da Educação Infantil).

Tanto eu, quanto a minha esposa somos formados em Pedagogia. Hoje, ambos somos funcionários públicos. Ela atualmente não está em sala de aula. Como funcionária da Secretaria de Estado da Educação

(SEDUC-MA), está na supervisão da gestão escolar. Durante seis anos (2003 a 2008) trabalhou com crianças em uma escola particular, tanto como professora, quanto supervisora. Por mais sete anos, como supervisora escolar, agora de adolescentes, já que supervisionava o ensino médio em outra grande escola da cidade de São Luís. É especialista em psicopedagogia e atendimento educacional especializado, e hoje está no mestrado em educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Eu sou professor do magistério superior da UFMA. Sempre trabalhei com adolescentes e adultos, desenvolvendo um trabalho por apenas dois anos no ensino fundamental em uma escola da rede municipal de São Luís (2007 e 2008). Desde 2019, estou afastado da docência para estudos no doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Quis trazer atenção à minha formação, pois acredito o quanto ela é meu pilar na minha atuação profissional e como pai, contribuindo para as minhas ações diárias com meus filhos, especialmente neste momento do ensino presencial estacionário.

Minhas crianças estudam em uma escola particular do município de São Luís há três anos. Mesmo antes da pandemia, sempre tivemos o cuidado de acompanhá-los e estimulá-los, inclusive oferecendo outras oportunidades de avançarem e se desenvolverem.

A Escola CNZ de educação básica em que estudam, funciona há 22 anos e tem como filosofia desenvolver um processo de ensino-aprendizagem que ofereça condições para o pleno desenvolvimento discente de forma responsável e autônoma, pautado nos princípios éticos e religiosos de solidariedade, fraternidade e honestidade.

Além disso, objetivam formar sujeitos críticos, politizados, com uma ampla visão de mundo, tornando-se capazes de interagir significativamente na sociedade e capacitá-los para contribuir para a sustentabilidade do meio ambiente.

No entanto, as mudanças geradas pela pandemia, pegaram essa e muitas outras instituições educativas de surpresa, levando-as a pensar, estudar e implementar estratégias pouco ou nada utilizadas em outros momentos, e a meu ver, dificultando o alcance de suas filosofias e objetivos.

É exatamente sobre isso quero refletir aqui neste artigo, partindo do seguinte questionamento: o ensino remoto oferecido pela CNZ, possibilitou às crianças desenvolverem-se de forma responsável, autônoma, crítica, politizada e com uma ampla visão de mundo? Para pensar neste problema, irei destacar alguns pontos positivos (PP) e negativos (PN) segundo minha ótica:

Tabela 1- pontos positivos e negativos sob a ótica de um país professor quanto ao ensino remoto emergencial oferecido aos seus filhos pela Escola CNZ.

PP	PN
O compromisso em não parar as atividades, superando rapidamente as dificuldades e, mesmo com alguns entraves no início, a exemplo do aplicativo e suas funcionalidades, o processo continuou.	No infantil II, o processo de alfabetização ficou fragilizado pela falta de atividades envolvendo a escrita.
A manutenção do vínculo das crianças com a escola que, mesmo com o distanciamento, continuaram pertencendo a um grupo com objetivos comuns.	Mudança de turno (matutino para vespertino) no 4º ano, durante as aulas remotas, quebrando a rotina das crianças.
Criação de um grupo no WhatsApp, a fim de estabelecer uma comunicação mais próxima e rápida com as famílias.	A falta de clareza do processo avaliativo, impossibilitou perceber o desenvolvimento formativo das crianças do 4º ano.
A aproximação das crianças com as diversas tecnologias utilizadas, permitiu o desenvolvimento da autonomia na interação com os programas durante as atividades.	Algumas paradas da escola para formação e ajustes internos provocaram quebra de rotina, o que consistiu em alguns dias sem atividades.
	A proposta de ensino bilíngue ficou frustrada e o material didático foi subutilizado, dificultando perceber seus avanços. Este último, se caracteriza com um problema comum ao afastamento social, pelo impedimento da convivência entre as crianças, fonte de inesgotável aprendizagem pela troca com seus pares.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando uma instituição escolar oferece seus serviços educacionais, visando favorecer às crianças para o desenvolvimento de ações responsáveis e autônomas, precisa refletir com frequência sobre o seu trabalho. Neste quesito, a CNZ teve o compromisso em não parar as atividades, buscando superar suas dificuldades e os entraves técnicos e organizacionais, como foi o caso do aplicativo de videoconferência do *Google (MEET)* e o replanejamento do trabalho para esta nova modalidade. Neste conjunto, aproximar as crianças no distanciamento, favoreceu a manutenção do vínculo entre elas e com a escola, ajudando-as a pertencerem a um grupo com objetivos comuns. Para que crianças possam desenvolver uma ampla visão de mundo, requer que vivam muitas oportunidades de conhecer e viver novas experiências. Como disse Libâneo (1994, p. 177), por meio dos encontros que se dão em sala de aula, “[...] se criam se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas”. Para ajudar neste sentido, as tecnologias digitais (celular, computador e notebook) apresentam-se como excelentes recursos.

Devido à pandemia, as crianças foram mais estimuladas a usá-las de maneira responsável, excelente oportunidade de desenvolverem autonomia na interação com os *softwares* durante as atividades. Nessa questão, fiquei impressionado como meus filhos interagiram bem com as TIC, muitas vezes usando recursos dos aplicativos que não fazíamos ideia que existiam ou para que serviam.

É claro que neste conjunto, considerados os PP acima apresentados, os pais devem ser parceiros fundamentais da escola para ajudar às crianças nos processos de ensino e aprendizagem. Um importante começo para isso, foi a criação de um grupo no *WhatsApp*, a fim de se comunicarem prontamente com as famílias, repassando ações, avisos, fazendo observações e solicitando apoio, ainda mais neste momento pontual da nossa história.

Até aqui, refletimos apenas sobre os PP apontados, relacionados com o ensino remoto oferecido pela CNZ, a fim de possibilitar que sua filosofia e seus objetivos fossem alcançados. Mas, também há os PN, que não significam descuido, descompromisso ou desrespeito com as crianças e suas famílias, mas que se refletidos, devem permitir outros avanços em todo esse processo.

Como estamos tratando de dois níveis diferentes em que se encontram os meus filhos na educação básica, vou separá-los, a fim de compreender melhor o que aconteceu com cada um deles. Vou salienta primeiro a experiência com a educação infantil.

Nas primeiras semanas em que o trabalho foi iniciado, percebi o quanto ficou fragilizada a alfabetização das crianças, especialmente pela falta de atividades envolvendo a escrita. As crianças ficavam focadas em cumprir atividades dos livros didáticos, orientadas através de vídeos lúdicos postados todas as manhãs, tratando do tema do dia, explicando sobre ele e informando as atividades a serem realizadas. Quando percebi que a leitura e a escrita estavam sendo postas em segundo plano, achei necessário conversar com a professora e a coordenação, sugerindo possibilidades de isso acontecer mesmo com o ensino remoto. Para a minha alegria, as sugestões passaram a ser implementadas bem rapidamente, acrescidas de outras possibilidades. Como disse Paro (2000, p. 68) “[...] é muito importante o papel da família no desempenho escolar dos filhos”. É bom reforçar que era realmente isso que me preocupava.

Para ajudar ainda mais neste processo e favorecer a aprendizagem dos discentes, foi agendado uma sondagem presencial com eles, a fim de identificar os seus níveis de aprendizagem e durante o ensino remoto, propor atividades de leitura, arte e matemática baseadas exatamente nestes níveis individuais. Apesar de percebermos que o trabalho da CNZ com o ensino remoto estava avançando, algumas paradas para formação e ajustes internos provocaram quebra de rotina

e, como bem sabemos, as crianças menores aprendem a ser mais responsáveis e autônomas se a rotina faz parte do seu dia a dia, já que pela organização dessa rotina, “[...] a ordem e a sequência das atividades contribuem para a criança sentir-se segura e compreender o contexto em que está vivenciando” (GIL, 2014, p. 17).

No ensino fundamental, alguns pontos também deixaram a desejar. Para começar, a mudança de turno (matutino para vespertino) durante as aulas remotas. Já havia uma adaptação e uma organização pessoal e da família de cada criança quanto aos horários de estudo e outras atividades. Pela mudança de turno forçada, novas rotinas tiveram de ser estabelecidas, mexendo com a vida de todos, nós pais e nossos filhos.

Apesar das aulas remotas seguirem um caminho muito contíguo ao do ensino presencial, no que diz respeito a avaliação, não podemos dizer o mesmo. Não houve clareza quanto a este processo, o que impossibilitou acompanharmos melhor o desenvolvimento formativo de nossa filha. As avaliações que encerraram o segundo bimestre, aconteceram on-line, com exceção das provas de línguas, que foram impressas e enviadas para o e-mail das respectivas professoras. O resultado dessas avaliações só foi divulgado na metade do 3º bimestre, dificultando ajudá-la a repensar sobre o vivido até aqui com o ensino remoto.

Também acerca do ensino remoto, acompanhando meus filhos, vi que acontece muita dispersão — eles saem muito da frente do computador para ir ao banheiro, tomar água, falar conosco, pegar material extra, etc., dificultando a concentração durante a aula. Para estes casos, minha orientação é fazerem tudo o que precisam antes da aula e levantar-se apenas no intervalo da aula ou para pegar algum material que não está à mão. Outro ponto que me trouxe muita frustração foi a proposta de ensino bilíngue que neste ano passou a ocorrer na própria escola. Apesar de acontecer também pelo ensino remoto,

percebemos que o material didático ficou subutilizado, e não consegui perceber os avanços dos meus filhos. Este ainda é um aspecto em que buscamos perceber progressos, caso contrário, procuraremos a escola, visando construir um diálogo e traçar outros caminhos mais viáveis para favorecer a aprendizagem de nossas crianças.

Como último ponto a refletir, há um problema comum ao ensino remoto emergencial que é a impossibilidade de convivência entre as crianças e, como sabemos, tal convívio é fonte de inesgotável aprendizagem pela troca com seus pares. Neste processo, os(as) professores(as) precisam estimular as interações entre todos, permitindo o diálogo livre e aberto com os colegas.

Este atual cenário pandêmico, convoca-nos a repensar as práticas de ensino, incumbência primeira dos docentes que, sensibilizados por essa realidade, devem incorporar alternativas balizadas pelas tecnologias digitais, criando oportunidades de acesso, permanência e aprendizagem (MODELSKI, GIRAFFA, CASARTELLI, 2019).

Para tudo isso, é inevitável o apoio técnico, afetivo, conteudista, moral e ético dos pais, ensinando seus filhos a viver esse novo momento de maneira equilibrada, segura e favorável à sua aprendizagem. Tudo o que já ocorria no turno contrário da escola, agora precisou ocorrer nos dois turnos, acompanhando-os durante o ensino remoto e apoiando-os após as aulas no cumprimento de suas tarefas, tirando suas dúvidas, estudando mais junto com eles, fazendo-os reconhecer o valor dessas experiências na sua vida presente e futura.

CONCLUSÃO

No atual contexto em que se encontra a educação brasileira, com a necessidade de empreender o ensino remoto devido à importância do afastamento social, evitando parar integralmente às

atividades escolares, acredito que esta deve ser uma opção menos brusca e impactante na vida dos milhões de crianças e jovens em todo o Brasil. No entanto, sabe-se quão desafiador é para professores e alunos, já que na educação básica, experiências com uso de metodologias mediadas pelas tecnologias digitais são inusitadas. No entanto, acredito que diante de tudo isso, era inevitável que este ensino ocorresse, permitindo o prosseguimento do ano letivo. Escolas e professores precisaram se organizar e estudar as melhores maneiras de implementar essa modalidade emergencial de ensino, especialmente pelo fato de sua grande maioria não estar habilitada para isso. Nesse processo, o desafio para os professores é o de fomentar a autonomia discente, requisito essencial para qualquer ensino não presencial. No caso das escolas, o de formar os professores, criando condições para que realizem o ensino de maneira tranquila, com uso de aplicativos e outros recursos que favoreçam tal ensino.

No que concerne às implicações pedagógicas, até certo ponto, o ensino remoto serve de alerta quanto a inevitabilidade em inovar tais práticas adotadas na escola, e ao professor da importância em estar ciente para a realização de uma prática docente rica, vendo sempre a sala de aula como lugar de investigação.

As aulas precisam propiciar interações mais dinâmicas, criando condições para que os discentes participem, divulgando suas aprendizagens e desconhecimentos. Mas, sabemos quão difícil é manter o aluno concentrado neste ambiente, diante de recursos (computador, celular, tablet, etc.) tão estimulantes, com portas abertas para muitos quefazeres (*YouTube*, páginas de internet, música, *softwares* de desenho e/ou jogos). Mantê-los ativos, com os livros abertos, com uso de vídeos, fazendo perguntas, permitindo interações, pode ajudar na hora da realização deste ensino.

Aos pais, o compromisso em acompanhar, apoiar e orientar seus filhos para uso das TIC e na realização de suas tarefas, tambémaju-

dando a desenvolver a autonomia, é parte imprescindível de todo esse processo. Em nossa família, já que somos professores, ambos pedagogos, é inerente em nossa prática cotidiana com eles, ajudar nossos filhos a pensar, construir textos, razoar a matemática no seu dia a dia e fazer tudo dentro de uma sistemática organização diária, com horários de estudo e leitura, o que vem permitindo que eles avancem ainda mais rápido em consonância com o trabalho da escola. E, durante as aulas, orientá-los para acompanhar, tirar dúvidas e aprender com seus pares.

Para os alunos, em seu processo formativo e de desenvolvimento cognitivo e emocional, o ensino remoto ajuda a mantê-los em atividade, lendo, estudando, próximo de seus colegas, mesmo distanciados deles, criando um senso de compromisso pessoal, valorando o que a escola pode realizar nessa formação. Assim, quando tudo voltar à normalidade, os prejuízos serão menores, menos nocivos a eles, além de não termos o ano letivo perdido.

Portanto, acredito que o ensino remoto emergencial é uma necessidade deste tempo em que estamos vivendo. Para todos, é importante manter uma atitude positiva e realista, mesmo em face dos momentos mais difíceis, motivando-os a continuar em direção ao alcance de suas metas pessoais, sendo esta uma das características da inteligência emocional, imprescindível tanto em períodos ditos “normais”, quanto em eventos extraordinários como uma pandemia.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede: Revista de Educação a Distância*. v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ESTELLÉS, Marta; FISCHMAN, Gustavo. E. Imaginando uma Educação para a Cidadania Global pós-Covid-19. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15,

e2015566, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

GIL, D. B. A. *Organização da rotina na educação infantil*: um olhar para o tempo, o espaço e o brincar. 2014. 44 f. Monografia apresentada para Especialização em Trabalho Pedagógico na Educação Infantil — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

HARASIM, Linda (et al). *Redes de aprendizagem*: um guia para ensino e aprendizagem online. São Paulo: Editora Senac, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. Editora Cortez. São Paulo, 1994.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2020. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=remoto>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MODELSKI, Daiana; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, Alam de O. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 45, e180201, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100515&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 dez. 2020.

PARO V. H. *Qualidade do Ensino*: A contribuição dos pais. São Paulo. Xamã, 2000.

TOKARNIA, Mariana. *Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasiltem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

VENTURA, Deisy de F. L. et al. *Desafios da pandemia de COVID-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade*. Cad. Saúde Pública, 2020; 36(4):e00040620. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n4/1678-4464-csp-36-04e00040620.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2020.



11

Geraldo Vicente da Silva

Fredy Enrique González

**Epístola à quatro
mãos de duas
trajetórias
na avaliação
da aprendizagem**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.257-275

Caríssimo professor Fredy González,

Nas reflexões realizadas nos nossos encontros formativos, compreendi que a nossa identidade é formada por vários saberes os quais advém dos espaços, interações ou porque não dizer, das várias experiências vividas por cada um de nós. Percebi que somos, a cada momento, influenciados ao mesmo tempo que influenciemos aqueles com quem interagimos no nosso cotidiano. Sabendo disso, compartilho com o senhor, algumas das marcas deixadas e feitas pela avaliação escolar enquanto aluno e profissional da educação ao mesmo tempo que esboço um pensamento alternativo para este elemento que foi e tem sido tão caro aos processos de ensino e aprendizagem que é a avaliação para a aprendizagem escolar.”

Caro Geraldo,

Sinto-me feliz lendo essa carta que você envia para mim com tanto carinho, sabe? Para um professor sempre é um presente da vida, tanto pessoal quanto profissional, saber das viagens na vida que realizam seus antigos discentes. Ao ler seu texto, vem para mim muitas boas lembranças relativas a suas participações nas minhas aulas de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Identidade, Formação e o Desenvolvimento Profissional Docente. Suas falas sempre foram interessantes. Oferecia argumentos, compartilhava textos, indicava caminhos para serem mandados. Por fim, eram sempre muito animadoras. Lembro muito de seu sorriso e da alegria que passava para todos nós. Obrigado por nos dar esses presentes.

É sabido que o processo de avaliação é um elemento que remonta às primeiras civilizações chinesas, sistematizadas para a

educação por Ralph Tyler há muitos anos, passou por várias reformulações, surgiram várias concepções e temos robustas produções. Contudo, sua prática, segundo vários autores, ainda tem sido muito questionada sob vários aspectos.

Conheço Tyler. Estudei-o durante o doutorado na Universidade Central de Venezuela. Foi o Professor Doutor Hernando Salcedo Gálvis que me deu notícias dele. De fato, Ralph Tyler foi um dos criadores da Escola Estadunidense da avaliação, deixando como legado muitos seguidores que deram continuidade e fizeram avanços relativos as suas ideias seminais. Seus alunos e colegas organizaram o livro intitulado Educational Evaluation: Classic Works of Ralph W. Tyler (MADAUS; STUFFLEBEAM, 1988) que, se você quiser, posso disponibilizar para você. No Brasil é possível encontrar este trabalho de Tyler: Princípios básicos do currículo e ensino com tradução de Leonel Vallandro (TYLER, 1979). Também, em 2003, Daniel L. Stufflebeam - um dos alunos mais proeminentes de Tyler, junto com vários colegas - publicou o International Handbook of Educational Evaluation (KELLAGHAN; STUFFLEBEAM, 2003), um livro que você deveria ter na sua biblioteca como fonte básica de consulta obrigatória. Um livro mais recente (2014) é esse aqui Evaluation Theory, Models, and Applications (STUFFLEBEAM; CORYN, 2014). Acredito que esses quatro textos darão um alicerce muito firme para suas pesquisas atuais e futuras.”

Nesse sentido, a partir das minhas histórias de vida, em relação à avaliação escolar remontando desde a minha vida enquanto aluno da educação básica à pós-graduação, assim como as minhas práticas

docentes também na educação básica, aponto algumas das marcas deixadas pela avaliação escolar que acredito terem influenciado na minha identidade e, tendo o senhor como a pessoa mais experiente, como nos ensina Vygotsky, buscou compreender em que medida realmente essas experiências influenciaram na minha identidade docente.

Caro Geraldo, a avaliação é o único espaço de liberdade que o docente tem no currículo hierarquizado e prescrito desde as alturas do poder. Tudo está estabelecido a priori. Se você aprecia com cuidado, poderá se dar conta que a avaliação escolar é a chave da última porta de saída do micro curriculum, aquela que é expresso nas salas de aulas das diferentes disciplinas. Essa chave está nas mãos dos professores que com sua avaliação tem a decisão: se aprovado, então pode sair. Se reprovado, fica preso. Essa dimensão da avaliação muitas vezes não é considerada.

Após as várias provocações trazidas pelo senhor nos nossos riquíssimos momentos de reflexão sobre a formação, a identidade e a profissionalização docente e, neste caso o respeito às vozes silenciadas dos professores, venho aqui, na condição de aluno mas também de professor escrever-lhe esta carta, pois com as nossas discussões, leituras e reflexões percebi que as vivências muito influenciaram na minha identidade enquanto docente e que agora tenho refletido sobre cada uma das práticas vividas enquanto aluno e as praticadas enquanto professor na busca de uma teoria e ao mesmo tempo uma prática que possa melhor responder ao que tanto se deseja, que é uma educação de melhor qualidade.

Isso que você expressa aqui é muito interessante. A identidade docente (ID) é uma auto-constituição singular. Um processo inacabável que inicia muito cedo no seio familiar. Não é verdade que a identi-

dade docente é construída na universidade devido aos processos de formação inicial. A ID constitui um processo de mudanças individuais (sócio simbólicas) que se dão num marco sócio estrutural (coletivo). É nesse processo que cada professor constrói a sua identidade própria: criamos e somos criados pela sociedade onde vivemos.

Caro professor, como o senhor estudou sua educação básica em outro país, não sei se lá havia a semana de prova. Isso, semana de prova, aqui havia e ainda há. Início por ela por ser uma marca, mesmo “condenada” até por legislações estaduais a exemplo das expedidas pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, a semana de prova é algo comum em muitas das nossas escolas, tanto públicas quanto privadas e esta questão está diretamente ligada à qualidade tratada no parágrafo anterior, pois os alunos precisam em cinquenta minutos colocar no papel o que deveriam ter aprendido em cinquenta dias de aulas e, será essa qualidade assim que “verificada”, transformada em quantidade que varia de 0 a 10,0.

Sim, sim, Geraldo. Lembre se que eu nasci na metade do Século XX (1950). Desde então transcorreram 70 anos. Nesse trajeto vital percorri várias etapas do sistema educativo venezuelano. Sempre do lado do ensino público. Hoje estou ciente de que fui participante (mesmo que não muito consciente) das múltiplas mudanças curriculares que aconteceram no meu país e faziam parte das mudanças propiciadas desde os centros hegemônicos das teorias curriculares vigentes na época. E por tanto, também influenciaram as práticas avaliativas. Passei sim, pela época dos chamados exames finais. Aqueles que eram aplicados normalmente no mês de julho. Foram tempos de correria. Mas, eu gostava porque era época quando eu atuava

como professor de meus colegas. Meu desempenho em todas as disciplinas foi bom. E eu explicava aos meus colegas. Isso aconteceu nas diferentes faixas tanto na escola primária (assim era chamada na época, a hoje chamada Educação Básica), quanto na educação secundária e também na universitária. Desde a terceira do primário eu tinha a decisão tomada de ser professor. Isso foi ratificado no terceiro da secundária.

Esses exames finais acontecem, como já falei, durante todo o mês de julho. Se alguém fosse reprovado, tinha a chance de fazer um exame chamado de “reparação” que era aplicado no mês de setembro. Se fosse reprovado em três disciplinas tinha que repetir o ano.

Com o tempo compreendi que tudo isso era o resultado do paradigma de ensino vigente, chamado “Paradigma Processo-Produto” um dos paradigmas propostos por SHULMAN (1997) para o estudo do ensino. Segundo este paradigma, a aprendizagem é consequência do processo de ensino. Então a avaliação é para confirmar se o processo deu certo avaliando o produto que, supostamente, é o aprendido.

Para mim, a ideia da semana de prova só tinha uma coisa boa — nesses dias após concluir as “provas” podíamos ir para casa — com o professor ficavam aquelas folhas de papel ofício mimeografadas ainda com cheiro de álcool. Mesmo tendo oito disciplinas só tínhamos quatro provas (português, matemática, ciências e estudos sociais). As cadeiras eram separadas, pois no momento da “prova” todos já sabiam: não podíamos conversar nem trocar materiais como lápis ou borracha. Como na maioria das vezes eu não tinha ou perdia a borracha, apagava com o dedo molhado na língua onde em algumas vezes chegava

até mesmo rasgar a folha, pois pedir emprestado não podia, acho que era para não ocorrer a “cola”.

Essa cena eu vivi. Na América Latina era a mesma coisa em todos os países que eram regidos pelo mesmo currículo, que tinham como alicerce o mesmo paradigma do currículo. Mas essa forma dos professores agir é indicativa de um posicionamento teórico sobre a avaliação. Veja a ênfase sobre o individual singular, único. Nada a ver com posicionamentos mais atuais que fazem ênfase na aprendizagem colaborativa, por exemplo.

Ah como queria que minhas professoras tivessem lido aquele texto do Gilberto Dimenstein (1998, on-line) que sustenta, citando Júlio Groppa, que esse fato, a cola, se dá em virtude de a escola obrigar o aluno a decorar os conteúdos escolares e que isso sim, não é legal. Pois, concordo com ele que é realmente uma coisa muito ruim ter que decorar fatos, números, conteúdos e mais conteúdos que muitas vezes nada servirão e muitos deles realmente não serviram para nós.

O assunto da “cola” é extremamente complexo. A ideia de vinculá-la com a ênfase em “decorar os conteúdos escolares” é só um dos aspectos. Têm muitos outros que vale a pena examinar. Hoje a “cola” ainda se mantém, mesmo que o paradigma do ensino tenha mudado.

As provas depois de feitas, professor, eram recolhidas pela professora e recebíamos ou eram entregues aos nossos pais já com as notas, em azul quando eram de 6,0 acima, abaixo disso eram em vermelho, as quais minha mãe perguntava logo: “e essa nota vermelha?”. Momento o qual tinha que buscar explicar cada uma delas, quando isso acontecia. Assim, como atualmente, para ser aprovado tinha que atingir a média anual 6,0 ou 5,0 após a recuperação que tinha 5 dias

reservados ao final do ano letivo. Caso não fosse atingido, seria reprovado, experiência que não passei nestas séries.

Essas cores (azul e vermelho) parecem marcar a avaliação até hoje. Com certeza as canetas vermelhas são as mais vendidas porque os professores, em geral, fazem ênfase no que o aluno não conseguiu, o que fez errado. Assim sendo, vale a pena procurar o romance “O Vermelho e o Preto” de Stendhal (2004).

No ensino fundamental anos finais, o processo de avaliação não era muito diferente dos anos iniciais. As práticas da semana de prova, a separação de carteiras, a realização das “provas somente ao final do bimestre” continuaram do mesmo modo, sendo acrescentados aqui duas novas práticas que foram “o visto” onde o professor dava nota aos exercícios realizados em sala de aula e em disciplinas como matemática e língua portuguesa havia atividades orais. Na primeira os alunos, de forma individual tinham que responder à tabuada, de forma ordenada ou não e enquanto não respondiam, por exemplo, a conta de multiplicação por três, não passava para a posterior. No caso da língua portuguesa todos os alunos eram chamados individualmente para responder às conjugações verbais.

O momento que antecede essa prática de avaliação “oral” era meio desesperadora, pois o docente não ia nem mesmo à sala de aula. Este, se posicionava em outra sala e nos aguardava para, de forma individual, responder às conjugações ou, por exemplo, as regras de acentuação de palavras. Disciplinas como geografia e ciências, em muitas das vezes trabalhava lista de exercícios, de onde eram retiradas algumas questões para serem respondidas nas provas do bimestre.

Essas formas avaliativas rememoram práticas inquisitoriais da idade média. A avaliação parece ser a apresentação diante de um tribunal. Isso foi descrito muito bem no livro “Vigiar e Punir” por FOUCAULT (1987). Claro que tem que ser feita uma extrapolação entre aquilo que diz o autor (relativo às prisões) e o que acontece nas escolas. Na mi-

nha apreciação, essa atitude na avaliação é muito semelhante com uma atitude policial. Não se pode perder de vista o contexto político da época de origem dessas ideias em matéria de currículo.

No ensino médio, quando me preparava para atuar como professor nos anos iniciais do ensino fundamental, mesmo sendo o curso em modalidade normal, magistério, as práticas avaliativas se desenvolviam através de estratégias como a separação de carteiras, o visto no caderno, aqui apareceram também os seminários com maior frequência. Contudo, eram desenvolvidos da seguinte forma: o professor sorteia ou direcionava o assunto a ser apresentado, nos organizamos para apresentar, apresentamos e a nota era dada. Não podemos deixar de destacar que neste momento tinha sempre aquele que queria ficar segurando o cartaz da apresentação.

O interessante é que desenvolver seminário em sala era algo inovador à época. Contudo, após algumas leituras percebi que assim como a aplicação de instrumentos de coleta de informações, os seminários também não passavam de provas, esses eram desenvolvidos e nenhuma intervenção era feita a partir deles. Viés muito bem explorado naquele livro “o jogo do contrário em avaliação” escrito por Jussara Holffman (2018), ao enfatizar que a única diferença entre a avaliação formativa e mediadora se tratava exatamente disso, do fato do professor não promover a devida superação das dificuldades demonstradas pelos alunos nos processos de realização das atividades. Pois, avaliar não se resume apenas a aplicação de sequências de instrumentos de coleta de informações, mas também o que se faz com as informações coletadas a partir deles.

E para minha surpresa, professor Fredy, após algumas reflexões percebi que, no ensino superior, a maior parte das estratégias avaliativas se concentravam em seminários e a sua organização era feita do mesmo modo que no ensino médio, (os temas eram sorteados aos grupos, os componentes dividiam as páginas a serem lidas,

um se encarregava em organizar as transparências e no dia marcado cada um apresentava “sua parte”). O professor neste momento assumia uma cadeira de destaque, muitas vezes nos fundos da sala e observava; diante do número de alunos a apresentar, em muitas das vezes apenas se batia palmas, em outros eram feitos comentários coletivos, e recebíamos as notas. Estas, na maioria das vezes quando já se estava pagando outras disciplinas.

Vejo hoje, que essas são práticas avaliativas muito deturpadas daquilo que se entende como as melhores para o desenvolvimento da aprendizagem, mas à época para mim e talvez também para eles, os professores, se tratava das melhores. Confesso que o objetivo aqui não é afirmar que eles estavam certos ou errados, porque possivelmente assim como eu durante um tempo, eles apenas reproduziam práticas vividas por eles enquanto alunos uma vez que nenhum deles possuía o ensino superior e, como relatei, até mesmo no meu curso superior em pedagogia, as práticas de avaliação não diferiram das realizadas na educação básica e nem tivemos formação na área. Esse cenário que você descreve nos parágrafos antecedentes refere a mudanças de forma, mas não de fundo. O paradigma vigente permanecia mesmo que as práticas mudassem.

Quando em 1996, professor, aos 16 anos de idade a época cursando o magistério, sem nenhuma formação na área da avaliação e com as referências de práticas em avaliação para a aprendizagem escolar já relatadas, apenas reproduzia as práticas vividas na condição de aluno.

Isso é muito comum: o professor (novo) tem a tendência a repetir as práticas que viveu com aqueles de seus formadores que ele considera marcantes, ou seja, que ele vê como referentes a serem emulados.

Nesse período em que iniciei minhas práticas docentes os alunos eram matriculados somente aos 6 anos de idade e não havia educação infantil. Assim, o processo de verificação da aprendizagem

era feito por notas, a meu ver por estas e outras razões, o índice de reprovação no primeiro ano era enorme no Brasil e nessa escola não era diferente. E, neste cenário, assumi uma turma de 1ª série com 32 alunos com as mais variadas idades.

As práticas avaliativas, confesso, não foram muito diferentes de quando eu era aluno.

Você confirma o que eu escrevi acima.

Contudo, uma questão que era cunhada por outros professores pela expressão “o aluno X desandou” me incomodava e me chamava a atenção. A partir de algumas reflexões no curso de magistério, comecei a entender que, por trás desta questão, havia outras como: será que o planejamento está sendo adequado ao ano escolar e ao aluno? Não será esse o desenvolvimento normal do aluno? Estaria esse/aquele professor observando os objetivos específicos ou apenas os gerais? Estaria esse/aquele professor desenvolvendo processos de avaliação adequados? Como resolver os problemas dos meus alunos e dos colegas que só tiravam notas vermelhas durante os três primeiros bimestres e somente no último tiravam nota azul?”

*Geraldo, você começou a sentir que tinha asas prontas, fortes, para voar no seu próprio voo profissional.
Muito bom!*

Nesse sentido, aqueles procedimentos avaliativos não atendiam mais a minha forma de perceber a avaliação e no segundo ano de magistério, atuando com outra turma de 1ª série, atual segundo ano, dos anos iniciais do ensino fundamental me levou a criar uma “ficha de acompanhamento da aprendizagem onde eram colocados o nome do aluno, os objetivos de acordo com cada disciplina e a possibilidade de acompanhar o aluno pelos conceitos (Sim, Não e Melhorar). As fichas eram construídas bimestralmente, onde em alguns momentos estas

fichas eram transcritas em folha de papel madeira, fixadas na parede e o aluno fazia o acompanhamento do seu desempenho sozinho.

De destaque a sua expressão (sublinhada) porque, provavelmente de forma intuitiva, você estava conseguindo entender a importância do processo mais do que o produto. Essa ficha que você criou procurava fazer registro do processo e não só do produto.

Ao término do ano letivo eu dividia a quantidade de objetivos de cada disciplina por 10,0 e multiplicava seu resultado pela quantidade de “sim” obtidos pelo aluno de acordo com cada disciplina. Vale registrar que os processos de avaliação continuavam os mesmos, mudei apenas a forma de registro como bem percebeu Luckesi ao rever alguns dos seus conceitos de avaliação e prova em publicação recente.

As tentativas que você fez de mudar as práticas avaliativas, Caro Geraldo, já dizem sobre sua atitude de insubordinação. Isso é muito bom. A mais, Beatriz D'Ambrosio, a filha (infelizmente falecida) de Ubiratan gerou, no campo da Educação Matemática, um movimento chamado de “Insubordinação Criativa” (D'AMBROSIO; LOPES, 2015), um movimento educacional muito interessante. Mas, por mais que pensemos que a Matemática é exata, tentar avaliar com a colocação de um número (nota), mesmo que muito preciso, não dá conta dos aprendizados dos estudantes e carrega em si uma concepção da avaliação como medição.

Lembro que a primeira referência às possibilidades de diversificar as formas de registro foi trazida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, volume introdução lançado e distribuído no ano de 1997. Contudo, lá não havia nenhuma citação de como as mesmas deveriam ser desenvolvidas. Lembro ainda que somente no programa de formação

de professores desenvolvido pelo Governo Federal no ano 2012 chamado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é que foi formatado um modelo de ficha que poderia ser implementada pelos professores em sala de aula respeitando os direitos de aprendizagem, quinze anos depois das que eu já havia desenvolvido.

Só há 8 anos!!!!!! Inacreditável o atraso.

Mesmo sem ter a clareza dos dias atuais algo me inquietava, era o fato de que mesmo transformando a qualidade (os objetivos atingidos) em quantidade (notas) aprovando ou reprovando o aluno, eu não tinha resolvido o fato de alguns dos objetivos não estarem sendo alcançados, pois naquele momento mesmo desenvolvendo de forma inconsciente a “avaliação formativa” eu não a realizava de forma sistemática, tomando as devidas decisões e nem a levava em consideração no momento de consolidar o aproveitamento escolar dos alunos em um bimestre ou ano letivo.

Nesse parágrafo, Prezado Geraldo, você toca aspectos fundamentais das concepções implícitas sobre avaliação prevalentes na época: a) a consideração dos objetivos condutas como expressão de aprendizagem (baseada nos princípios do behaviorismo skinneriano, Cfr. MATHEUS, 2010); b) a natureza dicotômica da avaliação (aprovado/reprovado = azul/vermelho); c) a insistência de “medir” o aprendido colocando números (notas); d) e a redução do “aproveitamento escolar” só ao cognitivo, desconsiderando outros aspectos da personalidade do aluno.

No ano de 1999 já atuando na assessoria pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e nos anos finais de uma escola municipal já debatia e orientava os professores para a importância do desenvolvimento de práticas de avaliação formativa e alertava-os para o fato

de não utilizar a divisão de notas (mesmo que, ainda nos dias atuais, instituições nos seus vários níveis e etapas realizam sequências de trabalhos, cada um com peso 10,0 onde ao final de um período letivo os soma e divide pela quantidade de atividades realizadas) em uma mesma disciplina pelo fato deste procedimento encobrir a real qualidade do aproveitamento escolar dos alunos, questão empiricamente verificada nos anos iniciais enquanto docente, relatado anteriormente.”

Oba!!! Muito bem! Cedo você conseguiu postos altos na hierarquia do sistema educativo.

De volta à sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental e trabalhando com as fichas de acompanhamento da aprendizagem, desenvolvi, no ano de 2008, um projeto pedagógico o qual consegui validar as fichas de acompanhamento da aprendizagem tendo seu reconhecimento no “IV Congresso Internacional em Avaliação Educação” promovido pela Universidade Federal do Ceará no ano de 2008, no qual relatei a prática desenvolvida intitulando-a “A avaliação escolar a serviço da aprendizagem: uma questão urgente” (SILVA, 2008), oportunidade a qual já chamava a atenção da equipe escolar para colocar a avaliação escolar a serviço da aprendizagem.

Eita, caro Geraldo; que legal!!! Essa experiência é muito boa. Porque é o professor de aula (como você) construindo conhecimento pedagógico examinando sua própria prática. É essa a proposta do “professor reflexivo” de SCHÖN (1992, 2000).

No ano de 2019, 11 anos após, observando que a temática da avaliação a serviço da aprendizagem ainda não era uma realidade das nossas escolas, a retomei no projeto de mestrado profissional desenvolvido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), a partir do qual já foram produzidos artigos

completos como: “A avaliação da aprendizagem: percepções acerca dos processos avaliativos desenvolvidos pelo professor”, “Avaliação do desenvolvimento da aprendizagem escolar: conceitos e práticas dos professores do ensino fundamental II do município de Arez/RN” e a “avaliação da aprendizagem escolar nas atividades não presenciais: o caso brasileiro” e ainda um capítulo de livro intitulado “o papel do avaliador e a importância de sua tarefa para uma avaliação educacional”.

Aqui você já conseguiu definir e consolidar seu perfil como professor-pesquisador com um assunto de interesse de pesquisa muito bem definido. Parabéns!!!!

Pelo explícito, caro professor, compreendia partir das nossas reflexões que o tema da avaliação se encontra intrínseco na minha identidade discente e docente, aspecto que percebo ter sido determinante nas minhas ações tanto como professor quanto pesquisador que tenho buscado ser. Deste modo, pretendo com os estudos iniciados, encontrar práticas com sólida fundamentação, que melhor possibilitem a mim e aos docentes com quem atuou compreenderem como poderão, a partir das avaliações, desenvolverem as aprendizagens dos alunos levando-os a uma melhoria significativa da qualidade da educação.

Tá certo, essa é uma boa intenção. Acredito que refletindo sobre sua própria prática e de seus colegas (na perspectiva da Epistemologia da Prática, NETO, 2013), desenvolvendo práticas colaborativas (como às do Grupo do Sábado, CRECCI; FIORENTINI, 2018), liderado por Dario Fiorentini na UNICAMP, e desenvolvendo Pesquisa-Ação-Participativa (FELCHER; FERREIRA; FOLMER, 2017), você poderia conseguir.

Compreendi mestre, que é urgente pensar e sistematizar a formação inicial e/ou continuada a partir da identidade docente, compreendendo esta como peça fundamental na formação dos adul-

tos, professor, como nos fala a professora Maria da Conceição Passeggi nos seus vários escritos e, ainda, como bem afirma o senhor que não podemos considerar esses adultos em formação como meros receptores de culturas (aqui entendida como conhecimentos/conteúdos historicamente acumulados) prontas e acabadas as quais, na maioria das vezes, não fazem parte das suas realidades.

Concordo, Caríssimo Geraldo. Essa formação deve ser não só repensada, senão re-criada. Sobretudo levando em consideração as mudanças radicais que estão acontecendo no mundo todo por conta da pandemia gerada pelo SARS-CoV-2.

Portanto, caro professor, pensar a avaliação a partir de uma abordagem (auto)biográfica, fazendo uso de um desdobramento metodológico da narrativa de formação e a carta como instrumento textual me possibilitou repensar, refletir, reelaborar e retomar várias perspectivas da avaliação da e para a aprendizagem escolar contidas nas minhas vivências e que, se assim como o senhor nos proporcionou, outras formações também possibilitassem essa mediação, talvez os ciclos de formação docente não fossem tão refutados pelos professores em praticamente todos os níveis e etapas da educação brasileira.

Fico muito feliz sabendo que minbas aulas deixaram alguma marca boa na sua experiência e vivência enquanto professor inserido num processo inacabado e inacabável de autoformação. Obrigado.

Sei que esta carta ficou um pouco longa, professor, mas confesso que pela primeira vez tenho a oportunidade de falar e dizer que muitas coisas ainda não sei, mas alguns eu já fazia e talvez esse seja também o sentimento de muitos outros adultos em formação, que precisam de oportunidade para mostrar suas marcas, às vezes ruins, mas às vezes também boas.

Com gratidão,

Geraldo Vicente da Silva, seu aluno.

Querido Geraldo, a carta não é longa, não. Eu uso uma expressão que vem à tona neste caso: nenhuma distância fica longa quando o destino é o coração de um amigo. E acredito que é esse o destinatário de sua carta: o coração deste amigo seu professor da disciplina Fundamentos...

Agradeço demais esse relato em forma de carta no qual você expõe para mim parte seu percurso como professor-pesquisador-autor-ator da construção da sua própria identidade docente.

Muitíssimo obrigado.

Fredy

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria De Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Documento Introdutório. Brasília: MEC, 1997. 54p

CRECCI, Vanessa Moreira; FIORENTINI, Dario. Reverberações da aprendizagem de professores de matemática em uma comunidade fronteiriça entre universidade-escola. *Educar em Revista*, [S.l.], v. 34, n. 70, p. p.273-292, ago. 2018. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/57781>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema* [online]. 2015, vol. 29, n. 51, p.1-17. ISSN 1980-4415. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v-29n51a01>. Acesso em: 23 ago. 2021.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O professor defende direito à cola*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff15039830htm>. Acesso em: 17 maio 2021.

FELCHER, Carla Denize Ott; FERREIRA, André Luis Andrejew; FOLMER, Vanderlei. Da Pesquisa-Ação À Pesquisa Participante: Discussões a Partir de uma Investigação Desenvolvida no Facebook. *Revista Experiências em Ensino de Ciências*, v. 12 n. 7 (2017). Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/677/647>. Acesso em: 17 maio 2021.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 1987. Petrópolis, Vozes. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

HOFFMANN, Jussara. *O jogo do contrário em avaliação*. 10 ed. Porto Alegre: Mediações, 2018.

KELLAGHAN, Thomas; STUFFLEBEAM, Daniel L. (eds.). *International Handbook of Educational Evaluation*. Series: Kluwer International Handbooks of Education. Netherlands: Springer. 2003. ISBN: 978-1-4020-0849-8, 978-94-010-0309-4, 1-4020-0849-X.

MADAUS, George F.; STUFFLEBEAM Daniel L. (eds.). *Educational Evaluation: Classic Works of Ralph W. Tyler*. Series: Evaluation in Education and Human Services. Publisher: Springer Netherlands, Year: 1988. ISBN: 978-94-010-7708-8,978-94-009-2679-0.

MATHEUS, Natália de Mesquita. *An analysis of Brazilian educational policy based on Skinner's proposals*. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16889>. Acesso em: 25 maio 2021

NETO, José Henrique Duarte. Epistemologia da Prática: fundamentos teóricos e epistemológicos orientadores da formação de professores que atuam na Educação Básica. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Vol. 10, n. 21. 48-69. 2013. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/326/373>. Acesso em: 14 maio 2021.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SCHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SELINGRADI, Gabriela; Menezes, Marcos V. M. *Compreendendo o que é ser professor reflexivo ante a ação pedagógica*. Curitiba, vol. 2, n.3. DOI: 10.3895/actio.v2n3.6822. Acesso em: 25 maio 2021.

SHULMAN, Lee S. Paradigmas y programas de investigación em el estudio de la enseñanza: una perspectiva contemporánea. In: WITTROCK, Merlim (org.) *La investigación de la enseñanza III: profesores y alumnos*. Barcelona, Paidós, 1997.

SILVA, Geraldo Vicente da. A avaliação escolar a serviço da aprendizagem: uma questão urgente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL, 4., 20 a 22 nov. 2008, Fortaleza (CE). *Anais...* Fortaleza (CE): UFC, 2008. p. 1803-1815.

STENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. Martin Claret Ed., 2004.

STUFFLEBEAM, Daniel L.; CORYN, Chris L. S. *Evaluation Theory, Models, and Applications*. Series: Research Methods for the Social Sciences. Publisher: Jossey-Bass, Year: 2014. ISBN: 111807405X,9781118074053

TYLER, W. Ralph. *Princípios Básicos de Currículo e Ensino*. 6ta. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.



12

Raimundo Reginaldo Aratújo de Oliveira

**Um docente
navegando nas
estradas líquidas
da Amazônia
adaptando-se
às diversidades
da região**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.520.276-286

INTRODUÇÃO

No ano de 1989, com apenas 17 anos de idade, ingressei através de concurso público na Marinha do Brasil, e logo de início fui transferido da minha cidade, Limoeiro do Norte, interior do Ceará para a capital do Estado de Pernambuco. Decorrido um ano, fui remanejado para o Rio de Janeiro, onde permaneci até 1998, quando a pedido, me desloquei da capital carioca para uma pequena localidade do interior da Região Amazônica, denominada Porto Trombetas. Município de Oriximiná-Pará. A Agência da Capitania dos Portos em Trombetas, unidade para qual fui designado, tinha, dentre várias outras responsabilidades, grande área de jurisdição que abrangia os municípios de Oriximiná, Óbidos, Juruti, Terra Santa e Faro. Todos localizados no imenso território paraense. As principais vias navegáveis desses logradouros são os rios Trombetas, Nhamundá e o gigante Amazonas. Seu conjunto de missões incluía: a disseminação e aplicação do Ensino Profissional Marítimo (EPM)¹⁶, a fiscalização do tráfego aquaviário, tendo como objetivo principal promover ações para a salvaguarda da vida humana e à segurança da navegação, à prevenção da poluição ambiental por parte de embarcações; e as atividades de busca e salvamento das pessoas que corriam algum risco relacionado à navegação nos rios, lagos e lagoas na área de responsabilidade jurisdicional.

Tocante ao EPM, os cursos se destinam à formação de aquaviários¹⁷, responsáveis por tripularem os vários tipos de embarcações, seja na atividade pesqueira, transporte de passageiros e carga, e outros segmentos aquaviários. A realização dos cursos, constituía uma importante ferramenta para nossa unidade, pois tinha como premissa

¹⁶ O Ensino profissional Marítimo (EPM) é o responsável por cursos de formação de aquaviário que permitem o ingresso na Marinha Mercante. O EPM cuida também, do Ensino Portuário e de atividades correlatas (Capitania dos Portos do Paraná, <https://www.marinha.mil.br/cppr/epm>)

¹⁷ Idem.

atender as necessidades daquela imensa e carente região. Após o período de adaptação, fui designado para ministrar aulas para os futuros tripulantes de embarcações pesqueiras e de transporte de passageiros e carga, com idade adulta. Parte considerável dos alunos já exerciam atividades a bordo dessas embarcações, todavia, não possuíam as certificações necessárias para tal. Cerca de 35% dos discentes não haviam sido alfabetizados. Os demais possuíam a escolaridade primária. Assim, dei os primeiros passos numa área que até então desconhecia: o complexo universo da docência.

Com ansiedade e certa aflição, dada a atribuição inesperada, tentei reduzir os impactos iniciais buscando conhecer as disciplinas que iria ministrar, bem como demais aspectos do curso. De início percebi que o conteúdo guardava certa similitude com o de minha formação básica militar. Por isso, julguei não haver maiores dificuldades. Acreditei que a ausência de experiência na área não seria impeditiva para a atividade docente, durante meu contato com populações ribeirinhas, pois sendo nordestino, tenho sempre em conta, os elementos que caracterizam o regionalismo linguístico, cultural e comportamental, sempre aflorados.

Figura 01 - Vista área de Trombetas-PA às margens do Rio Trombetas.



Fonte: Figura retirada da internet.

IDENTIFICANDO A NECESSIDADE DO DOCENTE ADAPTAR-SE AO CÍRCULO SOCIAL DO DISCENTE

Quando no município de Juruti, realizei a minha primeira experiência docente, ministrando aula para um grupo de 30 alunos. O curso era para formação de marinheiro fluvial auxiliar de convés, no período noturno. A maioria era do sexo masculino, com idade entre 25 e 55 anos e já exercia atividades embarcado. O curso objetivava o preparo técnico-profissional do pessoal para a Marinha Mercante e atividades correlatas, em especial na formação de aquaviários para a tripulação de embarcações na atividade pesqueira, transporte de passageiros e carga, e outros segmentos aquaviários, com grade curricular já definida. Com isso, preparei aulas usando um retroprojektor, recurso didático bem inovador para época. Inicialmente expus o sumário dos assuntos que seriam apresentados. Seguindo, ministrei quatro horas com o devido intervalo regimental. Durante as aulas, houve pouquíssima interação individual ou debate dos assuntos apresentados. O silêncio chegava a ser perturbador, pois àquela altura o desconforto em malograr no envolvimento dos alunos, gerava uma percepção de uma péssima estreia. No dia seguinte, incomodado com a ausência de interação da turma, mesmo considerando que, em tese, todos tinham razoável conhecimento prático do assunto, aproveitei o intervalo para conversar. Das minhas indagações, os alunos relataram a dificuldade de entender meu vocabulário, muito técnico e de difícil compreensão, pois na região eles conheciam esses termos por outros nomes e realizavam outros procedimentos. Nesse momento ficou claro que as informações passadas por mim, apresentavam dificuldades para decodificação dos alunos, tendo em vista o uso de linguagem regional por parte dos mesmos. Era esse um dos fatores que tornava a aula improdutiva. Sem entender o conteúdo,

o desinteresse naturalmente tomava conta de todos. Ou seja, já na primeira experiência docente me deparei com a necessidade de mudança na dinâmica de aprendizagem, implementar outros rumos, regionalizar a linguagem, associando termos técnicos ao dialeto local.

Figura 02 - Vista área de Juruti-PA às margens do Rio Amazonas.



Fonte: Figura retirada da internet

UM MERGULHO NAS ÁGUAS AMAZÔNICAS

O súbito mergulho na realidade dos ribeirinhos da Região Amazônica, após transferência da grande metrópole que é o Rio de Janeiro, onde estava limitado ao ambiente militar, a bordo de um navio de guerra, exercendo atividades na área das comunicações navais, função estritamente técnica do poder naval, possibilitou travar contato direto com o público externo, numa região cheia de limitações das mais diversas ordens. Diante de alteração cultural tão brusca, adaptar-se era necessário. Foi o que fiz.

No contato inicial com os ribeirinhos, reconheci a necessidade de imersão no mundo Amazônico, em especial nas atividades relacionadas a subsistência desses profissionais. Busquei aproximação com os moradores locais, a fim de conhecer o aspecto cultural, a atividade aquaviária, as habilidades e aptidões deles no ambiente fluvial.

MUNDO DESCONHECIDO, MUNDO FASCINANTE

Sempre que havia oportunidade, realizava viagens em embarcações regionais, fazendo questão de acompanhar os serviços de bordo, dos simples aos mais complexos, dia e noite, a fim de obter experiência. Buscava conversar com os mais experientes. Era como uma entrevista, e sempre ampliava o conhecimento da navegação nos rios da região. Tenho que concordar com o dito pelo Darcy Ribeiro (1985):

a cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação (RIBEIRO, 1985; p. 127).

Romper barreiras e promover valoroso intercâmbio de conhecimentos, entre os ribeirinhos (alunos) e docente/instrutor, me proporcionou experiências maravilhosas, a ponto de me encorajar a readaptar as práticas metodológicas, especialmente na dinâmica das aulas, em que comecei a empregar os procedimentos regionais a fim de facilitar a compreensão dos conteúdos.

Já adaptado à região e às especificidades das localidades da área de jurisdição, passei por diversas experiências, entre as quais gostaria de apresentar algumas:

Na cidade de Oriximiná, às margens do rio Trombetas, com dezenas de embarcações com deficiência de pessoas qualificadas para exercer atividades a bordo, fui designado para realizar inscrições para um dos nossos cursos de formação de marinheiro e pescador. Com vagas limitadas para somente trinta alunos, busquei candidatos que já estavam exercendo atividades sem certificações. Durante abordagem a embarcação que realizava transporte de passageiros, entre comunidades ribeirinhas, com duração de cerca de quatro horas até o destino, pai e filho, condutores da embarcação, declararam que não possuíam habilitação. Nesse momento, ofereci a vaga e relatei que as aulas iniciariam já naquele dia, no período noturno. Os dois recusaram-se ao curso, justificando que não teriam como se afastar de sua residência no interior. Diante da recusa, informei que se não fizessem o curso a embarcação seria impedida de trafegar. Falei que tomaria providências para que pudessem permanecer na localidade durante o curso. Um tanto a contragosto aceitaram a inscrição. No terceiro dia de curso, os dois me procuraram relatando falta de recursos para alimentação, ao que, prontamente resolvi com o auxílio de um empresário da navegação que atendeu meu pedido. Ordinariamente ao final dos cursos fazemos uma cerimônia de entrega de certificação e habilitação, a fim de registrar o momento e valorizar os profissionais e familiares que jamais participaram de eventos dessa natureza. Os alunos comparecem com suas madrinhas ou padrinhos de formatura. No curso em questão, por ocasião da cerimônia, Pai e filho trouxeram toda a família, e na ocasião me procuraram para agradecer o empenho em ajudá-los.

Figura 03 - Vista aérea de Oriximiná-PA às margens do Rio Trombetas.



Fonte: Figura retirada da internet.

No período de 1998 a 2005 participei ativamente dos cursos de formação de aquaviários em várias localidades ribeirinhas, formando e inserindo no mercado de trabalho centenas de profissionais para uma atividade primordial para aquela Região Norte de nosso país. No final do ano de 2007 retornei ao Rio de Janeiro, tendo permanecido fora da atividade docente até 2011.

Figura 4 - Entrega de habilitação e certificados para Marinheiros em Óbidos-PA.



Fonte: Figura retirada da internet

DO NORTE AO NORDESTE, NOVOS RUMOS COM PRÁTICAS SEMELHANTES

Em 2012 cheguei a Natal, a fim de servir na Capitania dos Portos do Rio Grande do Norte, importante unidade, responsável pela fiscalização do tráfego aquaviário por mais de 400 quilômetros de litoral e áreas interiores. Nela, dentre outras tarefas, fui designado novamente para ministrar aulas nos cursos de formação de aquaviários, especialmente para os tripulantes de embarcações pesqueiras em atividades no litoral potiguar, bem como aquelas envolvidas no segmento de turismo náutico, bastante utilizadas em polos turísticos como Pipa, Tibau do Sul, Barra do Cunhaú, Pirangí do Sul, Maracajaú, Galinhos, Rio do Fogo, e outras localidades.

Busco aplicar aos pescadores e marinheiros potiguares, as boas práticas vivenciadas na região amazônica, pois como dito anteriormente, tenho sempre em conta os aspectos locais, e a cultura potiguar é, sem dúvida, o grande diferencial, apresentando métodos de navegação e linguagem marinha regional muito específica. O meu primeiro contato com os discentes na região ocorreu no distrito de Enxú Queimado, município de Pedra Grande-RN, tendo a pesca como uma das principais atividades econômica da localidade. O curso era destinado a 30 pescadores que já exerciam atividades em embarcações, porém sem a devida habilitação e certificações. Valendo-se da experiência anterior e com o intuito de conhecer as particularidades locais, resolvi ministrar minhas aulas apenas no segundo dia, o que me daria um breve intervalo de tempo e possibilitaria realizar a interação social com a comunidade. Por estratégia, recorri aos pescadores com mais idade e com maior experiência, tendo em vista as inúmeras diferenças entre o ambiente fluvial e marítimo. Procurei conhecer as estratégias e práticas utilizadas por eles durante o exercício das atividades, suas dificuldades, os petrechos utilizados na pesca, área de navegação, períodos que

se faziam ao mar, bem como as terminologias utilizadas, sendo esse último uma das minhas principais curiosidades. De posse dessa gama de informações, adaptei minhas aulas de forma a melhor atender meu público, o que permitiu plena fluência entre instrutor/aluno/atividade. Faço uso regular dessa metodologia em todas as localidades em que ministro aulas. Ela representa importante ferramenta de comunicação.

A professora Maria da Conceição Passeggi proferiu uma bela frase: “*Os maiores mestres foram meus alunos*” (PASSEGGI, 2020). Essas palavras eu sei exatamente o seu significado, pois tive excelentes mestres, cada um à sua maneira, me proporcionou experiência de vida e profissional.

Nos mais de catorze anos de docência/instrutoria no ensino profissional marítimo, ainda me emociono ao ver quando um ex-aluno, em plena atividade profissional, me reconhece e se aproxima para agradecer pelas portas que lhe foram abertas. Ajudar alguém e contribuir para sua formação pessoal e profissional é uma sensação impagável.

Figura 04 - Aula no curso de Pescador Profissional.



Fonte: Arquivo pessoal 2013, Guamaré-RN.

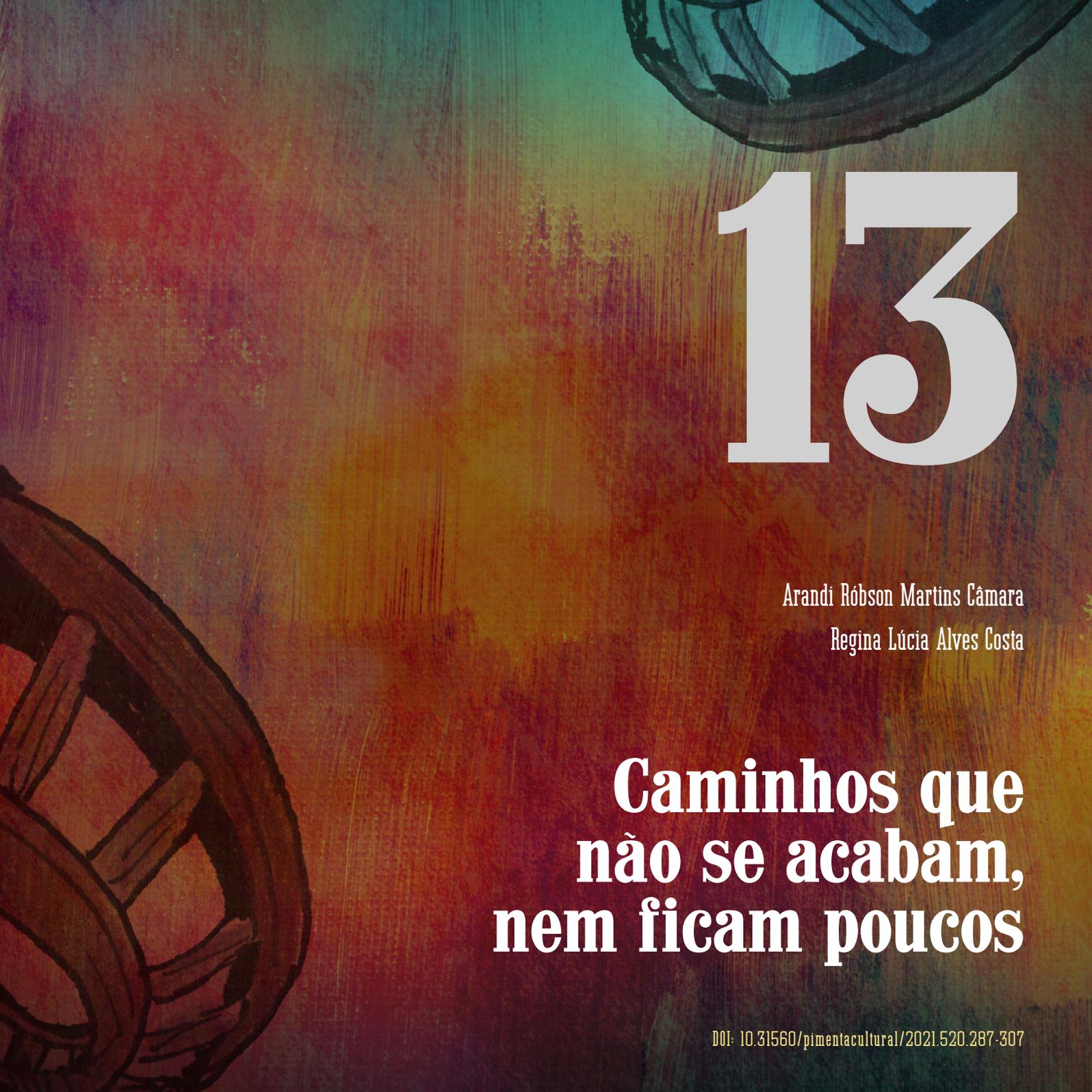
As experiências de aprendizagem devem ser continuamente buscadas pelos docentes, independentemente dos ambientes. Temos a especial missão de contribuir para que os discentes sejam capazes de reduzir distâncias, suplantando barreiras e remover muros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências adquiridas durante os anos de atividade de ensino, foram vivenciadas intensamente em vários ambientes. Elas são os alicerces que solidificaram a minha trajetória docente. O ensino profissional marítimo, de forma direta, habilita novas possibilidades e abre portas para uma camada da sociedade que presta relevantes serviços ao país, em especial na região amazônica. Naquela região, as estradas são líquidas, desde pequenos afluentes a caudalosos rios, por onde trafegam as riquezas ali geradas. A experiência na docência, iniciada naquele mundo gigante, um dos brasis dentro do Brasil, ampliou a visão e motivou a buscar maneiras para, sempre que possível, oportunizar aos menos favorecidos, qualificação e conhecimento que permitam sua inclusão e manutenção no mercado de trabalho. Numa frase, exercer a docência é acreditar que podemos fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

- RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. *Pesquisa (auto) Biográfica em Educação*. [on line] Jueves Doctoral Virtual, 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/-ANt4eFc4wk> Acesso em: 18 out. 2020



13

Arandi Róbson Martins Câmara

Regina Lúcia Alves Costa

**Caminhos que
não se acabam,
nem ficam poucos**

DOI: [10.31560/pimentacultural/2021.520.287-307](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.520.287-307)

Figura 01 – Caminhos para o desenvolvimento profissional.



Fonte: Câmara e Costa, 2020.

*"Aprender não é um ato findo.
Aprender é um exercício constante de renovação".
Paulo Freire.*

A HORA E A VEZ DOS PROFESSORES CONTAREM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Nossa missão aqui é contar uma história de dois professores que encontraram como estratégia realizar uma longa viagem para dar continuidade a uma conversa que nunca acaba nem fica pouco.

A meta é chegar no Acre, de bicicleta! A magia de viajar encanta o passageiro, hidrata a mente, conversas surgem, caminhos se abrem e se fecham, um mundo novo se prospecta.

Ser ciclista da vida é algo fascinante e encantador. O ato de pedalar requer esforço e determinação. É um pedal de cada vez, um após

o outro, esse movimento impõe um certo ritmo, os pneus se apressam, as catracas se articulam com a corrente e o ciclista sai por aí, sozinho ou em grupo, nesse caso, em dupla, na direção de desbravar veredas até então desconhecidas do conhecimento.

A viagem, embora prazerosa, é longa e exige dos ciclistas preparo físico, roteiro detalhado do percurso, mas, principalmente, o objetivo da viagem que é experimentarmos, sem interrupções, um diálogo sobre nossas histórias, pois já descobrimos que os nossos tempos de conversas não têm sido suficientes para dar conta de tantas vivências que tentamos compartilhar.

Então, pensando no nosso território, imenso e cheio de beleza, decidimos viajar para o Estado do Acre e extremistas como somos, optamos como destino final o município de Cruzeiro do Sul. A perspectiva é aproveitar essa viagem para colocarmos em dia nossas conversas diárias que fazemos no caminho do trabalho. Conversas que nunca acabam e nem ficam poucas.

Estamos pensando em gravar tudo, acredito que depois poderíamos escrever essa experiência, pois creio que iremos aprender muito e já fico aqui imaginando: nossas paradas, os novos olhares que se misturam com a história de vida de cada um. Uma história que iremos compartilhar com mais detalhes, pois agora teremos tempo.

Quanta descoberta faremos. Estamos ansiosos e curiosos para iniciar essa caminhada, mas sem esquecer duas amigas que também decidiram percorrer estradas, levando com elas o desafio de descobrir novos horizontes, no entanto, estas terão um diferencial, irão diversificar suas caminhadas quanto aos meios de locomoção. Optaram em aventurar-se, indo de trem, ônibus e avião. A certeza que temos é a riqueza de experiências e aprendizagens que traremos ao retornarmos.

Na véspera de iniciarmos nosso planejamento, novamente nos vimos diante da situação que nos impulsionou a organizar essa via-

gem. Voltamos às caronas cotidianas e num percurso que leva em torno de 10 minutos, decidimos o nome do nosso roteiro: Caminhos que não se acabam, nem ficam poucos. De fato, não conseguimos concluir o projeto do nosso roteiro. E assim, cada vez mais tivemos a certeza de quão necessária será essa viagem.

Voltando a escolha do veículo que nos possibilitará dar conta das nossas conversas e chegar ao nosso destino, a bicicleta. Bem, como sabemos, teremos algumas paradas e finalidades. Todas elas irão recuperar energias, mas principalmente teremos momentos para registrarmos nossas observações dos cenários e a sua relação com a história de vida de cada um. Então, na primeira parada vamos aproveitar para apreciar o Estado do Piauí. Lá retomaremos um pouco das nossas lembranças. Na temperatura de 40° presente neste estado, vamos aproveitar para rememorar nossa origem. Cada um saindo do interior com destino a capital do estado do Rio Grande do Norte (RN) na busca de melhores oportunidades de carreira profissional e realização pessoal; no Estado do Pará faremos nossa segunda parada. Pensamos em fazer um passeio no município de Belém e experimentar um prato bem comum da região, o pato no tucupi. Esta culinária de origem indígena traz o pato servido num caldo amarelo extraído da raiz da mandioca brava e do jambu. Deste sabor forte teceremos a conversa sobre a nossa Identidade e Formação; a terceira e última parada até alcançar a nossa meta com destino ao estado do Acre, será no estado de Rondônia, sendo o município de Ariquemes nosso ponto de descanso. Seguiremos nossa viagem via rodovia BR 364 até o município de Cruzeiro do Sul no Acre. A história dessa rodovia nos permitirá refletir sobre o nosso desenvolvimento profissional, pela importância desta rodovia para o escoamento da produção das regiões Norte e Centro-Oeste do país.

Alcançada a meta, finalmente nos debruçamos sobre os registros das nossas narrativas, considerando os aspectos que nortearam

a viagem iniciada no Estado do Rio Grande do Norte. O que estará em jogo nessa etapa será o que foi construído, a partir das memórias narradas pelos viajantes quanto: a História de Vida; a Identidade; a Formação e; o Desenvolvimento profissional.

Embora tenhamos categorizado cada parada, nesse momento; a proposta é analisarmos as invariantes das narrativas dos protagonistas viajantes e prioritariamente destacar a relevância dos aspectos observados para a profissão docente.

Roteiro construído. Vamos iniciar nossa viagem!

TEMPERATURA 40° C

*"Eu sou apenas um rapaz latino americano,
sem dinheiro no banco,
sem parentes importantes e venho do interior."
Belchior*

Parafraseando o poeta errante, Belchior, também sinto-me como apenas um rapaz latino americano, anônimo no mundo, sem amigos importantes e vindo de uma cidadezinha qualquer, chamada Pureza, localizada na região do Mato Grande, a 70 quilômetros da capital. Falar sobre mim, quem eu sou, no que me tornei e aonde pretendo chegar é rememorar minha infância/adolescência no interior, junto dos familiares e amigos. Como posso contar essa minha travessia?

Foi neste clima saudosista que iniciamos nosso pedal, falando sobre quem somos. Nesse momento, estávamos já equipados para o pedal. Bicycletas revisadas, pneus calibrados, correntes lubrificadas e faróis acesos. Estávamos vestidos com roupas e equipamentos adequados, além da garrafa com água e alguns acessórios de segurança para eventuais problemas nas bicycletas.

Sou fruto de pais que tinham uma bodega (pequeno comércio). Eu e meus três irmãos e três irmãs passamos pela escola da bodega de Seu Chico Serafim, apelido de meu pai. Nela tinha de tudo, do feijão a inchada, da rapadura ao fumo de rolo, do carbureto para enfurnar banana a venda de óleo em retalho, do querosene para acender os candeeiros ao caderno e caneta. A maioria das pessoas realizava suas compras na bodega de meu pai. Um balcão gigante para atender os clientes, tinha uns cadernos das pessoas que compravam fiado, poxa essas imagens são significativas para mim.

A bodega teve uma relação direta comigo. Hoje, adulto, entendo que foi onde tudo começou. Aprendi a ler e contar numa situação real de comunicação, meu pai não permitia o uso de calculadora, tínhamos que fazer as contas dos clientes e depois tirar a prova para garantir sua veracidade. Meus pais eram rígidos em tudo: cumprir o horário, organizar as mercadorias, atender bem os clientes. Ah, meus pais estudaram apenas até a quinta série do primário, era tudo por intuição. Mesmo com pouca formação minha mãe, Dona Ivete, se tornou professora e diretora de uma escola. Entretanto, desistiu para dedicar-se ao comércio. Com eles aprendi a ser gestor do comércio e da minha vida. Aquele jeito duro de educar me fez ser quem sou hoje. E caso faltasse coragem nas atividades da bodega, tinha uma motivação sempre exposta, uma corda de agave, a chinela de sola de minha mãe e, às vezes, uns “puxavantes” de orelhas para alertar eu e meu irmão.

Meu pai, embora fosse comerciante, era também agricultor. Diariamente ia para o roçado, imagine, de bicicleta. Ele tinha uma *monark* vermelha com bagageiro. Passear na *bike* era algo divertido. Na safra de caju, dividimos o tempo entre o roçado e a bodega. Eu não gostava nenhum de um, nem do outro, ambos eram muito enfadonhos para mim. A bodega era aberta todos os dias da semana, de segunda a domingo, manhã, tarde e início da noite. Tínhamos apenas a sexta-feira da paixão para fechar a bodega. Como eu adorava aquele dia do ano.

Era conhecido como lerdo e preguiçoso pelos meus irmãos. A propósito, todos mandam em mim, devido serem mais velhos do que eu. Se tinha uma coisa que eu não tinha, era vez e voz.

É assim, amigo. Não digo que foi diferente comigo, porém entendo essa hierarquia estabelecida nas nossas famílias. Geralmente, a estrutura familiar era constituída pelo pai, a mãe e muitos filhos, estes por serem mais velhos, assumiam o papel de também responsáveis pelos irmãos mais novos e assim ajudar nossos pais a cuidar dos filhos menores.

Essa situação me fez lembrar da leitura que fizemos recente sobre a história das ideias pedagógicas no Brasil quando nos deparamos com a palavra, do vocábulo grego, PAIDEIA, cujo sentido e a definição representava atividades que alguns adultos realizava ao tomar conta das crianças, estes também eram responsáveis por discipliná-las, reproduzindo valores dos mais velhos à nova geração (SAVIANI, 2007. p. 27).

Mas, voltando aos pontos de convergência das nossas histórias. Também sou uma jovem latino-americana, sem dinheiro no bolso e vinda do interior, na busca de melhores condições de vida, no entanto, venho de uma região muito quente e árida, com grandes períodos de estiagem, sem chuvas. Esse momento me fez lembrar minha origem. O sol quente do Piauí, aqui, embaixo de uma árvore com copas largas, vejo o quão desafiadora foi essa realidade para o meu pai. Homem íntegro, trabalhador que nunca desistiu de nos proporcionar uma boa educação, seja em casa ou mesmo procurando sempre nos incentivar a estudar. Plantávamos algodão, milho, feijão e em um terreno menor, frutas como: banana, melão, mamão. Nas conversas quando chegava do roçado, ouvia-o dizer que sempre almoçava embaixo de árvores, próximas do local do plantio ou cultivo. E hoje, estamos aqui, embora distantes, mas experimentando uma realidade vivida pelo meu pai há mais de 50 anos. O descanso dele era para recuperar as energias e continuar sua meta de garantir o sustento da família. E, observe amigo, o nosso descanso nos permitindo como um momento de reflexão, recordar nossa história

de vida que revigora nossas práxis e promove o desenvolvimento profissional da atividade docente, porque somos pessoas com histórias que nos impulsionaram a realização pessoal e profissional.

Também não posso deixar de compartilhar com você outras aprendizagens adquiridas observando a minha mãe. A mulher do lar, no entanto, tinha habilidades para costurar. Era uma excelente costureira, principalmente de roupas masculinas. Eu ficava sempre perto quando ela estava trabalhando. Pois, aprendi a costurar, e sabe como?

Bem, quando a minha mãe, após o almoço, descansava no seu quarto, eu corria literalmente para a máquina... Ah, quanto esforço para alcançar o pedal. Lembro da máquina na cor preta, pedal de ferro, montada numa bancada de madeira. Na bancada, tinha uma gaveta pequena, nela minha mãe guardava: carretéis de linha, agulhas, bobinas, alfinetes e um dedal. Você sabe o que é um dedal? É uma capinha pequena metálica, utilizada para proteger o dedo indicador quando se realiza trabalhos manuais com agulhas de mão.

Mas continuando a história sobre a minha família. Meus pais criaram 8 filhos, eu sou a quinta dessa linhagem e ainda pequena, com dois anos de idade fui morar com os meus avós paternos, mas as casas eram próximas, vizinhas, portanto não me afastei da convivência com meus pais e irmãos.

Duas aprendizagens interessantes dessa história: aprendi a costurar observando minha mãe e a pedalar bicicleta com o meu pai, pois era o transporte que ele usava para ir ao roçado distante 8 km da cidade.

E veja que situação interessante, nós dois aqui à beira da estrada, aproveitando o momento para aliviar a temperatura que registra agora 40° C e, ao mesmo tempo rememorando nossas histórias de vida. Saímos do interior, mas o interior permanece ativo em nós, porque representa a nossa origem, o nosso ponto de partida quando adolescentes.

Seguindo nosso roteiro, vamos continuar nosso pedal, reativando nossa memória. Da adolescência a vida adulta e, nesse percurso, apreciamos outras lembranças, entre tantas o degustar da nossa formação básica e o despertar para a formação docente”.

PATO NO TUCUPI

“Embragai-vos
Deveis estar sempre embriagados.
Aqui reside tudo. É a única questão.
Para não sentir o horrível fardo do Tempo
que vos esmaga os ombros e vos verga para a terra,
é imperativo embriagar-se sem descanso.
Mas de quê?
De vinho, de poesia ou de virtude, a vosso gosto.
Mas embriagai-vos.”
Charles Baudelaire

Completamente embriagados pelo pedal, saímos em direção ao Pará, por algum tempo em total silêncio, ouvindo o silêncio... Nesse instante, apenas perdido nas veredas dos pensamentos. Ah, os pensamentos eram inúmeros. Pensei num poema de Manoel de Barros sobre como fotografar o silêncio, confesso que apenas senti o silêncio, já o poeta conseguiu fotografá-lo. Mesmo assim, deixei sentir, também, o vento no rosto, o suor escorrer pelo corpo, a adrenalina subir e as pernas, sem parar de pedalar, para chegar no Pará.

Ao chegar no Norte, continuamos nossa conversa, agora sobre como nos tornamos professor e professora.

Comigo, foi exatamente, em Pureza. Lá tudo inicia. Estudei o magistério no início da década de 90. O desejo de ser professor só aumentava. Digo isso, devido ter realizado um curso de inglês na adolescência e este fato me fascinava, querendo compartilhar esses saberes com meus conterrâneos. Sempre tive uma vida compartilha-

da entre Pureza e Natal. Nesse instante da minha vida, senti-me completamente embriagado, mesmo sem conhecer o poema de Charles Baudelaire, embriagai-vos. Mas, de quê? De cerveja, de conhecimento, de tudo que me fizesse refletir e crescer, tudo que tornasse mais sensível e humano com o outro. Dialogando com essa embriaguez, ao assistir ao filme italiano *Ladri di biciclette* teve uma dose de humanidade e sensibilidade, o autor desconstrói o conceito de ladrão, ressignificando esse signo para alertar o leitor desse universo excludor, que muitos vivem à margem da sociedade.

Foi como professor leigo que inicio minha vida profissional. Muitos desafios a serem desbravados, tudo tão distante da minha realidade. Sempre estive ligado ao comércio, por questões familiares, mas não me identificava. Momentos no comércio, momentos como professor. Tinha certeza que era professor. Tinha/tenho uma empolgação com o educar que me fascina. Sabia que precisava sair de Pureza para ter uma formação que me firmasse na função de professor. Iniciei ministrando aula de inglês com o verbo *to be* ... *Blue and red, the English finished in game over for me.*

O período que estive em Natal, na adolescência, marcou minha vida. Embora, muito ligado ao interior, sabia que precisava morar num local que pudesse, pelo menos, cursar uma graduação. Então, minha segunda casa, Natal, a cidade do sol me recebeu de braços abertos e até hoje sou completamente embriagado por essa noiva do sol. Cursei Letras com habilitação em Língua Portuguesa, não escolhi inglês. Fiz essa escolha em razão de entender que para conhecer outra língua, precisaria aprofundar o conhecimento da língua materna. Esse mergulho na língua de Camões me encantou e deixei o inglês de lado.

Ao concluir a graduação que tanto almejava, tive a certeza de que precisava continuar estudando. Lá em Pureza até hoje ouvimos as pessoas falarem que “terminaram os estudos”, referindo-se ao Ensino Médio. Como sou de lá, não pensava diferente, achei que precisaria

“me formar”. Completamente encantado pela poesia, fui estudar numa pós-graduação, ao nível de especialização, Leitura e Literatura. A literatura me proporcionou enxergar o mundo com outros olhos, um olhar que reflete sobre a condição humana, nas suas diferentes formas. Aprendi com Antonio Candido que a literatura humaniza as pessoas. E nessa travessia literária, fui fazer a seleção do mestrado no programa de pós-graduação em estudos da linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fui aprovado e selecionado. Um novo mundo se apresentava para mim. Aquele menino de Seu Chico e Dona Ivete estava trilhando veredas que ele não nem sabia que existiam. Concomitante, também fui selecionado para estudar numa especialização em Gestão Escolar, pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGED/UFRN. Nesse período estava trabalhando e estudando nos três horários. Determinação, rigor, esperança, fé, esforço, entre outros, foram imprescindíveis.

Trilhas diferentes, porém, o mesmo lugar de chegada, a profissão docente. Como relatei, vim morar em Natal e estudei o curso técnico em Geologia, na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). Na década de 70, o 2º grau tinha como principal objetivo a formação da mão de obra, ou seja, profissionalizar este público para o mercado de trabalho. Concluiu o curso, embora, durante esse período sonhava em fazer o magistério. Às vezes pensava que a motivação era a farda das estudantes, saias pregueadas, blusa e meias brancas e sapato preto, enquanto na ETFRN, eu usava calças compridas, camiseta e tênis. Não me sentia confortável, mas eu sei que o magistério era algo que me encantava pelo seu papel social, ensinar e aprender por meio das trocas dos saberes entre estudantes e professores.

Não me interessei por continuar minha carreira na geologia, ao prestar vestibular, optei pelo curso de Pedagogia, e logo ao iniciar a graduação, comecei a lecionar como professora contratada. Eram contratos temporários, ainda presentes hoje no nosso sistema de ensino.

Não exigia experiência, nem qualificação específica na área, então a declaração de graduanda na educação já permitia a atuação na docência.

E assim, iniciei como professora leiga. Minha primeira experiência foi no ensino supletivo, alfabetizando jovens e adultos. Dessa época, tem um fato que não esqueço. A maioria da turma já sabia ler e escrever. Me inquietava ter que seguir um modelo de aula que não os motivava. Daí surgiu, de forma impulsiva, a ideia de pedir que os estudantes escrevessem um texto que falasse sobre o trabalho que cada um realizava. Esqueci de registrar: todos eram trabalhadores e a maioria atuava na construção de estradas.

Ao receber a redação, uma em particular me chamou a atenção. O título: "Governar é construir estradas". Frase proferida pelo presidente Washington Luís, em 25 de agosto de 1928, quando inaugurou a primeira rodovia asfaltada do país, a Rodovia Rio-Petrópolis. Fiquei curiosa. O texto foi tão marcante e iniciava assim: "baseado no slogan do presidente"... Novo desafio. Como abordar o texto por ele produzido. Então, me inspirei no livro publicado em 1982, de Terezinha Nunes Carraher, (1988) — "Na vida dez na escola 0" e aproveitei para conversar sobre os saberes de cada um. O senhor autor da redação, disse que conversou com o engenheiro da obra que prontamente lhe ajudou. Experiência fantástica que me rendeu grandes amigos. Ainda hoje, quando encontro esse senhor, ele orgulhosamente fala do que escreveu no texto.

Anos depois, concluí a graduação em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERJ) e da experiência iniciada como professora leiga, afirmo que continuo embriagada no fazer pedagógico, embora com 37 anos de magistério. Não tenho pressa, nem penso em encerrar essa jornada, não me sinto escravizada, sinto-me livre e ao mesmo tempo inacabada. Tenho hoje a certeza que aprender com o outro me liberta. Nessa jornada incessante pelo conhecimento percebo, ao chegar no trigésimo sétimo degrau, quanta aprendizagem. Do primeiro degrau como professora leiga até a atuação como profes-

sora formadora de professores. Vejo, em cada degrau vencido, uma trajetória de desafios e conquistas evidenciadas. Os cursos de especialização na área das tecnologias na educação e nesse momento o ingresso no mestrado, numa universidade de referência, a UFRN.

E assim, da culinária exótica que estamos experimentando, sentados neste cantinho tranquilo de Belém do Pará recordamos como nos fizemos professores. O sabor forte do Pato no Tucupi, traz para mim lembranças das pegadas marcantes deixadas registradas mentalmente na caminhada à profissão docente, marcas essas coloridas, firmes. Apreciamos o pato no tucupi servido numa tigela de barro, que sabor delicioso! Você sabia que as folhas de jambu utilizadas nesse prato, também são exploradas como ervas medicinais? Pena que não é viável levamos nessa viagem, pois ainda temos muito a pedalar.

Então, vamos continuar seguindo o nosso roteiro, desta vez rumo a Rodovia BR 364. Esta rodovia converge com o nosso desenvolvimento profissional, pela sua importância como rota de escoamento da produção da região norte e centro-oeste. Pedalar nesta rodovia será um momento ímpar, mas requer cuidado pelo trânsito de carretas que transportam a produção dessas regiões.

RODOVIA BR 364

*“O importante é semear,
produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.
Procuro semear otimismo
e plantar sementes de paz
e justiça.”
Cora Coralina*

Pedalar em uma BR não é nada simples, é complexo, dá medo. Geralmente, não há um espaço destinado aos ciclistas, nem muito menos, uma ciclovias. O jeito é utilizar o acostamento da pista, reservado,

prioritariamente, aos carros, ainda bem que, por alguns momentos, podemos pedalar paralelo um ao outro, puxando uma conversa aqui e outra ali. Nessa margem da rodovia vamos pedalando, contemplando a paisagem da região Norte/Nordeste. O clima semiárido exige uma hidratação permanente dos ciclistas da vida. A vegetação seca e cinzenta é marcante no percurso, o que temos de verde são os cactos e as últimas folhas verdes das árvores, como o juazeiro. Por alguns instantes, somos surpreendidos por uma carreta que passa e estremece a pista, o vácuo nos sacode levemente e desperta para continuar nossa travessia. Guimarães Rosa diz que viver é muito perigoso. Realmente, pedalar é muito prazeroso e perigoso.

Nesse ínterim, depois de conversarmos sobre quem somos, como nos tornamos professores e nossa trajetória de formação, foi o momento de reviver nossas experiências profissionais como professores, gestores de aprendizagens.

Bem, minha amiga! Vou tentar desenhar uma linha do tempo sobre minhas experiências, revisitando minhas memórias. Faz tempo, sabia? Iniciei a docência há 27 anos, lecionando Língua Inglesa, nas escolas Jarbas Passarinho e Maria Antônia, nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Sim, em Pureza! Tinha o curso de inglês e o magistério. Mas, tinha algo mais, um desejo de transformar a vida daqueles estudantes e de poder desenvolver-me profissionalmente.

Dessa forma, na virada do milênio, chego a Natal e vou lecionar no Instituto Ary Parreiras. Agora, com Língua Portuguesa e Inglesa na mesma etapa de ensino. Ao concluir a graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, o inglês tornou-se secundário para mim. Confesso que a experiência no Ary, permitiu o empoderamento da minha prática educativa. Eu pensava: "Agora sou professor de verdade, sou habilitado para exercer a profissão de professor".

Com o passar do tempo, consegui uma vaga para trabalhar no mesmo bairro que moro, Neópolis. Embora envolvido com o Instituto Ary Parreiras, não titubei, pedi transferência para Escola Estadual Dr. Maia Neto. Lá era tudo mágico, próximo de casa, turmas com poucos alunos, um amor. Passei um ano lecionando Língua Portuguesa entre metáforas e poesias. Não sabia que algo estava por vir. No ano seguinte, fui eleito gestor da escola pelo voto da comunidade escolar. Experiência singular, ampliou minha visão de gestor da sala de aula para ser um administrador de um estabelecimento de ensino com todos os desafios que a natureza da função exige. Realmente, foi um período de conquistas! Fui nomeado professor de Língua Portuguesa da Educação Básica na Secretaria Municipal de Parnamirim, além disso, fui aprovado no mestrado em estudos da linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL/UFRN. Caramba! Quantas aprendizagens, em um momento aluno, em outro, professor, e no terceiro turno de trabalho, sendo gestor. Olhares de diferentes ângulos para a educação.

Logo após pedalar nessas experiências, fui convidado para participar da equipe da secretaria estadual de educação. A cada passo, abria-se um leque de possibilidades, minha visão como educador só se ampliava. Atuei, inicialmente, na subcoordenadoria de avaliação educacional e, em seguida, coordenei a equipe do Ensino Fundamental. Esse fato possibilitou coordenar também o Programa Mais Educação na rede estadual. Ah, participei também da equipe do RN Sustentável, outra rica experiência.

Concomitante, exerci a função de avaliador das redações do exame nacional do ensino médio por cinco anos e, em seguida, tornei-me supervisor de uma equipe com 35 avaliadores. Sempre estive na zona de fronteira, entre lecionar e ser gestor. Ambas, fascinantes e desafiadoras.

Ciclos se fecham e outros se abrem! Fui aprovado no processo seletivo para professor formador do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, alegria sem fim. O convívio no mundo acadêmico

me provocou o retorno de estudar. Aí, minha amiga, você já conhece a história, estudamos juntos para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN) e tivemos êxito. Hoje estamos aqui, na trilha dos “gurus”? Desconstruindo marcas, construindo sonhos.

É isso, vamos pedalar, temos muito chão para percorrer, esses caminhos não se acabam, nem ficam poucos e o encantador é poder realizar essa travessia no nosso ritmo, às vezes mais rápidos e outras vezes mais lentos, mas sempre pedalando.

Estou tranquila porque sei que és um ciclista expert. Nesse percurso acho mais interessante segui-lo evitando pedalarmos lado a lado. Ao que tudo indica, serão pedaladas mais silenciosas, isso demanda um exercício de concentração e por conta disso, nossos registros serão efetivados na próxima parada, Município de Ariquemes no Estado de Rondônia. Acelere as pedaladas rumo a nossa meta.

Eita, amigo... Não esperava por essa lombada. Olhando a imensidão das matas a margem da rodovia, me vi mergulhada nas memórias, somente o sopapo da bicicleta me remeteu a situação atual. Aqui no chão, mas sem nenhuma escoriação, podemos falar um pouco sobre esse curto período de silêncio. Pensei no texto de Rubem Alves, “Escutatória” no parágrafo que ele escreve sobre a dificuldade que as pessoas têm para ouvir o outro, esse fato não se aplica a nós dois, temos a capacidade de ouvir o relato das nossas histórias, sem interrupções ou manifestações de sermos melhores.

E, nesse movimento de lembranças, reporteime às conversas na lanchonete de Neném, no Instituto Superior Presidente Kennedy, nosso lugar de trabalho, quando falamos das estratégias que utilizamos para que a interação estudante-professor fosse uma premissa em nossas práxis e superasse o silêncio histórico das salas de aula, cuja experiência, nos remeteu a um modelo convencional, que tem o

professor como a fonte primária do conhecimento e os estudantes, de forma passiva, ficam sentados “nesse templo sagrado”, parafraseando a Profa. Betânia Ramalho¹⁸.

Será que podemos comparar a rodovia com lombadas sem identificação a imagem da sala de aula? Quais são os estudantes, invisíveis aos olhos do professor? Suas experiências e saberes constituídos em outros espaços são reconhecidos e respeitados no currículo da escola?

Fui orientada, desde criança, a ficar quieta e em silêncio na sala de aula. Escrever agora sobre minha história de vida me despertou para o futuro. Entender que somos sujeitos singulares e dessa singularidade formamos unidades, cada um do seu lugar traz para o nosso desenvolvimento profissional conhecimentos e experiências que nos permitem autonomia para atuar como professor e professora.

Da junção das experiências, destaco algumas delas, principalmente quando fui trabalhar no Colégio Estadual do Atheneu norte-riograndense. Uma escola centenária, localizada em um bairro nobre de Natal. Sua história inicia ainda no período do Brasil enquanto província do governo de Portugal, atualmente considerada como uma das mais antigas e tradicionais instituições escolares brasileiras em atividade

No Atheneu, trabalhei mais de 20 anos. Nesse período atuei como professora do curso de magistério, professora responsável pela sala de vídeo, coordenadora do Núcleo de Tecnologias Educacionais (NTE) e vice-diretora. Quando atuava na sala de vídeo, iniciamos atividades de estudos junto aos professores e tínhamos como objeto de estudo complementar, o material do Programa de Capacitação dos Professores, “Salto para o Futuro”¹⁹ e a Programação da TV Escola. Ambos

¹⁸ Betânia Ramalho, Professora titular do departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Linha de Pesquisa - Educação, Representações e Formação Docente.

¹⁹ Salto para o futuro e TV Escola: Programas criados pelo Governo Federal para a formação continuada do docente e para a implementação de políticas de integração das tecnologias em sala de aula.

destinados aos Programas de formação continuada e de aperfeiçoamento de professores, O primeiro, apresentava séries temáticas sobre as práticas pedagógicas, dentre elas a série voltada para a integração das tecnologias na educação; o segundo, com possibilidades para o desenvolvimento profissional de gestores e docentes, apresentação de aulas para a Educação Básica, entre outros.

Amigo, eu já estava muito encantada com o universo tecnológico, a experiência na sala de vídeo me fez buscar mais estudos na área das tecnologias na educação. Lembro-me, com muita clareza, de várias situações de aprendizagem, uma delas foi iniciar o intercâmbio com uma escola da Argentina.

Vale lembrar que as atividades compartilhadas no intercâmbio, foram resultados dos estudos semanais que chamamos carinhosamente de “combinados”.

O nome combinado surgiu quando 3 professores me convidaram para organizar um dia na semana para conhecer os programas gravados em fita K7 enviados pelo Ministério da Educação e Cultura. Organizamos uma agenda e a partir desse momento iniciamos nossos estudos. Fui desafiada também a gravar outros conteúdos transmitidos via satélite.

As pedaladas no Atheneu não apenas fortaleceram os músculos das pernas, mas me fizeram trilhar um fantástico caminho rumo ao meu desenvolvimento profissional.

Após a experiência na equipe da gestão do Atheneu, fui trabalhar na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC). Você não se recorda, no entanto, foi lá o nosso primeiro contato profissional. Você na coordenação geral de um programa e eu coordenando um polo distrital sob sua responsabilidade. Também na SEEC, experienciamos uma gestão preocupada com a formação do professor, quando no período de 2010 a 2014 a Professora Betânia Leite Ramalho atuou como secre-

tária da Educação, e trouxe para o bojo das discussões, reflexões sobre identidade, formação e profissionalização docente.

Em 2012 saí da SEEC e fui atuar no Instituto Kennedy como professora formadora e, não por acaso, como você fala, nos reencontramos em 2015 quando você também chegou à Instituição para trabalhar como professor formador. Eu lembro, você sempre muito reservado na sala dos professores, em meio às minhas loucuras, fez a leitura de um artigo que eu estava escrevendo sobre o aplicativo WhatsApp na sala de aula. Outra experiência que nos aproximou foi o evento do III Encontro Científico-Pedagógico que você coordenou no Kennedy. Não lembro em que momento, mas de repente me vi ajudando na parte tecnológica, inclusive acompanhando as inscrições e organizando os certificados.

Em linhas gerais, veja como nossos caminhos se convergem, até o momento ainda não demos conta dos estudos para o processo seletivo de mestrado e doutorado, da nossa aprovação, dos encontros para comemorarmos cada etapa, das disciplinas como alunos especiais, das disciplinas como alunos regulares, no entanto, de uma disciplina que nos impulsionou a realização da meta que estabelecemos durante as caronas ao trabalho e que nos trouxe à rodovia 364, conversas que nem se acabam, nem ficam poucas.

JOGOS DA MEMÓRIA

“Tem de todas as coisas.
Vivendo, se aprende; mais o que se aprende,
Mas é só fazer outras maiores perguntas.”
Guimarães Rosa

Chegamos ao destino estabelecido como meta, o município de Cruzeiro do Sul. O descanso agora é merecido, no entanto, antes de procurarmos um lugar para ficar, tenho algo a revelar. Nos últimos km

dessa maratona, já no estado do Acre, quando eu já apresentava indícios de cansaço, você começou a pedalar mais lento para que eu não ficasse para trás. Esse gesto muito representou você e a sua capacidade de respeitar o ritmo do outro, seja nas conversas prolongadas que temos durante nossos estudos, ou mesmo nos momentos de carona ao trabalho, também é presente na sala de aula. Geralmente, quando inicio uma disciplina os estudantes quando falam das práticas pedagógicas dos professores, fazem referência a forma leve e sedutora de suas aulas.

Essa visão é muito próxima da fala do professor Fredy Gonzalez, quando define a “pedagogia da sedução”, penso que esse movimento reflete os saberes da experiência profissional que demarcam influências importantes para a identidade do professor como um sujeito que se vê e entende sua profissão (TARDIF, 2002).

Agora, mais atenta à paisagem do nosso entorno, cercada de construções e monumentos que guardam a história do Acre, vejo quanto registro fizemos nessa caminhada. Assim como os monumentos trazem simbolicamente a história desse território, nossas escritas guardarão memórias de dois professores que buscaram registrar as situações de aprendizagens que contribuíram para o desenvolvimento profissional. Procuramos rememorar fatos importantes no percurso da formação docente, mas sem esquecer quem somos, nossa origem.

Se possível amigo, pensei em conhecer algumas cachoeiras da região, lá faremos uma retomada dessa experiência, da facilidade de encontrar cada ponto traçado no nosso roteiro. Isso significa que não apenas planejamos bem, mas pesquisamos incansavelmente as informações essenciais para alcançarmos a nossa meta.

Percorridos 4.148 km tenho clareza que não há limites para as nossas conversas, seja no *Google Meet*, nas caronas até o trabalho, nos cafezinhos lá em Neném, nos encontros nos barzinhos, entre outros espaços, nossas conversas jamais se dão como concluídas e,

como sujeitos inacabados, podemos concluir que essas histórias nem se acabam, nem ficam poucas”.

REFERÊNCIAS

CARRAHER, Terezinha N.; CARRAHER, David W. e SCHLIEMANN, Analúcia D. *Na vida dez, na escola zero*. São Paulo. Vozes. 1988

SAVIANI, Dermeval. As ideias pedagógicas no Brasil entre 1549 e 1759: monopólio da vertente religiosa na pedagogia tradicional. *In: História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 23-59.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e Formação Profissional*. RJ. Vozes. 2002.

POSFÁCIO

Fredy Enrique González

A Festa dos Bonecos: Identidades Docentes em Movimento é uma produção acadêmica gerada no contexto da disciplina *Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa Sobre a Formação, a Identidade e a Profissionalização Docente*, contemplada como atividade opcional no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ministrada no formato remoto nos meses de outubro a dezembro de 2020.

Foi cursando esta disciplina que eu e os demais alunos fomos desafiados e estimulados a produzir nossas narrativas autobiográficas estabelecendo relações com as riquíssimas discussões e reflexões sobre os temas de formação, identidade e profissionalização docente, discutidos durante as aulas. (Alexandra)

Vinte professores e professoras brasileiros de diversas instituições educacionais, oriundos de vários estados do país e com diferentes histórias pessoais, formativas e profissionais, assumiram o papel de bonequeiros e bonequeiras. Esse papel derivou-se, inicialmente, de uma brincadeira. Mas, aos poucos, foi sendo assumida como uma característica que definiu aos participantes enquanto autores(as), construtores(as) de um trabalho que, no início foi só um boneco, no sentido de um rascunho, mas, conforme o tempo passava, progressivamente foi se encorpando até alcançar a condição de um capítulo para ser inserido no livro que seria o produto final da disciplina.

A estratégia usada para desencadear o processo de produção escrita dos autores e das autoras foi a Pedagogia da Sedução (PdaS), uma metodologia ativa de ensino que procura animar os participantes para se decidir criar um texto que seria seu aporte para o livro. A PdaS

opera usando Práticas de Aula Sedutoras (PAS). Elas consistem num projeto coletivo, mas que tem significação individual. Neste caso, o coletivo foi produzir um livro e o individual os capítulos que cada estudante deveria escrever. O coletivo opera como um motor que impulsiona a escrita singular. Dessa forma, o grupo de estudantes constitui-se numa comunidade de prática da escrita.

Ao início, as escritas seriam individuais, mas a dinâmica do desenvolvimento da disciplina, mesmo num formato remoto, propiciou a emergência de filiações entre os estudantes que foram reforçados pelos encontros síncronos e assíncronos

[...] que romperam os limites da distância entre diversos estados brasileiros para proporcionar uma significativa aprendizagem, trocar experiências, configurar identidades, construir amizades. Com sensibilidade, afeto, empatia, generosidade e esperança cada encontro tornou-se singular e precioso. (Bonequeiros e Bonequeiras)

A orientação geral básica dada a todos foi que escrevessem sobre suas vidas com ênfase no percurso escolar, de forma livre e sem viseiras teóricas selecionadas a priori. Tratava-se de escritas de (sobre) si, desenvolvidas num formato espontâneo, longe dos esquemas rígidos próprios da escrita acadêmica formal, embora seja possível considerá-las como sendo narrativas (auto)biográficas de professores(as) em processo de formação pós-graduada.

Mesmo sendo (auto)biográficos, os textos são polifônicos, entrecruzam as vozes/vidas de seus autores(as). Assim, foi gerada uma variante de escrita narrativa nas quais as vozes de dois ou três narradores são tecidas para criar um texto polifônico único num processo de escrita dialogada. Dessa forma os autores(as) conseguem perceber aspectos comuns nos seus percursos de formação pessoal e profissional. Esse processo de escrita tinha como intencionalidade propiciar a tomada de consciência sobre a identidade docente própria. Considerando que essa

identidade não é fixa, senão que é inacabada, pareceu natural pensá-la em movimento, ou seja, num processo permanente de mudança. Assim, de modo quase natural, surgiu a viagem como metáfora que funcionou como operador cognitivo em quase todos os textos. Alguns bonequeiros(as) decidiram viajar de bicicleta, outros de ônibus, de trem ou de barco. Mas todos decidiram voar batendo forte “as asas da sua imaginação”, “de forma poética, criativa e libertadora, [...] embarcar-nos em diferentes estilos literários e conseguimos chegar a um ponto de parada da nossa contínua viagem” (Bonequeiros e Bonequeiras),

[...] fugindo um pouco das estruturas e exigências preexistentes, contudo, acadêmicos, utilizando nossa imaginação e produzindo nossas próprias teorias em diálogo com os grandes “gurus” do conhecimento. (Iêda)

Outro aspecto a salientar nos textos é que foram produzidos no contexto do isolamento social gerado pela pandemia da Covid-19. Assim os textos são de autoria distribuída tecnologicamente mediada (GONZÁLEZ, 2018) para assegurar sua coerência e coesão foram necessárias interações síncronas (encontros virtuais em tempo real) e atividades assíncronas individuais que permitiram a realização de (revisões mediadas do processo de construção dos textos que, portanto, viraram produções escritas colaborativas que dão conta dos diálogos mantidos pelos membros dos diversos equipas. Nesses diálogos entre os autores, mesmo que sejam oriundos de locais diversos e, alguns, só se conheceram no contexto da disciplina, são perceptíveis processos de inter-subjetivação que geram *intropatia*, permitindo:

Reconhecer o outro como semelhante [...] onde aceitamos de modo imediato pelos sentidos corpóreos que existem outras pessoas, não iguais, mas semelhantes a nós. Pela *intropatia* conhecemo-nos a nós mesmos e reconhecemos os outros como nossos semelhantes, de modo a estabelecer uma relação recíproca de sentidos com a certeza de que podemos não só estar com o outro, mas ir constituindo, junto à linguagem, a esfera intersubjetiva. (BICUDO; SILVA, 2018, p. 163)

São esses processos de inter-subjetivação que geram *intropatia* (Bicudo; Silva, 2018), que permitem admirar nas histórias narradas neste livro, trajetórias de vida de pessoas que, mesmo que diversas enquanto origem geográfica e social, compartilham um conjunto de aspectos excepcionais. É possível perceber nessas histórias a paixão com que seus autores e suas autoras exercitam sua profissão de educadores e educadoras. São histórias de pessoas lutadoras, perseverantes, resilientes que tiveram (e ainda têm) forças para superar condições sociais precárias de vida, e outros grandes obstáculos que apareceram no seu percurso

Também aparece de modo relevante a importância que na trajetória de suas vidas tiveram seus pais, particularmente as mães:

Era um grande objetivo de minha mãe (In Memoriam) ver seus quatro filhos estudarem, mesmo em instituições públicas, e conseguirem se formar na universidade e, para isso, ela acreditou, sonhou, declarou e fez o possível até que conseguiu ver seu sonho realizado: os seus quatro filhos se formaram em: Pedagogia, com posterior Mestrado em Educação (eu); Matemática, com posterior Mestrado e Doutorado (minha irmã); Direito (meu irmão mais novo) e Engenharia Elétrica (meu irmão mais velho). Nossa mãe tinha consciência do valor do estudo e o quanto isso seria importante para o futuro de seus filhos. Na verdade, ela queria que nós conquistássemos o que ela não teve o direito, pois sempre costumava falar: “eu não pude estudar, mas quero que todos os meus filhos estudem e se formem para no futuro terem uma vida melhor”. Minha mãe “mal aprendeu a ler e a escrever”, pois durante a sua infância e juventude, nas décadas de 1960- 970, não teve condições de continuar seus estudos chegando a estudar apenas até a 1ª série (atual 2º ano do Ensino Fundamental) por consequência de, além de pertencer a uma família de condições extremamente humilde, precisava caminhar duas horas a pé para poder chegar numa escola localizada no Cariri do interior da cidade de Pocinhos-PB, como também, precisou depois parar os seus estudos porque precisava trabalhar na plantação de agave para ajudar no orçamento da família.

Portanto, *nossa mãe foi o primeiro exemplo que tivemos de uma pessoa que acreditava nos estudos e que conscientizou os seus filhos que valeria a pena investir e superar as dificuldades para conseguir estudar e nunca desistir de avançar*. Era uma mãe que não media esforços e chegou a trabalhar em atividades diversas como, por exemplo, criar porcos para depois vender e ter condições de comprar os cadernos e lápis para os filhos estudarem. Minha mãe faleceu em 2018 (descansou no Senhor), mas cumpriu sua missão de forma admirável e deixou um grandioso legado de frutos com princípios de amor, esperança, perseverança e conquista que serviu e serve de base e referência na nossa caminhada de vida pessoal e profissional. Assim, nesta parte inicial da narrativa, quero expressar minha gratidão a minha mãe guerreira que tanto sonhou e lutou junto comigo para que fosse construída esta linda HISTÓRIA. (Alexsandra)

Além das mães e outros parentes próximos, os autores manifestam outras influências que marcaram suas vidas, particularmente no que se refere ao percurso escolar. Assim tem destaque os chamados *professores marcantes*, aqueles que são inesquecíveis, ideais, que se tornam “[...] uma presença importante na vida e na memória de seus alunos” (CASTANHO, 2001, p. 153):

Portanto, foi no Curso de Licenciatura em Pedagogia que eu realmente comecei a amar a matemática e descobri ser possível concretizar o sonho da minha adolescência de melhorar o ensino da “Ciência dos Números”. Tive, neste curso, um grande educador em matemática, o professor Pedro Ribeiro Barbosa (Professor da área de Educação Matemática da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) — Unidade Acadêmica de Educação (UAEd). Doutor em Educação (UFPE). Licenciado em Matemática (UEPB). Licenciado em Pedagogia (UFPB), que muito me estimulou e continuou ajudando em toda minha caminhada acadêmica e pedagógica. Por seu intermédio, vi na prática a possibilidade de trabalhar com os “números”, respeitando o mundo das crianças. Ser sua aluna e, depois, sua monitora nas disciplinas de matemática na graduação, como também compartilhar a participação em projetos de pesquisa e extensão, foi imensamente enriquecedor para a minha formação. (Alexsandra).

Porém, meu melhor modelo de professora, que passou por mim na minha infância, foi a Professora Lela, uma professora dos anos finais do fundamental I, da qual me lembro até o nome completo Leonila Freire Justino. Para mim, esta professora despertava os alunos para tudo, dava segurança, influenciando-a na postura de professor(a). As lembranças são de uma professora que sempre foi muito carinhosa, respeitando e dando atenção ao aluno ("e isso eu prezo muito!"). (Andressa)

Foi muito difícil me adaptar, falar, ler e escrever em outro idioma tudo de uma só vez e tinha apenas 7 anos, para isso ser possível contei com uma professora muito especial chamada Maria Luísa, me alfabetizou e me ajudou na adaptação, que grande importância tem um professor na vida de uma criança, é marcante e inesquecível. (Denise)

[...] Lembro da minha professora dividindo os quadros em duas partes (tinha na sala dois quadros) para passar atividade, ela além de ser a professora também era a merendeira e servente da escola. Confesso que na época não entendia nada daquilo, achava até normal ela fazer tudo, minha mãe era dona de casa, trabalhava na roça, cuidava dos filhos do marido e estava tudo certo, até porque eu era uma aluna bem dedicada e não sentia dificuldades na época. Hoje percebi o quanto era difícil para a minha professora lecionar e dar conta de tudo aquilo, ela era uma excelente professora. Ela foi uma das minhas inspirações para me tornar professora. (Janequele).

Esses professores deixam marcas inesquecíveis dada sua forma de atuar, de desenvolver suas interações com seus estudantes, de dar apoio emocional e afetivo. Dessa forma, tornam-se inspiradores e modelos referenciais para atuações que no seu desempenho profissional, terão os futuros professores e professoras.

Mas, a transcendência dos textos que compõem este livro, não é só dar conta das histórias pessoais de seus autores. O mais importante é a possibilidade de examinar os aspectos de natureza social que são sintetizados nas vidas dos autores em tanto que seres biográficos, ou seja, cientes de si mesmos. Como alicerce dessa vinculação individual-

social, estão a noções do socio-estrutural (o dado no mundo social, no qual cada um de nós vive) e o sócio simbólico (a forma como cada um de nós vivencia, metaboliza as situações que acontecem nesse mundo onde vivemos) desenvolvidas por Bertaux (2011).

Assim, mesmo que pessoais e singulares, os textos constituem histórias polifônicas. Dão voz para aqueles que estiveram dentro do universo vital das autoras e dos autores. Os discursos têm caráter sócio-simbólico. Mesmo assim, não são isolados. Ao contrário. Estão articulados com o contexto sócio-estrutural, ou seja, com as condições sociais, históricas, culturais e econômicas dentro das quais os narradores desenvolveram suas vidas.

Nessa dialética do sócio simbólico (individual, singular) com o socio-estrutural (coletivo, social) é possível perceber, dentre outros aspectos, os relativos à educação em geral e às práticas escolares em particular. Assim, mergulhando nas suas lembranças sobre educação inicial, oferecem informação sobre mudanças curriculares na educação brasileira que aconteceram no passado, os tipos de práticas usadas para o ensino, dentre outros aspectos. O mergulho, a imersão arqueológica nas lembranças próprias que caracteriza a produção das narrativas (auto)biográficas faz possível a ressignificação da experiência docente pessoal e assume a reflexão sobre a prática pedagógica própria como uma estratégia de autoformação docente.

A imersão arqueológica nas lembranças é complementada com a contemplação hermenêutica delas. Usando as narrativas (auto)biográficas é possível mergulhar no passado próximo ou remoto e refletir sobre as práticas usadas pelos seus professores formadores e contemplá-las hermenêuticamente para compreendê-las, interpretá-las e, sobretudo, aprender delas:

Avalio que durante o Ensino Fundamental e Médio eu tive bons e razoáveis professores de Matemática, os quais tinham um “bom domínio” do conteúdo, mas faltava explorar caminhos

metodológicos criativos que possibilitasse um melhor processo de ensino e aprendizagem que alcançasse a maioria dos alunos. (Alexsandra)

Por tanto, a produção desses textos deu a seus autores e autoras a possibilidade de refletir sobre si e suas experiências de vida e “compreender como (eles formaram-se) e encontrar relações entre a pluralidade de suas trocas e vivências internas ou externas nos diversos momentos de sua vida”. (Alexsandra, grifo nosso).

Um outro aspecto notável dessas histórias é a possibilidade de perceber as mudanças cognitivas e epistemológicas que aconteceram pela formação inicial e que contribuíram com a definição de seu Lugar Epistemológico (GONZÁLEZ, 2020) e da progressiva tomada de consciência de sua Identidade Docente:

Isso que você expressa aqui é muito interessante. A identidade docente (ID) é uma auto-constituição singular. Um processo inacabável que inicia muito cedo no seio familiar. Não é verdade que a identidade docente é construída na universidade devido aos processos de formação inicial. A ID constitui um processo de mudanças individuais (sócio simbólicas) que se dão num marco sócio estrutural (coletivo). É nesse processo que cada professor constrói a sua identidade própria: criamos e somos criados pela sociedade onde vivemos. (Fredy)

[...] nossa identidade é formada por vários saberes os quais advêm dos espaços, interações ou, porque não dizer, das várias experiências vividas por cada um de nós. Percebi que somos, a cada momento influenciados ao mesmo tempo que influenciados aqueles com quem interagimos no nosso cotidiano. (Iure)

Partimos do princípio de que nossa formação, enquanto professores acontece no decorrer de nossas histórias de vida pessoais por meio da interiorização de conhecimentos, competências, crenças e valores que resultam na constituição de nossa identidade e de nossas relações com a sociedade. (Janequele, Manoel, Iure)

E assim, como no percurso de sua trajetória formativa foram identificados professores que deixaram marcas, no seu desenvolvimento profissional também são perceptíveis experiências marcantes, ou seja,

[...] certos momentos deixam marcas permanentes. A vida estará dividida em duas partes heterogêneas: antes e após o acontecimento. O conceito de que a vida gira ao redor de eventos significativos é chamado de epifania. Dessa forma, os textos autobiográficos e biográficos são estruturados pelos momentos significativos e pelas experiências marcantes da vida desse indivíduo. (MELLEIRO; GUALDA, 2003; p. 72)

Marcantes são, dentre outras, as primeiras experiências na sala de aula, o primeiro dia de aula, a primeira vez que ministrou aula, as vivências formativas singulares,

Minha primeira experiência foi no ensino supletivo, alfabetizando jovens e adultos. Dessa época, tem um fato que não esqueço. A maioria da turma já sabia ler e escrever. Me inquietava ter que seguir um modelo de aula que não os motivava. Daí surgiu, de forma impulsiva, a ideia de pedir que os estudantes escrevessem um texto que falasse sobre o trabalho que cada um realizava. Esqueci de registrar: todos eram trabalhadores e a maioria atuava na construção de estradas.

Ao receber a redação, uma em particular me chamou a atenção. O título: “Governar é construir estradas”. Frase proferida pelo presidente Washington Luís, em 25 de agosto de 1928, quando inaugurou a primeira rodovia asfaltada do país, a Rodovia Rio-Petrópolis. Fiquei curiosa. O texto foi tão marcante e iniciava assim: “baseado no slogan do presidente”... Novo desafio. Como abordar o texto por ele produzido. Então, me inspirei no livro publicado em 1982, de Terezinha Nunes Carraher, (1988) — “Na vida dez na escola 0” e aproveitei para conversar sobre os saberes de cada um. O senhor autor da redação, disse que conversou com o engenheiro da obra que prontamente lhe ajudou. Experiência fantástica que me rendeu grandes amigos. Ainda hoje, quando encontro esse senhor, ele orgulhosamente fala do que escreveu no texto. (Regina)

Dentre várias experiências vivenciadas na infância, destaco, a ida à escola de educação infantil, um marco em meu processo educacional, por ter tido a experiência de conviver com outras crianças, interagir e socializar, por meio da mediação de várias professoras. (Potiguar, novembro, 2020). (Lure)

Um fato curioso é que quando comecei a lecionar com a minha primeira turma, tive o prazer de ser colega de trabalho dessa professora que me marcou, assim como a maioria dos meus professores. A partir da quinta série cursei na escola estadual de ensino fundamental e médio no município de Divino de São Lourenço até concluir o ensino médio, no ano de 2009. (nessa escola tive várias experiências marcantes e foi a primeira escola que lecionei). (Janequele)

Outro momento importante e marcante na minha formação acadêmica na licenciatura em música foi ser aluna bolsista do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PI-BID) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o PIBID/ Música - UFRN no ano de 2008 e 2009, o que muito contribuiu para minha formação acadêmica e pedagógica. Sobre o PIBID, participar desse programa foi uma grande ferramenta de aperfeiçoamento pedagógico. Sem dúvida enriqueceu a minha graduação na licenciatura em música e quando concluí em 2010 senti mais confiança para ir para a sala de aula. (Priscila)

E é assim como:

As memórias possuem muito significado, especialmente quando as mesmas são lembradas e entendidas como imprescindíveis para a construção do futuro. Escrever memórias da trajetória de vida de uma professora, é uma maneira de registrar e lembrar um passado que foi marcante, podendo assim, instigar outros professores a entenderem sobre os aspectos que os fizeram continuar na caminhada, e fazê-los acreditar que seu projeto de vida, foi delineado a partir do que já viveu. (Misleide)

Por fim, escrever as narrativas (auto)biográficas que dão forma ao livro, permitiu a seus autores “hidratar a mente”, constituiu um mergulho arqueológico nas suas lembranças, um convite para se submer-

gir em suas memórias adormecidas e “desbravar veredas até então desconhecidas...” Elas narram geo(bio)travessias que são:

Processos de mobilidades sociais, culturais e econômicas que envolvem a vida dos sujeitos, o que possibilitaram mudanças em suas vidas através do investimento pessoal, do incentivo familiar e das redes de relações construídas, sobretudo possibilitadas pelo acesso à educação e pelo modo como se reinventaram no decurso de suas vidas. (OLIVEIRA; SOUZA, 2019; p. 114)

Mas, são travessias de recorrido duplo porquanto os autores saíram “do interior, mas o interior permanece ativo dentro deles, porque representa a sua origem” (Arandi e Regina).

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Acta Sociológica*, núm. 56, septiembre – diciembre, 2011, p. 61-93. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/29458/27407>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BICUDO, Maria A. V.; SILVA, Anderson A. Análise de descrições de vivências em situações de constituição de conhecimento. In: Catarina Brandão; José Luís Carvalho; Jaime Ribeiro; António Pedro Costa. (Org.). *A prática na Investigação Qualitativa: exemplos de estudos*. 1 ed. Aveiro: Ludomedia, 2018, v. 2, p. 153-178. Disponível em: https://ciaiq.org/wp-content/uploads/2018/05/Proposta13-PT_CIAIQ2018_PainelDiscussao_SEPQ_Final.pdf Acesso em: 20 nov. 2020.

CASTANHO, Maria E. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). *Temas e textos em metodologia do ensino superior*. 4ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2001, p. 153-163.

GONZÁLEZ, Fredy E. *La Autoría Distribuida. Una estrategia sustentable para la Producción Científica en Red*. Palestra proferida en el Encuentro Virtual Interinstitucional de Grupos de Investigación en Educación; Maracay, Venezuela: Universidad Pedagógica Experimental Libertador. 2018. DOI: <http://evigies.blogspot.com/2018/06/la-autoria-distribuida-una-estrategia.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

GONZÁLEZ, Fredy E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo, v.8, n.17, p. 155 – 183, ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>. Acesso em: 07 nov. 2020.

MELLEIRO, Marta M.; GUALDA, Dulce M. R.. *O método biográfico interpretativo na compreensão de experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde*. Revista escola de enfermagem. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 69 – 76. Dec. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000400008 & lng= en\ nrm=iso. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342003000400008>. Acesso em : 02 abr. 2021.

OLIVEIRA, Simone S. de; SOUZA, Eliseu C. de. Territorialidades marcadas por geo(bio)travessias: narrativas (auto)biográficas de professores universitários oriundos de contextos rurais. *Pontos de Interrogação*, v. 9, n. 1, jan.-jun., p. 113-133, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pointosdeint/article/view/7013/4623>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SOBRE O ORGANIZADOR/ ATIVADOR

Fredy Enrique González

Professor credenciado ao PPGEd da UFRN, na Linha de Pesquisa Educação, Construção das Ciências e Práticas Educativas. E-mail: fredygonzalezdem@gmail.com.

SOBRE OS BONEQUEIROS E BONEQUEIRAS

Alexsandra Felix De Brito

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professora do Magistério Superior (Adjunto - Nível 4) da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (Campus I) nos Cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Pedagogia. E-mail: jcalexsandra@outlook.com.

Andressa Jully Bento de Medeiros

Graduada em Geografia e Pedagogia, Especialista em: Psicopedagogia Clínica e Institucional; Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar; Coordenação e Gestão Escolar e em Tecnologias na Educação e Educação a Distância e Mestrado: em Educação. Técnica de Enfermagem no município de Jundiá – RN. Professora Substituta do Ensino Fundamental em Lagoa d'Anta e Passa e Fica/RN. Técnica da SME de Lagoa d'Anta/RN. Secretária Municipal de Cultura e Administração de Lagoa d'Anta/RN. Professora Concursada do Ensino Fundamental no Município de Monte Alegre/RN. Gestora do SESC Ler Nova Cruz/RN. Especialista do Estado do RN, na Escola Estadual em Tempo Integral Rosa Pignataro. Coordenadora Pedagógica da

3ª DIREC/RN. Professora Mediadora do IFRN. Professora do Ensino Superior e Pós-graduação da FACEN/FACERN. Professora Formadora em Formação Continuada. Consultora Pedagógica da Trilhar Consultoria. Mentora Pedagógica para aprovação em Concursos Públicos. Assessora Pedagógica da Equipe de Implantação do Ensino Médio Potiguar Integral SUEM/SEEC – RN.

Arandi Robson Martins Camara

Licenciado em Letras-habilitação em Língua Portuguesa. Especialista em Leitura e Literatura e em Gestão Escolar. Mestrado em Estudos da Linguagem (UFRN). Doutorando em Educação pelo PPGEd/UFRN. Professor do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP).

Bergson Pereira Utta

Licenciado em Pedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Magistério Superior (Adjunto - Nível 2) da UFMA no Curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: bergsonutta@hotmail.com.

Denise Caballero Da Silva

Graduada em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graduada em pedagogia pela Universidade Potiguar, mestre em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora formadora do Instituto Educacional Presidente Kennedy, no curso de pedagogia. Coordenadora do Centro Infantil Etenize Xavier pela Prefeitura Municipal de Parnamirim. Coordenadora do Curso de Pós-graduação em gestão educacional no IFESP.

Geraldo Vicente Da Silva

Mestre em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação – GPEDUC/IFCE. Membro da Associação Brasileira de Avaliação Educacional – ABAVE. Especialista em Atendimento Educacional Especializado (UFC) e em Alfabetização e Neurociências: interfaces na educação (UFRN). Graduação em pedagogia (UVA). Professor da rede pública e privada de ensino. E-mail: geraeducacao@gmail.com

Iêda Maria Albuquerque Peres De Oliveira

Licenciada em Pedagogia pela UFRN. Especialista em Artes e Educação Física na Infância-UFRN-Núcleo de Educação Continuada para Professores de Artes e Educação Física-PAIDEIA-2007. Curso de Formação de Gestores- plataforma

ma Escola de Gestores-2011. Atualmente estou na direção Administrativa do Centro Municipal de Educação Infantil Saturnina Alves de Lucena em Natal/RN.

Iure Coutre Gurgel

Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-POSEDUC/UERN. Professor do magistério superior da UERN/ Campus Avançado de Patu, curso de Pedagogia.

Janequele De Souza Deascani Polastreli

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos- (UNIMES). Licenciada em Educação Especial- Universidade Metropolitana de Santos- (UNIMES). Pós graduada em Educação Especial- Faculdade de tecnologia São Francisco (Fatesf) Pós graduada em Psicopedagogia- Universidade Metropolitana de Santos- (UNIMES). janequelepolastreli@gmail.com

Jaqueline Gomes de Negreiros

Especialista em Educação Contextualizada para a Convivência Solidária e Sustentável com o Semiárido Brasileiro pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2013) e graduada em Pedagogia pela mesma instituição (2012). E-mail: jaqueline.gnegreiros@gmail.com

Karina De Oliveira

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003). É Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012) e, atualmente, é doutoranda pela mesma instituição. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em currículos específicos para níveis e tipos de educação. Foi coordenadora de curso e de estágio supervisionado do curso superior de Licenciatura em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) — Campus Ipanuaçu. Atualmente, é docente EBTT do IFRN — Campus São Paulo do Potengi, atuando no ensino, pesquisa e extensão.

Letícia Campos De Lima

Especialista em Educação Infantil pela Universidade Cândido Mendes (2019) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (2018). Tem atuado na área de pesquisa sobre formação de professores, Educação Infantil, crianças, infâncias e cultura. E-mail: leticiaacamposs@hotmail.com

Leticia Peixoto De Mendonca

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faz parte do Grupo de Estudos Narrativos de Professores - GENFROF. Atualmente, atua como professora de Educação Infantil em escola privada do município de Parnamirim/ RN. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0837402915831254>

Liliane Silva Câmara De Oliveira

Mestre Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática (Biologia) pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campina Grande/PB - 2017. Especialista em Educação Especial - Libras pela Faculdade Metropolitana Norte Riograndense - FAMEN, Natal/RN - 2021. Especialista em Microbiologia e Parasitologia pela UniFacex, Natal/RN - 2016. Graduada em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Potiguar - UnP/2013.2. Coordenadora Pedagógica Geral na Secretaria Municipal de Educação de Pureza/RN; Docente na Pós Graduação e Graduação pela Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN, Natal/RN – 2021.

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Mestre em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores (PPGEEDUC) - UFES (Campus Alegre). Gestor Escolar EMEF “Santa Luzia” - Conceição do Castelo/ES. Professor Orientador de TCC do Curso de Especialização Lato Sensu “Ciência é 10” (UFES). Coordenador de Professores Mediadores do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (DocentEPT) - (IFES). Professor de Geografia EEEFM Professora Aldy Soares Merçon Vargas - Conceição do Castelo/ES. Graduado em Ciências Biológicas, Geografia e Pedagogia. manoelpolastreli@hotmail.com

Misleide Silva Santiago

Mestre em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática-PPGCEM, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB; Especialista em Educação Básica pelo Programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande-UF-CG; Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Atua especialmente em Educação Financeira, onde tem desenvolvido projetos em escolas regulares do Estado da Paraíba, os quais receberam premiação e êxito em aprovação pelo Programa Mestre da Educação da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia-SEECT.

Priscila Gomes De Souza

É Professora de Artes/Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte no Campus São Paulo do Potengi. Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Educação Musical na Educação Básica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bacharel em música habilitação violoncelo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciada em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Técnica em música com habilitação em Regência pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É pesquisadora dos grupos de pesquisa Educação, Sociedade e Tecnologia e do Grupo de Pesquisa Corpo, Esporte e Movimento ambos do IFRN. Tem experiência na área de Música, com ênfase em Regência, Violoncelo, História da Música, Educação Musical, desenvolvendo projetos de extensão e pesquisa nos temas: Prática Orquestral, Canto Coral, Práticas Coletivas de flauta doce, violoncelo, educação musical, musicalização infantil e de adolescentes. Possui interesse pelas áreas de História da Música, Música, Religião, Educação, Cultura e Arte.

Raimundo Reginaldo Araújo De Oliveira

Bacharel em Turismo pela UERN. Professor/Instrutor dos Cursos do Programa de Ensino Profissional Marítimo. Professor/Instrutor dos Cursos de Formação de Aquaviários no Estado do Pará, nas cidades de Oriximiná, Trombetas, Terra Santa, Faro, Jurutí, Óbidos, Santarém, Prainha, Monte Alegre, no período de 1998 a 2004. Professor/Instrutor dos Cursos de Formação de Aquaviários no Estado do Rio Grande do Norte, nas cidades de Guamaré, Galinhos, Macau, São Miguel do Gostoso, Tibau do Sul, Caiçara do Norte, Extremoz, Natal, no período de 2012 a 2021. reginaldoaraujo1972@gmail.com

Regina Lúcia Alves Costa

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Especialização em Tecnologias Educacionais Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC/Rio). Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Magistério Superior do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP).

Sonia Azevedo De Medeiros

Doutoranda em Educação pela UFRN, Mestre em Inovação em Tecnologias Educacionais pela UFRN. Atualmente faz parte do Núcleo de Apoio ao discente da Faculdade Católica Santa Teresinha, é membro do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Faculdade do Seridó. Professora da Faculdade Católica Santa Teresinha, Professora e Psicopedagoga do Centro de Reabilitação Prof^{ra} Wilde Santos de Medeiros.

ÍNDICE REMISSIVO

A

afetividade 18, 149
alunos 13, 16, 18, 23, 26, 29, 30, 37, 46,
47, 49, 51, 54, 59, 60, 61, 62, 69, 74, 76,
77, 82, 84, 85, 86, 91, 93, 97, 106, 109,
110, 113, 117, 120, 121, 122, 123, 130,
131, 132, 137, 138, 152, 160, 166, 167,
169, 172, 173, 174, 177, 178, 184, 185,
190, 195, 197, 200, 220, 223, 224, 229,
239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 250,
254, 255, 259, 261, 264, 265, 266, 267,
269, 270, 271, 278, 279, 281, 282, 285,
301, 305, 308, 312, 313, 315
amarra 14, 98
aprendizagens 26, 34, 36, 56, 57, 59, 60,
80, 81, 160, 169, 191, 201, 202, 244, 246,
247, 254, 271, 289, 294, 300, 301, 306
arte 24, 53, 203, 251
aulas 14, 15, 38, 40, 41, 43, 45, 46, 48,
51, 53, 57, 62, 69, 73, 74, 75, 80, 87, 88,
89, 93, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 118,
120, 131, 132, 142, 165, 172, 175, 176,
177, 178, 206, 222, 240, 241, 245, 246,
249, 252, 253, 254, 255, 258, 260, 261,
272, 278, 279, 281, 282, 284, 285, 304,
306, 308
autonomia 31, 42, 65, 69, 145, 150, 157,
168, 232, 249, 250, 254, 255, 303
aventura 14, 86, 163, 205, 207, 208, 214,
216, 217, 218, 219, 221, 222, 225, 226,
228, 229, 230, 235, 236

B

bonecos 17

C

carreira acadêmica 70, 76, 79, 82, 83
condições de vida 35, 293

crianças 23, 24, 26, 28, 30, 34, 40, 41, 42,
43, 45, 46, 47, 49, 52, 53, 56, 61, 62, 74,
75, 79, 81, 83, 109, 111, 121, 144, 151,
152, 162, 165, 168, 173, 174, 181, 184,
192, 193, 194, 198, 211, 220, 229, 239,
240, 241, 242, 247, 248, 249, 250, 251,
252, 253, 254, 256, 293, 312, 317, 322
criatividade 14, 144, 173, 205, 281
cultura 24, 25, 60, 96, 147, 152, 189, 232,
281, 284, 322

D

desenvolvimento 34, 37, 62, 67, 92, 93,
111, 116, 143, 145, 147, 152, 153, 154,
155, 156, 159, 168, 172, 182, 185, 188,
189, 197, 198, 200, 202, 228, 246, 248,
249, 250, 252, 255, 266, 267, 269, 271,
288, 290, 294, 299, 303, 304, 306, 309,
316
disciplina 14, 15, 16, 17, 22, 24, 28, 36,
37, 40, 42, 56, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78,
79, 80, 82, 94, 95, 96, 108, 118, 137, 141,
159, 164, 169, 172, 179, 185, 190, 200,
201, 205, 206, 207, 214, 222, 236, 267,
268, 270, 273, 305, 306, 308, 309, 310
docentes 13, 15, 97, 138, 142, 145, 146,
147, 149, 153, 159, 180, 184, 197, 202,
234, 236, 241, 245, 246, 253, 260, 266,
271, 286, 304, 307

E

educação 10, 15, 18, 26, 28, 29, 34, 35,
36, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53,
55, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 70, 72,
74, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 97,
98, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 125,
136, 143, 144, 150, 151, 152, 153, 156,
157, 159, 169, 170, 171, 173, 177, 181,
183, 185, 190, 191, 192, 193, 194, 198,

200, 201, 202, 203, 205, 215, 229, 230,
231, 232, 234, 237, 239, 240, 242, 243,
244, 248, 251, 253, 254, 255, 256, 258,
259, 260, 261, 262, 266, 271, 272, 293,
298, 299, 301, 304, 314, 317, 318, 321,
322, 324
educacional 35, 36, 37, 47, 50, 51, 53, 55,
60, 86, 111, 192, 246, 248, 268, 271, 301,
317, 321
ensino 16, 22, 24, 26, 27, 28, 30, 35, 36,
37, 38, 44, 45, 46, 47, 50, 56, 58, 59, 60,
62, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 78,
79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 92,
94, 96, 97, 106, 112, 133, 144, 145, 146,
148, 149, 153, 154, 162, 166, 168, 171,
172, 173, 178, 179, 181, 182, 183, 184,
185, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 214,
227, 233, 237, 239, 240, 241, 243, 244,
245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252,
253, 254, 255, 256, 258, 259, 261, 262,
263, 264, 265, 266, 267, 270, 271, 275,
285, 286, 297, 298, 300, 301, 308, 312,
314, 315, 316, 317, 318, 321, 322
ensino infantil 24, 184
escolas públicas 24, 28, 72, 165
estágio 29, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47,
67, 81, 82, 120, 146, 147, 178, 198, 322
estimular 13, 66, 69, 81, 253
experiência 13, 14, 15, 18, 25, 26, 27, 28,
43, 47, 48, 50, 56, 60, 64, 70, 74, 77, 78,
80, 81, 85, 86, 94, 100, 108, 109, 116, 144,
146, 147, 148, 153, 155, 157, 159, 160,
166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 177,
178, 180, 181, 183, 186, 190, 192, 196,
198, 201, 205, 220, 222, 228, 230, 235,
236, 239, 240, 244, 247, 251, 264, 270,
272, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 286,
289, 298, 300, 301, 302, 304, 305, 306,
314, 316, 317, 322, 324

F

Festa dos Bonecos 17, 308

formação 13, 14, 19, 20, 22, 23, 25, 27, 28,
29, 35, 37, 42, 44, 50, 55, 56, 57, 58, 59,
61, 62, 64, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 80,
81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 95, 96,
97, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 114, 116,
120, 142, 144, 145, 146, 148, 149, 151,
152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 166,
167, 170, 176, 177, 178, 179, 180, 181,
182, 183, 185, 188, 189, 190, 191, 195,
196, 197, 198, 201, 202, 203, 206, 220,
223, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239,
248, 249, 251, 255, 256, 260, 261, 266,
268, 271, 272, 275, 277, 278, 279, 282,
283, 284, 285, 292, 295, 296, 297, 300,
303, 304, 305, 306, 308, 309, 312, 315,
317, 322
formação acadêmica 13, 14, 44, 56, 69, 80,
81, 87, 98, 144, 177, 178, 317
fronteiras 14

H

hegemonia 35
humanidade 13, 18, 296

L

leitura 17, 23, 24, 102, 128, 150, 162, 163,
174, 175, 176, 195, 251, 255, 293, 305
linguagens 24

M

magistério 22, 23, 30, 35, 36, 118, 144,
180, 194, 198, 248, 265, 266, 267, 295,
297, 298, 300, 303, 322
memória 16, 33, 34, 113, 118, 137, 138,
142, 143, 144, 157, 174, 196, 234, 295,
312
modos de interagir 13

N

narrativa autobiográfica 69, 70
narrativas 14, 16, 69, 70, 102, 142, 155,
159, 183, 186, 188, 189, 190, 191, 192,

196, 201, 203, 207, 290, 291, 308, 309,
314, 317, 319

O

obstáculos 13, 48, 70, 77, 229, 239, 311
oralidade 17

P

políticas públicas 24, 255
professora 9, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32,
33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 46, 47,
52, 55, 56, 62, 66, 68, 69, 71, 73, 74, 75,
76, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92,
93, 94, 95, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 109,
110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121,
122, 127, 128, 130, 133, 134, 135, 137,
138, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152,
153, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 172,
173, 174, 178, 179, 181, 192, 194, 198,
199, 200, 211, 216, 219, 221, 222, 228,
231, 233, 248, 251, 263, 272, 285, 292,
295, 297, 298, 303, 305, 313, 317, 323
Professor Ativador 69
professores 14, 16, 17, 18, 19, 37, 44, 45,
48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 66,
67, 72, 73, 74, 76, 79, 80, 82, 85, 86, 91,
93, 95, 96, 97, 100, 105, 106, 109, 112,
114, 116, 117, 118, 120, 124, 129, 139,
142, 143, 144, 145, 146, 149, 151, 152,
153, 154, 159, 160, 166, 170, 175, 177,
181, 183, 188, 189, 195, 197, 199, 201,
203, 206, 207, 213, 216, 220, 223, 231,
233, 234, 237, 239, 240, 243, 244, 245,
246, 247, 253, 254, 255, 260, 263, 264,
266, 267, 269, 271, 272, 274, 275, 288,
297, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 308,
309, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318,
319, 322
profissão 18, 19, 23, 24, 27, 28, 29, 39,
48, 60, 82, 99, 106, 108, 109, 110, 111,
117, 118, 130, 143, 145, 151, 153, 155,
156, 159, 182, 188, 197, 198, 215, 218,

220, 223, 233, 235, 291, 297, 299, 300,
306, 311
profissional 13, 14, 15, 18, 22, 23, 25, 26,
28, 29, 30, 33, 35, 47, 56, 60, 62, 69, 71,
73, 81, 82, 85, 87, 91, 97, 98, 103, 104,
105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113,
116, 119, 121, 126, 130, 136, 141, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150,
151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159,
160, 161, 166, 169, 170, 177, 179, 180,
182, 184, 185, 188, 189, 191, 194, 196,
197, 198, 202, 205, 206, 215, 223, 227,
228, 231, 233, 236, 243, 248, 258, 267,
270, 275, 277, 279, 285, 286, 288, 290,
291, 294, 296, 299, 303, 304, 306, 309,
312, 313, 316

S

saberes 14, 15, 20, 31, 65, 74, 96, 142,
145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 155,
157, 169, 180, 185, 197, 206, 258, 295,
297, 298, 303, 306, 315, 316
sala de aula 24, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45,
49, 91, 109, 128, 130, 145, 146, 162, 168,
171, 173, 174, 178, 181, 184, 185, 190,
199, 229, 234, 243, 247, 250, 254, 264,
269, 270, 301, 303, 305, 306, 316, 317
SARS-CoV-2 13, 195, 272
superação 13, 69, 70, 176, 265

T

trajetória docente 22, 286

U

universidade 13, 24, 26, 27, 70, 76, 87, 88,
119, 120, 123, 145, 148, 150, 164, 165,
200, 217, 219, 261, 274, 299, 311, 315

V

vida pessoal 14, 25, 71, 112, 113, 144,
150, 156, 193, 312
vírus 13, 214, 241, 242

www.pimentacultural.com

organizador
Fredy Enrique González

A Festa dos Bonecos

Identities docentes em movimento

